

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

OPÇÃO: LINGUÍSTICA APLICADA

ASPECTOS DO BILINGUISMO
ALEMÃO/PORTUGUÊS NUMA COMUNIDADE
RURAL DO OESTE CATARINENSE

ORIENTADOR: PROF. DR. OSWALDO ANTÔNIO FURLAN

MESTRANDA: LOURDES CLAUDETE SCHWADE SUFREDINI

FLORIANÓPOLIS - SC

MAIO DE 1993

Esta dissertação foi julgada adequada e aprovada em sua forma final para a obtenção do título de

MESTRE EM LETRAS

Opção: Linguística Aplicada, pelo programa de Pós-Graduação em Letras.

Fauk Nome

Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Linguística

Oswaldo A. Furlan

Prof. Dr. Oswaldo Antônio Furlan
Orientador

BANCA EXAMINADORA:

Oswaldo A. Furlan

Prof. Dr. Oswaldo Antônio Furlan
Presidente

Vandrey

Prof. Dr. Paulino Vandresen

Ivo Zimmermann

Prof. Ivo Zimmermann

Esta dissertação foi julgada adequada e aprovada em sua forma final para a obtenção do título de

MESTRE EM LETRAS

Opção: Linguística Aplicada, pelo programa de Pós-Graduação em Letras.

Fauk Nome

Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Linguística

Oswaldo A. Furlan

Prof. Dr. Oswaldo Antônio Furlan
Orientador

BANCA EXAMINADORA:

Oswaldo A. Furlan

Prof. Dr. Oswaldo Antônio Furlan
Presidente

Prof. Dr. Paulino Vandresen

Ivo Zimmermann

Prof. Ivo Zimmermann

AGRADECIMENTOS

ao meu orientador

ao meu marido

à minha filha

aos meus familiares

aos professores do Curso de Pós-Graduação em Linguística

ao prof. Horst Burmeister

à prof^a Alexandra Angenot

ao prof. Giles L. Istre

à prof^a Hilda G. Vieira

ao prof. Ivo Zimmermann

a todos os meus informantes

a todos aqueles que colaboraram comigo

As famílias de Lageado Antunes, que me acolheram com tanto carinho, peço perdão por haver transformado suas informações, dadas com tanto amor, em simples números de estatística.

"Ich wollt ich hät das Buch noch wo ich in die Schul sind
kan ... Das ist alles aneschtach richtig teisch... Primo
und sobrinhos, die hon all anre nome..."

(Depoimento de um informante)

RESUMO

O Oeste Catarinense foi povoado pelos descendentes de imigrantes alemães e italianos procedentes do Rio Grande do Sul. Como as terras se haviam esgotado e a população do estado havia crescido muito, os colonos gaúchos foram avançando e explorando as margens do rio Uruguai, até haverem tomado, por completo, todo "o imenso sertão" de Santa Catarina.

Hoje, a região apresenta, a par de notáveis aglomerados urbanos, pequenas e isoladas comunidades habitadas por diversos grupos de etnia alemã, italiana e luso-brasileira, formando verdadeiro mosaico etnolingüístico. Lageado Antunes (São Lourenço d'Oeste) é uma destas comunidades rurais em que a maioria de seus habitantes conserva um falar alemão como língua materna e o usa como principal instrumento de comunicação além do português, originando uma situação de bilingüismo.

O presente estudo objetiva descrever, através de amostragem, a situação atual do bilingüismo em Lageado Antunes, bem como levantar e analisar os empréstimos lexicais que essa comunidade toma do português ao falar alemão.

Iniciamos com sucinta apresentação, caracterização e contextualização da comunidade em estudo. A seguir, apresentamos a fundamentação teórica que norteou nossa pesquisa no que concerne ao conceito de bilingüismo, à análise das redes de comunicação e aos empréstimos lingüísticos.

Através de pesquisa desenvolvida em três etapas, procuramos caracterizar o uso das duas línguas em Lageado Antunes. Na

primeira etapa, buscamos dados estatísticos a partir de uma amostra da população, constituída de alunos de 5ª à 8ª série. Como estes alunos estudam nas comunidades vizinhas de Presidente Juscelino ou Três Voltas, pôde-se obter uma noção geral da situação atual de uso do alemão e do português por parte dos alunos e o respectivo desempenho lingüístico dos pais.

Numa segunda fase da pesquisa, usamos o modelo de análise das redes de comunicação, com o objetivo de verificar os fatores que determinam a escolha lingüística em diferentes situações. Os dados foram colhidos junto a seis famílias, representando três gerações, possibilitando a observação do uso das duas línguas de uma geração para outra, ou seja, dos elementos sincrônico e diacrônico no processo de mudança lingüística.

Na terceira etapa da pesquisa, buscamos analisar o vocabulário do falar alemão local, no que tange aos empréstimos lexicais tomados do português e incorporados ao dialeto alemão. Com o objetivo de verificar qual o assunto ou esfera semântica que leva ao uso freqüente de empréstimos e qual a geração que mais se utiliza deles, procedemos a uma análise sociolingüística dos empréstimos lexicais por campo semântico e por geração.

Por fim, apresentamos não só conclusões mas também sugestões para aplicação dos resultados obtidos e para trabalhos futuros, uma vez que, o estudo de comunidades bilíngües ainda deverá constituir o objeto de inúmeras pesquisas.

ZUSAMMENFASSUNG

Der Westen des Staates Santa Catarina wurde von Nachkommen der deutschen und italienischen Einwanderer besiedelt, die aus dem Staat Rio Grande do Sul zugewandert sind. Da die vorhandenen Ländereien bereits besetzt waren, und die Anzahl der Bevölkerung sehr angewachsen war, sind die riograndenser Kolonisten weiter vorgedrungen, und haben die Ufer des Uruguay-Flusses in Besitz genommen. So wurde der "ganze unermessliche Urwald" von Santa Catarina erschlossen.

Ausser einigen bedeutenden Städten, sind heute, in dem Gebiet, kleine isolierte Gemeinden deutschen, italienischen und portugiesisch-brasilianischen Ursprungs, die ein wirkliches ethno-linguistisches Mosaik bilden.

Lageado Antunes (São Lourenço d'Oeste) ist eine dieser Landgemeinden, in der die Einwohner die deutsche Sprache als Muttersprache erhalten haben, und sie, ausser Portugiesisch, als wichtigstes Kommunikationsinstrument benutzen, was eine zweisprachige Situation geschaffen hat.

Die vorliegende Arbeit beabsichtigt die augenblickliche Situation der Zweisprachigkeit in Lageado Antunes, durch eine Beweisführung, zu beschreiben, sowie auch eine Aufstellung und Analyse der aus dem Portugiesischen entlehnten und angepassten Ausdrucksweise im Deutschen zu liefern.

Es wird mit einer kurzgefassten Vorstellung, Charakterisierung und Zusammensetzung begonnen. Folgend, wird die theoretische Begründung, die bei diesen Forschungsarbeiten betreffs der Zweisprachigkeit, der Analyse des Kommunikationsnetzes und der abgeleiteten Linguistik behandelt wurde, aufgestellt.

Durch eine Forschung, die in drei Etappen aufgeteilt wurde, wurde versucht, den Gebrauch der beiden Sprachen in

Lageado Antunes zu charakterisieren. Im ersten Teil der Forschung wurden statistische Angaben aufgestellt, ausgehend von einem Muster der Bevölkerung, bestehend aus Schülern der 5. bis 8. Grundschulklassen. Da diese Kinder in den Nebengemeinden von Presidente Juscelino oder Três Voltas die Schulen besuchen, konnte eine allgemeine Vorstellung der aktuellen Situation des Gebrauchs des Deutschen und Portugiesischen durch die Schüler gewonnen werden, und somit ein Rückblick auf den linguistischen Wortschatz der Eltern.

Im zweiten Teil der Forschung wurde das Analysenmodell des Kommunikationsnetzes angewendet, um die im Gebrauch bestimmenden Umstände, in verschiedenen Situationen, zu überprüfen. Die Angaben wurden in sechs verschiedenen Familien gesammelt, die drei Generationen umfassten, wodurch eine Beobachtung des Gebrauchs der beiden Sprachen von einer zur anderen Generation ermöglicht wurde: also die synchronischen und diachronischen Elemente im wechselnden linguistischen Entwicklungsprozess.

In der dritten Forschungsetappe wurde eine Analyse des im Ort benutzten Wortschatzes ausgeführt, besonders in bezug auf die lexikalischen Anlehnungsbegriffe aus dem Portugiesischen, die im Deutschen aufgenommen worden sind.

Mit dem Ziel, das Thema oder die semantische Sphäre festzustellen, die zum häufigen Gebrauch entlehnter Wörter führt, und welche der drei Generationen sie am meisten anwendet, wurde eine soziolinguistische Studie des entlehnten Wortschatzes, auf semantischem Feld und nach Generationen, erarbeitet.

Zum Schluss wird nicht nur eine Schlussfolgerung, sondern auch Anregungen zur Anwendung der erhaltenen Ergebnisse für zukünftige Arbeiten dargelegt, da anzunehmen ist, dass das Studium zweisprachiger Gemeinden noch das Thema vieler Forschungen sein wird.

SÍMBOLOS FÔNICOS

e e o : vogal fechada como em "medo" e "fome"; "Esel" e "oben".

E e O : vogal aberta como em "fé" e "roda"; "Herr" e "offen".

ee e oo : vogal longa¹

g - oclusiva velar sonora como em "gato" e "gehen"

k - oclusiva velar surda como em "Kilo" e "kraft"

s - fricativa alveolar surda como em "saia" e "Aster"

z - fricativa alveolar sonora como em "casa" e "Sonne"

S - fricativa palatal surda como em "chamar" e "Schein"

ç - fricativa pré-palatal surda como em "ich"

Produz-se aproximando a língua do palato, com a ponta da língua a encostar-se contra os dentes inferiores.²

x - fricativa velar surda como em "Buch"

Som gutural semelhante ao j ou x espanhol; obtém-se procurando-se pronunciar um ɣ gutural com a ponta da língua contra a gengiva inferior.³

h - fricativa glotal surda como em "haben"

Som fortemente aspirado.

J - fricativa palatal sonora como em "gente" e "Genie"

Na língua alemã ocorre, em geral, em empréstimos de outras línguas.

L - lateral palatal sonora como em "palha"

ŋ - nasal velar sonora como em "Schrank"

Pronuncia-se como o m em bem.

N - nasal palatal sonora como em "ninho" (nh em português)

ts - africada como em "Zimmer"

ks - africada como em "sechs"

¹Não nos preocupamos com a duração das vogais. Todavia, alguns casos chamaram nossa atenção, os quais registramos.

²De acordo com IRMEN, Friedrich e BEAU, Albin E. Langenscheidts Taschenwörterbuch. Portugiesisch-Deutsch/Deutsch-Portugiesisch. Berlin, Langenscheidt, 1982.

³Idem 2.

LISTA DE CONVENÇÕES

A	- Alemão
AP	- Alemão/português
Campo Semant.	- Campo semântico
CG	- Classe gramatical
CL	- Classe lexical
E	- Expressão
EA	- Empréstimo adaptado
EP	- Empréstimo parcial
ET	- Empréstimo total
Freq.	- Frequência
FQ-1	- Frequência na primeira geração
FQ-2	- Frequência na segunda geração
FQ-3	- Frequência na terceira geração
NF	- Neologismo de forma
NS	- Neologismo de sentido
P	- Português
S	- Substantivo
TE	- Tipo de empréstimo
V	- Verbo
*	- Dialeto
**	- Decalque

SUMÁRIO

1	- INTRODUÇÃO -----	1
1.1	- Objeto da pesquisa -----	3
1.2	- Limites da pesquisa -----	4
1.3	- Justificativas da pesquisa -----	5
1.4	- Objetivos da pesquisa -----	6
1.5	- Metodologia e estrutura do trabalho -----	6
2	- REFERENCIAL TEÓRICO -----	9
2.1	- Conceitos de bilingüismo -----	9
2.1.1	- Bilingüismo e diglossia -----	12
2.2	- Manutenção e perda de uma língua -----	13
2.3	- Análise das redes de comunicação -----	17
2.4	- Empréstimos lingüísticos -----	22
2.4.1	- Conceito e terminologia -----	22
2.4.2	- Finalidade dos empréstimos -----	24
2.4.3	- Classificação dos empréstimos -----	24
2.4.4	- Empréstimos não-lexicais -----	27
2.4.5	- Empréstimos lexicais -----	29
2.4.6	- Adaptação dos empréstimos -----	33
2.4.7	- Causas ou motivos do empréstimo -----	36
2.4.8	- Resistência ao empréstimo -----	38
2.4.9	- Conseqüências do empréstimo -----	39
3	- DADOS HISTÓRICOS E ETNOLINGÜÍSTICOS -----	42
3.1	- Povoamento do Deste Catarinense -----	42

3.2 - Povoamento do Município de São Lourenço d'Oeste -	49
3.3 - São Lourenço d'Oeste hoje -----	54
3.4 - A localidade de Lageado Antunes -----	58
3.4.1 - Composição étnica da população -----	66
3.4.2 - Os alemães em Lageado Antunes e seu dia- leto -----	66
4 - PRIMEIRA ETAPA DA PESQUISA:	
DESCRIÇÃO SOCIOLINGÜÍSTICA DO BILINGÜISMO -----	70
4.1 - Dados etnolingüísticos -----	70
4.2 - Metodologia -----	71
4.3 - Análise dos dados -----	74
4.3.1 - Sexo -----	74
4.3.2 - Confissão religiosa -----	74
4.3.3 - Ascendência -----	75
4.3.4 - Bilingüismo dos pais -----	76
4.3.5 - Uso do alemão na família -----	77
4.3.6 - Uso do alemão na comunidade -----	79
4.3.7 - Uso do alemão em outras situações -----	81
4.3.8 - Atitudes gerais com relação às línguas --	83
4.3.9 - Ascendência alemã e bilingüismo -----	84
4.3.10- O monolingüismo em alemão na idade pré- escolar -----	86
5 - SEGUNDA ETAPA DA PESQUISA:	
REDES DE COMUNICAÇÃO DOS BILÍNGUES -----	88
5.1 - Metodologia -----	88
5.2 - Estratégias da pesquisa de campo -----	90

5.3 - Identificação dos informantes -----	92
5.4 - Características sociodemográficas da população da amostra -----	92
5.4.1 - Mobilidade espacial -----	92
5.4.2 - Profissão -----	94
5.4.3 - Grau de escolaridade -----	95
5.4.4 - Exposição aos meios de comunicação -----	96
5.5 - Redes de comunicação -----	98
5.5.1 - Escolha da língua em situações diversas -	98
5.5.2 - Escolha da língua conforme o interlocutor	104
5.5.2.1 - Escolha da língua na família -----	105
5.5.2.2 - Escolha da língua na comunidade -----	107
5.5.2.3 - Escolha da língua fora da comunidade --	109
5.6 - As redes individuais de comunicação -----	110
5.6.1 - A rede familiar -----	112
5.7 - As atitudes com relação às línguas -----	115
6 - TERCEIRA ETAPA DA PESQUISA:	
VOCABULÁRIO DO DIALETO ALEMÃO -----	123
6.1 - Metodologia -----	126
6.1.1 - Elaboração do questionário -----	126
6.1.2 - Aplicação do questionário -----	128
6.2 - Classificação dos dados obtidos -----	128
6.3 - As adaptações dos empréstimos -----	133
6.3.1 - Transcrição fonética -----	133
6.3.2 - Adaptações fonéticas -----	135
6.3.3 - Adaptações morfológicas -----	138
6.4 - A adoção e formação dos empréstimos lexicais ----	140

6.5 - O significado dos empréstimos portugueses no falar de Lageado Antunes (Campos Semânticos) -----	142
6.6 - Análise sociolingüística dos empréstimos lexicais por campo semântico e geração -----	145
6.6.1 - Campo semântico: casa -----	146
6.6.2 - Campo semântico: utensílios domésticos --	147
6.6.3 - Campo semântico: alimentos -----	150
6.6.4 - Campo semântico: hortaliças -----	153
6.6.5 - Campo semântico: doces -----	154
6.6.6 - Campo semântico: frutas -----	156
6.6.7 - Campo semântico: bebidas -----	158
6.6.8 - Campo semântico: limpeza -----	159
6.6.9 - Campo semântico: vestuário -----	161
6.6.10- Campo semântico: diversões -----	164
6.6.11- Campo semântico: profissões -----	166
6.6.12- Campo semântico: transportes -----	168
6.6.13- Campo semântico: organização pública ----	171
6.6.14- Campo semântico: parentesco -----	174
6.6.15- Campo semântico: corpo humano -----	176
6.6.16- Campo semântico: cultura -----	177
6.6.17- Campo semântico: religião -----	180
6.6.18- Campo semântico: flores -----	181
6.6.19- Campo semântico: árvores -----	182
6.6.20- Campo semântico: animais -----	183
6.6.21- Campo semântico: pássaros -----	185
6.6.22- Campo semântico: cobras -----	186
6.6.23- Campo semântico: onomástica -----	187
6.6.24- Campo semântico: agricultura -----	188

6.6.25-	Campo semântico: geografia -----	190
6.6.26-	Campo semântico: comércio -----	192
6.6.27-	Campo semântico: vários -----	193
6.6.28-	Quadro sinóptico dos empréstimos por cam- po semântico e por geração -----	195
6.6.29-	Cálculo da frequência dos empréstimos por geração -----	197
7 -	CONCLUSÕES E SUGESTÕES -----	201
7.1 -	Conclusões gerais -----	201
7.2 -	Sugestões para ensino e pesquisa -----	204
8 -	ANEXOS -----	208
8.1 -	Anexo 1: Questionário sobre bilingüismo -----	209
8.2 -	Anexo 2: Questionário sobre redes de comunicação bilíngües -----	211
8.3 -	Anexo 3: Questionário lexicológico -----	215
8.4 -	Anexo 4: Os neologismos, decalques e empréstimos lexicais do português no alemão de La- geado Antunes -----	238
9 -	BIBLIOGRAFIA -----	259

1 - INTRODUÇÃO

As chamadas comunidades teuto-brasileiras têm servido de tema para numerosos estudos no Brasil. Grande parte do que foi escrito situa-se nos limites da sociologia ou da história. Entretanto, também verificamos inúmeros artigos e livros já publicados que abordam o problema da língua alemã em território brasileiro. Enquanto uns são apresentados em carácter popular e sem pretensões acadêmicas, outros são sistemáticos e denotam preocupação científica. Todavia pode-se intuir que a problemática do destino da língua que os imigrantes alemães trouxeram ao nosso país ainda haverá de constituir objeto de inúmeros estudos em comunidades bilíngües.

Grande é o contingente de descendentes de imigrantes alemães e italianos que povoaram a região Oeste de Santa Catarina. Em centenas de localidades, a coexistência do alemão ou do italiano com o português originou uma situação de bilingüismo. E quando duas línguas constituem o canal de contato social, elas sofrem interpenetração, o que resulta em mudanças lingüísticas

(Trudgill, 1974 apud STEINER, 1988:10). As obras de FAUSEL (1953), de OBERACKER (1957) e de KOCH (1974), entre outras, mostram que a língua alemã passou por inúmeras transformações ao ser transmitida de uma geração para outra.

Também Lageado Antunes¹, comunidade rural do município de São Lourenço d'Oeste (SC) foi povoada por descendentes de imigrantes, na maioria alemães, oriundos do vizinho Estado gaúcho. Conseqüentemente, o fenômeno do bilingüismo foi inevitável. Neste momento, a situação lingüística local é bastante diversificada: há desde falantes monolíngües do falar alemão até falantes monolíngües da língua portuguesa.

Podemos dizer que a situação lingüística em que hoje se encontra Lageado Antunes constitui antes a regra do que a exceção no Oeste Catarinense. Há inúmeras comunidades bilíngües, tanto luso-germânicas quanto luso-italianas, cujo falar necessita urgentemente de registro, pois muitos parecem já viver seus derradeiros momentos.

Em Lageado Antunes, considerada ainda uma comunidade essencialmente rural e agrícola, a marca do progresso já se faz presente através dos meios de comunicação e do asfalto recém-con-

¹Os dicionários grafam com j, não com g, a palavra "laje" e todos os seus cognatos. Contudo, a bibliografia consultada, salvo raras exceções, grafa com g, não com j, o topônimo Lageado Antunes. Os que assim procederam, provavelmente fizeram-no por analogia ao topônimo Lages, fundada em 1771, cuja grafia com g encontra amparo no item 42 das "Instruções para a Organização do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa", da Academia Brasileira de Letras (12-08-43), que diz: "Os topônimos de tradição histórica secular não sofrem alteração alguma na sua grafia, quando já esteja consagrada pelo consenso diuturno dos brasileiros. Sirva de exemplo o topônimo "Bahia", que conservará esta forma quando se aplicar em referência ao Estado e à cidade que têm esse nome".

cluído que estão mudando o destino do falar alemão. Hoje, o uso do alemão em relação ao português parece estar em forte declínio. Um indício disto está no uso freqüente de empréstimos por informantes de todas as idades, e, supõe-se, sobretudo pela geração mais jovem.

1.1 - Objeto da pesquisa

Com o presente trabalho, pretendemos analisar o comportamento da língua alemã falada em Lageado Antunes, município de São Lourenço d'Oeste (SC), e as transformações que nela ocorreram como consequência de uma nova realidade geo-econômica e sócio-cultural e do contato com a língua portuguesa, situação que é conhecida como "bilingüismo" e que vem se desenvolvendo desde a chegada dos primeiros imigrantes alemães ao Brasil, em 1824.

Estudos (BOSSMANN, 1953; KOCH, 1974; FAUSEL, 1953, entre outros) nos mostram que a situação lingüística dos imigrantes alemães nunca foi uniforme, o que favoreceu a interpenetração lingüística. Com muito mais razão surgiram diferenças no falar de Lageado Antunes por ser uma comunidade recente, constituída de habitantes provenientes de diversas regiões do Rio Grande do Sul. Por isso, não consideramos o alemão falado em Lageado Antunes como uma forma errônea ou degenerada do alemão padrão. Ao contrário, entendemos que se trata de uma variante da língua alemã, uma espécie de koiné, formada paulatinamente no Rio Grande do Sul (RS) e concretizada na comunidade de maneira natural e inconsciente, diante das novas condições do meio ambiente e das neces-

sidades de comunicação e expressão. O novo falar alemão que se formou funciona como uma forma de expressão popular, e é nesse sentido que vamos considerá-lo.²

1.2 - Limites da pesquisa

Abordamos em nosso estudo alguns aspectos sociolinguísticos da comunidade bilíngüe de Lageado Antunes e concentramos a nossa pesquisa nos empréstimos lexicais do português ao alemão. Embora sabendo que também os traços fonológicos, morfológicos e sintáticos sofreram algumas alterações dentro deste dialeto alemão, os empréstimos lexicais é que constituirão a nossa principal preocupação linguística, por revelarem-se como a característica mais marcante e perceptível do falar teuto-brasileiro. Segundo Meillet (apud WEINREICH, 1968:71), é no nível do léxico que ocorre o maior número de interferências, por ser ele mais frouxamente estruturado (um sistema aberto) do que o sistema fonológico ou gramatical (um sistema fechado).

A pesquisa que empreendemos levou-nos ao registro parcial do léxico de uso corrente na comunidade em estudo. Todavia, abordaremos, especialmente, os empréstimos analisados à luz da Sociolinguística, buscando explicar a sua adoção.

²Usaremos em nossa dissertação indistintamente os termos "dialeto" e "falar". Segundo DUBOIS (1988:184 e 266), "o dialeto é uma forma de língua que tem o seu próprio sistema léxico, sintático e fonético, e que é usada num ambiente mais restrito que a própria língua" e "falar" é um sistema de signos e de regras combinatorias definido por um quadro geográfico estreito (vale, por exemplo, ou aldeia) (...). Portanto, tanto o termo "dialeto" quanto o termo "falar" são usados numa área muito delimitada por meio de critérios linguísticos da dialetologia.

1.3 - Justificativas da pesquisa

Entre as razões que nos impeliram a optar pela presente pesquisa, podemos apontar:

- a) a necessidade de registrar este falar, já que ele, bem como tantos outros falares alemães e italianos podem desaparecer, inclusive do círculo familiar, muito em breve. VANDRESEN (1973:608) alerta-nos que esta é uma tarefa urgente para os pesquisadores lingüistas, pois a comunidade acadêmica corre o risco de perder dados indispensáveis à compreensão global da transformação em processo;
- b) a escassez de estudos sobre o bilingüismo na região Oeste de Santa Catarina;³
- c) a necessidade de estudos sobre o léxico, ainda que parcial, da região Oeste de Santa Catarina;
- d) a urgência de verificar as condições de manutenção do alemão na comunidade de Lageado Antunes;
- e) o nosso interesse pessoal por problemas lingüísticos aliado aos laços afetivos que nos unem a esta comunidade teuto-brasileira, bem como a familiaridade que temos com o dialeto em questão.

³Destaca-se DEKKER et al. Relatório do projeto de estudos do bilingüismo nas áreas de colonização alemã em Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 1988.

1.4 - Objetivos da pesquisa

O contato lingüístico entre os imigrantes alemães e seus descendentes com os falantes nativos, como consequência das novas condições de vida, ambiente e trabalho fez com que a língua trazida pelos imigrantes de língua alemã assumisse características peculiares, afastando-se sensivelmente da língua padrão, especialmente no que concerne ao léxico. No presente estudo, pretendemos analisar o comportamento sociolingüístico dos membros da comunidade de fala alemã de Lageado Antunes, descrevendo a situação de bilingüismo alemão-português ali existente e verificando as condições de preservação do dialeto alemão na comunidade através da análise das redes de comunicação. Pretendemos, ainda, apresentar evidências da nova variedade de língua alemã que se formou ao longo dos anos em território sulbrasileiro, mostrando as circunstâncias que levaram à sua formação e analisando os empréstimos lexicais por campo semântico e por geração.

1.5 - Metodologia e estrutura da pesquisa

Não se pode fazer estudo verdadeiro e útil de determinada língua sem conhecer o ambiente em que essa língua é utilizada, sobretudo em se tratando do léxico, pois as coisas estão estreitamente ligadas às palavras que as representam. O objeto existe por si só, mas a palavra está na dependência do objeto que designa. "A linguagem humana não se pode isolar do meio em que é utilizada" (WOUK, 1981:104). Por conseguinte, nossa dissertação não

se restringe a aspectos puramente lingüísticos, mas apresenta igualmente aspectos históricos, culturais, etnográficos e sociológicos indispensáveis para melhor compreensão do tema.

Para tanto, nosso trabalho parte da fundamentação teórica (capítulo 2) que norteou o desenvolvimento de nosso estudo, baseada em diversos autores: WEINREICH (1968), FISHMAN (1966), STAUB (1983), MACKEY (1968), STEINER (1988) e CARVALHO (1989) entre outros.

No capítulo 3, apresentamos os dados históricos e etnolingüísticos da comunidade de Lageado Antunes e sua contextualização em termos de município e região. Também descrevemos sucintamente os seus aspectos econômicos, geográficos, educacionais e culturais.

Através da pesquisa desenvolvida em três etapas, procuramos caracterizar o uso das duas línguas na comunidade. Na primeira etapa (capítulo 4), objetivamos uma descrição do bilingüismo a partir de uma amostra da população constituída de alunos da 5ª à 8ª série.

Com a finalidade de verificar o que determina as escolhas lingüísticas, utilizamos, na segunda etapa (capítulo 5), o modelo de análise das redes de comunicação.

Na terceira etapa (capítulo 6), apresentamos uma amostragem do vocabulário em uso corrente no falar da comunidade alemã de Lageado Antunes. Obteve-se o levantamento do léxico a partir da aplicação de um questionário lexicológico a 18 informantes, sendo 6 de cada geração, a saber: avós, pais e filhos. Com a análise dos empréstimos, buscamos verificar em qual campo semântico ocorre o maior número de empréstimos e qual a geração que mais se

utiliza dos mesmos.

Por fim, o capítulo 7 contém conclusões da análise dos dados, aplicações do presente estudo, bem como sugestões para trabalhos futuros.

2 - REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 - Conceitos de bilingüismo

Entre os vários autores¹ que já se ocuparam em definir o que se entende por bilingüismo, encontramos um mar de definições, tentando salienta ora esse, ora aquele aspecto para delimitar o conceito.

Assim, WEINREICH (1953:1) define o bilingüismo como "a prática de usar alternadamente duas línguas", embora seus estudos se situem mais a nível dos fenômenos de interferência ocorrentes na fala dos bilíngües como resultado de contatos lingüísticos. Os termos bilingüismo e contato são tomados no sentido amplo, sem levar em consideração os possíveis graus de diferença entre os sistemas.

MACKEY (1968:555), por sua vez, considera o bilingüismo

¹Além dos autores que aqui citamos, especialmente STEINER (1988:42-50) e KAHMANN (1987:28-34) apresentam-nos grande número de definições.

como sendo "o uso alternado de duas ou mais línguas pelo mesmo indivíduo". Ao estudar o fenômeno, chegou à conclusão de que o bilingüismo não é um fenômeno da língua (*langue*), mas uma característica do seu uso, isto é, da fala (*parole*). A *langue* é propriedade do grupo social. O bilingüismo é propriedade do indivíduo.

Já DITTMAR (1976:170) apresenta uma definição dentro da concepção de Saussure de que a língua é um fenômeno social (SAUSSURE, 1916:17) ao afirmar que bilingüismo "é o termo usado para uma situação lingüística onde duas línguas coexistem dentro dos limites de uma sociedade".

Entende-se que há bilingüismo quando um indivíduo emprega mais de uma língua para comunicar-se. Esta comunicação pode ser total ou parcial, o que coloca o falante bilíngüe dentro de uma escala de domínios das línguas que fala. Conforme Heye (1974, apud STAUB, 1983:45), a pessoa bilíngüe pode encontrar-se em posição de "igualdade" ou de "dominância" em relação às línguas. No primeiro caso, o bilíngüe usa igualmente bem as duas línguas. Num posição de dominância, ele usa uma língua com mais frequência e fluência do que outra. Em outras palavras, LÖFFER (1985:76) considera bilingüismo, num sentido amplo e que denomina "verdadeiro", a situação em que um falante ou um grupo de falantes se expressa em duas línguas tão bem como na língua materna. A posição de dominância aparece no conceito de bilingüismo parcial, que se verifica quando um falante ou um grupo de falantes se entende em duas línguas, sendo que a segunda língua precisa somente ser denominada ao ponto de ser vista como independente em relação à primeira.

De fato, por muito tempo, o fenômeno do bilingüismo foi visto como o domínio igual de duas línguas. De acordo com BLOOMFIELD (1961:56), há bilingüismo quando um falante tem um controle nativo de duas línguas. Para CÂMARA JÚNIOR (1964:64), é bilíngüe o indivíduo que usa duas línguas distintas como se ambas fossem a sua língua materna. MARTINET (1971:150) define bilíngüe aquele que utiliza duas línguas com igual facilidade.

Já HAUGEN (1953:7) ampliou o conceito de bilingüismo definindo-o como sendo a "habilidade de produzir enunciados completos com significado em outra língua além da materna". Considera bilíngüe o falante que alcança qualquer grau de competência em ambas as línguas.

Enfim, consideramos bilingüismo o uso alternado de duas línguas. No caso de Lageado Antunes, uma delas, o falar alemão, é a língua materna, aprendida sem sistematização durante a infância, usada na família e na comunidade. A outra, o português, é a língua vigente no município e no país, necessária à comunicação dos membros dessa comunidade com o meio externo. Entendemos que é durante esta fase do bilingüismo que ocorre a interpenetração dos sistemas no aspecto fonológico, lexicológico e sintático. Mas percebemos que o maior volume das aquisições dá-se na direção língua superior (português) - língua inferior (alemão). Não ocorre propriamente um conflito entre as duas línguas. Melhor é dizer que, temporariamente, entre elas parece estabelecer-se uma espécie de equilíbrio, que está conduzindo à formação de uma língua mista, comum à comunidade, embora já haja indícios de certa predominância da segunda língua (a portuguesa).

2.1.1 - Bilingüismo e diglossia

Segundo MARTINET (1971:151), a idéia de que o bilingüismo implica em duas línguas encontra-se tão espalhada e enraizada que alguns lingüistas propuseram o termo "diglossia" para designar a situação em que, de acordo com as circunstâncias, uma comunidade utiliza ora uma variante, mais familiar e de menor prestígio, ora outra, mais culta e mais rebuscada. O bilingüismo seria sempre individual; a diglossia, própria de comunidades inteiras.

FERGUSSON (1959, apud FONSECA E NEVES, 1973:102) emprega o termo diglossia para caracterizar a situação em que um indivíduo "utiliza duas ou mais variantes de uma mesma língua em diferentes condições". Logo, uma comunidade se encontra em situação diglössica, quando ocorre a coexistência de duas variantes de uma mesma língua, sendo que cada uma delas desempenha papel definido. Neste caso, a variante H (High) superpõe-se à variante L (Low). A primeira é sempre usada em situações mais formais e goza de prestígio, enquanto que a segunda é utilizada em situações menos formais e goza de menos prestígio.

Esta situação diglössica pode ser constatada em Lageado Antunes. A variante L, transmitida de geração a geração, caracterizada pela fluência e rapidez e sem declinações, é usada na família, com os vizinhos e conhecidos do mesmo status. É conhecida como "Hunsrückisch" [ˈhunsrɪɡɪʃ], "Plattdeutsch" [ˈplattɔjtʃ/tajtʃ] ou simplesmente "nicht so richtig Deutsch" [nɪt so ˈrɪçtɪç tɔjtʃ/tajtʃ]. Da variante L, falada pelos informantes, foram extraídos os empréstimos analisados no presente estudo.

A variante H, embora não exista na forma escrita, é pouco utilizada e, praticamente, só pela geração dos avós. Caracteriza-se pela lentidão, por certo artificialismo e pelo fenômeno da hipercorreção. Nos itens lexicais nos quais o alemão-padrão registra a presença de /a/, o falar de Lageado Antunes apresenta /O/, como, por exemplo, Tag [tOx], lassen [ˈlOze]. A hipercorreção ocorre inclusive em empréstimos como "sala" [ˈsOla]. O uso dessa variante H ocorre no primeiro contato com desconhecidos, especialmente quando se trata de pessoas de destaque sócio-cultural. Em nossas primeiras entrevistas, mais de uma vez, fomos recebidos com um "Guten Tag" [ˈguten tax]. Mas quando respondíamos [ˈgun-tax], identificando-nos como falantes da variante L, a mudança da variedade H para L era automática. A variante H é conhecida como "Hochdeutsch" [ˈhoxtOjtS/tajtS] ou "richtig Deutsch" [ˈriçtiç tOjtS/tajtS] pelo fato de aproximar-se do alemão-padrão ou "correto".

2.2 - Manutenção e perda de uma língua

Nas situações de contato entre línguas, dialetos, variedades - seja a situação bilíngüe, diglósica ou de "code-switching"² - pode ocorrer a perda ou extinção gradativa de uma língua, dialeto ou variedade em favor de outra.

De acordo com FASOLD (1984), a manutenção de código com-

²Segundo BORSTEL (1992:26), "'code-switching' vêm a ser o uso alternado de dois códigos (alemão e português) num mesmo discurso, denominado por muitos estudiosos como alternância de código ou mudança de código".

preende a situação em que uma comunidade opta pela continuação da língua até então em uso. A alternância no uso de duas línguas pode levar ao predomínio de uma e, portanto, ao abandono da outra. A mudança do uso de código é também conhecida como "mortalidade lingüística"³ porque a língua em uso é substituída e caracterizada como morta.

São inúmeros os fatores que levam a troca de línguas em bilíngües. De modo geral, o uso de duas línguas é dividido em domínios determinados pelos aspectos de local, participante e assunto (LYONS, 1982:258-9), que caracterizam uma diferenciação funcional. Assim, temos, por exemplo, o uso de uma língua no ambiente familiar, pelos membros da família, quando o assunto é doméstico. Uma segunda língua, por sua vez, é usada fora de casa, por outras pessoas, sendo que os assuntos também são outros.

O conceito de domínio surgiu nos anos 30 a partir do linguísta alemão Schmidt-Rohr, para descrever comunidades de fala bilíngüe (BÄRNERT-FÜRST, 1989:90). Ele estudou a manutenção e a mudança lingüística na fala de colonos alemães que moravam em comunidades bilíngües fora da Alemanha antes da Segunda Guerra Mundial.

DITTMAR (1976:178-180) apresenta uma maneira de determinar se uma língua se encontra em situação estável ou de mudança através da "configuração de dominância", descrita por FISHMAN (1971). Esta dominância estaria relacionada a condições sócio-políticas e de prestígio e pode ser verificada, observando-se se

³Sobre mortalidade lingüística, ver os estudos de DORIAN, Nancy (1981) e de ZANELLA (1985), que demonstram os fatores que levam à mortalidade lingüística do dialeto gaélico e italiano em favor do inglês e do português respectivamente.

uma língua aumenta seu domínio de uma esfera a outra, ou se, ao contrário, reduz seu uso.

Esta situação descrita por Fishman foi adaptada àquela que foi analisada por STEINER (1988:57) sobre os descendentes de imigrantes alemães em Santa Catarina, a saber:

- Estágio 1: O imigrante aprende o português a partir de sua língua materna (o alemão). O alemão é a língua dominante, sendo o português restrito a poucos domínios (esfera do trabalho e da administração). Interferência mínima. Poucos imigrantes falam pouco português.
- Estágio 2: Mais imigrantes falam mais o português e, com isso, podem conversar entre si tanto em alemão como em português. Interferência aumentada.
- Estágio 3: As línguas funcionam independentemente uma da outra. O número de bilíngües e a sobreposição dos domínios alcança o máximo. Interferência estabilizada.
- Estágio 4: O português substitui o alemão em todos os domínios, exceto nos mais privados. Interferência diminuída.

Resumindo, podemos dizer que à medida que aumenta o domínio da língua portuguesa, diminui o do alemão. Fishman ainda cita três aspectos principais da mudança de código:

- "1 - A preservação lingüística é uma função da integridade de grupos, especialmente de manifestações ideológicas de lealdade grupal em contextos nacionalistas.
- 2 - Habitantes de áreas urbanas tendem mais à mudança de código do que habitantes de áreas rurais.

3 - A língua de maior prestígio substitui a de menor prestígio" (FISHMAN, 1971:186).

Estes aspectos também são abordados por SCHADEN (1954:189), segundo o qual em colônias fechadas rurais, a mudança de código se processa em duas fases, que, temporalmente, podem estar bastante distantes uma da outra:

- primeiro ocorre uma transformação no dialeto alemão falado, em virtude do confronto com o novo meio geográfico e cultural;
- depois começa o aprendizado do português, que é colocado em confronto com o alemão no dia-a-dia.

Nesta segunda fase ocorre a incorporação de numerosos vocábulos portugueses no léxico teuto-brasileiro rural, com ou sem adaptações fonológicas. Essas adaptações podem chegar a tal ponto de se tornar irreconhecível a origem lusitana do termo. Essa segunda fase seria uma fusão do segundo e do terceiro estágio definidos por Fishman.

Em situação idêntica encontra-se a comunidade de fala alemã de Lageado Antunes. A conhecida expressão "Mir spreche jo alles teitsch" (Nós falamos tudo em alemão), tão comum nas famílias locais, parece constituir uma barreira contra a possibilidade de perda da herança cultural que vem sendo transmitida pelos antepassados de geração em geração.

A este aspecto de herança cultural é que, certamente, se deve o cultivo da língua alemã em Lageado Antunes. Embora haja inúmeros motivos sociais para uma mudança de código, há um senti-

mento de "identidade étnica e cultural" que mantém viva a língua dos antepassados, mesmo cheia de transferências e de empréstimos.

As causas da manutenção do bilingüismo ou da mudança linguística foram analisadas nos estudos de BLOM & GUMPERZ (1972), GAL (1979), GUMPERZ (1982), BORTONI-RICARDO (1985) e STEINER (1988) entre outros. É através das redes de comunicação a que estão expostos os seus falantes, que estes estudiosos tentam explicar a manutenção das línguas dentro de comunidades bilingües. As linhas teóricas principais dessas redes é o que exporemos a seguir.

2.3 - Análise das redes de comunicação

Em sentido amplo, a análise de redes consiste no estudo das relações existentes em um sistema em mudança. A análise da rede social, refere-se ao conjunto de ligações que se estabeleceram entre os indivíduos (BORTONI-RICARDO, 1985:69). Esse modelo de análise permite ao pesquisador lidar com as diferenças individuais, caracterizar as relações de um indivíduo para com outro, e assim, predizer e explicar o comportamento destes indivíduos.

Barnes (1954, apud BORTONI-RICARDO, 1985:75-77) desenvolveu o primeiro estudo sistemático das relações entre características morfológicas de uma rede e o comportamento social, utilizando pontos e linhas para representar os indivíduos e sua interação.

Também foi Barnes que estabeleceu as bases para a distinção entre sociedades rurais e urbanas no que se refere à densida-

de dessas redes de interação. As comunidades rurais foram caracterizadas por uma rede mais densa ou fechada, enquanto que as comunidades urbanas apresentam uma rede mais frouxa ou escassa. Os dois sociogramas abaixo, extraídos de BORTONI-RICARDO (1985:76), exemplificam essa noção de densidade:

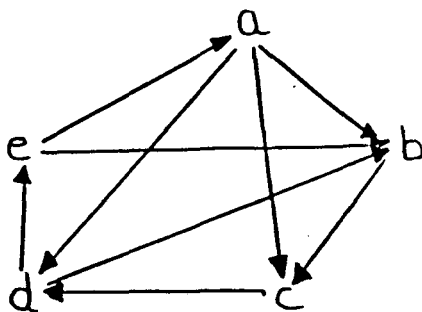


Fig. 1 - Estrutura de uma rede de alta densidade
(trama fechada)

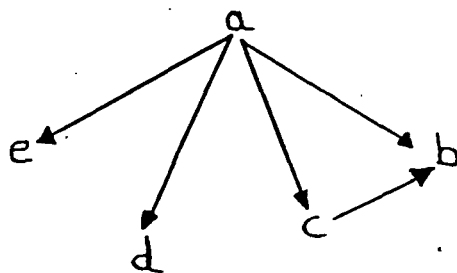


Fig. 2 - Estrutura de uma rede de baixa densidade
(trama frouxa)

A análise de redes aplicada à sociolinguística passou a ser utilizada efetivamente a partir dos anos 70 com os trabalhos de Labov, Blom & Gumperz e Gal. Estes e outros estudos contribuí-

ram para esclarecer os fatores sociológicos do bilingüismo ou da diglossia, bem como o processo pelo qual comunidades bilíngües ou multilíngües tendem a um bilingüismo estável ou ao desaparecimento de uma variante em função da outra.

LABOV (1972) estudou quatro grupos de adolescentes das ruas de Harlem. Utilizando a técnica sociométrica, demonstrou a relação que existia entre o grau de integração dos garotos dentro do grupo e sua preferência pelo vernáculo inglês negro, concluindo que a rede de alta densidade dos grupos exerce controle sobre o cultivo do vernáculo.

Já BLOM & GUMPERZ (1972) desenvolveram uma pesquisa sociolingüística sobre o fenômeno da mudança de código, em Hennesberget, pequena vila no norte da Noruega. Analisando as redes de amizades em quatro grupos, concluem que a situação de diglossia será mantida enquanto o dialeto local for visto como símbolo das diferentes relações sociais entre os falantes.

SUSAN GAL (1979) utiliza o modelo de redes para a análise da diversidade lingüística num estudo sociolingüístico e etnológico em Oberwart, na Áustria. A comunidade, que apenas falava húngaro, e que era essencialmente camponesa, assumiu um caráter urbano após a Segunda Guerra Mundial e passou a usar o alemão, um símbolo do progresso.

GAL (p.15) justifica sua opção pelo modelo de redes, baseando-se no fato de que as normas de uso da língua são em parte sociais. Sua conclusão é que qualquer que seja o status social do falante, sua apresentação lingüística é determinada por sua rede social.

Para GAL (1979:15-16), as redes não influenciam a língua diretamente, mas as características das redes podem influenciar a predisposição das pessoas a se identificarem com certo grupo social.

Em 1982, Gumperz apresentou um estudo etnolingüístico de uma comunidade bilíngüe do Gailtal em Kärnten, na Áustria, buscando obter observações sobre os determinantes sociais e lingüísticos do processo de mudança de código. Vivendo um processo de urbanização, os falantes do local passaram do eslovênio para o alemão, em virtude do prestígio que este significava. A mudança de código revelava antes "mudanças básicas na estrutura das relações interpessoais do que alterações no ambiente extra-lingüístico" (GUMPERZ, 1982:57).

Bortoni-Ricardo realizou, em 1985, uma pesquisa em Brazlândia, cidade satélite, no Distrito Federal sobre o processo e a consequência lingüística da migração rural rumo à urbanização. Utilizando-se da análise das redes sociais dos migrantes e do grupo de referência dos falantes, ou seja, o falante modela seu discurso de acordo com o grupo com o qual busca identificar-se, a autora conclui que o processo de urbanização tende lingüísticamente à padronização.

Em seu estudo sobre o bilingüismo na área urbana de Jaraguá do Sul, STEINER (1988), baseando-se em GAL (1979), aponta uma característica importante do modelo de análise das redes de comunicação, que é a visão simultaneamente sincrônica e diacrônica do processo de mudança lingüística. Ao isolarmos características lingüísticas de falantes de diferentes gerações, observaremos uma mutação lingüística, ou seja, é possível reconstruir o processo

(diacrônico) de mudança nos padrões de escolha da língua a partir dos padrões sincrônicos da variação (Gal, 1979, apud STEINER, 1988:72).

Outro aspecto importante na mudança de código é que se trata de um processo, e como tal, não pode ocorrer de uma vez. Antes, desenvolve-se a alternância entre a forma antiga e a forma nova, ou seja, entre o alemão e o português respectivamente, no caso de Lageado Antunes.

Nesse processo de mudança de código, a segunda geração é que define as funções de emprego das duas línguas, pois este grupo de falantes usa o alemão e o português alternadamente enquanto que a primeira geração quase só fala o alemão e a terceira geração praticamente só se expressa na língua portuguesa.

No caso de Lageado Antunes, devemos afirmar que se trata de uma comunidade instituída em meio a um processo de mudança social e lingüística, se considerarmos sua formação a partir de colonos gaúchos descendentes de imigrantes alemães. Atualmente a comunidade está exposta a um processo de modernização resultante do desenvolvimento da principal rodovia, da migração populacional, da chegada dos meios de comunicação, além de outras características que são citadas como fatores que levam à uniformização lingüística. Porém, a coesão étnica ainda desempenha significativo papel no fechamento das redes, como veremos em nossa análise. Mas, como o uso de empréstimos lexicais portugueses no alemão de Lageado Antunes constitui o principal centro de interesse em nossa pesquisa, traçaremos algumas bases teóricas a respeito dos empréstimos lingüísticos.

2.4 - Empréstimos lingüísticos

2.4.1 - Conceito e terminologia

BLOOMFIELD (1961:444) define o empréstimo como a adoção de traços lingüísticos diferentes do sistema tradicional.

Para HERMANN PAUL (1966:409), o empréstimo é uma consequência do contato entre as línguas: "Onde se oferece mais ocasião ao cruzamento é onde há indivíduos bilíngües, ou que falam várias línguas a par, (...)".

HAUGEN (1969:60) considera o empréstimo uma tentativa de reproduzir numa língua os padrões lingüísticos já existentes em outra.

Em "Empréstimos Lingüísticos", CARVALHO (1989:35) lembra que as mudanças lingüísticas se devem à própria natureza da língua, e o fenômeno dos empréstimos - parte dessa mudança -, ao contato com as demais línguas.

Também BORBA (1976:35) afirma que a interpernetração de línguas é inevitável porque nenhum povo vive isolado. Assim, define os empréstimos como a adoção de formas numa língua por causa de seus contatos com outra ou outras.

DUBOIS (1988:209) diz que "há empréstimo lingüístico quando um falar A usa e acaba por integrar uma unidade ou um traço que existia precedentemente, num falar B e que A não possuía; a unidade ou traço emprestado são, por sua vez, chamados de empréstimos". O autor alerta-nos ainda para o fato de que o empréstimo é o fenômeno sociolingüístico mais importante em todos os contatos de línguas.

A língua que cede o termo é considerada a língua fonte ou doadora, e a que o recebe, língua receptora (HERMANN PAUL, 1966:410). O traço lingüístico cedido é o modelo de empréstimo que poderá ou não sofrer adaptações segundo os padrões da língua receptora.

STAUB (1983:53) apresenta a definição de empréstimo segundo diversos autores (EMENEAU, 1962; FROMKIN e RODMAN, 1978; DRYDEN, 1631-1700 entre outros) e afirma que Sapir e Bloomfield tiveram grande influência na consagração do termo "empréstimo". Entretanto, Staub considera o termo empréstimo tão inconveniente quanto os termos mistura, cruzamento, adoção, difusão, importação estrangeira e outros. Isto porque o empréstimo lingüístico se dá sem o consentimento daquele que o cede. A língua que o toma, não o devolve. A língua que cede o empréstimo não tenta reavê-lo e nem por isso se torna mais pobre.

A tradução literal, item por item da língua doadora para a língua receptora denomina-se "decalque". Este não constitui um empréstimo propriamente dito, apesar de tratado como tal por muitos (STAUB, 1983:54).

Uma língua, através do seu vocabulário, reflete a cultura da sociedade à qual serve de meio de expressão. O seu acervo lexical vai sendo enriquecido seja por empréstimos seja com formações novas calcadas em palavras já existentes ou utilizando neologismos sempre com o objetivo de fornecer novos conceitos e, assim, acompanhar a evolução universal.

2.4.2 - Finalidade dos empréstimos

O enriquecimento e a renovação vocabular são apontados como finalidades do empréstimo (CARVALHO, 1989:58).

A primeira finalidade já foi defendida por Whitney em 1877 (apud STAUB, 1983:62) para o qual o empréstimo não é só um meio que todas as línguas usam para enriquecer o vocabulário, mas também um meio de ampliar e aperfeiçoar a expressão do pensamento, fornecer às idéias e experiências novas, os signos lingüísticos novos e, aos conhecimentos antigos, melhores meios de tradução.

A renovação lingüística como finalidade do empréstimo é apontada por CÂMARA JÚNIOR (1977:253): "o empréstimo é o principal responsável pela renovação vocabular".

De acordo com STEINER (1988:164), "a transferência de palavras de uma língua para a fala de outra é feita, geralmente, com a finalidade de corrigir inadequações de um léxico".

No alemão de Lageado Antunes, o empréstimo constitui o meio principal de suprir lacunas lexicais e, portanto, de enriquecer o vocabulário. Os neologismos - criações dentro da própria língua - são bem menos numerosos.

2.4.3 - Classificação dos empréstimos

Toda língua está em constante processo de mudança. "A língua muda justamente porque não está feita, mas sim faz-se continuamente pela atividade lingüística" (COSERIU, 1979:63).

Uma língua pode sofrer a influência de uma língua estrangeira, mas também de um dialeto e mesmo um idioleto. De acordo com BLOOMFIELD (1961:444), há três tipos de empréstimos: os culturais, os dialetais e os íntimos.

Os empréstimos culturais são aquisições resultantes dos contatos políticos, sociais, comerciais ou culturais propriamente ditos entre os povos.

Os empréstimos dialetais realizam-se entre falares da mesma língua. Sabemos que um país jamais tem uma estratificação social e uma situação lingüística una. Há variantes regionais, sociais e jargões.⁴ Como cada falar não é um comportamento isolado e estanque, a língua padrão aproxima-se dos dialetos e estes sofrem, por sua vez, a influência da língua padrão.

Os empréstimos íntimos surgem da coexistência de duas línguas no mesmo território. Neste caso, os empréstimos não se processam de fora para dentro, mas por meio de reações íntimas no próprio interior de uma determinada população. Há sempre a dominação de uma língua sobre a outra, embora seja marcada por termos emprestados da outra. No caso do bilingüismo, o falante dispõe de duas línguas e usará aquela que for mais conveniente naquele momento. Segue-se a fixação de uma das línguas. Assim, se a língua da cultura A domina a língua da cultura B, poderão ocorrer três hipóteses, segundo CARVALHO (1989:37):

- B desaparece; deixa um substrato em A;
- A desaparece; deixa um superstrato em B;

⁴Conforme DUBOIS (1988:356), o termo jargão é empregado para designar uma língua que julgamos deformada, incorreta ou incompreensível.

- permanecem as duas, trocando elementos, na condição de adstrato.

Um tipo de contato lingüístico que resultou em empréstimo íntimo e que será abordado pelo presente estudo é o da imigração alemã em nosso país. Os imigrantes influenciaram, com seus hábitos lingüísticos, as regiões onde se instalaram.

Outra classificação que leva em conta a origem dos empréstimos é aquela que os divide em diretos e indiretos (STAUB, 1983:64). Os primeiros vêm diretamente da língua fonte, como por exemplo:

- futebol (português), do inglês "football"
- chique (português), do francês "chic"
- kanivet (alemão de Lageado Antunes), do português "canivete"

Os empréstimos indiretos têm a língua doadora como intermediária no processo de adoção. Exemplo:

- humor (português), do francês humeur, pelo inglês humour.
- tchau (alemão de Lageado Antunes), do italiano ciao, pelo português tchau.

No falar de Lageado Antunes observamos vários empréstimos indiretos provenientes do italiano, via português. Eis alguns exemplos:

- pizza [pitsa], do italiano "pizza"
- lasanha [la'saNa], do italiano "lasagna"
- radice [ra'diSe], do italiano "radice".

WEINREICH (1968:47) classifica o empréstimo quanto à forma de adoção em simples e composto, completo e incompleto.

O simples é constituído de uma unidade lexical. São os mais numerosos no falar de Lageado Antunes. Exemplo: cabrito [ka`prit].

O composto é constituído de mais de uma unidade lexical. No falar de Lageado Antunes são pouco numerosos. Exemplo: área de serviço [`arja de ser`viso].

O completo ocorre quando a língua receptora do empréstimo adota o significante, com adaptações ou não, e o significado da língua doadora. Exemplo: mate [mat].

O incompleto pode ser assim chamado quando a língua receptora adota um novo significante para o significado já existente na língua. Exemplo: madame (francês) - senhora (português).

2.4.4 - Empréstimos não lexicais

TAKEUCHI (1980:1-2) define a língua como um conjunto convencionalizado dos sistemas fonológico, gramatical e lexical. Cada um desses sistemas possui um nível de estruturação que permite maior ou menor grau de interferência. Os sistemas fonológico e gramatical possuem poucos elementos, tornando-se fechados e solidários. Já o léxico é um sistema em expansão e, portanto, aberto às inovações.

Staub, em seu estudo sobre os empréstimos lingüísticos em São Martinho, estabelece o seguinte princípio:

"a força de relacionamento entre os elementos de uma estrutura está em relação inversa da quantidade dos elementos que constituem essa estrutura. Quanto maior o número de elementos que com-

põem a estrutura, tanto menor a força relacional que os une; quanto menor o número de elementos, tanto maior a força relacional em questão."

O princípio acima explica por um lado, a relativa facilidade com que elementos são acrescentados aos já existentes e, por outro lado, a dificuldade de infiltração de empréstimos nas estruturas fonológica e morfológica.

Para CARVALHO (1989:41), os empréstimos de fonemas são raros, ocorrendo apenas nas situações de bilingüismo. As adaptações fonéticas são feitas pela língua receptora dentro de seus padrões fonéticos. Nos exemplos "ciao" e "pizza" a pronúncia nas regiões onde não há influência italiana é [ˈsaw] e [ˈpiza] (e não [ˈtSaw] e [ˈpitza]). Os fonemas da língua doadora não se conservam na língua receptora e os falantes adaptam, à sua maneira, os fonemas estrangeiros. Exemplificando: "freezer" (inglês) tem o grupo vocábulo "ee" (equivalente [iy]) pronunciado [i] simples em português, sem diferenças de qualidade ou timbre; "slack" (inglês) foi adaptado para o português em [esˈlake].

Graf (1964, apud STAUB, 1983:111) justifica a raridade de empréstimos de fonemas pela economia linguística, ou seja, cada fonema é empregado o máximo de vezes. Desse modo, um número reduzido de fonemas pode produzir milhares de combinações. O empréstimo do fonema estrangeiro exigiria o seu emprego sistemático em todos os casos análogos. Os fonemas não são entidades independentes como os vocábulos. Há uma estreita correlação entre eles e qualquer perda ou acréscimo afetaria todas as combinações possíveis dos restantes ou pré-existentes.

Quanto aos empréstimos sintáticos (de construção), surgem sempre em forma de decalque e são mais observáveis na língua escrita.

Os empréstimos de elementos mórficos, embora raramente, aparecem em afixos e vocábulos.

Para HERMANN PAUL (1966:418), os empréstimos de desinências ou flexionais são raros sendo necessário um contato mais íntimo entre duas línguas.

SAPIR (1969:160) admite que é mais fácil eliminar uma estrutura gramatical do que alterar-lhe a integridade, mediante o uso de empréstimos.

No parecer de CÂMARA JÚNIOR (1977:257), a lingüística contemporânea já não se mostra tão radical em referência à impossibilidade de empréstimos de ordem gramatical. O primeiro princípio para que ocorra o empréstimo mórfico está condicionado à semelhança entre os dois sistemas mórficos postos em contato.

2.4.5 - Empréstimos lexicais

"O sistema lexical é a soma de experiências da sociedade e da sua cultura" (CARVALHO, 1989:30). Ele está sujeito às modificações impostas pela cultura, pelo avanço tecnológico, pelas descobertas, invenções e inovações em todos os campos do conhecimento e por conseguinte, é o mais frágil diante dos fenômenos das interferências.

Meillet (apud WEINREICH, 1968:56) afirma que, sendo o vocabulário de uma língua mais frouxamente estruturado do que o sistema fonológico ou a gramática, é o domínio por excelência dos

empréstimos.

Conforme SAPIR (1969:154), o tipo mais simples de influência que uma língua pode exercer em outra, é o empréstimo de vocábulos. Sempre que há empréstimo cultural, há probabilidade de empréstimo para os termos correspondentes.

O empréstimo surge da necessidade de designar novos objetos, pessoas, lugares e conceitos. No caso dos objetos, ao ser transferido de uma língua para outra, ele traz no bojo o próprio nome.

De acordo com CARVALHO (1989:43), a introdução de um termo consta de quatro fases:

Palavra estrangeira (existente na língua A)

Estrangeirismo (usado na língua B)

empréstimo

xenismo

(adaptação de qualquer tipo
na língua B)

(ausência de adaptação
para a língua B)

DAVID CRYSTAL (1985:183) apresenta os seguintes processos:

- "loan words": quando forma e significado são emprestados ou assimilados com adaptações ao sistema fonológico da nova língua. Ex.: caqui (português), [ˈkagi] (alemão de Lageado Antunes).

- "loan blends": quando o significado é importado, mas só parte da forma. Ex.: lata de lixo (português), [ˈliSoema] (alemão de Lageado Antunes).

- "loan shifts": quando o significado é importado, mas a forma é nativa. Ex.: espeto de churrasco (português), [ˈʃtɛgɐ] (alemão de Lageado Antunes).

- "loan translations": quando a tradução é feita item por item (processo também conhecido como "calco" ou "decalque"). Ex.: cobra-verde (português), [ˈkrɪnɛʃlɔŋ] (alemão de Lageado Antunes).

Dentro desta classe de empréstimos, WEINREICH (1968:51) diferencia ainda:

a) "loan translations" - "empréstimo traduzido literalmente"

O modelo é reproduzido exatamente, elemento por elemento. Ex.: cobra-verde (português), [ˈkrɪnɛʃlɔŋ] (alemão de Lageado Antunes).

b) "loan renditions" - "empréstimo interpretado"

O composto que serviu de modelo só fornece uma sugestão para a reprodução. Ex.: caçarola (português), [ˈaʃɛtɪbɛ] = panela de ferro (alemão de Lageado Antunes).

c) "loan creations" - "empréstimo criado"

Um termo é aplicado para criações que são estimuladas não por inovações culturais, mas pela necessidade de combinar designações disponíveis na língua materna. Ex.: pano de louça (português), [ˈapʊtslʊmbɛ] (alemão de Lageado Antunes).

Já HAUGEN (1950:112) apresenta uma tipologia para os empréstimos lexicais, onde identifica dois processos:

a) "importação": o empréstimo é bastante semelhante ao modelo e representa uma inovação para a língua receptora;

b) "substituição": o modelo é reproduzido inadequadamente, ou seja, substitui-se o modelo por um padrão similar na língua receptora.

Observando a dicotomia saussuriana "langue"/"parole", o empréstimo constitui um elemento da "langue", já socializado. O seu uso não mais depende de determinado grau de bilingüismo, mas está ao alcance de toda sociedade lingüística por ter ocorrido freqüentemente na linguagem e ter se tornado um hábito lingüístico. O estrangeirismo, por outro lado, faz parte da "parole", por ser de uso individual, particular. Todavia, para CARVALHO (1989:43), alguns empréstimos podem continuar como fatos da "parole" por não serem retomados em novos enunciados e outros poderiam tornar-se fatos da langue, pela freqüência de uso.

WEINREICH (1968:47) considera que a formação lexical de empréstimo a partir da interferência de um vocabulário em outro pode ocorrer por:

1. transferência de morfemas de A para B;
2. morfemas de B, usados em nova função designativa, conforme o modelo das morfemas de A, com cujo conteúdo se identificam;
3. elementos compostos que podem apresentar a combinação de 1 e 2.

Para DUBOIS (1988:210), a integração da palavra na língua receptora se faz das mais diversas maneiras, de acordo com os termos e as circunstâncias. Ela comporta diferentes graus:

- a palavra pode ser reproduzida quase como se pronuncia na língua B (língua doadora). Todavia, mesmo nesse caso, geralmente, há assimilação dos fonemas da língua B aos fonemas mais

próximos da língua A. Ex.: timbauba [tempa`uve].

- quando a integração está a um nível mais avançado, só alguns traços muito frequentes da língua B são conservados. Exs.: o afixo inglês - "ing" (camping) e o afixo -ce do alemão de Lageado Antunes.

- a integração é total quando todos os traços estranhos a A desaparecem e são substituídos por traços mais ou menos vizinhos ou não de B. Ex.: açougueiro - [aso`gero] e sorvete - [sor`vete]

Convém ainda definir a posição dos neologismos em relação aos empréstimos lexicais.

Os neologismos "são palavras ou expressões novas que se introduzem ou tentam introduzir-se na língua" (COUTINHO, 1974:215).

JOTA (1976:220) define o neologismo como "palavra ou construção de criação recente".

Para DUBOIS (1988:431), denomina-se neologismo "toda palavra de criação recente ou emprestada há pouco de outra língua, ou toda acepção nova de uma palavra já antiga".

Já para CÂMARA JÚNIOR (1964:244), neologismos são "inovações lingüísticas que se firmam numa língua dada". Podem ter como origem: a formação com elementos da própria língua e os empréstimos que, no momento da penetração na língua receptora, constituem neologismos.

2.4.6 - A adaptação dos empréstimos

Por adaptação do empréstimo entendem-se as modificações que o mesmo sofre ao passar da língua doadora para a língua receptora.

Conforme Gleason (1955, apud STAUB, 1983:97), o empréstimo é um processo não sistemático, ou seja, é difícil prever as adaptações que o modelo sofre na língua receptora. Poucas vezes são preservadas todas as características do modelo. Em geral, este se adapta aos padrões lingüísticos da língua receptora.

Às vezes, as adaptações em empréstimos são mínimas e limitam-se à permuta de um fonema, ao deslocamento ou à mudança acentual. Os empréstimos que são totalmente aceitos são limitados e conhecidos como empréstimos "puros". Pode ocorrer também o fenômeno denominado "hibridismo". Empréstimos híbridos são aqueles compostos de elementos provenientes de duas línguas diferentes:

Ex.: [apa`kate] (português) + [pom] (alemão) - abacateiro

[sis] (alemão) + [pa`tade] (português) - batata doce

[nis] (alemão) + [polo] (português) - bolo de amendoim

Outros vocábulos ainda tornam-se irreconhecíveis em relação ao modelo. Para FAUSEL (1953:57), em alguns casos ocorre a queda do prefixo, originando, do restante, uma palavra autônoma. Por exemplo, o termo abóbora sofre a queda do prefixo "a" e passa para "Bower" o que torna o empréstimo praticamente irreconhecível.

Sheard (1954, apud STAUB, 1983:102) explica esse fato, dizendo que nas primeiras interferências o bilíngüe, em vez de entender o modelo da língua doadora do empréstimo associa o mes-

mo, ou parte do mesmo, a uma forma ou a formas conhecidas. Trata-se da "analogia", ou seja, "princípio pelo qual a linguagem tende a uniformizar-se, reduzindo as formas irregulares e menos frequentes a outras regulares e frequentes" (COUTINHO, 1974:150).

Seja qual for a forma de adaptação utilizada, o empréstimo recebe a coloração e a aparência da língua receptora. Para CÂMARA JÚNIOR (1977:254), a tendência geral dos empréstimos vocabulares é adotarem a fisionomia mórfica da língua importadora. FAUSEL (1959:58) afirma que há uma série de "erros" de pronúncia e abstandamentos, os quais dão aos empréstimos uma aparência germânica, como por exemplo: "linjasche", "aniagem", "schtrupiade", "estropiado", "makreade", "malcriado", entre outros.

Para CARVALHO (1989:46), os empréstimos, após haverem sofrido uma adaptação fonológica, feita pelos próprios falantes sem nenhuma preocupação de fidelidade à linguagem fonte, são tratados como radicais vernáculos, servindo para a formação de novos termos nos processos de derivação e composição. Ex.: surf + ista (surfista); mini + cassete.

Depois de efetuadas as adaptações, o falante não estranha o termo adotado, embora alguns puristas e gramáticos não o aceitem, chamando a atenção para os "barbarismos" ou estrangeirismos, inclusive propondo novos termos formados com elementos da própria base. Mas, "a língua é feita pelo povo, pelo uso e não pelo esforço dos gramáticos" (CARVALHO, 1989:47).

Um termo estrangeiro deixa de sê-lo quando não é mais percebido como tal. Se na escrita ele conservar sua forma de origem, sempre será sentido como elemento estranho. Entretanto, mesmo que não ocorra uma adaptação a nível escrito, ela se dará a

nível fonológico. No caso do falar de Lageado Antunes, por existir apenas na oralidade e não na modalidade escrita, todo termo português, logo é integrado ao seu léxico, com ou sem adaptações, sem sofrer restrições.

2.4.7 - Causas ou motivos do empréstimo

As línguas mudam incessantemente pela sua própria natureza e pelo contato com outras línguas, o que ocasiona os empréstimos. Conforme CARVALHO (1989:36), as causas dos empréstimos podem ser divididos em dois grupos:

- aqueles decorrentes do contato interpessoal da convivência dos falantes;
- aquelas decorrentes dos contatos à distância, mediados por canais artificiais.

Entre as primeiras estão a proximidade territorial, a colonização de um povo por outro, como, por exemplo, a colonização alemã no sul do Brasil e as guerras de conquistas. Entre as segundas, estão a influência e a intervenção política e cultural. Ex.: o inglês nos países sul-americanos.

Hockett (1958, apud STAUB, 1983:67) aponta dois motivos principais para o empréstimo:

1. O motivo do prestígio - DUBOIS (1988:210) afirma que o empréstimo se liga necessariamente ao prestígio de que goza uma língua ou o povo que a fala.

Para HERMANN PAUL (1966:41), a nação que tiver uma supremacia decisiva sobre a outra, quer pelo volume da sua população,

quer pelo poder político e econômico ou pela superioridade espiritual, então o emprego de duas línguas estender-se-á cada vez mais, às custas da outra. De acordo com WILLEMS (1980:221), "a razão mais forte de tantos empréstimos lingüísticos reside no prestígio que se atribui ao vernáculo e às pessoas que o sabem falar".

2. **O motivo da necessidade** - O empréstimo tem sua origem na necessidade de nomearmos objetos, idéias, conceitos e operações até então desconhecidos ou inexistentes. Desse modo, o empréstimo preenche lacunas existentes na língua receptora com recursos provenientes da língua fonte. Conforme HERMANN PAUL (1966:411), a necessidade é o primeiro motivo da adoção de palavras de origem estrangeira. De acordo com isso, adota-se palavras para conceitos que ainda carecem de designação na língua materna. Aquele que as emprega não tem, em regra, a intenção de torná-las usuais, mas satisfaz a uma necessidade momentânea da comunicação. BOSSMANN (1953:99), igualmente vê na limitação do vocabulário da língua dos primeiros imigrantes insuficiência para designar a nova realidade.

WEINREICH (1968:57) também aponta a razão da necessidade de empréstimos afirmando que a opção por eles pode advir do motivo de economia. Além disso, fatores lingüísticos internos como a baixa frequência de uso, a homonímia e a perda da força expressiva de alguns vocábulos podem levar a adoção de um termo estrangeiro.

WILLEMS (1980:195) apresenta três motivos principais que levaram ao uso de empréstimos nas comunidades teuto-brasileiras:

1. as lacunas existentes no léxico alemão, decorrentes das diferenças entre o meio físico europeu e brasileiro;
2. a heterogeneidade cultural e lingüística dos imigrantes;
3. a simbiose com grupos culturais diferentes.

Os colonos, descendentes de imigrantes alemães, que povoaram Lageado Antunes herdaram o vocabulário de seus antepassados gaúchos. Os empréstimos portugueses hoje usados na comunidade tiveram origem no Rio Grande do Sul, motivados, em grande parte, pela necessidade.

2.4.8 - Resistência ao empréstimo

Em relação aos empréstimos, conforme HERMANN PAUL (1966:412), as coisas passam-se de modo semelhante ao dos neologismos. Aquele que, pela primeira vez, os emprega não tem em regra a intenção de torná-los usuais. Mas quando tal emprego se repete, torna-se gradualmente habitual, até ser integrado totalmente na outra língua.

Entretanto, o empréstimo lingüístico nem sempre é bem aceito pelos falantes de uma língua. Em geral seus hábitos fonéticos criam dificuldades à importação de termos num primeiro momento. Também o orgulho nacional estimulado por políticos e gramáticos pode opor-se à sua penetração.

No presente século, conforme STAUB (1983:72), o aspecto da pureza lingüística foi levado ao exagero por ditadores que

procederam a uma verdadeira caça aos falantes de determinadas línguas. Na Alemanha de Hitler, por exemplo, purificar a língua alemã através da extinção de termos não-germânicos era considerado uma atitude plausível de um patriota. No Brasil de Getúlio Vargas, a Campanha de Nacionalização do Ensino de 1945 deixou profundas marcas até a década de 70, quando foi reintroduzido o ensino de línguas estrangeiras no currículo escolar.

Na França, os empréstimos de origem anglo-americana têm sofrido sérias restrições. Segundo MORTUREUX (1987:250), é útil para interpretar e vencer estas resistências, examinar o funcionamento do próprio sistema lexical.

Para CARVALHO (1989:27), "nem todas as inovações são aceitas porque a adoção é uma seleção e normalmente se aceita aquilo que é funcional e certo, correspondendo a uma necessidade estética, social ou funcional da comunidade".

O uso do decalque ou da tradução literal tem sido o processo mais utilizado para vencer esta resistência, conforme CARVALHO (1989:43). Ex.: cobra-verde - [ˈkrineʁaɲe]

fogão à lenha - [ˈholtsofe]

chinelos de dedo - [ˈtseʁabe]

Em Lageado Antunes, os empréstimos lingüísticos oriundos do português parecem não sofrer nenhuma restrição. Os termos parecem surgir e ser integrados aos poucos, sem problemas de rejeição. Os empréstimos não foram impostos. Ao contrário, eram buscados pelos colonos para suprirem suas necessidades.

2.4.9 - Conseqüências do empréstimo

Quando importamos termos, importamos também conceitos e valores. Para HERMANN PAUL (1966:419), "... as mesmas influências culturais que originaram a importação de vocabulário estrangeiro introduzem também ideologias estrangeiras, envoltas em roupagem nacional".

Os empréstimos pressupõem uma interpretação e uma adaptação à estrutura da língua receptora. Neste sentido, todo empréstimo é gerador de estruturas fônicas, morfológicas, sintáticas e semânticas novas. Assim o falante adapta a seu sistema um elemento de um sistema diverso. De acordo com CARVALHO (1989:74), "a passagem pelo empréstimo lexical, de uma língua a outra, de noções a termos, introduz na língua receptora um microsistema linguístico novo".

Para STAUB (1983:76), o uso de empréstimos leva à transformação de uma estrutura quando ocorre uma reorganização de oposições distintivas pré-existentes. O autor exemplifica dizendo que certamente havia, no "Hunsrück" falado na Alemanha, uma distinção entre farinha de trigo [ˈvajsmel] e farinha de cevada [ˈkonmel]. A introdução do empréstimo híbrido [ˈmiljemel], farinha de milho, reorganizou as oposições distintivas pré-existentes.

WEINREICH (1968:53-54) considera que a designação de objetos recém-inventados ou importados constitui pura adição ao vocabulário e não tem efeito sobre o vocabulário já existente. "Exceto para empréstimos com conteúdo totalmente novo, a transferência ou reprodução de palavras estrangeiras pode afetar o vocabu-

lário existente de três maneiras:

1. confusão entre o conteúdo da palavra nova e da antiga;
2. desaparecimento da palavra antiga;
3. sobrevivência de ambas, a nova e a antiga, e especialização no conteúdo" (WEINREICH, 1968:54).

O uso de empréstimos numa língua equivale mais do que o simples acréscimo de elementos novos à cultura de um povo. Segundo Linton (apud WEINREICH, 1968:5), também provoca o desaparecimento de aspectos culturais anteriormente existentes, bem como a modificação e a organização de outros. STAUB (1983:77) exemplifica a substituição de um dos aspectos culturais dos habitantes do "Hunsrück", que era o consumo de vinho que, pouco a pouco, foi desaparecendo no Rio Grande do Sul, sendo introduzido, em seu lugar, o hábito de tomar chimarrão.

O verbo alemão "trinken", usado com Wasser ['vaser], Wein ['vajn], etc., em Lageado Antunes passou à forma ['tringe] e é usado com chimarrão e outros empréstimos.

Enfim, o número de termos que uma língua possui e as regras que regem seu léxico podem ser modificados como consequência do uso de empréstimos.

3 - DADOS HISTÓRICOS E ETNOLINGUÍSTICOS

3.1 - Povoamento do Oeste Catarinense

Segundo Folador¹, na época da descoberta, o Brasil era povoado por índios. A região do oeste de SC não fugia à regra e nela habitavam os tupis, caiganges e guaranis. Até o final do século XIX, a parte conhecida do Oeste Catarinense, pelo homem civilizado, resumia-se à rota de Palmas - Campo Erê - Barracão e Palmas - Chapecó - Goio-En. O restante era mata virgem.

A região estava completamente despovoada, o que despertou a cobiça da Argentina, país independente da Espanha, desde 1816. O Brasil, então, tratou de povoar as terras contestadas, fundando a colônia militar de Chapecó, em 1881, sob o comando do engenheiro José Bernardino Bormann. Como não se verificou, por parte da

¹Dados extraídos do livro História de São Lourenço D'Oeste e do Oeste Catarinense, de João David Folador, São Lourenço D'Oeste, Tipografia Cruzeiro, 1988.

Argentina, qualquer movimento no sentido de povoar o território reivindicado, estas terras não poderiam ser consideradas o prolongamento da Província de Misiones, de onde a questão e o território tomaram o nome. Além disso, conforme o tratado de Madrid, assinado em 1750, o território correspondia à efetiva posse dos portugueses, e conseqüentemente do Brasil, em virtude das conquistas dos bandeirantes paulistas obtidas no século XVII na questão das Missões de Guairá. "O povoamento como um fato e os tratados de limites já existentes como sendo o direito internacional aplicável ao caso, favoreciam o Brasil" (FOLADOR, 1988:15).

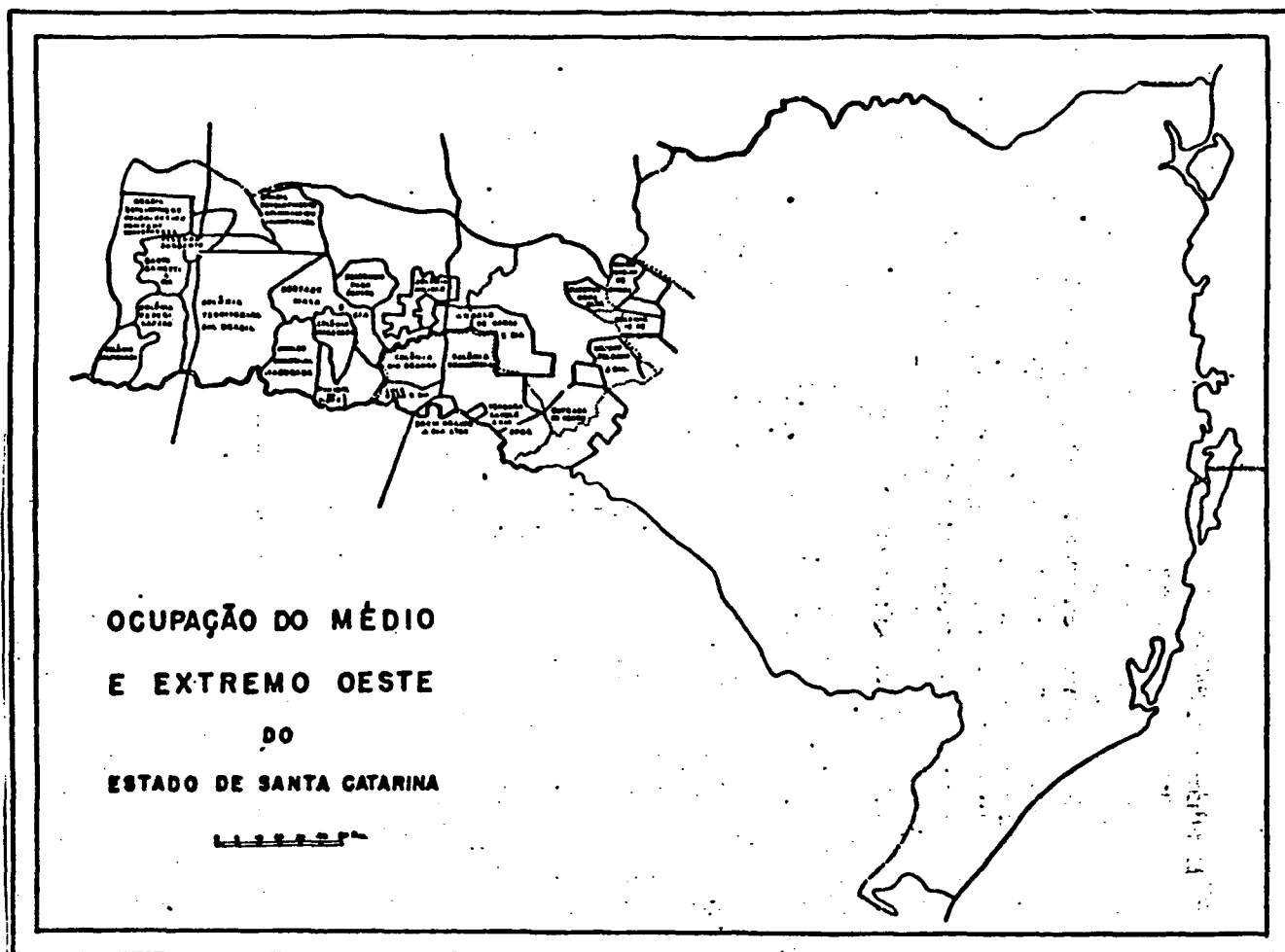
Terminada esta questão, começou a questão do Contestado entre os Estados do Paraná e de Santa Catarina. Contestado era denominado o território compreendido entre o rio Uruguai e o rio Iguaçú, desde a divisa da Argentina com o Brasil até aproximadamente Curitiba. A guerra ocorreu dentro da área disputada, ou seja, em torno de 50 mil quilômetros quadrados a leste do Contestado. Para instalar a ordem político-administrativa, o governo de Santa Catarina criou os municípios de Mafra, Porto União, Joaçaba e Chapecó pela Lei nº 1147 de 15/08/1917.

Resolvidas as questões de limites e criados os quatro novos municípios no ex-contestado e, conseqüentemente, a de suas comarcas judiciárias, paróquias e escolas, estavam abertos os caminhos para o desenvolvimento do Oeste Catarinense. Chapecó na época, apresentava uma superfície equivalente a 14.000 km² de terras férteis, matas e pinhais. Paulatinamente era explorada a costa do rio Uruguai. Também o rio do Peixe, com a abertura da estrada de ferro, atraía os colonos gaúchos. Formava-se uma cor-

rente migratória com descendentes de alemães e italianos que se deslocava do RS e avançava, cada vez mais, para o norte fundando novos povoados. Assim, o imenso município de Chapecó começava a ser dividido em distritos.

O Oeste Catarinense foi literalmente "invadido" por colonos gaúchos. As terras do RS estavam esgotadas e a população havia crescido muito. Era preciso ir em busca de novas terras. E o Oeste de SC podia oferecer terras férteis, matéria-prima para a principal atividade econômica dos gaúchos descendentes de imigrantes, assim como matas e pinhais tentadores.

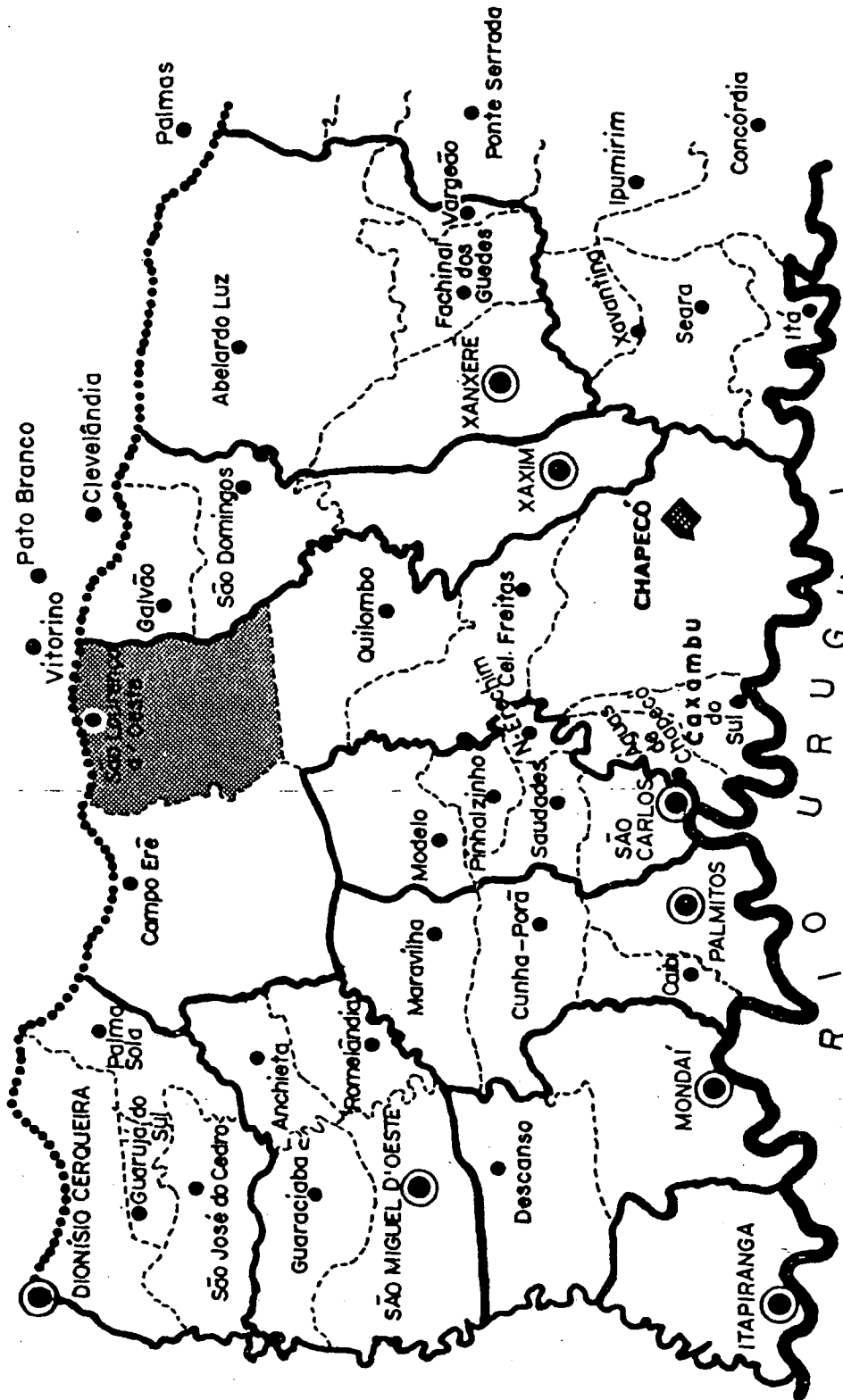
A primeira e principal atividade econômica da região fora o transporte de madeira em balsas sobre o rio Uruguai para a Argentina. Tal atividade foi intensificada nos anos 30, desaparecendo logo a seguir, aos poucos, com a introdução do caminhão como meio de transporte. Além da madeira, exportava-se a erva-mate, que existia ali em abundância. Com a chegada dos colonos gaúchos, a principal atividade passou a ser a agrícola e a pastoril. Em questão de 25 a 30 anos, as grandes florestas da região, ricas em cedro, grápia, louro e cabriúva, foram eliminadas. Em seu lugar ficaram os povoados, que nasceram e prosperaram no que poderíamos denominar de "ciclo da madeira". E o velho Chapecó passava a sofrer desmembramentos. Só no ano de 1953 foram criados, dentro de sua vasta área, oito novos municípios. Entre 1953 e 1965 ocorreram 34 emancipações municipais, a partir de distritos já existentes. Uma delas foi a de São Lourenço d'Oeste.



FONTE: PIAZZA, Walter Fernando. Santa Catarina: sua história.
Florianópolis: Editora da UFSC/Editora Lunardelli,
1983. p.537.

REGIÃO OESTE E DO EXTREMO OESTE

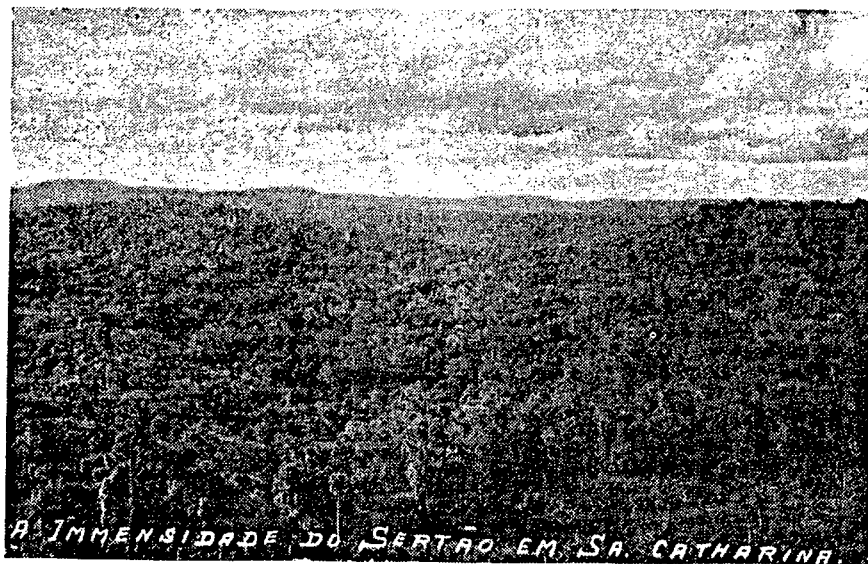
P A R A N Á



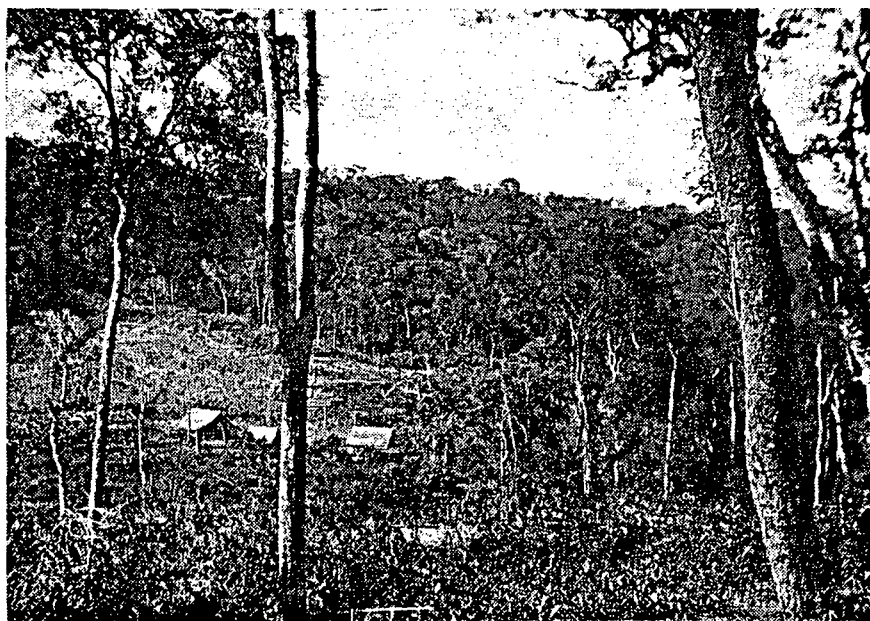
R I O G R A N D E D O S U L

São Lourenço D'Oeste

FONTE: FOLADOR, João David. História de São Lourenço d'Oeste e do Oeste Catarinense. São Lourenço d'Oeste: Tipografia Cruzeiro, 1988. p.33.

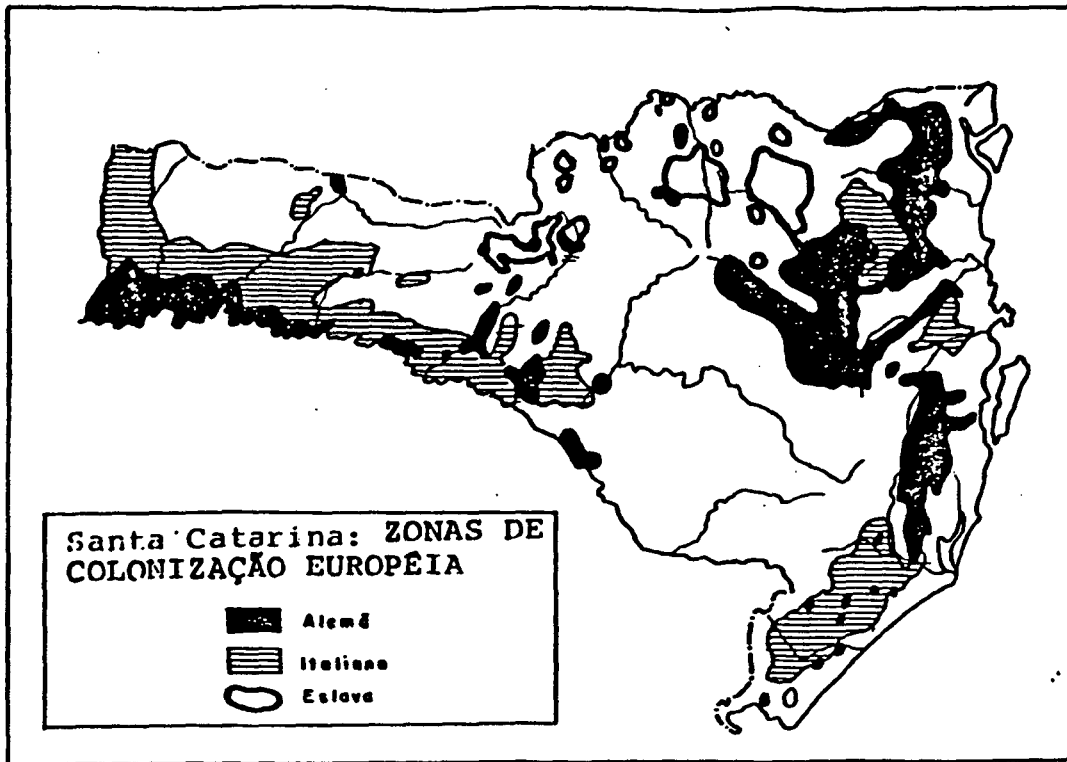


O IMENSO SERTÃO

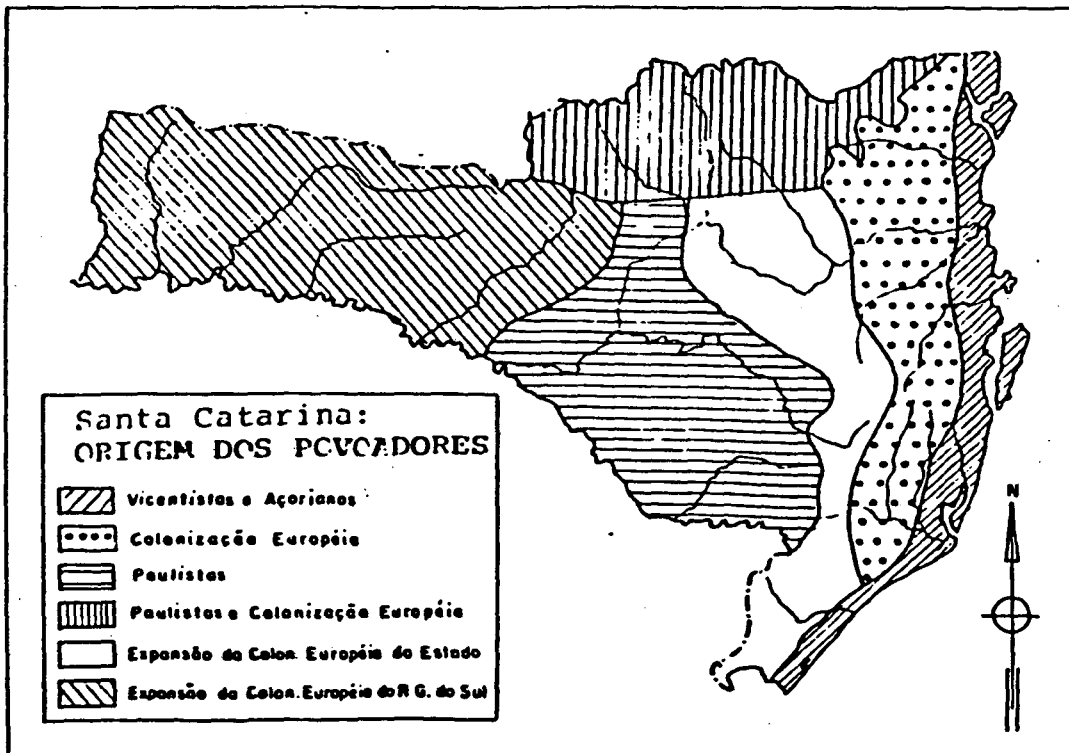


PRIMEIRAS PROPRIEDADES DE COLONOS LOCALIZADAS ENTRE OS RIOS CHA-
PECÓ E PEPERI-GUAÇU.

FONTE: KOELLN, Arno. Porto Feliz. São Leopoldo: Rotermond,
1980.



FONTE: FURLAN, Oswaldo Antônio. *Influência açoriana no português do Brasil em Santa Catarina*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1989. p.232-233.



3.2 - Povoamento do Município de São Lourenço d'Oeste

O lugar onde hoje se localiza São Lourenço d'Oeste era habitado por caboclos antes mesmo de 1900². Segundo FOLADOR (1988:37), "há mais de um século, exploradores, aventureiros, mercadores de erva-mate e tropeiros palmilhavam o caminho das 'picadas' e 'picadões' (...) ao longo do qual ergueram ranchos, aqui e acolá, especialmente em pontos de 'pouso' de tropas". O domínio do caboclo chegou ao fim com a vinda dos descendentes de imigrantes alemães e italianos, a partir de 1948.

Quase todo o Oeste do estado de Santa Catarina foi colonizado por empresas ou companhias de colonização constituídas por particulares. Na colonização de São Lourenço d'Oeste destacou-se a Empresa Colonizadora e Industrial Saudades, constituída em fins de 1948, com sede em Chapecó, e integrada por 21 sócios. O patrimônio da Empresa Saudades consistia de aproximadamente 1.600 colônias de terras cobertas de matas e pinhais. As terras que pertenceram à Empresa chegaram a cobrir mais da metade da superfície do atual município de São Lourenço d'Oeste. A empresa foi responsável pela abertura de estradas, por inúmeras doações de terrenos e madeira para a construção de capelas, escolas e repartições públicas, estaduais e municipais, bem como pela instalação da primeira indústria da região, uma serraria.

Quando da chegada dos primeiros colonos em 1948, o atual São Lourenço d'Oeste era denominado "Bracatinga". O nome surgiu

²Dados extraídos da obra intitulada História de São Lourenço d'Oeste e do Oeste Catarinense, de Folador, João David. São Lourenço d'Oeste: Tipografia Cruzeiro, 1988.

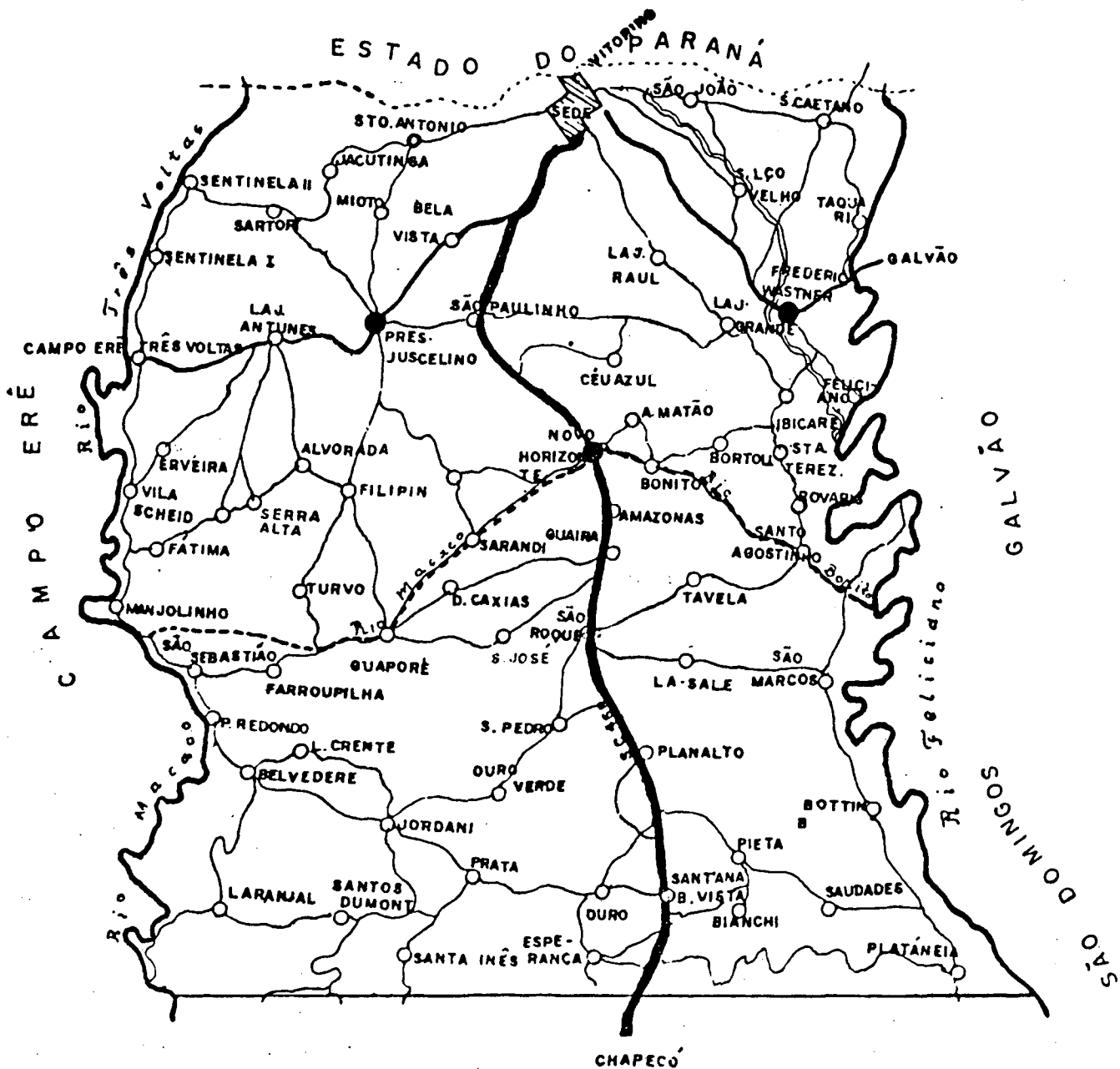
com a construção do "barracão da Empresa Saudades", feito de bracinga, árvore semelhante à acácia, abundante no lugar. Antes disto, o local ainda chamou-se Catanduva, por existir ali um tipo de vegetação mista e baixa, assim denominada. São Lourenço d'Oeste passou a ser assim chamado com a fundação da paróquia de São Lourenço. Prevaleceu o nome do Santo, que tinha precedentes históricos. Uma expedição de reconhecimento do território oriunda de Palmas (PR) com destino à Argentina acampara às margens do rio no dia de São Lourenço.

Conforme o Censo Demográfico de 1960, a população de São Lourenço d'Oeste era constituída de 7.857 pessoas, das quais 6.022 não eram naturais do município.

No povoamento de São Lourenço d'Oeste destacaram-se duas correntes migratórias: uma do litoral catarinense e outra das "velhas" colônias do RS. Nos primeiros anos, ou seja, de 1948 a 1953, houve um equilíbrio entre ambas as correntes. Porém, depois de 1953 os colonos de origem gaúcha e de "fala" italiana ou alemã chegaram em um número infinitamente superior. Passar do litoral atlântico para as matas do Oeste, em lugares longínquos, sem estradas, longe dos recursos da civilização, não constituía tarefa fácil. Entretanto, para os riograndenses, carentes de terras novas e sofrendo certa pressão demográfica, o momento era oportuno. Os gaúchos chegaram e impuseram seu modo de vida sob todos os aspectos: economia de subsistência familiar baseada na pequena propriedade rural, música, danças, hábitos alimentares, linguagem e costumes.

Decididamente os gaúchos foram os responsáveis pelo progresso que logo se fez presente no local, que em 1951, sob o nome

SÃO LOURENÇO D'ESTE



FORTE: FOLADOR, João David. História de São Lourenço d'Este e do Oeste Catarinense. São Lourenço d'Este: Tipografia Cruzeiro, 1988. p.43.

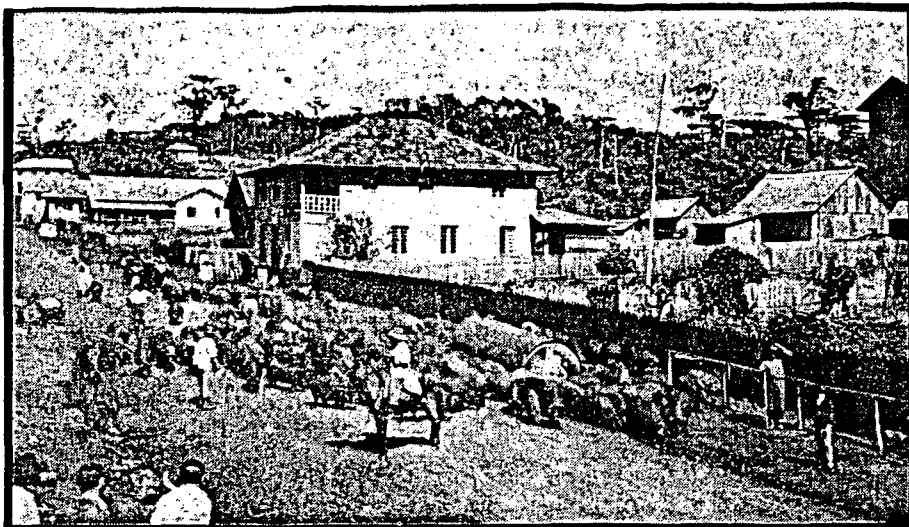


Vemos acima a Avenida Brasil. À direita, abaixo da rua Nereu Ramos, temos: na esquina, o atual Corujão(1), construído em 1954 pelos irmãos Giglio Rezzieri e Albino Rezzieri; a seguir, o hotel do Marcon, vendido depois a Markendoff; casa de dois andares de Edmundo Lara(2), sede inicial do CRA; casa e ferraria de Maximiliano Negri e residência de Edmar Hack. A foto é de 1956. À esquerda, casa de Artur Follmonn(3).

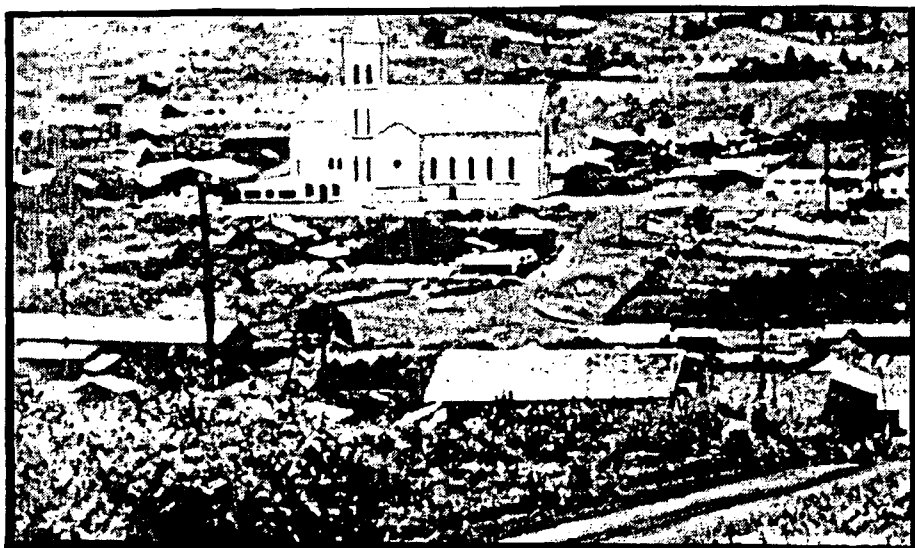


Festa da instalação do distrito de "São Lourenço". Na foto: Arnaldo Mendes, em pé, discursando, tendo a seu lado esquerdo o Juiz de Direito da Comarca de Chapecó, Dr. Aderbal Alcântara, seguido de Elgydio Lunardi e Gentil Bellani. Na praça da Igreja Matriz.

FONTE: FOLADOR, João David. História de São Lourenço d'Oeste e do Oeste Catarinense. São Lourenço d'Oeste: Tipografia Cruzeiro, 1988. p.91 e 105.



Avenida Brasil. Escritório da Empresa Saudades. Foto de 1955. A "tropa de suínos" foi arrebanhada pela firma Libardoni, no interior de São Lourenço d'Oeste. O porco vendia-se por metro. Era criado solto e engordado também solto nas roças de milho, na época da safra. Depois de "criado" o porco era "tropeado" para os centros de venda: Ponta Grossa, Porto União e Castro, no Paraná. A falta de meios de transporte impunha essa prática, que somente foi extinta com a vulgarização do caminhão de carga. Em todo o Oeste Catarinense a suinocultura somente conhecia este método.



Serraria da Empresa. é a primeira de São Lourenço d'Oeste. Forneceu madeira para a construção de quase toda a vila e depois município de São Lourenço d'Oeste.

FONTE; FOLADOR, João David. História de São Lourenço d'Oeste e do Oeste Catarinense. São Lourenço d'Oeste: Tipografia Cruzeiro, 1988. p.54-55.

de São Lourenço, já era distrito de Chapecó. E, evoluindo sempre mais conquistou autonomia política, através da lei nº 348, de 21 de junho de 1958.

3.3 - São Lourenço d'Oeste hoje³

São Lourenço d'Oeste situa-se na microrregião do Oeste e faz parte da AMOSC - Associação dos Municípios do oeste de Santa Catarina. O município possui uma área de 585 km² e dista 105 km de Chapecó e 703 de Florianópolis. É banhado pelos rios Três Voltas, São Lourenço e Feliciano, além de outros menores.

A população atual do município aproxima-se dos 23 mil habitantes. Segundo estimativas do PIDSE (Programa Integrado do Desenvolvimento Sócio-Econômico, 1990:11), no período de 70/89, a população rural cresceu apenas 28%, enquanto que a população urbana cresceu 392%. Mesmo assim, o maior contingente de lourencianos ainda vive no campo, representando 57% da população total contra 43% da urbana. O incremento da população urbana relaciona-se com a abertura do mercado de trabalho propiciada pela expansão dos setores secundário e terciário - indústria, comércio e prestação de serviços.

O desenvolvimento industrial de São Lourenço d'Oeste bem como de toda região Oeste de Santa Catarina, é bastante recente. Inicialmente voltado ao aproveitamento direto das reservas nati-

³Dados fornecidos pela Prefeitura Municipal em 1990 e extraídos do PIDSE - Programa Integrado de Desenvolvimento Sócio-Econômico-Diagnóstico Municipal de São Lourenço d'Oeste. Florianópolis, SEPLAN, 1990.

vas de madeiras, a base industrial do município foi implantada através de madeireiras e fábrica de móveis. Com o esgotamento das reservas florestais iniciou-se processo de diversificação a partir do processamento de gêneros alimentícios. Posteriormente, outros empreendimentos instalados na área da metalurgia, vestuário, calçados e laticínios.

As atividades do comércio e prestação de serviços refletem o crescimento do setor agropecuário e do desenvolvimento industrial do município. A grande representatividade das atividades agrícolas e da pecuária levou à implantação de estabelecimentos comerciais tais como: revendas de máquinas e implementos agrícolas, comercialização de insumos, serviços de assistência técnica, revendas de peças, reparação de máquinas, etc. Por outro lado, exatamente por se tratar de uma economia baseada principalmente na agropecuária, o setor terciário também reflete as dificuldades e a crise do trabalho no campo, que advém da oscilação dos mercados dos insumos e dos produtos, da política de preços mínimos e das intempéries.

Entretanto, o desenvolvimento econômico de São Lourenço d'Oeste está diretamente relacionado ao setor primário. Existe um expressivo predomínio de minifúndios com aproximadamente 97% das propriedades possuindo menos de 50 hectares. A partir de 1970 nota-se um aumento no número de propriedades com menos de 20 hectares, consequência de divisões de herança. Tal estrutura agrária favorece o desenvolvimento de lavouras de ciclo de vida mais curto, da produção de leite e da criação de pequenos animais.

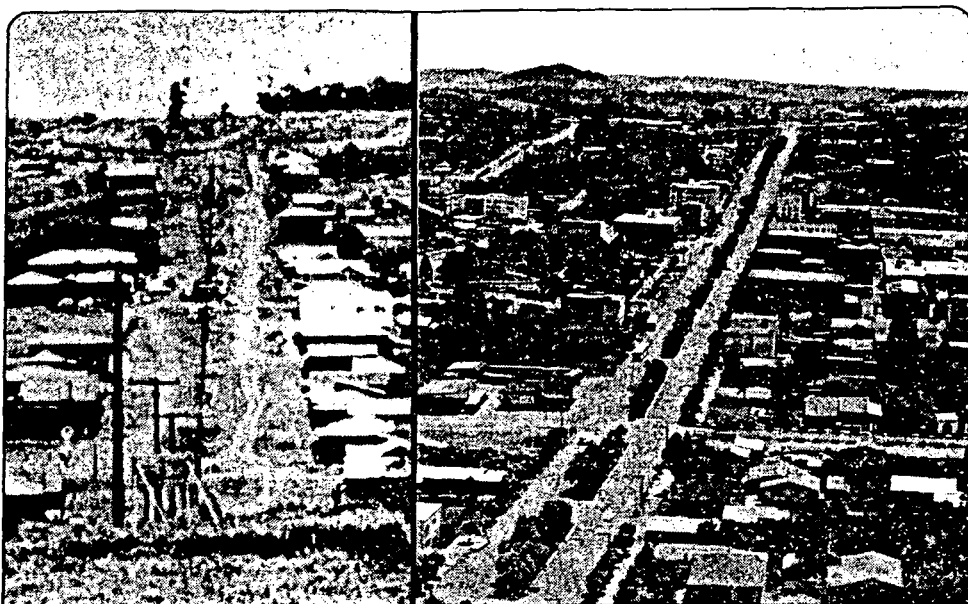
Quanto à produção agrícola, São Lourenço d'Oeste destaca-se pela diversificação de culturas e apresenta alguns produtos

que são representativos na microrregião pelo volume: milho, feijão, mandioca e cana-de-açúcar. Paralelamente às culturas principais encontram-se outras que são destinadas ao consumo familiar, sendo comercializados apenas os eventuais excedentes.

Com relação à produção pecuária, a bovinocultura é a mais representativa, seguida pela suinocultura. Em virtude disto, observa-se um acréscimo das pastagens plantadas. E o leite já constitui importante fonte de renda para o pequeno agricultor.

Na área da educação, o município dispõe de 46 escolas municipais de 1ª a 4ª séries e 19 pré-escolas e creches; 22 Escolas Estaduais Isoladas de 1ª a 4ª séries, 8 Escolas Básicas Estaduais de 1ª a 8ª séries, e uma Escola Estadual de 1º e 2º Graus. Na rede particular de Ensino, funcionam 2 escolas de 1ª a 4ª séries e uma escola de 2º Grau da CNEC. Aquele que deseja freqüentar um curso superior precisa deslocar-se para Chapecó ou para os municípios de Pato Branco ou Palmas, no Paraná.

Embora São Lourenço d'Oeste se configure como um pequeno município em desenvolvimento, significativos eventos como o FLIC (Festival Lourenciano da Composição e Interpretação da Canção), FEMUSEM (festival da Música Sertaneja), FAISLO (Feira da Indústria, Comércio e Agropecuária), Rodeio Estadual no CTG Amizade Sem Fronteiras, além da festa do Leitão e de São Lourenço (Padroeiro da cidade), são realizados anualmente, atraindo a população de toda região Oeste de Santa Catarina e do Sudoeste do Paraná.



Avenida Brasil - 1965

Av. Brasil - 1987



*Vista parcial de São Lourenço d'Oeste - Dez./87.
Em franco desenvolvimento*

FONTE: FOLADOR, João David. História de São Lourenço d'Oeste e do Oeste Catarinense. São Lourenço d'Oeste: Tipografia Cruzeiro, 1988.

3.4 - A localidade de Lageado Antunes

Lageado Antunes⁴ - comunidade rural do município de São Lourenço d'Oeste - dista cerca de 15 quilômetros da sede. É limitada ao Norte pela linha Sentinela I, ao Leste pelo distrito de Presidente Juscelino, ao Sul pelas linhas Erveira e Alvorada e, a Oeste, por Três Voltas.

Os primeiros moradores, quase todos descendentes de alemães, chegaram à localidade hoje conhecida como Lageado Antunes em 1953. Aceno Kuhn, Beno Kunz, Domingos Dobler, José Pereira, Alfredo Kolling, Vilibaldo Bremm e Helmuth Klöckner vieram, com suas famílias, de Estrela, Lageado, Crissiumal e Três Passos, no Rio Grande do Sul. Algumas famílias descendentes de italianos não tardaram a chegar. Hoje 97 famílias constituem a população da comunidade em estudo.

Ao longo do lajeado que corta a localidade, habitavam os caboclos conhecidos como "Antunes". Segundo o depoimento dos moradores Aceno Kuhn e Helmuth Klöckner⁵, tratava-se de cinco irmãos com famílias numerosas. Viviam em ranchos de chão batido cobertos de tabuinhas e rodeadas de tábuas lascadas a machado. Num canto do rancho faziam um fogo no chão sobre o qual penduravam a panela em que era feita a canjica. Junto também encontrava-se um monjolo onde era feita a farinha de biju⁶, extraída do milho, que

⁴Os dados foram colhidos através de entrevistas com os moradores, pois não existe nada publicado sobre a localidade, a não ser o relato em anexo, p.258.

⁵Aceno Kuhn reside no mesmo local em que se instalou em 1953. Helmuth Klöckner passou a residir na cidade de São Lourenço d'Oeste, a partir de 1983, onde faleceu em 14/02/1992. Os demais moradores já faleceram ou mudaram-se.

⁶Segundo os moradores, o milho era colocado numa tina com água por 2 ou 3 dias. Após o mesmo era lavado e passado no monjolo.

constituía o seu alimento básico e diário.

Aceno Kuhn, o primeiro colono gaúcho a fixar residência na localidade, relatou-nos sobre os contatos mantidos com os caboclos Antunes. Como não havia comércio nas redondezas, os gêneros de primeira necessidade eram produzidos pelos próprios colonos. Outros produtos eram adquiridos através do sistema de troca-troca com os caboclos, como por exemplo: o colono dava banha (gordura suína) e em troca recebia erva. Todavia a intensificação de contatos entre colonos e caboclos deu-se com as chamadas "empreitadas" em que o caboclo era contratado para roçar e assim preparar a terra para o plantio. Para todo e qualquer contato, era utilizada a língua portuguesa.

Com a aquisição de mais terras pelos colonos riograndenses, os caboclos Antunes tiveram que ir retirando-se. Eles se foram à procura de novas terras para morar e explorar, sem oferecer resistência alguma. Mas o seu nome resistiu e permanece até hoje. Conta-se que por volta de 1960 houve uma tentativa de substituir o nome da localidade para "Linha Gaúcha" já que todos os moradores da época eram gaúchos. Mas prevaleceu, por motivos políticos, o nome já aceito.

As famílias eram, e são até hoje, todas católicas. Por isso, não tardou a chegada de um padre. Foi o capuchinho Frei Fidélis que rezou a primeira missa na casa de José Pereira, ainda em 1953. Mais tarde, Frei Donato passou a visitar a nova comunidade na casa de Helmuth Klöckner por apresentar um espaço maior.

 Obtinha-se então uma massa que era colocada sobre uma chapa especial formando uma crosta. Essa crosta era quebrada com um pilão ou com as mãos virando uma espécie de farinha a qual era misturada ao leite para ser consumida.

O espírito de religiosidade e comunidade dos moradores levou-os a construir a primeira igreja, em 1961. Depois de 27 anos, uma nova igreja foi edificada com a ajuda da comunidade e de um convênio realizado com uma instituição católica alemã. Atualmente a capela recebe atendimento permanente de cinco ministros da Eucaristia e é visitada aproximadamente duas vezes por mês por um padre da paróquia.

A escola começou a funcionar oficialmente em 1955 com o nome de "Escola Mista Municipal Simples". Em 1958, ano de eleições, a comunidade conseguiu elevá-la a categoria Estadual. O primeiro professor foi Benedito Naressi. Este e vários outros que se seguiram vinham de São Valentim e São Lourenço d'Deste. A partir de 1962, Eleni Maehler, a filha mais velha de Helmuth Klöckner, passou a lecionar na escola, na qual aposentou-se em 1989. Foram 27 anos de dedicação exclusiva à escola e à comunidade. Exercendo todas as funções, desde faxineira até Diretora, a professora cuidava da horta, do pátio, da merenda, da limpeza, enfim, tudo estava sob sua responsabilidade. Neste tempo todo, Eleni diz ter enfrentado dois problemas: primeiro, sofreu pressões de seus superiores no sentido de não permitir o uso da língua alemã no ambiente escolar, consequência da política de nacionalização do ensino de 1945; depois, em 1967, estava grávida, o que não era bem aceito pela comunidade: "Tinha gente que não gostava de professora-mulher neste estado". Em compensação, a realização de um grande sonho foi a construção, em 1986, de uma escola nova, de alvenaria, que pôde oferecer melhores condições físicas aos seus alunos. Atualmente a escola atende aproximadamente 30 anos de 1ª a 4ª séries.

O principal ponto de encontro, reunindo pessoas de todas as idades, se dá aos domingos, antes e, principalmente, depois do culto dominical. É ali que se formam pequenos e grandes grupos para uma espécie de "Jornal Falado": contam-se as novidades, comentam-se os acontecimentos, fazem-se observações sobre o tempo, combinam-se visitas (as pessoas costumam visitar-se umas às outras), programam-se jogos, etc. Normalmente são realizados dois bailes e duas festas por ano. Mais freqüentes são os jogos de bocha, bolão, canastra e futebol. No caso de futebol, aqueles que não jogam, gostam de torcer pelo seu time. Também observamos um aspecto interessante: os times de preferência são o Grêmio e o Internacional de Porto Alegre, o que comprova a procedência dos moradores e a influência dos pampas sobre eles.

Outros moradores ainda deixam transparecer sua estreita ligação com o lugar de origem ao assinarem o jornal "Correio Rio-grandense" e as revistas "Paulusblatt" e "Rainha", todos publicados no RS, trazendo os acontecimentos e assuntos relacionados àquele Estado. Também na música se manifesta a tradição gauchesca. Ninguém perde, por exemplo o programa diário "Hora da Cuia" da Rádio Doze de Maio, em que são rodadas músicas gauchescas e sertanejas em geral. Conservam-se ainda os hábitos alimentares do churrasco e do chimarrão, o qual é tomado pelo menos três vezes por dia em cada casa em que se chega.

Certamente a separação dos pampas não foi fácil. De acordo com as entrevistas realizadas, as dificuldades, no princípio, foram inúmeras. Não havia estradas, comércio, igreja, escola, às vezes nem mesmo um cavalo para servir como meio de transporte. Era necessário roçar e desmatar para poder-se usufruir da terra

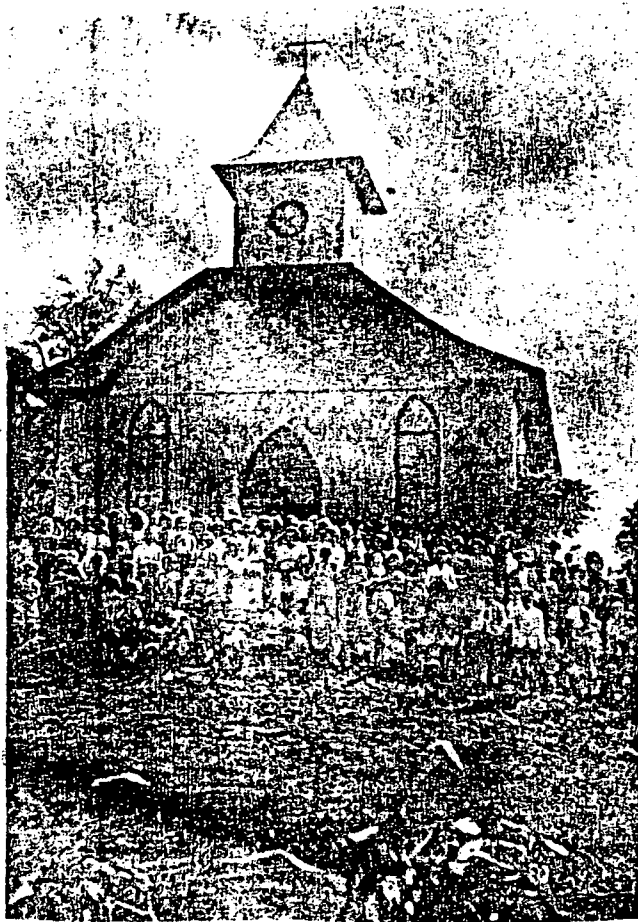
nova quando estavam acostumados apenas a lavrar as velhas terras do RS. Mas os pioneiros foram à luta e até hoje a atividade predominante é a agricultura com o cultivo de milho, soja, feijão, mandioca, arroz e batatinha. Trata-se de pequenos agricultores que lutam, de sol a sol, para dar o sustento às suas famílias. Somente eventuais sobras são comercializadas.

Paulatinamente, o progresso foi se fazendo presente. Em 1978, foi instalada a rede de energia elétrica através de um plano de expansão rural. As lamparinas de querosene e os chamados "liquinhos" foram substituídos. Era a chegada do progresso, símbolo de prestígio, até então privilégio da população urbana. Conseqüentemente, passou-se a conhecer a geladeira, o freezer, o ferro e o chuveiro elétrico e a televisão. Nem todas as famílias puderam adquirir estes eletrodomésticos, os quais, para alguns, ainda constituem objetos supérfluos e de luxo.

Os artigos de primeira necessidade, como açúcar, café, coalho, fermento, farinha de trigo, produtos de limpeza e produtos para a lavoura e pecuária, podem ser adquiridos no posto da cooperativa CASLO, instalado na área central da localidade desde 1983. Entretanto, a aquisição de manufaturados como tecidos, confecções, calçados, ferramentas e instrumentos agrícolas, gasolina e outros, implicam no deslocamento dos moradores para a cidade.

Recentemente (1991) foi inaugurada a pavimentação asfáltica da rodovia que corta a localidade e liga São Lourenço d'Oeste a Campo Erê. Se isto, por um lado agradou aos moradores pela rapidez que agora podem locomover-se para a cidade ou mesmo para Campo Erê, por outro lado, a construção do asfalto trouxe problemas com a detonação de pedreiras, fazendo rolar muitas pedras pa-

ra as lavouras, além de haver ocasionado a instalação, na localidade, da Empresa SINODA, responsável por esta e outras obras do gênero na região, o que provocou destruição e poluição.



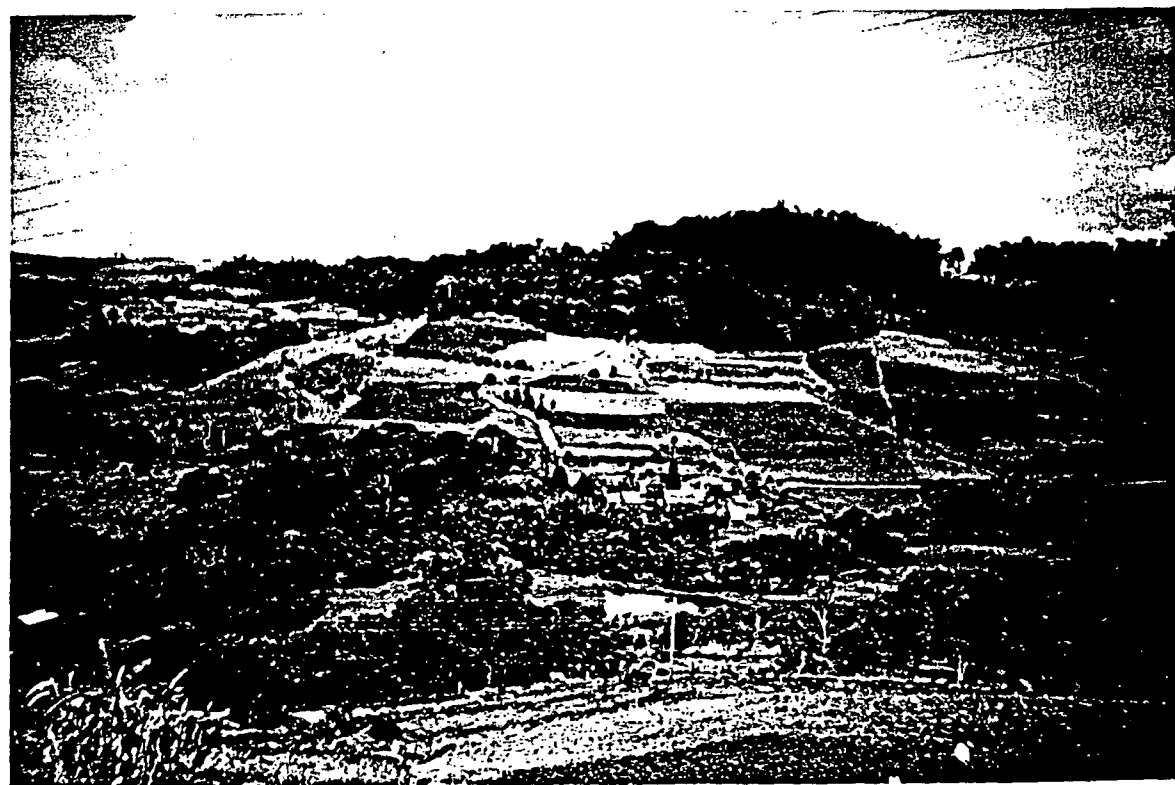
1ª IGREJA



IGREJA ATUAL



FOTOS DE 1991 DA COMUNIDADE DE LAGEADO ANTUNES



FOTOS DE 1991 DA COMUNIDADE DE LAGEADO ANTUNES

Conseqüentemente, as terras, que já não eram das melhores por serem bastante acidentadas, impossibilitando o uso de maquinário, ficaram significativamente afetadas, por haverem recebido as pedras detonadas, dificultando ainda mais a vida dos agricultores, deixando-os desanimados. Nos últimos anos, diversos colonos partiram, à procura de novas e melhores terras, para o Mato Grosso e para o Paraguai ou para as cidades, em busca de emprego e estudo, sobretudo a população mais jovem, visando melhores condições de vida.

3.4.1 - Composição étnica da população

Segundo um levantamento feito a partir dos nomes contidos no Livro dos Dizimistas⁶ e de informações dos próprios moradores, a população local constitui-se de 97 famílias, das quais 74,2% descendem de imigrantes alemães⁷, 23,7% descendem de italianos e cerca de 2,1% de luso-brasileiros.

3.4.2 - Os alemães em Lageado Antunes e seu dialeto

Não existe nenhuma obra publicada sobre a colonização e suas conseqüências na localidade. Todos os dados por nós utiliza-

⁷0 "Livro dos Dizimistas" contém o nome de todas as famílias da localidade, uma vez que todos professam a religião católica, e serve para controlar o pagamento do Dízimo (taxa paga pelos católicos representando 1/10 de seu rendimento).

⁸Isto representa 72 famílias de descendência alemã.

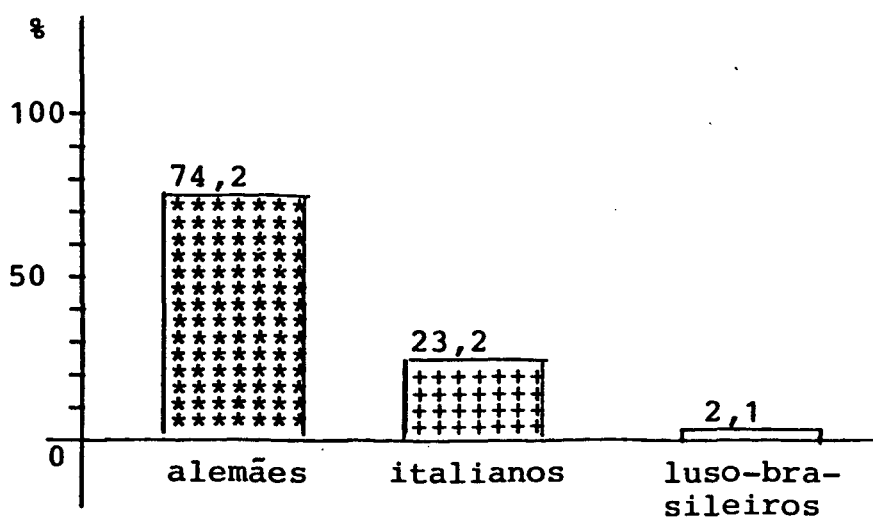


GRÁFICO 1 - Composição étnica da população de Lageado Antunes.

dos foram obtidos junto aos próprios moradores. Como "a cultura é passada de geração em geração através da memória" (Vansina, apud DACORÉGIO, 1990:22), recorreremos à história oral para suprir a falta de documentação.

Sabemos que os imigrantes alemães pertenciam às mais variadas estirpes e regiões. Procedentes da Renânia, das margens do Mosela, do Palatinado, da Silésia e da Boêmia, além de pequenos grupos da Vestfália, da Pomerânia, da Suíça, da Alsácia e da Áustria, os imigrantes de língua alemã introduziram diversos dialetos no Brasil. Conforme BOSSMANN (1953:97), todos estes dialetos alemães não conservaram a sua pureza: "Von diesen Mundarten ist heute fast keine mehr rein erhalten". Houve, então, uma grande mescla lingüística.

Diante deste mosaico dialetológico, inúmeras pesquisas lingüísticas foram feitas na área da etnia alemã no Rio Grande do

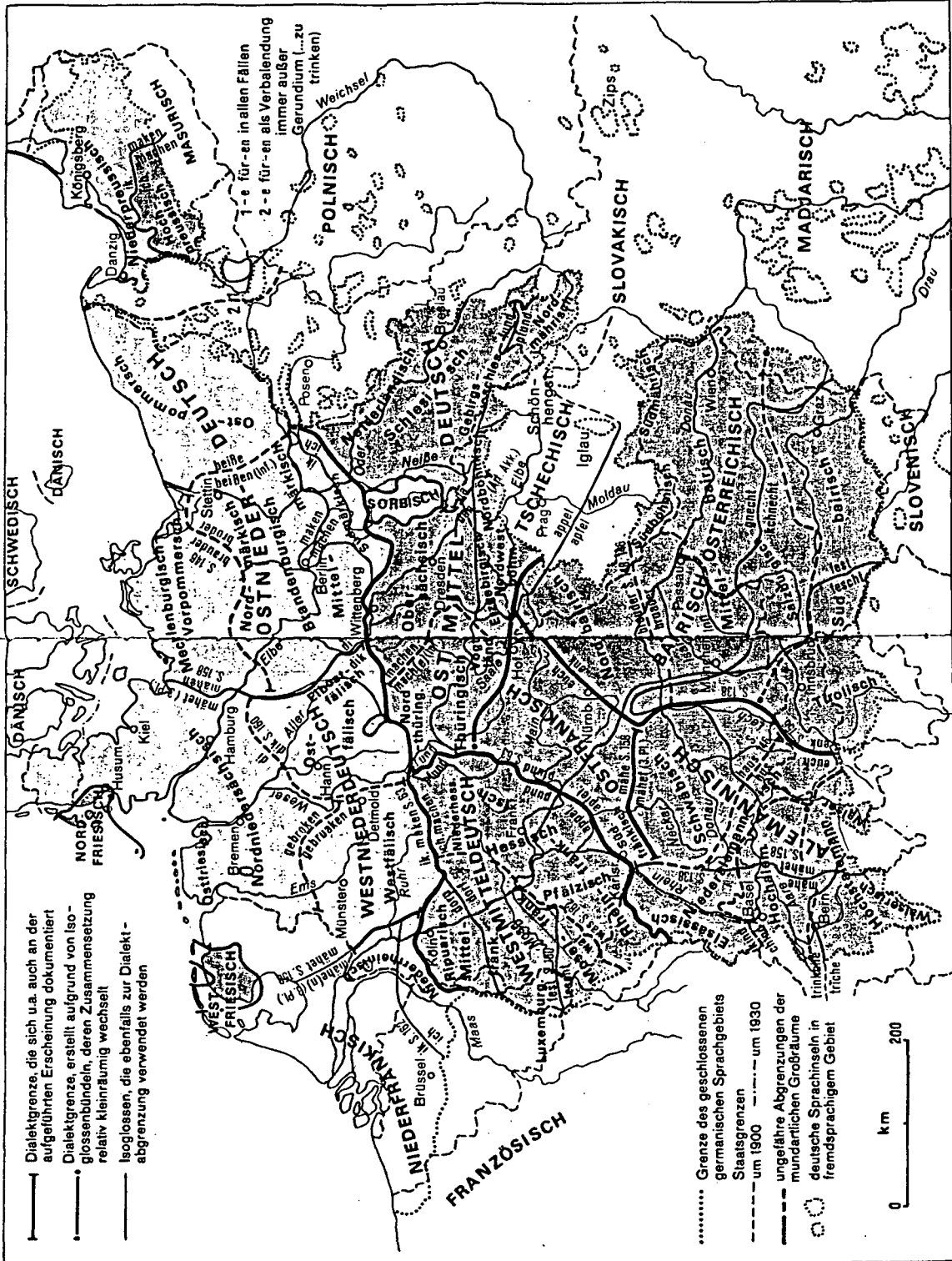
Sul. São estudos de natureza etnográfico-lingüística; sobre bilingüismo, sobre interferências lingüísticas, sobre a distribuição dos vários dialetos, sobre fonologia e a possível existência de uma koiné dialetal. Embora os enfoques dados sejam divergentes, o objeto é um só: a língua alemã, na forma de seus dialetos. Neste contexto, merece destaque a conclusão de KOCH (1974:28): "os dialetos alemães não se dissolveram totalmente numa koiné teuto-riograndense uniforme e homogênea. O falar da população rural de origem germânica no Rio Grande do Sul apresenta fortes variações determinadas pelo grau de participação dos diversos falares regionais alemães nesse processo de interação dialetal".

Conseqüentemente, como todo o Oeste de SC foi povoado por descendentes de imigrantes alemães e/ou italianos, a situação lingüística de Lageado Antunes assemelha-se à do RS. Hoje, parece-nos impossível identificar o tipo de dialeto alemão falado na comunidade com os dialetos da Alemanha. É verdade que apresenta vários traços do vestfaliano, sobretudo elementos do Moselfränkisch (Hunsrückisch), mas, ao mesmo tempo, aproxima-se de uma "Umgangssprache" (linguagem coloquial). Pelo contexto histórico constatado, o mais provável é que tenha havido uma fusão dos diversos dialetos trazidos pelos imigrantes de diferentes regiões, originando um novo falar alemão rico em neologismos e empréstimos lingüísticos que ainda está em fase de sedimentação.

A DIVISÃO DOS DIALETOS ALEMÃES

230 Die deutschen Mundarten: Gliederung

231 Die deutschen Mundarten: Gliederung



Die Gliederung der mitteleuropäischen Mundarten germanischer Abkunft (Stand: 1900)

FONTE: KÖNIG, 1989.

4 - PRIMEIRA ETAPA DA PESQUISA: DESCRIÇÃO DO BILINGUISMO

4.1 - Dados etnolingüísticos

Segundo o Relatório do Projeto de Estudos do Bilingüismo nas Áreas de Colonização Alemã em Santa Catarina, desenvolvido por professores da Universidade Federal de Santa Catarina em 1988 (DEKKER et al. 1988:115), São Lourenço d'Oeste contava com uma população estimada em 29 mil habitantes¹, a qual era formada por 55% de italianos, 28% de brasileiros, 0,6% de alemães e 11% de outras descendências.

Ainda conforme esse relatório, a única língua falada é a portuguesa, o que não corresponde à realidade. Tendo vivido no município até os 14 anos podemos afirmar que o uso de um falar alemão bem como de um falar italiano faz parte do dia-a-dia de significativa parcela de lourencianos.

¹Segundo dados do IBGE, a população do município perfazia, em 1980, 23.895 habitantes e, em 1991, 23.150.

Infelizmente não obtivemos dados mais detalhados sobre as línguas faladas no município, uma vez que, o último censo demográfico que se ocupou com este aspecto foi realizado em 1940, quando a verdadeira colonização ocorreu na década de 1950.

Todavia, sabe-se que, em Lageado Antunes, o instrumento de comunicação é basicamente um falar alemão. Das 97 famílias residentes, 72 são de descendência alemã e provavelmente utilizam-se da língua correspondente, conforme mostra a tabela a seguir:

TABELA 4.1 - Ascendência das famílias de Lageado Antunes.

	Nº DE FAMÍLIAS	PROPORÇÃO
ALEMÃ	72	74,2%
ITALIANA	23	23,7%
OUTRA	02	2,1%
TOTAL	97	100,0%

A tabela 4.1 foi elaborada a partir de um levantamento preliminar feito por nós juntamente com o morador Arlindo Bamberg, com base no "Livro dos Dizimistas" da capela.²

4.2 - Metodologia

Embora Lageado Antunes seja uma pequena e recente comunidade rural (cerca de 40 anos), interessava-nos, a fim de dar uma

²Lembramos que toda a comunidade é católica praticante e que todos os seus membros pagam o chamado "Dízimo". No "Livro do Dizimista" são registrados os nomes dos "membros" e suas contribuições.

descrição mais exata da situação bilíngüe atual, uma pequena amostra: os alunos da 5ª à 8ª série, que se encontram, portanto, na faixa etária de 10-16 anos.

Lageado Antunes possui só uma escola. Nela são ministradas aulas para aproximadamente 30 alunos da 1ª à 4ª séries. Aquele que deseja prosseguir os estudos, precisa matricular-se numa das escolas das localidades vizinhas de Três Voltas ou de Presidente Juscelino. A primeira situa-se 5 km ao sul, fazendo divisa com o município de Campo Erê. A segunda fica ao norte, a 4 km. Ambas as escolas oferecem somente o 1º Grau.³

Os alunos fazem tais trajetos a pé, em grupos. As longas caminhadas diárias são regadas com agradáveis conversas, quando época, com bergamota. Buscamos saber em que língua e sobre o quê falam nessas ocasiões. Interessou-nos saber, sobretudo, até que ponto há influência da escola, dos colegas e da comunidade, ou seja, se estes estudantes conservam o mesmo grau de bilingüismo dos pais e avós que permanecem em Lageado Antunes.

Baseados no modelo de descrição do bilingüismo de William Mackey (1962, apud FISHMAN, 1968:554-558), elaboramos um questionário como instrumento para a coleta dos dados.

Segundo Mackey, o bilingüismo envolve quatro aspectos básicos: graduação, função, alternância e interferência. Consideramos, para esse levantamento, apenas os dois primeiros aspectos, pois os dois últimos não são mensuráveis por um simples questionário.

³Ver o mapa do município, página 51 .

O questionário por nós utilizado (ver anexo 1) foi elaborado objetivando respostas numéricas. Tal procedimento facilitou o preenchimento do mesmo, bem como o levantamento dos dados.

As questões compreendem desde o simples nome do informante, de seu pai e de sua mãe (quando solteira), o que nos permitiu decifrar a origem étnica do mesmo, até o uso de determinada língua na comunidade, compreendendo também o bilingüismo dos pais em que se considerou o desempenho lingüístico do pai e da mãe separadamente, bem como as funções "internas".

As funções "internas" consideradas por Mackey (1962, apud FISHMANN, 1968:568) são: rezar, cantar, brincar, sonhar, fazer contas de cabeça e xingar. São "usos não comunicativos, de fala interior". Para tais funções, assim como para as "externas" - "determinadas pelo número de áreas de contato e pela variação de cada uma das funções em duração, freqüência e tensão" foram consideradas com relação à freqüência de uso ("quase sempre, às vezes, nunca") nas diferentes situações, o que possibilitou avaliar a função e o grau de bilingüismo.

Para conhecer a atitude do informante em relação à língua, formulamos algumas questões que pudessem revelar a sua posição frente à pressão de uso pela família e pela sociedade.

Obtivemos, assim, através do questionário, os dados estatísticos necessários para se conhecer a situação atual do bilingüismo em estudantes da faixa etária de 10-16 anos.

O questionário foi aplicado aos alunos de duas escolas, a saber, "Escola Básica São Valentim" e "Escola Básica São Sebastião", localizadas no Distrito de Presidente Juscelino e em Três Voltas, respectivamente.

Em Presidente Juscelino estudam 14 alunos e, em Três Voltas, 8, distribuídos nas seguintes séries:

TABELA 4.2.1 - Número de informantes por série.

SÉRIE	Nº DE ALUNOS	PROPORÇÃO
5ª	7	29,2
6ª	6	25,0
7ª	5	20,8
8ª	6	25,0
TOTAL	24	100,0

4.3 - Análise dos dados

4.3.1- Sexo

Dos 24 informantes, 11 eram do sexo masculino e 13 do feminino.

TABELA 4.3.1 - Sexo dos informantes.

SEXO	NÚMERO	PORCENTAGEM
MASCULINO	11	45,8
FEMININO	13	54,2
TOTAL	24	100,0

4.3.2 - Confissão Religiosa

Todos os 24 informantes são de confissão católica.

4.3.3 - Ascendência

A partir do sobrenome do pai e da mãe (quando solteira), verificamos a predominância de ascendência germânica, seguida pela italiana, além de haver luso-brasileiros.

TABELA 4.3.3.a - Ascendência dos informantes.

ASCENDÊNCIA	PATERNA		MATERNA		MÉDIA %
	Nº	%	Nº	%	
ALEMÃ	19	79,2	19	79,2	79,2
ITALIANA	04	16,7	05	20,8	18,7
OUTRA	01	4,1	-	-	2,1
TOTAL	24	100,0	24	100,0	100,0

Observando os dados, percebe-se o alto domínio da ascendência alemã. Pode-se verificar também se o estudante é de origem alemã apenas por parte do pai ou só da mãe ou, ainda, quando ambos os pais possuem sobrenome alemão. A partir desses dados, saberemos como se dá a transmissão do alemão no ambiente familiar.

TABELA 4.3.3.b - Ascendência alemã (Pais de sobrenome alemão).

ASCENDÊNCIA ALEMÃ	Nº	%
PATERNA E MATERNA	16	66,7
SÓ PATERNA	03	12,5
SÓ MATERNA	03	12,5
TOTAL DE INFORMANTES: 24		

Examinando a tabela 4.3.3.b, conclui-se que 91,7% dos informantes têm alguma ascendência alemã (pelo menos um dos pais é de descendência germânica).

4.3.4 - Bilingüismo dos pais

TABELA 4.3.4 - Desempenho dos pais dos alunos em alemão.

PAIS	HABILIDADES							
	ENTENDE		FALA		LÊ		ESCREVE	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
PAI	21	87,5	21	87,5	02	8,3	01	4,2
MÃE	22	91,7	22	91,7	01	4,2	-	-
TOTAL DE INFORMANTES: 24								

A tabela acima mostra que a quase totalidade dos pais entende e fala alemão, ou seja, a língua de origem mantém-se amplamente difundida nos descendentes de imigrantes alemães.

Comparando a tabela 4.3.4 com a tabela 4.3.3.b, podemos verificar que os pais de alunos com ascendência alemã são capazes de compreender e de falar na língua alemã e que inclusive os pais de outras ascendências (italiana e luso-brasileira) têm um bom desempenho lingüístico nas referidas habilidades.

Já o desempenho na leitura e na escrita em língua alemã encontra-se em baixíssimas proporções. Somente 3 pais apresentam competência lingüística na "leitura" e apenas um pai sabe expressar-se na língua alemã escrita. Todavia, tal situação é perfeitamente compreensível, se considerarmos o fato de que o ensino formal da língua alemã foi proibido com a "Campanha de Nacionalização do Ensino" de 1939/45. Além disso, tratava-se de agricultores, profissionais, geralmente impossibilitados de freqüentar, quer pela distância quer pela visão de mundo, qualquer escola ou curso que aperfeiçoasse as habilidades orais e escritas.

4.3.5 - Uso do alemão na família

TABELA 4.3.5 - Uso do alemão na família.

INTERLOCUTOR	FREQÜÊNCIA DE USO:						TOTAL DE BILINGÜISMO EM FAMÍLIA		
	QUASE SEMPRE		ÀS VEZES		NUNCA		Nº	%	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%			
PAI	16	66,7	03	12,5	05	20,8	19	79,2	
MÃE	15	62,5	06	25,0	03	12,5	21	87,5	
IRMÃOS	15	62,5	02	8,3	07	29,2	17	70,8	
AVÓS/PARENTES	12	50,0	06	25,0	06	25,0	18	75,0	
TOTAL	24								

Fazendo uma comparação entre os dados das tabelas 4.3.4 e 4.3.5, nota-se que o número de pais que entendem e falam alemão é de 21, enquanto que o número de informantes que sempre usam o alemão com o pai cai para 16. Em relação às mães, os próprios informantes indicaram 22 as mães que entendem e falam alemão, quando apenas 15 se comunicam nesta língua (Não são 16 porque 1 é considerada "madrasta", não mãe). Isso leva a concluir que algumas pessoas têm domínio passivo da língua alemã, mas não fazem uso efetivo desta na comunicação com os seus filhos. Na verdade, os casamentos inter-étnicos, a escola e a Igreja são os fatores sociais responsáveis por este declínio. Além disso, há de se considerar o prestígio da língua portuguesa e a presença do sentimento de inibição diante do falar alemão. Entretanto, se observarmos o cômputo geral, o índice de bilingüismo é bastante expressivo: 79,2% dos informantes usam a língua alemã para comunicar-se com seus pais e 87,5% para com suas mães.

Com justeza, STEINER (1988:84) chama a atenção para a proporção maior de uso do alemão com a mãe do que com o pai, afirmando que este é um fator que influencia o bilingüismo dos informantes "já que a figura da mãe é geralmente vista como orientadora da formação cultural e lingüística dos filhos". Assim, em casamentos mistos, a figura da mãe é a que basicamente define se os filhos receberão ou não educação bilíngüe.

É surpreendente o uso do alemão no trato com os irmãos. Isto mostra, mais uma vez, a vitalidade do alemão na instituição familiar.

Em relação aos avós, o índice só não é mais elevado porque os avós já morreram quando os informantes ainda eram pequenos ou moram em outra localidade.

Pode-se concluir que a grande maioria das famílias faz uso, quase que exclusivo, do alemão no seu meio familiar, tornando, como veremos mais adiante, a rede de comunicação muito fechada. Isto representa um alto índice de bilingüismo e nos faz supor que essa situação lingüística não desaparecerá tão cedo da comunidade.

4.3.6 - Uso do alemão na comunidade

TABELA 4.3.6 - Funções externas: uso da língua alemã como instrumento de comunicação na comunidade.

INTERLOCUTOR	FREQÜÊNCIA						MÉDIA DO BILINGÜISMO	
	QUASE SEMPRE		ÀS VEZES		NUNCA		Nº	%
	Nº	%	Nº	%	Nº	%		
COLEGAS	05	20,8	16	66,7	03	12,5	21	87,5
COMPRAS	03	12,5	13	54,2	08	33,3	16	66,7
IGREJA	-	-	09	37,5	15	62,5	09	37,5
AMIGOS/VIZINHOS	10	41,7	11	45,8	03	12,5	21	87,5
TOTAL DE INFORMANTES: 24								

Analisando os dados da tabela 4.3.6, verificamos um bom quociente de bilingüismo. No primeiro item, a pergunta "você fala alemão com os colegas que também falam alemão?" não determina que os colegas sejam necessariamente da escola, uma vez que, não foi introduzido o ensino do Alemão como opção de Língua Estrangeira nas escolas da região.⁴ Conseqüentemente, parece claro ser alto o índice de "às vezes". Os adolescentes, ou seja, a terceira geração opta freqüentemente pela língua portuguesa, mas em muitos casos o alemão serve como instrumento para pedir ou comentar algo proibido ou desaconselhável.

Com relação ao uso do alemão nas compras, precisamos fazer alusão ao fato de funcionar um posto da cooperativa CASLO na comunidade. Os funcionários deste estabelecimento são de descendência alemã e membros da própria comunidade.

⁴Excluimos o item "professores" pelo mesmo motivo.

Nota-se que o alto índice de "às vezes" nestes dois primeiros itens, advém provavelmente de fatores sociais como situação (contexto), interlocutor e tópico, apontados por Mackey (1962, apud FISHMAN, 1968:555).

O uso do alemão no meio religioso é reduzido. Obtivemos informações de que a comunidade é atendida por um padre da paróquia de São Lourenço d'Oeste mais ou menos uma vez por mês. Durante alguns anos, na década de 70, a comunidade era visitada, de dois em dois meses, por um padre alemão, que rezava missa na língua alemã. Atualmente as missas e os cultos dominicais, bem como os casamentos, os batizados e o catecismo, são realizados na língua portuguesa.

Assim, o uso do alemão restringe-se a situações interacionais, entre os informantes e o ministro da eucaristia, antes ou depois do culto dominical.⁵

Quanto ao item "amigos/vizinhos", pode-se dizer que ele vem confirmar a hipótese de que o índice de bilingüismo é superior em áreas rurais em que a necessidade de um relacionamento com os vizinhos é maior.

⁵As conversas em alemão na frente da igreja antes e depois do culto dominical consideramo-las como "encontros de fim de semana", que serão analisados no item 4.3.8.

4.3.7 - Uso do alemão em outras situações

TABELA 4.3.7 - Funções internas - Uso do alemão sem interlocutor concreto e em situações emocionais.

SITUAÇÃO	FREQÜÊNCIA						MÉDIA DE BILINGÜISMO	
	QUASE SEMPRE		ÀS VEZES		NUNCA		Nº	%
	Nº	%	Nº	%	Nº	%		
REZAR	-	-	4	16,7	20	83,3	4	16,7
CANTAR/BRINCAR	1	4,1	10	41,7	13	54,2	11	45,8
SONHAR	3	12,5	6	25,0	15	62,5	9	37,5
FAZER CONTAS	-	-	8	33,3	16	66,7	8	33,3
XINGAR	2	8,3	18	75,0	4	16,7	20	83,3

TOTAL DE INFORMANTES: 24

Observando a tabela 4.3.7, depreendemos, de imediato, que nas funções internas quando não há interlocutor concreto ou quando em situações emocionais, o índice de bilingüismo decresceu bastante se comparado com as tabelas anteriores.

Apenas 16,7% dos informantes rezam, às vezes, em alemão. Como não há missa em alemão e todos os ritos religiosos são feitos na língua portuguesa, a Igreja apresenta-se aqui como um fator de aceleração no processo de aculturação lingüística.

Os 45,8% referentes a cantar e brincar são significativos se levarmos em consideração que nossos primeiros informantes são adolescentes, e, como tais, gostam de música e, em virtude disso, estão expostos aos meios de comunicação em que a língua portuguesa reina absoluta. Como vimos no capítulo anterior, não existem, quer na comunidade, quer na região, festas populares como por exemplo: "Oktoberfest", "Kerb", etc., que em outras comunidades

sempre são animadas com canções folclóricas alemãs. Assim restam apenas a família para exercer tais funções.

Com relação ao item "sonhar", os 37,5% ainda são significativos se considerarmos a teoria segundo a qual quem sonha numa determinada língua é porque domina essa língua.

O baixo índice de informantes que fazem contas em alemão vem nos indicar, mais uma vez, que a escola é um dos fatores de maior influência da suplementação do alemão pelo português. Nela os alunos aprendem a fazer e a processar os cálculos em português. Tal situação acaba estendendo-se para além da escola já que apenas um terço dos informantes enumera, "às vezes", objetos em situações corriqueiras.

O último item da tabela 4.3.7 revela ser alta a frequência de uso do alemão para o aspecto "xingar". Como explicar índice tão significativo? Inicialmente temos que chamar a atenção para a coluna "às vezes", na qual estão representados 75,5%. Xingar é um ato que envolve emoção e, às vezes, violência. A língua materna oferece ao falante maior sentimento de segurança, acerto e vigor do que a língua não-materna. Além disso, foi surpreendente a constatação de que inclusive um informante de descendência italiana apontou o uso da língua alemã neste item. Talvez a resposta esteja em STEINER (1988:88): "é possível que a língua alemã tenha maior força de expressão e, quem sabe, ofenda mais do que o português".

4.3.8 - Atitudes gerais com relação às línguas

TABELA 4.3.8 - Atitudes do informante com relação às línguas.

RESPOSTA	PERGUNTA								
	1	2	3	4	5	6	7	8	9
	X	X	X	X	X	X	X	X	X
ALEMÃO	58,3								
PORTUGUÊS	37,5								
OUTRA LÍNGUA	4,2								
ALEMÃO/PORTUGUÊS								75,0	
ALEMÃO								-	
PORTUGUÊS								25,0	
SIM		95,8		95,8	95,8	91,7	95,8		100,0
NÃO		4,2		4,2	4,2	8,3	4,2		
MAIS FÁCIL LER/ESCREVER				-					
PROFISSÃO				70,8					
INFLUÊNCIA DOS PAIS				25,0					
				4,2					
TOTAL DE INFORMANTES: 24									

Perguntas:

- 1 - Que língua prefere falar?
- 2 - Gostaria de estudar alemão?
- 3 - Por que gostaria de estudar alemão?
- 4 - Gostaria de ter meios de comunicação em alemão?
- 5 - A família insiste em que se fale alemão?
- 6 - Você sente orgulho de ser descendente de alemães?
- 7 - Gostaria de conhecer a Alemanha?
- 8 - Em que língua vocês conversam nos encontros de fim de semana?
- 9 - O alemão vai continuar a ser falado aqui?

A partir dos dados expostos na tabela 4.3.8, depreende-se que o percentual de preferência pela língua alemã é significativo. Hipóteses prováveis para essa preferência podem estar no fato de que a comunidade vista como um todo é tida como "alemã" bem como de o número expressivo de habitantes (74,2%) ser de descendência alemã. Nota-se que, praticamente, todos gostariam de estu-

dar alemão e principalmente, com o objetivo de aprender a ler e escrever a língua alemã. É curioso que 70,8% são de descendência alemã, e certamente por se identificarem com a língua alemã, gostariam de dominá-la na escrita e na leitura. Os que são descendentes de italianos vêem a aprendizagem da língua alemã como de relevância profissional.

Também 95,8% dos informantes gostariam de ter meios de comunicação em alemão, bem como de conhecer a Alemanha. Para a pergunta "por quê?", as respostas mais frequentes foram "para conhecer nossa descendência ou origem". Note-se, ainda, que 23 dos 24 entrevistados afirmam que a família insiste em que se fale alemão. É bem verdade que a família exerce grande influência, pois em zonas rurais os elos que unem uma família são muito fortes. Todos fazem as refeições juntos, juntos vão à roça e juntos vão ao culto. Por outro lado, nos encontros com outros jovens nos fins de semana, a preferência incide sobre a constante mudança de código, já que 75,0% usam o alemão e o português alternadamente de acordo com a situação e o interlocutor.

Finalmente, todos, sem exceção, acham que o alemão continuará a ser falado na comunidade. Resta saber se os valores étnicos e os laços familiares podem resistir aos fatores sociais que tantas pressões exercem.

Segunda parte de...

4.3.9 - Ascendência alemã e bilinguismo

Para a elaboração da tabela 4.3.9, os informantes foram divididos em três grupos: os que apresentavam sobrenome alemão

somente por parte de pai, somente por parte de mãe e aqueles que tinham sobrenome alemão de ambos os pais.

O bilingüismo nos pais foi calculado com base nas respostas às perguntas 8 e/ou 12 (8 - "Seu pai fala alemão?", 12 - "Sua mãe fala alemão?"). Para o bilingüismo, nos informantes, consideramos as respostas afirmativas ("quase sempre = às vezes") às questões 15 e/ou 16 (15 - "Você fala alemão com seu pai?", 16 - "Você fala alemão com sua mãe?").

TABELA 4.3.9 - Relação entre ascendência alemã e bilingüismo.

ASCENDÊNCIA ALEMÃ	INFORMANTES DE ORIGEM ALEMÃ		BILINGÜISMO NOS PAIS		BILINGÜISMO NOS FILHOS	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Só PATERNA	3	13,6	3	13,6	2	9,5
Só MATERNA	3	13,6	3	13,6	3	13,6
PATERNA E MATERNA	16	72,8	16	72,8	16	72,8
TOTAL	22	100,0	22	100,0	21	95,9

Esta tabela demonstra que o quociente de cultivo e transmissão da língua de origem é muito elevado. Podemos observar que todos os pais que tem ascendência alemã expressam-se também oralmente nessa língua. Os filhos provenientes de casamentos mistos tiveram educação bilíngüe. Apenas um informante cujo pai é de descendência alemã, mas cuja mãe é de descendência italiana, não faz uso da língua alemã para comunicar-se com a mãe e nem mesmo com o pai.

4.3.10 - O monolingüismo em alemão na idade pré-escolar

Fomos informados que atualmente o fenômeno do monolingüismo em alemão na idade pré-escolar na comunidade de Lageado Antunes é raro. No ano de 1991, quando eram coletados os dados para o presente estudo, apenas um aluno fora matriculado apresentando somente o domínio da língua alemã. Porém, segundo a professora da "Escola Isolada Lageado Antunes", tal fenômeno era mais freqüente em anos anteriores.

Com o objetivo de averiguar qual a língua que nossos informantes dominavam ao ingressarem na escola, formulamos a pergunta "Quando entrou para a escola, você falava: só alemão, só português ou português e alemão?" A partir das respostas elaboramos a tabela 4.3.10.

TABELA 4.3.10 - Domínio lingüístico dos informantes ao ingressarem na escola.

LÍNGUA DOMINADA	Nº	%
Só ALEMÃO	9	37,5
Só PORTUGUÊS	7	29,2
ALEMÃO E PORTUGUÊS	8	33,3
TOTAL DE INFORMANTES	24	100,0

Note-se que há certo equilíbrio em relação ao domínio das duas línguas pelos informantes. Estes ingressaram na escola na década de 80, época em que os fatores sócio-econômicos e culturais favoreciam ao fenômeno do bilingüismo, do qual, segundo HERMANN PAUL (1966:410), "regressaremos à unidade lingüística".

Concluimos que o índice de aculturação lingüística portuguesa pode considerar-se ainda fraco. A comunidade sofre os efeitos de longo período de isolamento. Também evidencia-se a grande heterogeneidade entre as duas línguas, o que favorece o uso do alemão. Mas há forte desejo de dominar a língua portuguesa, e o processo de aculturação está em expressiva e ágil operação.

5 - 2ª ETAPA DA PESQUISA: REDES DE COMUNICAÇÃO DOS BILÍNGUES

5.1 - Metodologia

Na primeira etapa da nossa pesquisa foi possível observar que a língua alemã está presente no dia-a-dia da comunidade, especialmente no meio familiar.

Lageado Antunes é uma comunidade rural e se parece com uma ilha de alemães cercada por italianos e luso-brasileiros. Embora a comunidade seja pequena e isolada, o progresso e a industrialização aproximam-se a cada dia mais. Um símbolo disso é o tapete asfáltico que cobre a antiga estrada que corta a localidade. Para tanto, instalou-se na localidade a empresa Sinoda, que realizou esta e outras obras do gênero, nas redondezas. Outro fato que comprova tal situação é a saída freqüente de jovens para centros maiores na busca de emprego e estudo. Vemo-nos, portanto, diante de uma situação típica de uma sociedade rural que caminha

ao encontro da sociedade urbana. Barnes (1954, apud BORTONI, 1985:75-77) caracterizou as populações rurais por uma rede mais densa ou fechada, enquanto que as populações urbanas apresentam uma rede mais escassa ou frouxa.

Com a intenção de verificar em que tipo de rede se enquadram nossos informantes, adotamos a metodologia de GAL (1979), e STEINER (1988), que utilizam o modelo de redes para a análise da diversidade lingüística.

Para alcançar tal objetivo, elaboramos um questionário-entrevista (ver anexo 2), desenvolvido a partir do modelo de GAL (1979:177-182) e STEINER (1988:175-183). Assim, pudemos colher dados sobre os tipos de interação que se operam no convívio diário das pessoas, estabelecendo relações com a língua utilizada de acordo com a situação e o interlocutor. Nosso questionário se constituiu dos seguintes itens:

- 1) Dados Pessoais: para identificação e categorização dos informantes.
- 2) Família: uso da língua alemã e portuguesa com os diferentes membros de família.
- 3) Vizinhos: uso das duas línguas com os vizinhos mais próximos.
- 4) Amigos: as pessoas com quem o informante conversa com mais frequência.
- 5) Trabalho: uso das línguas no trabalho.
- 6) Escola: grau de escolaridade, línguas usadas na escola e avaliação do alemão no ambiente escolar.
- 7) Repartições: uso das línguas em repartições públicas e em hospitais.

- 8) Igreja: uso das línguas no ambiente religioso, incluindo posicionamento quanto a cultos em alemão.
- 9) Compras: uso das línguas em estabelecimentos comerciais em situações de compra.
- 10) Vendas: uso das línguas em estabelecimentos comerciais em situações de venda.
- 11) Diversão: influência por exposição aos meios de comunicação de massa.
- 12) Atitudes Gerais: avaliação das línguas e o uso destas nas funções individuais.
- 13) Avaliação Pessoal: avaliação do seu desempenho em alemão e em português.

5.2 - Estratégias da pesquisa de campo

Nossa pesquisa de campo, nesta etapa, foi desenvolvida numa viagem a Lageado Antunes, realizada em fins de julho de 1991.

O acesso às famílias foi facilitado pela professora aposentada e também ministra da eucaristia Eleni Maehler. Com o auxílio desta, chegamos àqueles que nos serviram de informantes através de um aviso prévio ao final de um culto dominical no final de junho. Eleni Maehler indicou-nos as famílias que preenchiam os pré-requisitos, isto é, famílias que tivessem três gerações pertencentes à comunidade. Tínhamos como objetivo aproveitar os mesmos informantes para a terceira parte da pesquisa, ou seja, obter uma amostra do dialeto alemão falado em Lageado Antunes.

Assim chegamos em fins de julho e nos fizemos presente ao culto dominical. Depois, usufruindo dos tradicionais encontros diante da igreja, marcamos os dias das entrevistas diretamente com as famílias.

Apresentando-nos como a filha mais velha do seu Osvaldo Schwade¹, a qual já esteve na Alemanha e que queria comprovar, num estudo, que em Lageado Antunes ainda se falava alemão, os informantes foram muito receptivos.

Nossos encontros eram esperados e preparados. Ao chegarmos, a família já estava reunida. Éramos bem recebidos e logo começava a circular o tradicional chimarrão ou "Tee". Também não faltaram pipoca, "Huhelspen" (bolinho conhecido em português como "cueca virada"), rosca, bergamota e "şangari" (sangria). A conversa tornou-se, por vezes, tão descontraída que demorávamos até duas horas para começar a entrevista ou então alongava-se tanto após a entrevista, que ficava irrecusável o convite para o jantar, em que se servia o tradicional e delicioso "Kalinhode" com vinho.

A entrevista propriamente dita era feita individualmente na casa, em geral na casa dos avós, e durava entre 20 a 40 minutos, conforme os comentários feitos pelos informantes, que foram muito prestativos em responder às perguntas.

As seis famílias envolvidas foram entrevistadas em três gerações. Nosso objetivo exigia que envolvêssemos desde avós até netos, para que pudéssemos observar o grau de bilingüismo na linha diacrônica: avós, filhos e netos.

¹Meu pai morou, por mais de 20 anos, na comunidade e, conseqüentemente, sou natural da localidade onde vivi até aos 14 anos.

5.3 - Identificação dos informantes: idade, sexo e geração

Dos 30 informantes dessa segunda etapa da pesquisa, tivemos nove da primeira geração, dez da segunda e onze da terceira geração. Buscou-se um equilíbrio entre os três grupos. Na verdade, o objetivo era obter 10 elementos de cada geração, para que pudéssemos verificar, com maior precisão, a continuidade ou não do bilingüismo de uma geração para outra. Porém, encontramos três viúvas na primeira geração. Em virtude disso, houve a troca de um membro da primeira geração por um da terceira geração.

Nossa amostra abrangeu seis famílias. Geralmente entrevistamos cinco membros de cada família, sendo obrigatoriamente um de cada geração. No total, 14 informantes são do sexo masculino, com idade variando de 11 a 69 anos e 16 são do sexo feminino, entre 11 e 85 anos.

TABELA 5.3 - Idade, geração e sexo dos informantes.

Nº DE IDENTIFICAÇÃO	INFORMANTE	IDADE	GERAÇÃO	SEXO
1	PV	85	1	F
2	EJ	80	1	F
3	AM	74	1	F
4	EP	69	1	M
5	IP	67	1	F
6	AK	65	1	M
7	EF	64	1	M
8	CK	62	1	F
9	LF	62	1	F
10	RJ	57	2	F
11	SJ	57	2	M
12	LV	51	2	M
13	SU	47	2	F
14	PP	41	2	M
15	HF	39	2	M
16	IS	36	2	F
17	MP	36	2	F
18	MH	33	2	F
19	JS	32	2	M
20	EJ	30	3	M
21	IV	24	3	F
22	VJ	22	3	M
23	GM	21	3	M
24	MK	21	3	F
25	JM	19	3	M
26	AF	15	3	M
27	LP	14	3	F
28	RF	12	3	F
29	AP	11	3	F
30	FH	11	3	M

5.4 - Características sociodemográficas da população da amostra

5.4.1 - Mobilidade espacial

Como a comunidade existe apenas há cerca de 40 anos, é natural que praticamente todos os informantes da primeira e da

segunda geração tenham nascido em outra localidade. Vejamos a tabela 5.4.1.a.

TABELA 5.4.1.a - Mobilidade espacial.

	NASCEU EM LAGEADO ANTUNES	MOROU EM OUTRA LOCALIDADE
SIM	10	20
NÃO	20	10
TOTAL	30	30

Entretanto, dos 18 informantes da 1ª e 2ª geração não nascidos em Lageado Antunes, 17 moram há mais de 20 anos na comunidade (O de nº 19 é uma exceção, já que veio há 12 anos).

TABELA 5.4.1.b - Tempo de residência em Lageado Antunes.

	MAIS DE 20	MAIS DE 25	MAIS DE 30
SIM	17	14	10
NÃO	1	4	8
TOTAL	18	18	18

5.4.2 - Profissão

Trata-se de uma comunidade rural e, conseqüentemente, todos são basicamente agricultores. Da 1ª geração, 3 estão aposentados (números 1, 2 e 3). Os de números 4, 5 e 6 estão encaminhando o processo de sua aposentadoria. O de número 18, da segunda geração, também faz doces, os quais são vendidos na feira, além de produzir mel de sua própria lavra. Seu filho, o de número

30, auxilia-a nestas tarefas. Os pais dos informantes também foram ou são agricultores. Tudo indica que a maioria dos membros da terceira geração seguirão a profissão dos pais. Dos maiores de 18 anos, apenas o informante de nº 22 manifestou desejo de mudar de profissão.

5.4.3 - Grau de escolaridade

TABELA 5.4.3 - Grau de escolaridade.

ANOS DE ESCOLA	HOMENS		MULHERES	
	Nº	%	Nº	%
1-3	5	35,7	6	37,5
4-7	5	35,7	8	50,0
8-10	4	28,6	2	12,5
TOTAL	14	100,0	16	100,0

A tabela 5.4.3 mostra o que já podia ser previsto: todos os nossos informantes freqüentaram a escola, mas nenhum mais do que 8 anos, isto é, o grau de escolaridade corresponde, no máximo, ao 1º Grau.

Todos os informantes da 1ª geração e mais uma pequena parcela da 2ª geração freqüentaram escolas com ensino bilíngüe (português-alemão) no Rio Grande do Sul por 1 a 4 anos.

Veremos, mais adiante, que as pessoas que tiveram ensino exclusivamente na língua portuguesa e por mais tempo, ou seja, todo o grupo da terceira geração e grande parte da 2ª geração, receberam alguma influência desta relação escolar. O português passa a ser a língua dominante e o alemão só se mantém no ambiente familiar.

5.4.4 - Exposição aos meios de comunicação de massa

O item 11 de nosso questionário possibilita-nos avaliar o tempo aproximado de exposição aos meios de comunicação de massa pelos nossos informantes.

TABELA 5.4.4 - Exposição aos meios de comunicação de massa.

	TELEVISÃO		RÁDIO		JORNAIS		REVISTAS		LIVROS	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
FREQUENTEMENTE	16	53	20	67	-	-	2	7	1	3
OCASIONALMENTE	5	17	7	23	3	10	13	43	15	50
NUNCA	9	30	3	10	27	90	15	50	14	47
TOTAL	30	100	30	100	30	100	30	100	30	100

A partir da tabela 5.4.4, depreendemos que o rádio, seguido da televisão, é o meio de comunicação com maior índice de frequência. De fato, isto foi constatado durante nossa visita às famílias. Todos estavam sintonizados em alguma rádio. Até foi necessário pedir a gentileza de desligar o aparelho, para que pudessemos proceder à entrevista gravada (questionário lexicológico). Ainda assim, um informante apenas abaixou o volume tendo permanecido o programa sertanejo no ar como fundo musical para a nossa entrevista.

É interessante observar que alguns informantes afirmam que não costumam ouvir rádio, quando encontramos o aparelho funcionando a todo volume. Na verdade, estes informantes podem não praticar o ato de ligar o aparelho, feito por outro membro da família, mas, de qualquer forma estão expostos ao meio de comunica-

ção.

A televisão ainda não chegou à casa de todos os informantes. Duas famílias ainda não possuem este aparelho que, sem dúvida, exercerá influência sobre o bilingüismo, uma vez que transmite a língua de prestígio e toda uma série de valores lingüístico-culturais. Porém, os membros da 3ª geração destas famílias, ocasionalmente, estão na casa de vizinhos ou dos avós, que moram perto de suas casas, para lá assistirem aos seus programas favoritos.

A leitura de jornais é reduzida enquanto que revistas e livros são lidos apenas ocasionalmente, em especial pelos informantes da 3ª geração que estão na escola. As revistas lidas se resumem na "Revista Rainha" e "Paulusblatt"; os livros citados são o "Livro da Família" ou o correspondente em alemão "Jahrbuch der Familie", lido pelos membros da 1ª geração.

É natural que, com o pesado trabalho na roça, não se tenha difundido o hábito da leitura.

A influência dos fatores sócio-demográficos como mobilidade espacial, profissão, grau de escolaridade e exposição aos meios de comunicação examinados até agora são dados significativos enquanto segmento da população de Lageado Antunes. Vejamos, agora, até que ponto estes fatores são relevantes com relação à dominância do português sobre o alemão.

5.5 - Redes de comunicação

5.5.1 - Escolha da língua em situações diversas

Os dados obtidos com a aplicação do questionário-entrevista (ver anexo 2) serão analisados e interpretados com relação à escolha da língua em diferentes situações do cotidiano.

Mackey (1962, apud FISMAN, 1968:568) afirma que a alternância no uso de duas línguas pode ocorrer em função de três fatores: tópico, interlocutor e situação (contexto). Vários estudos em comunidades bilíngües (ZIMMERMANN, 1981; ZANELLA, 1985, entre outros) foram feitos à luz deste método sociolingüístico. Este seria um modelo que, sem dúvida, forneceria regras bastante simples para a determinação da língua.

Gal (apud SANKOFF, 1978:230) observou, entretanto, que os fatores tópico e situação demonstraram ser pouco significativos. Segundo a autora, para predizer a escolha dos informantes entre alemão (G), húngaro (H) ou o uso alternado dos dois (GH), conforme seu estudo em Oberwart, o interlocutor parece definir as escolhas.

De fato, verificamos que o tópico não influi necessariamente na escolha lingüística, pois o amplo uso de empréstimos e neologismos, conforme veremos no próximo capítulo, possibilita a discussão de qualquer assunto ou tema.

A situação ou contexto também parece ser pouco relevante para a escolha da língua. Diante das perguntas "Se você encontra um amigo(a) no mercado, em que língua você fala com ele(a)? e "quando você vai a um baile, em que língua você conversa com as

outras pessoas?", as respostas foram unânimes: "depende... se a pessoa fala alemão, a gente fala alemão" ou, então, "com a nossa turma, alemão, com os outros, português". Isto confirma que a escolha da língua é feita basicamente a partir do interlocutor.

Uma vez que nos interessa, principalmente, o aspecto diacrônico da escolha entre as duas línguas, apresentaremos, inicialmente, as escolhas lingüísticas feitas entre os informantes de cada geração nas tabelas 5.5.1.a, 5.5.1.b e 5.5.1.c, respectivamente.

TABELA 5.5.1.a - Escolha da língua entre os informantes da primeira geração.

Nº DO INFORMANTES	1	2	3	4	5	6	7	8	9
IDADE	85	80	74	69	67	65	64	62	61
INTERLOCUTORES									
Pais	A	P	A	A	A	A	A	A	A
Avós	A	-	A	A	A	A	A	A	A
Irmãos	A	P	A	A	A	A	A	A	A
Cunhados	A	P	A	A	A	A	A	A	A
Filhos	A	AP	A	A	A	A	A	A	A
Cônjuge	A	P	A	A	A	A	A	A	A
Parentes do cônjuge	A	AP	A	A	A	A	A	A	A
Netos	A	AP	AP	A	A	A	A	A	A
Genro/nora	A	A	A	A	A	AP	AP	AP	AP
Vizinhos	A	A	A	A	A	A	A	A	A
Amigos	A	AP	A	A	A	A	A	A	A
No trabalho	A	AP	A	A	A	A	A	A	A
Ajudantes	A	-	A	A	A	A	A	A	A
Colegas de escola	A	AP	A	A	A	A	A	A	A
Prof. fora escola	A	AP	A	A	A	A	A	A	A
Nos órgãos oficiais	-	-	-	P	-	P	P	P	-
Médico	A	P	AP	P	AP	P	P	P	-
Enfermeira	A	P	AP	P	AP	P	P	P	-
Parteira	A	P	A	-	A	-	-	A	A
Padre	-	P	-	P	-	P	P	P	-
Ministro Eucaristia	A	AP	A	A	A	A	A	A	A
Deus (oração)	A	P	A	A	A	A	A	A	A
Na confissão	A	P	A	A	A	A	A	P	A
No supermercado	-	P	-	P	-	P	P	P	P
Na cooperativa	A	A	A	A	A	A	A	A	A
No comércio	-	P	AP	P	P	P	P	P	AP

O traço (-) indica que informante não conheceu, nunca conversou ou não sente necessidade de falar com o interlocutor ou, então, nunca esteve no referido local.

Legenda:

A - Alemão

P - Português

AP - Alemão/Português

TABELA 5.5.1.b - Escolha da língua entre os informantes da segunda geração.

Nº DO INFORMANTES	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19
IDADE	57	57	51	47	41	39	36	36	33	32
INTERLOCUTORES										
Pais	A	P	A	A	A	A	A	A	A	A
Avós	A	P	A	A	A	A	A	A	A	A
Irmãos	A	P	A	A	A	A	A	A	AP	A
Cunhados	A	AP	A	A	AP	A	A	A	AP	A
Filhos	A	AP	A	A	A	A	A	A	AP	A
Cônjuge	A	A	A	A	A	A	A	A	AP	A
Parentes do cônjuge	AP	AP	AP	AP	AP	AP	A	AP	AP	A
Netos	AP	AP	-	-	-	-	-	-	-	-
Genro/nora	AP	AP	A	A	-	-	-	-	-	-
Vizinhos	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
Amigos	A	AP	A	A	A	A	A	A	AP	A
No trabalho	A	AP	A	A	A	A	A	A	AP	A
Ajudantes	-	-	A	A	A	A	A	A	A	A
Colegas de escola	AP	P	A	A	A	AP	AP	A	P	AP
Prof. fora escola	AP	P	A	AP	A	AP	AP	A	AP	A
Nos órgãos oficiais	-	P	P	P	P	P	P	P	P	P
Médico	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
Enfermeira	-	P	P	-	P	P	P	P	P	P
Parteira	A	-	-	P	-	-	P	P	-	-
Padre	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
Ministro Eucaristia	A	AP	AP	A	A	A	A	A	AP	AP
Deus (oração)	AP	P	AP	P	AP	AP	P	P	P	P
Na confissão	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
No supermercado	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
Na cooperativa	A	AP	A	A	A	AP	A	A	AP	A
No comércio	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P

O traço (-) indica que informante não conheceu, nunca conversou ou não sente necessidade de falar com o interlocutor ou, então, nunca esteve no referido local.

Legenda:

- A - Alemão
- P - Português
- AP - Alemão/Português

TABELA 5.5.1.c - Escolha da língua entre os informantes da terceira geração.

Nº DO INFORMANTES	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30
IDADE	31	24	22	21	21	19	15	14	12	11	11
INTERLOCUTORES											
Pais	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	AP
Avós	AP	A	AP	A	A	A	A	A	A	A	AP
Irmãos	AP	A	AP	A	AP	A	A	AP	A	AP	AP
Cunhados	AP	A	AP	-	AP	-	-	-	-	-	-
Filhos	AP	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Cônjuge	A	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Parentes do cônjuge	A	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Vizinhos	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A
Amigos	AP	A	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP
No trabalho	A	A	AP	A	A	A	A	A	A	A	AP
Ajudantes	-	A	-	A	A	A	A	AP	A	AP	AP
Colegas de escola	P	P	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP
Prof. fora escola	P	A	AP	A	AP	A	P	P	P	AP	P
Nos órgãos oficiais	P	P	P	P	P	P	P	-	-	-	P
Médico	P	P	P	P	P	P	P	P	-	P	P
Enfermeira	P	P	P	P	P	P	P	-	-	P	P
Padre	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
Ministro Eucaristia	AP	A	AP	A	AP	A	A	AP	A	AP	AP
Deus (oração)	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
Na confissão	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
No supermercado	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
Na cooperativa	P	A	AP	A	AP	A	P	P	A	P	AP
No comércio	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P

O traço (-) indica que informante não conheceu, nunca conversou ou não sente necessidade de falar com o interlocutor ou, então, nunca esteve no referido local.

Legenda:

- A - Alemão
- P - Português
- AP - Alemão/Português

Comparando as tabelas 5.5.1.a, 5.5.1.b e 5.5.1.c, vemos que a predominância do uso do alemão (A) caracteriza os informantes da 1ª geração com exceção da informante número 2. Os da 2ª geração mantêm-se num certo equilíbrio entre as duas línguas (A e P), enquanto os da 3ª geração usam predominantemente o português (P).

Os informantes da 1ª geração (com exceção da número 2) usam o português somente se o interlocutor não sabe falar alemão. Apenas os informantes de números 7 e 8 têm certo domínio do português. Os demais quase não falam o referido idioma. Em relação ao informante de número 2, faz-se necessário expor que se trata de pessoa de ascendência luso-brasileira, nascida e criada numa comunidade de ascendência alemã no Rio Grande do Sul, inclusive tendo freqüentado uma escola alemã. Assim tinha boa compreensão da língua alemã, mas falava pouco. E. J. passou, efetivamente, a usar o alemão quando veio morar em Lageado Antunes com seu filho S.J., cuja esposa R.J. só falava alemão. Contudo, mostrou preferência pela língua portuguesa.

A segunda geração em geral possui razoável domínio da língua portuguesa e faz freqüentemente o papel de intérprete aos informantes da primeira geração quando estes visitam médicos ou órgãos oficiais. Notamos que há um predomínio do uso do alemão no âmbito familiar e comunitário. Porém, com interlocutores estranhos a seu meio usam, embora com um pouco de dificuldades, normalmente o português.

Na terceira geração predomina, sem dúvida, o português. Só mesmo com os pais e os avós, os mais jovens vêm se comunicando em alemão. Até mesmo com os irmãos, eles já vêm demonstrando cer-

ta preferência pelo português.

Contudo, esta breve análise deixa transparecer que a escolha da língua não só está relacionada ao interlocutor em si mas também a um determinado tipo de interlocutor. Na verdade, os interlocutores podem ser divididos em três blocos: aqueles que compõem a família, aqueles que constituem a comunidade e aqueles que pertencem a outro meio exterior à comunidade. Como a escolha linguística parece estar condicionada a esta divisão, julgamos necessário analisá-la sob este prisma.

5.5.2 - A escolha da língua conforme o interlocutor

Para podermos determinar os padrões de escolha das línguas, tivemos necessidade de reunir certos interlocutores. Obtivemos assim 19 interlocutores assim distribuídos: 6 na família, 7 na comunidade e 6 externos à comunidade em estudo.

Excluimos a informante número 1 por ser monolíngüe, visto que para ela não há opções de língua. Com isso, vemos nosso total de informantes reduzido a 29.

A fim de visualizar-se a escolha da língua, ordenamos os 29 informantes ao longo do eixo vertical e os interlocutores no eixo horizontal.

5.5.2.1 - A escolha da língua na família

Observando a tabela 5.5.2.1, percebe-se imediatamente que há um uso, quase que exclusivo, do alemão no ambiente familiar. Tal fenômeno explica-se pelo contexto sócio-cultural em que a comunidade vive. Sendo uma espécie de ilha alemã, Lageado Antunes está cercada por italianos e luso-brasileiros e isolada social e culturalmente. Assim, é na família que os elos lingüísticos se mantêm firmemente interligados, pois é neste ambiente que seus membros podem exercitar a língua livremente. Além disso, diversos estudos (SCHADEN, 1953 e LENARD, 1976 entre outros) já mostraram que uma comunidade rural tende a ser geográfica e lingüisticamente isolada e, conseqüentemente, a preservar mais sua língua ou dialeto. Por estas razões, veremos que a rede familiar será extremamente densa.

TABELA 5.5.2.1 - Escolha da língua na família

Nº DO INFORMANTE	GERAÇÃO	INTERLOCUTORES					
		1	2	3	4	5	6
2	1	-	P	P	P	AP	AP
3	1	A	A	A	A	A	AP
4	1	A	A	A	A	A	A
5	1	A	A	A	A	A	A
6	1	A	A	A	A	A	A
7	1	A	A	A	A	A	A
8	1	A	A	A	A	A	A
9	1	A	A	A	A	A	A
10	2	A	A	A	A	A	AP
11	2	P	P	P	A	AP	AP
12	2	A	A	A	A	A	-
13	2	A	A	A	A	A	-
14	2	A	A	A	A	A	-
15	2	A	A	A	A	A	-
16	2	A	A	A	A	A	-
17	2	A	A	A	A	A	-
18	2	A	A	AP	AP	AP	-
19	2	A	A	A	A	A	-
20	3	AP	A	AP	A	AP	-
21	3	A	A	A	-	-	-
22	3	AP	A	AP	-	-	-
23	3	A	A	A	-	-	-
24	3	A	A	AP	-	-	-
25	3	A	A	A	-	-	-
26	3	A	A	A	-	-	-
27	3	A	A	AP	-	-	-
28	3	A	A	A	-	-	-
29	3	A	A	AP	-	-	-
30	3	AP	AP	AP	-	-	-

Interlocutores: 1 - Avós
 2 - Pais
 3 - Irmãos
 4 - Cônjuge
 5 - Filhos
 6 - Netos

5.5.2.2 - Escolha da língua na comunidade

Na tabela 5.5.2.2, englobamos os interlocutores que constituem a comunidade. São pessoas que moram próximas ou distantes dos informantes, mas que se encontram com frequência e são conhecidas de todos.

Chamou-nos a atenção o uso do alemão com os vizinhos. Todos os informantes, sem exceção, comunicam-se em alemão com os seus vizinhos. Esta é mais uma característica da zona rural, onde os laços de amizade e união entre os vizinhos é muito forte. Certamente o fato deve-se a fatores sociolinguísticos, como, por exemplo, a necessidade de ajuda mútua devido à falta de recursos próximos ou pela simples necessidade de comunicação.

Os amigos de nossos informantes são, quase sempre, membros de sua família ou colegas da vizinhança ou escola, no caso da 3ª geração.

Consideramos "colegas da escola" aquelas pessoas com as quais nossos informantes falam ou falavam, no caso dos adultos, alemão na escola. Como a maioria dos informantes da 2ª e 3ª gerações frequentou uma escola depois da "Campanha de Nacionalização do Ensino"², preferimos considerar o professor fora da escola, já que o uso do alemão e qualquer língua estrangeira estava proibido na época. Note-se que os informantes da 1ª geração usavam somente o alemão com seus colegas de escola (a de número 2 é exceção). Já os da segunda geração usavam alternadamente o alemão e o português, sempre lembrando o drama vivido na época em virtude na na-

²Sobre o assunto ver MONTEIRO, J. A nacionalização do ensino. Florianópolis, UFSC, 1984.

TABELA 5.5.2.2 - Escolha da língua na comunidade.

Nº DO INFORMANTE	GERAÇÃO	INTERLOCUTORES						
		1	2	3	4	5	6	7
2	1	A	AP	AP	AP	A	AP	-
3	1	A	A	A	A	A	A	AP
4	1	A	A	A	A	A	A	A
5	1	A	A	A	A	A	A	A
6	1	A	A	A	A	A	A	A
7	1	A	A	A	A	A	A	A
8	1	A	A	A	A	A	A	A
9	1	A	A	A	A	A	A	A
10	2	A	A	AP	AP	A	A	-
11	2	A	AP	P	P	AP	AP	-
12	2	A	A	A	A	A	AP	A
13	2	A	A	A	AP	A	A	A
14	2	A	A	A	A	A	A	A
15	2	A	A	AP	AP	AP	A	A
16	2	A	A	AP	AP	A	A	A
17	2	A	A	A	A	A	A	A
18	2	A	AP	P	AP	AP	AP	A
19	2	A	A	AP	A	A	AP	A
20	3	A	AP	P	P	P	AP	-
21	3	A	A	P	A	A	A	A
22	3	A	AP	AP	AP	AP	AP	-
23	3	A	AP	AP	A	A	A	A
24	3	A	AP	AP	AP	AP	AP	A
25	3	A	AP	AP	A	A	A	A
26	3	A	AP	AP	P	P	A	A
27	3	A	AP	AP	P	P	AP	AP
28	3	A	AP	AP	P	A	A	A
29	3	A	AP	AP	AP	P	AP	AP
30	3	A	AP	AP	P	AP	AP	AP

Interlocutores: 1 - Vizinhos
 2 - Amigos
 3 - Colegas da escola
 4 - Professor fora da escola
 5 - Balconistas do Posto da Cooperativa
 6 - Ministro da Eucaristia
 7 - Ajudantes (na época da colheita ou outros)

cionalização do ensino. A 3ª geração, em consequência disso, embora não consciente, faz uso do alemão em momentos reservados e oportunos, expressando-se, sem dúvida, predominantemente em português.

Em Lageado Antunes funciona um posto da Cooperativa CAS-LO. Trata-se de um minimercado onde os moradores podem comprar os gêneros de primeira necessidade, além de vender seus produtos agrícolas. Os balconistas deste posto são membros da comunidade e falam o perfeito alemão local.

Também o interlocutor número 6 é membro da comunidade e escolhido para esta função pela própria comunidade. Muitas vezes, trata-se de um parente ou vizinho do informante. Por isso, o uso alternado de A e P.

Em relação aos "ajudantes na época da colheita", o uso predominantemente alemão advém de muitas vezes, os ajudantes são parentes ou vizinhos. Assim, vivemos, há uma ajuda mútua entre os vizinhos e raramente encontrada uma pessoa desconhecida para auxiliar na tarefa da colheita ou outra qualquer.

5.5.2.3 - Escolha da língua fora da comunidade

Incluimos neste bloco aqueles interlocutores que não pertencem ao âmbito familiar nem tão pouco ao âmbito comunitário. Poderíamos chamá-los também de interlocutores extracomunitários, por não pertencerem à comunidade em estudo.

TABELA 5.5.2.3 - Escolha da língua fora da comunidade.

Nº DO INFORMANTE	GERAÇÃO	INTERLOCUTORES					
		1	2	3	4	5	6
2	1	P	P	P	-	P	P
3	1	AP	AP	A	-	-	AP
4	1	P	P	-	P	P	P
5	1	AP	AP	A	-	-	P
6	1	P	P	-	P	P	P
7	1	P	P	-	P	P	P
8	1	P	P	A	P	P	P
9	1	-	-	A	-	-	AP
10	2	P	-	A	-	P	P
11	2	P	P	-	P	P	P
12	2	P	P	-	P	P	P
13	2	P	-	P	P	P	P
14	2	P	P	-	P	P	P
15	2	P	P	-	P	P	P
16	2	P	P	P	P	P	P
17	2	P	P	P	P	P	P
18	2	P	P	-	P	P	P
19	2	P	P	-	P	P	P
20	3	P	P	-	P	P	P
21	3	P	P	-	P	P	P
22	3	P	P	-	P	P	P
23	3	P	P	-	P	P	P
24	3	P	P	-	P	P	P
25	3	P	P	-	P	P	P
26	3	P	P	-	P	P	P
27	3	P	-	-	-	P	P
28	3	-	-	-	-	P	P
29	3	P	P	-	-	P	P
30	3	P	P	-	P	P	P

Interlocutores: 1 - Médico
 2 - Enfermeira
 3 - Parteira
 4 - órgãos oficiais
 5 - Padre
 6 - Vendedores

Trata-se do médico, enfermeira, parteiras, vendedores (comércio em geral) e de funcionários de órgãos oficiais. São pessoas ligadas a estabelecimentos comerciais e órgãos oficiais que moram ou se localizam na sede do município, o qual tem uma população predominantemente, como já vimos, de ascendência italiana. Portanto, estão fora do contexto sociolinguístico de Lageado Antunes. Daí a necessidade do uso do português pelos nossos informantes. Também incluímos aqui o padre, por considerá-lo um elemento exterior à comunidade (visita-a apenas temporariamente).

Deste modo, é natural haver o uso, quase que exclusivo, do português com os interlocutores desse terceiro bloco. O uso do alemão pelas informantes da primeira geração e de número 10 da segunda geração com as parteiras deve-se ao fato de que, naquela época, a mulher dava à luz em sua própria casa com o auxílio dessas profissionais. Os informantes que usam AP com o médico/enfermeira estão ou já estiveram em tratamento no vizinho município de Campo Erê, onde há uma médica bilíngüe. Outros dizem que quando precisam procurar órgãos oficiais ou de uma loja preferem levar um intérprete.

5.6 - As redes individuais de comunicação

Para determinar a rede básica de relações e o uso das línguas para cada informante, consideramos principais os campos 2, 3 e 4 do nosso questionário-entrevista (ver anexo 2).

Desta forma, obtivemos no campo 2 todas as informações necessárias sobre o uso das duas línguas entre os membros da fa-

mília e pudemos estabelecer a rede familiar da tabela 5.6.1.

No campo 3, ficamos conhecendo os vizinhos mais próximos de nossos informantes, a frequência de contato com os mesmos e quais as línguas usadas nestes encontros.

Ficamos sabendo, através do campo 4, quem são as três pessoas com quem cada informante melhor se relaciona e com quem conversa com mais frequência, além dos membros de sua família.

5.6.1 - A rede familiar

Nossa amostra envolve seis famílias. Na tabela 5.6.1, podemos visualizar as redes de comunicação no âmbito familiar de cada informante e localizar o mesmo dentro da família à qual pertence.

Observando a tabela 5.6.1, verificamos que, nas famílias 2 e 3, o uso do alemão é absoluto, pois todos os informantes somente comunicam-se na referida língua.

Na família 4, a informante número 3 comentou que, às vezes, precisa falar em português com os netos mais jovens "die heit schon frih alles prosilionisch lene" (os quais, hoje em dia, já aprendem tudo em português, bem cedo). Tal comentário confirma-se, pois os seus dois netos mais velhos (informante 23 e 25) afirmaram que sempre fazem uso do alemão quando se comunicam com a avó. Além disso, durante a visita para a aplicação do questionário-entrevista, observamos que a informante número 3, quando se dirigia aos seus netos de 5 e 3 anos, fazia-o ora em português ora em alemão.

TABELA 5.6.1 - Rede familiar.

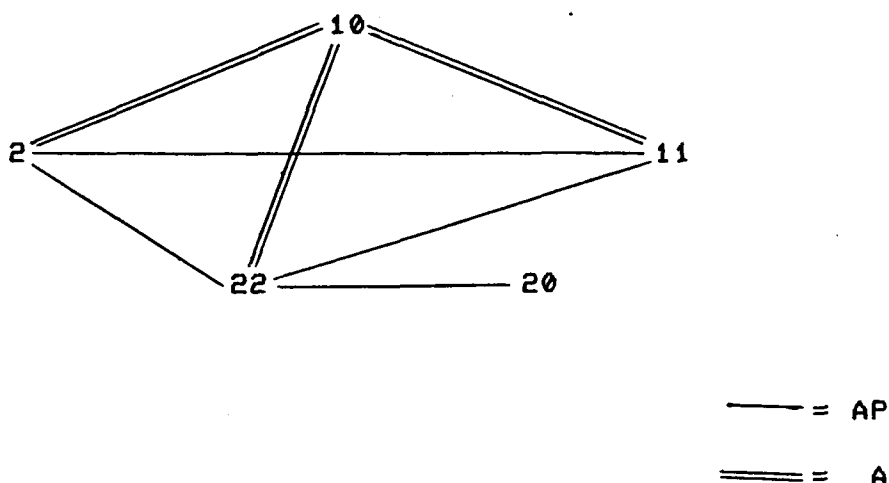
Fa	In	Id	Ge	AVÓS		PAI	MÃE	IRMÃOS	CÔNJUGE	FILHOS	NETOS
				PATERNOS	MATERNOS						
1	6	65	1	A	A	A	A	A	A	A	A
	8	62	1	A	A	A	A	A	A	A	A
	18	33	2	A	A	A	A	AP	AP	AP	A
	24	21	3	A	A	A	A	AP	-	-	-
	30	11	3	P	A	AP	AP	AP	-	-	-
2	7	64	1	A	A	A	A	A	A	A	A
	9	62	1	A	A	A	A	A	A	A	A
	15	39	2	A	A	A	A	A	A	A	-
	24	15	3	A	A	A	A	A	-	-	-
	28	12	3	A	A	A	A	A	-	-	-
3	1	85	1	A	A	A	A	A	A	A	A
	12	51	2	A	A	A	A	A	A	A	-
	13	47	2	-	A	A	A	A	A	A	-
	21	24	3	A	A	A	A	A	-	-	-
4	3	74	1	A	A	A	A	A	A	A	AP
	16	36	2	-	A	A	A	A	A	A	-
	19	32	2	A	-	A	A	A	A	A	-
	23	21	3	A	A	A	A	A	-	-	-
	25	19	3	A	A	A	A	A	-	-	-
5	2	80	1	-	-	P	P	P	P	P	AP
	10	57	2	A	A	A	A	A	A	A	AP
	11	57	2	P	P	P	AP	P	A	AP	AP
	20	31	3	AP	A	A	A	AP	A	AP	-
	22	22	3	AP	-	A	A	AP	-	-	-
6	4	69	1	A	A	A	A	A	A	A	A
	5	67	1	A	A	A	A	A	A	A	A
	14	41	2	A	A	A	A	A	A	A	-
	17	36	2	A	A	A	A	A	A	A	-
	27	14	3	A	A	A	A	AP	-	-	-
	29	11	3	A	A	A	A	AP	-	-	-

Outro indício de que a terceira geração apresenta tendências para o uso do português está na família 6. As irmãs de números 27 e 29 admitem usar, com freqüência, o português quando se comunicam entre si.

O uso do português já faz parte da vida cotidiana da segunda geração na família número 1. A informante de número 18 usa o alemão com os avós e os pais, mas com seu esposo, filhos e irmãs usa alternadamente o AP (Alemão/Português). Seu filho número 30 comunica-se em alemão principalmente com o avô materno, o qual praticamente é monolíngüe. Com os demais membros da família, também faz uso do alemão, porém prefere o português.

A família 5 a qual apresenta o maior uso do português tem uma história interessante. A informante número 2 de descendência luso-brasileira (nome de solteira: da Silva), nasceu e criou-se numa comunidade de descendentes alemães no Rio Grande do Sul, inclusive freqüentando uma escola alemã. Por estas razões, tinha boa compreensão da língua alemã, mas falava pouco. Quando faleceu seu esposo (também de descendência luso-brasileira) veio morar em Lageado Antunes com seu filho (informante número 11) cuja esposa (número 10) era de descendência alemã. A partir daí, a família praticamente só usava o alemão. Mais tarde, 3 filhos de 10 e 11 se casaram com pessoas de descendência italiana. Um deles ficou morando na mesma casa que continua a abrigar três gerações. Conseqüentemente, percebe-se que há uma forte tendência para o uso predominante do português.

Contudo, o gráfico a seguir, mostra que a família 5 ainda apresenta uma rede bem densa.



Nesse gráfico, pode-se ver claramente a figura da mulher-mãe e da etnia alemã (10) dominando a rede de relações familiares e, conseqüentemente, o uso da língua alemã.

Podemos concluir, dessa forma, que, as características de densidade da rede familiar são possivelmente as principais responsáveis pela manutenção da língua minoritária, além dos fatores já mencionados anteriormente, tais como interlocutor, isolamento geográfico e sociolinguístico, profissão de alemães, religião, profissão, entre outros.

5.7 - As atitudes com relação às línguas

Em nosso estudo também levamos em conta as atitudes dos falantes frente à língua alemã e portuguesa. Consideramos este um aspecto relevante, pois o prestígio de uma ou de outra língua pode ser um importante fator no retardamento ou aceleração do processo de assimilação. Para tal fim, introduzimos no final de cada

entrevista questões sobre a atitude do falante em relação às línguas que fala e à avaliação pessoal.

No campo número 12 (ver anexo 2), elaboramos 19 perguntas a respeito das atitudes dos informantes com o objetivo de conhecer a posição dos mesmos sobre: a utilidade de saber falar alemão; a comodidade, o gosto e a facilidade de expressão nas línguas; a aquisição das línguas pelas crianças; o orgulho de ser descendente de alemães e sua opinião quanto a continuidade ou não do alemão na comunidade.

Todos os informantes entrevistados acham bom saber falar alemão. A geração mais jovem apontou, principalmente, a vantagem de poder se comunicar com os avós. Na segunda geração, o interesse deve-se à continuidade da tradição e da língua adquirida dos pais. Para os membros da primeira geração, a língua alemã é a língua materna, aliás ela já nasceu com eles e é aquela língua em que conseguem se comunicar melhor.

Do total de 30 informantes, 26 afirmaram que têm um gosto maior pela língua alemã, que também é mais cômoda e mais fácil para expressar seus pensamentos. Isto revela não só uma preferência pela língua alemã, mas também comprova o uso predominante da mesma e um domínio maior desta pelos informantes. Três informantes indicaram a língua portuguesa porque a tiveram como língua materna, tendo aprendido a língua alemã com cerca de 4 anos de idade. O informante número 22, apesar de ser bilíngüe desde criança, também apontou a língua portuguesa, caracterizando-a como a mais fácil, pois "é a primeira que vem na cabeça". Na verdade, este fenômeno advém do fato de essa pessoa possuir um domínio e um contato maior com a língua portuguesa.

Na opinião de 20 de nossos informantes, as crianças deveriam aprender primeiro a língua alemã e depois a portuguesa. A justificativa apresentada está na facilidade de se aprender a língua alemã que se adquire em casa. O português aprender-se-ia na "rua". Outros 5 informantes mostraram-se favoráveis à aprendizagem simultânea de ambas as línguas. Por experiência própria, 2 informantes afirmaram que se pode primeiro aprender o português e depois o alemão, sem problema algum. Os demais entrevistados (3) não quiseram opinar sobre a questão.

Excluindo evidentemente os informantes que não possuem descendência alemã, todos os demais demonstraram sentir orgulho de sua origem étnica. Em nossas visitas sentimos mesmo que existe certo orgulho em ainda cultivar o idioma de seus antepassados. Todos insistiam em falar alemão o tempo todo procurando confirmar a frase proclamada com frequência: "Mir spreche jo alles teitsch", ou seja, "nós falamos tudo em alemão", o que nem sempre era comprovado através do questionário. O número elevado de empréstimos adotados, como veremos no próximo capítulo, também coloca em dúvida a veracidade de tal afirmação.

Indagados sobre sua opinião, todos os informantes revelaram que a língua alemã vai continuar a ser falada em Lageado Antunes. Diante da pergunta: "Por quanto tempo?", a maioria parou um momento para refletir e as respostas foram bastante divergentes: 50% deu respostas variando de 10 a 50 anos; 9 informantes acham a língua alemã será mantida em Lageado Antunes entre 51 e 100 anos. Outros 3 afirmaram que a língua alemã será falada na comunidade por vários séculos ou até para sempre. O restante dos informantes não soube responder com números, mas demonstrou-se

preocupado com a questão. Estes informantes apontaram 2 fatores dos quais dependeria a continuidade ou não da língua alemã: os casamentos inter-étnicos e o interesse dos pais em transmitir a língua alemã aos filhos. Um senhor de mais idade, referindo-se à manutenção da língua, disse que "solang wie ich lebe, do garantiere ich", ou seja, "enquanto eu viver, eu garanto".

Se dependesse somente dos informantes, a manutenção da língua alemã em Lageado Antunes certamente se daria por longos anos. Todavia, eles têm consciência de que tudo muda e que os fatores acima citados pelos informantes e os outros apontados neste capítulo podem realmente influenciar os rumos lingüísticos da comunidade.

No campo número 13 (ver anexo 2), os informantes foram solicitados a avaliar seu desempenho em ambas as línguas, numa escala de um a cinco assim constituída:

- 1 - perfeito português ou alemão falado em Lageado Antunes;
- 2 - muito bem, mas não perfeito;
- 3 - mais ou menos bem;
- 4 - não muito bem;
- 5 - quase não fala.

Além disso, pedimos aos informantes que fizessem uma avaliação do alemão falado pela comunidade. Para tal fim, apresentamos basicamente a mesma escala de valores, alterando contudo, o nível 5 de "quase não fala" para "mal".

Para podermos visualizar melhor os resultados obtidos, dispusemos os dados em tabelas.

TABELA 5.7.1 - Avaliação, pelos informantes, do seu português.

ESCALA	Nº DE INFORMANTES	%
1	7	23,0
2	8	26,7
3	7	23,0
4	1	3,3
5	7	23,0

Analisando a tabela 5.7.1, verificamos uma auto-avaliação negativa com relação ao português. Isso advém, possivelmente, do fato de que 28 (93%) de nossos informantes tiveram o alemão como língua materna. Assim, quase todos os informantes da primeira e segunda gerações tiveram seu primeiro contato com a língua portuguesa ao ingressarem na escola. Já os bilíngües da terceira geração tiveram uma iniciação no português ainda na idade pré-escolar (embora ainda hoje não exista jardim de infância nem ensino pré-escolar na comunidade).

Todavia, o problema mesmo parece estar relacionado à figura do agricultor, o colono que não fala direito. Sentimos isso nas expressões dos próprios informantes: "uf te kolonie, do hot ma net gelernt so richtig spreche", ou seja, "na colônia a gente não aprendeu a falar direito" ou "do hat ma ken schul", "a gente não tinha instrução". Segundo WILLEMS (1980:126), a cultura essencialmente rural desenvolvida pelos teuto-brasileiros é uma das razões para o sentimento de inferioridade com relação ao "brasileiro" e, conseqüentemente, de sua língua: "É o camponês 'pobre', 'branco', 'mal educado' e 'mal vestido' que admira o citadino, 'rico', 'bem educado', 'bem vestido', com todo o seu 'conforto' em matéria de habitação, alimentação, etc.". Como conseqüência desta visão de mundo, grande parte dos entrevistados da primeira

e também da segunda geração afirmou que o seu português é estigmatizado pelos "brasileiros" monolíngües, principalmente pelos citadinos.

TABELA 5.7.2 - Avaliação, pelos informantes, do seu alemão.

ESCOLA	Nº DE INFORMANTES	%
1	25	83,3
2	05	16,7
3	-	-
4	-	-
5	-	-

A tabela 5.7.2 apresenta uma auto-avaliação positiva com relação ao alemão: 83,3% dos informantes consideraram seu alemão no patamar mais elevado; os outros 16,7%, talvez mais por modéstia do que insegurança, acham que falam muito bem, mas não de modo perfeito.

TABELA 5.7.3 - Avaliação, pelo informante, do alemão de Lageado Antunes.

ESCOLA	Nº DE INFORMANTES	%
1	12	40,0
2	17	56,7
3	1	3,3
4	-	-
5	-	-

Em relação a tabela 5.7.3, constatamos que 40% dos informantes avaliaram o alemão falado em Lageado Antunes como perfeito. Pudemos observar, através de comentários dos informantes, que existe uma consciência da existência de uma diversidade de diale-

tos, bem como de uma língua padrão denominada de "richtig" ou "correta". Para estes informantes, o importante é que a variante lingüística utilizada na comunidade constitui praticamente o único instrumento de comunicação utilizado entre as pessoas. Basicamente as mesmas observações foram feitas pelos 56,7% de informantes para os quais em Lageado Antunes fala-se alemão muito bem, mas não perfeitamente. Aqui o sentimento de inferioridade volta a se fazer presente em "Mia spreche so hunsrückisch". Para eles o dialeto "Hunsrück" é uma forma desprezível e errônea e não uma simples variante lingüística.

Segundo WILLEMS (1980:197), "A insegurança lingüística em geral, a ausência de um idioma-padrão que se impusesse, pelo seu prestígio, e através de instituições comunais, (...), contribuiu consideravelmente não só para a hibridação do linguajar rústico dos colonos, mas também para criar relações interdialetais verdadeiramente confusas".

Concluindo, parece bastante evidente que, se hoje a língua alemã ainda se mantém em Lageado Antunes, as principais razões são a sua configuração e o seu isolamento. Se os habitantes viveram isolados por aproximadamente três décadas, este não foi um ato voluntário certamente, mas um fator determinante na luta pela vida e da manutenção da língua.

Dessa forma, a primeira geração deixa transparecer a dificuldade em aprender a língua portuguesa razão pela qual tenta manter a língua materna, transmitindo-a aos filhos. Enquanto os descendentes formavam um grupo isolado, havia a tendência de ensinar-se a língua materna para as gerações seguintes. Porém, a geração mais jovem começou a mostrar um comportamento lingüístico

mais voltado ao vernáculo nacional.

Os dados demonstram que a língua alemã predomina no ambiente familiar e comunitário, enquanto que a língua nacional é utilizada fora da comunidade. Todavia, o cultivo do falar alemão tende a esmorecer com o fim do isolamento lingüístico e geográfico que vem se efetuando. Os contatos cada vez mais freqüentes com os falantes do português através do comércio, de repartições públicas, da escola, do círculo de amizades e de casamentos inter-étnicos e da modernidade concretizada com a pavimentação asfáltica e a eletrificação, estão acelerando o processo de transformação.

6 - VOCABULÁRIO DO DILETO ALEMÃO

Como pudemos comprovar até o momento, o alemão ainda constitui o principal instrumento de comunicação utilizado na comunidade em estudo, apesar da lenta e progressiva transformação que vem ocorrendo nos últimos anos. Mas como é esse alemão falado em Lageado Antunes? Afinal, sabemos que esta língua trazida pelos imigrantes já ultrapassou o seu centenário aqui no Brasil. Sabe-se também que o alemão e o português entraram em contato desde o princípio. Segundo Trudgill (1974, apud STEINER, 1988:146), duas línguas que se encontram em contato socialmente e sofrem intercâmbio lingüístico, necessariamente mudam, se transformam. Vários estudos (BUNSE, 1969; KOCH, 1974; KAHMANN, 1987; BÄRNERT-FÜRST, 1989, entre outros) mostram que as transformações sofridas pela língua alemã no Rio Grande do Sul foram numerosas. Como Lageado Antunes foi povoada por colonos gaúchos, a língua da comunidade caracteriza-se como língua oral e em transformação, apresentando elevado número de empréstimos e neologismos.

No presente estudo, partindo da observação de DUBOIS (1988:209) de que "o empréstimo é o fenômeno sociolinguístico mais importante em todos os contatos de línguas", analisaremos os empréstimos linguísticos tomados do português e em uso corrente no alemão falado em Lageado Antunes, assinalando suas características e os fatores culturais e sociolinguísticos que influenciaram na adoção dos mesmos. Assumiremos a definição de DUBOIS (1988:209): "há empréstimo linguístico quando um falar A usa e acaba por integrar uma unidade ou um traço linguístico que existia precedentemente num falar B e que A não possuía; a unidade, ou o traço emprestado são, por sua vez, chamados de empréstimos".

Vários autores já estudaram os empréstimos tomados do português pelos falantes de dialetos alemães no Brasil. Todavia, poucos levaram em consideração os dialetos alemães falados em Santa Catarina. Entre eles, podemos citar WILLEMS (1946), FAUSEL (1959), OBERACKER (1957) e SCHADEN (1953) e mais recentemente STEINER (1988).

WILLEMS (1980:193-232), apresenta uma lista de mais de 600 empréstimos. Para o autor, a razão principal de tantos empréstimos linguísticos reside na influência do novo meio ambiente que impunha a aquisição de uma terminologia para preencher as lacunas existentes na língua dos imigrantes. De fato, a maioria dos empréstimos listados refere-se à denominação de animais e à criação do gado em geral. Diante das mudanças linguísticas decorrentes dessas diferenças físicas, duas possibilidades se apresentavam: criação de novas palavras com recursos da própria língua e a adoção de termos usados no português. Ambas as possibilidades foram utilizadas. Dos novos termos incorporados, grande parte refe-

re-se a animais, política, justiça e administração, casa e utensílios domésticos, alimentação e plantas cultivadas. Isto nos levou a considerar principalmente estes campos semânticos na elaboração de nosso questionário para a pesquisa de campo.

SCHADEN (1953:29-44) dedica sua atenção ao problema da aculturação lingüística na comunidade rural de São Bonifácio, então município de Palhoça-SC. O autor descreve a transição do monolingüismo (alemão) dos imigrantes vindos da Vestfália para o bilingüismo (alemão-português). Apresenta uma lista de 337 termos, com exceção de nomes da flora e fauna, considerando como um dos fatores que mais contribuiu para a difusão da língua nacional, a construção da estrada de rodagem ligando a vila a Florianópolis e Tubarão.

OBERACKER (1957) também desenvolveu um estudo relativo às transformações que a língua alemã sofreu no Brasil. Classifica os empréstimos em dois grupos. No primeiro, estão as palavras inteiramente inevitáveis ou de adaptação que foram aceitas porque não existia na língua alemã denominação para o respectivo objeto ou atividade. As palavras acolhidas no segundo grupo, devem-se aos próprios imigrantes. Embora, em princípio, a aceitação destas fosse evitável, por motivos subjetivos como o desconhecimento do termo, o comodismo, etc., foram acolhidas, o que reflete um rápido processo de aculturação.

FAUSEL (1959), apresenta sem dúvida, a lista mais extensa e minuciosa de empréstimos feitos do português pelos descendentes de imigrantes alemães. Os mais de 3.000 termos relacionados estão distribuídos em campos semânticos como: criação de gado e cavalo, plantas, frutas, animais, sociedade e cultura, formas de sauda-

ção, vida pública e política, comércio, campo e cidade, transporte e técnica. Envolvem ainda expressões idiomáticas e frases.

STEINER (1988) analisa o vocabulário do falar alemão de Jaraguá do Sul (SC), no que tange à formação lexical de empréstimos, a partir da constatação de que os estudos realizados até então deixavam a desejar, pois abrangiam indiferentemente variantes empregadas em diversos estados brasileiros e não especificamente dos dialetos alemães de Santa Catarina. Embora esta pesquisa represente uma valiosa contribuição, ela se restringe a uma comunidade urbana da região Nordeste do Estado.

Assim, sentimos necessidade de preencher um pouco mais esta ainda imensa lacuna, levantando o vocabulário falado pelos descendentes de imigrantes alemães que se deslocaram do RS e se estabeleceram numa comunidade rural do Oeste de Santa Catarina.

6.1 - Metodologia

6.1.1 - Elaboração do questionário

Dentro da literatura existente sobre empréstimos, encontramos diversos trabalhos que trazem longas listas de termos tomados do Português e empregados em dialetos alemães do RS. Os colonos gaúchos que povoaram Lageado Antunes procediam de diferentes regiões e, portanto, eram falantes de diferentes dialetos alemães. Além disso, os novos habitantes entraram em contato com a população cabocla local e aquela proveniente de outras regiões catarinenses. Por conseguinte, podia-se prever uma língua ainda

em processo de sedimentação, um falar ainda não cristalizado, com características peculiares. Dessa forma, buscamos levantar o vocabulário deste falar em uso pelos descendentes de imigrantes alemães em Santa Catarina.

Para tanto, elaboramos um questionário lexicológico baseado em STEINER (1988:184). Por tratar-se de uma comunidade rural, excluimos as questões referentes à vida citadina e incluímos outras adaptando o questionário ao meio. Por exemplo, abordamos perguntas que concernem aos instrumentos e produtos agrícolas. Também buscamos apoio nas listas de empréstimos de Fausel, Willems e Staub. Serviu-nos de orientação ainda, o questionário do Atlas Lingüístico do Sudoeste Alemão (König, 1974). Chegamos, assim, a 248 perguntas abordando assuntos tais como: habitação, utensílios domésticos, vestuário, alimentação, hortaliças, frutas, divertimentos, profissões, transportes, animais e outros.

Alertamos para o fato de que algumas perguntas são bastante abrangente, abrindo um grande leque para respostas. Por exemplo, a pergunta de número 225, solicitava ao informante que citasse o nome dos animais de seu conhecimento. Dessa forma, uma única pergunta admitia um número indefinido de respostas.

Na elaboração do questionário, tivemos a preocupação de explorar os campos semânticos em que os referidos estudos apontaram a maior incidência de empréstimos bem como os de maior interesse e mais próximos do cotidiano dos informantes.

6.1.2 - Aplicação do questionário

O questionário lexicológico foi aplicado individualmente e gravado para evitar a inibição dos informantes. Parece contraditório, mas apresentando o pretexto de que, gravando não precisaríamos anotar as respostas o que levaria mais tempo e seria muito cansativo, a execução tornou-se rápida e agradável.

A aplicação do questionário foi feita nas mesmas seis famílias em que realizamos o estudo das redes de comunicação. Desta vez entrevistamos três informantes de cada família, sendo um de cada geração. Dessa forma, colhemos os dados de seis informantes de cada uma das três gerações, totalizando dezoito entrevistas. A frequência dos empréstimos foi calculada em relação a estes dezoito informantes.

Algumas respostas eram rápidas e objetivas. Outras vinham envoltas em comentários. Assim obtivemos muitas respostas inesperadas e interessantes. Não podíamos desconsiderar estes dados, pelo simples fato de não terem sido programados, o que fez com que o número de dados sofresse um acréscimo considerável.

6.2 - Classificação dos dados obtidos

Ao nos debruçarmos sobre o mar de dados colhidos, verificamos, de imediato, uma grande diversidade lingüística, o que nos levou a tomar algumas decisões. Inicialmente decidimos considerar somente as respostas lexicalmente diferentes da língua alemã quer no nível culto quer na forma de variantes. Assim desprezamos as

respostas "aceitáveis" na língua alemã e passamos a nos preocupar apenas com os empréstimos e os neologismos. No caso dos empréstimos, logo percebemos que havia aqueles parcial ou integralmente tomados do português inculto ao dialeto alemão, sofrendo ou não adaptações durante o processo de transferência de uma língua para outra. Em relação aos neologismos, criações com elementos da própria língua alemã, constatamos inovações decorrentes da transferência de elementos do português ao alemão sendo que alguns constituem uma tradução literal (decalques). Por fim, obtivemos o registro de vocábulos integrantes de dialetos regionais da Alemanha¹. Diante de uma situação lingüística tão diversificada, procedemos à classificação dos dados de acordo com a "roupagem" de cada termo, apoiando-nos na literatura de COSERIU (1979), CARVALHO (1989) e DUBOIS (1988).

Na língua ocorrem constantes mudanças que são manifestações de criatividade na linguagem. Conforme COSERIU (1979:71-72), uma inovação pode ser:

- a) alteração de um modelo tradicional;
- b) seleção entre variantes e modos isofuncionais existentes na língua;
- c) criação sistemática ("invenção" de formas de acordo com as possibilidades do sistema);
- d) economia funcional (negligência de distinções superfluas no discurso);

¹Os termos assinalados como dialetais(*) podem ser comprovados em KÖNIG, W. DTV - Atlas zur deutschen Sprache. Munique, Deutscher Taschenbuch Verlag, 1983.

e) empréstimo de outra língua (que pode ser total ou parcial e, em relação a seu modelo, pode implicar também em alteração).

CARVALHO (1989:24-25) afirma que toda língua viva tem seus mecanismos de ampliação do léxico, que resulta de dois processos:

- o processo de criação dentro da própria língua;
- o processo de adoção e adaptação de um termo de língua estrangeira.

No primeiro processo, pode ocorrer uma inovação na forma (neologismo formal) ou uma inovação no significado (neologismo conceitual). Já no segundo processo, interessa a adoção e adaptação de um termo de língua estrangeira, isto é, o empréstimo.

DUBOIS (1988:430) distingue entre neologia de forma e neologia de sentido. A neologia de forma "consiste em fabricar, para fazê-lo, novas unidades" enquanto que a neologia de sentido "consiste em empregar um significante que já existe na língua considerada, conferindo-lhe um conteúdo que ele não tinha até então - que esse conteúdo seja conceptualmente novo ou que tenha sido até então expresso por outro significante".

Desse modo, adotamos a seguinte classificação lexical (CL):

- **Empréstimo Total (ET)** - Consiste numa forma idêntica à do português (seja o culto, o inculto, o regional, o grupal ou idioletal). Trata-se de um termo tomado de empréstimo do português e incorporado integralmente no falar de Lageado Antunes. Ex.: [ˈliSo] de lixo.

- **Empréstimo Adaptado (EA)** - Trata-se de um empréstimo do português com algum traço de adaptação ao alemão padrão ou regional. Ex.: [ba`Nere] de banheiro.

[kani`vEt] de canivete.

- **Empréstimo parcial (EP)** - Tipo de empréstimo composto de dois vocábulos diferentes ou de um vocábulo + sufixo em que há origem mista (português + alemão ou vice-versa) de componentes lexicais com ou sem variantes morfo-fonêmicas.

Ex.: [apa`katepom] de abacate + Baum (árvore)

[fuspalkamp] de Fussball (futebol) + campo

[ma`rEkçe] de marreco + -chen (sufixo alemão).

Incluimos também nos empréstimos parciais, as expressões² em que um dos termos constitui um empréstimo do português.

Ex.: [a`vizo `loze] de deixar aviso (avisar)

- **Neologismo de Forma (NF)** - Consiste na formação de novas unidades lexicais dentro do próprio dialeto alemão através da truncagem(a), uso ou queda de afixos(b), onomatopéia(c) ou junção de dois termos antes existentes só em separado(d).

Exs.: a) [me`lone] de Wassermelone (melancia)

b) [`ufneSutsajç] de uf(auf) +Schuhzeug (calçado aberto)

c) [`prumfeçel] de brummen (zumbir do beija-flor)

d) [`lantpapire] de Land + Papieren (escritura).

- **Neologismo de Sentido (NS)** - Consiste em empregar um

²Segundo DUBOIS (1988:257), expressão é "todo constituinte de frase (palavra, sintagma)".

significante que já existe na língua considerada, conferindo-lhe um conteúdo que ele não tinha até então.

Exs.: [tee] de Tee (chá), no sentido de chimarrão
 [sis] de Süß (doce), no sentido de sobremesa.

Num índice menor de frequência apresentam-se ainda:

- **Decalque (**)** - Item lexical ou sintagma alemão criado à imagem e semelhança da forma portuguesa. Corresponde a uma tradução literal.

Exs.: [ˈkrineSlage] = cobra-verde
 [ˈtsuganis] = amendoim doce (com açúcar).

Os decalques são pouco numerosos, pois, de acordo com WILLEMS (1980:196), "era mais simples adotar e germanizar termos portugueses do que traduzi-los, para encher supostas ou reais lacunas da língua nativa".

- **Dialeto (*)** - Trata-se de vocábulos que pertencem a um dos diferentes dialetos alemães ou têm sua origem em um deles³.

Exs.: [ˈkawl] = Pferd (alemão), cavalo (português)
 [ˈhingel] = Huhn (alemão), galinha (português)
 [ˈtibe] = Topf (alemão), panela (português).

Quando a resposta, por qualquer razão, não se enquadra em nenhuma das classes lexicais acima, assinalamos a mesma com um ponto de interrogação (?). Não podemos por exemplo, afirmar se

³A este respeito, consultar KÖNIG, W. DTV - Atlas zur deutschen Sprache. Munique, Deutscher Taschenbuch Verlag, 1983.

[ka'noo], canoa em português, constitui um empréstimo ou se deriva da antiga forma alemã "Kanu".

Na classificação dos dados indicamos, ainda, a classe gramatical dos itens lexicais colhidos em que consideramos os substantivos, os verbos e as expressões, além do assunto, o que denominamos "campo semântico".

Como o objetivo deste capítulo é analisar os empréstimos por campo semântico e por geração, o que nos possibilitará conhecer o campo semântico em que ocorre o maior número de empréstimos, e qual a geração que mais se utiliza do processo de adoção de um termo estrangeiro, concentraremos nossa análise nos empréstimos lexicais, observando apenas alguns fenômenos ocorridos no processo de adaptação e integração dos mesmos ao vocabulário alemão em uso corrente.

6.3 - As adaptações dos empréstimos

6.3.1 - Transcrição fonética

Como já vimos, o falar alemão de Lageado Antunes é tipicamente oral e dialetal. Portanto, não existe como língua escrita e não possui um sistema convencional ortográfico. Surgiu então, a necessidade de uma transcrição fonética.

Pode-se observar que cada trabalho publicado faz uso de uma transcrição fonética específica. No presente estudo, adotamos uma transcrição fonética simplificada, ou seja, não detalhista. Se por um lado, nosso objetivo é de natureza substancialmente le-

xical (e não fonética), por outro lado, não poderíamos ignorar algumas particularidades do vocabulário de Lageado Antunes que somente uma transcrição fonética poderia registrar.

Trata-se de casos como por exemplo, dos fonemas /x/, /ç/ ou /h/ inexistentes no português e portanto, estranhos ao leitor brasileiro. Além disso, se optássemos pela ortografia alemã como havíamos planejado inicialmente, depararíamos com a coincidência do grafema ch que pode ser realizado como /x/ [ˈkuxɐ] (Kuchen = bolo) e /ç/ [plɛç] (Blech = lata). Isto constituiria uma dificuldade para o leitor desprovido de conhecimento da língua alemã.

Sem o uso da transcrição fonética seria impossível registrar diferenças como a permuta entre b e p [ˈpɔla]; d e t [puˈti]; g e k [ˈkrapja].

Todavia, não nos detivemos em detalhes. Com certeza, muitas particularidades fonéticas não constarão em nossa transcrição, mas, sem dúvida, são aspectos interessantes e de elevada relevância para estudos posteriores.

A seguir apresentaremos algumas observações a respeito da transcrição adotada:

- a) A sílaba tônica vem assinalada pelo carácter ˈ. Não consideramos a sílaba subtônica.
- b) Não assinalamos a nasalização. Na língua alemã não há vogais e ditongos nasais. Os empréstimos, como por exemplo, [laˈsaNa] conservam, em geral, a nasalização da língua doadora.
- c) Registramos apenas a ocorrência do [r] (flap alveolar sonora). Estudos fonéticos provavelmente revelariam a presença de outras pronúncias de /r/, o que não vem ao

encontro de nosso objetivo.

- d) A terminação -er, muito comum na língua alemã como em Wasser ['vaser], soa como um _ brando, relaxado. Aqui não faremos a distinção entre [ɐ] e [a] e adotaremos [a] indistintamente para ambos os casos.
- e) Igualmente usaremos [e] para [e] e [ɐ].
- f) Para facilitar a computação dos dados, substituímos as vogais arredondadas do alemão padrão ä, ö e ü por ae, oe e ue respectivamente.
- g) Por questões didáticas separamos as palavras para destacar as formas lexicais simples, compostas e expressões.

6.3.2 - Adaptações fonéticas

As palavras emprestadas para o falar de Lageado Antunes sofreram modificações fonéticas ao passarem da língua doadora, o português, para a língua receptora, o alemão, motivadas por permuta, aumento, subtração e transposição de traços fônicos. A maioria dos termos emprestados sofre mais do que uma adaptação nesse processo de transferência, sendo as seguintes as modificações mais frequentes.

1.a) Obedecendo a uma regra variável, os fonemas oclusivos sonoros do português /b/, /d/ e /g/ são pronunciados como oclusivos surdos, a saber, [p], [t] e [k] respectivamente.

Ex.: bolo ['polo]
 tatu ['tadu]
 grilo ['krilo]

1. b) Embora com menos frequência do que no caso do ensurdecimento, os fonemas oclusivos surdos do português /p/, /t/ e /k/ são pronunciados como oclusivos sonoros, a saber, [b], [d] e [g].

Ex.: chapa (prótese dentária)	[`Sabe]
batata-doce	[pa`tade]
caneca	[ka`nEga]

Verificamos, assim, que não há uma distinção entre surdez e sonoridade e que os fonemas /b/, /d/ e /g/ são permutados livremente com /p/, /t/ e /k/ respectivamente, o que dificulta a diferenciação entre os mesmos pelos informantes⁴.

2) À semelhança do fenômeno das oclusivas, constatamos que também ocorre uma oscilação na realização dos fonemas /s/ e /z/, bem como em /S/ e /J/. O dialeto alemão não apresenta os fonemas sonoros /z/ e /J/ que constituem empréstimo do alemão padrão ou do português. Por isso, ocorrem oscilações como em "camiseta", em que registramos as formas de empréstimo [kami`seta], [kami`zeda, kami`zede] e [kami`zeta], bem como em "jacaré" [Jaka`rE], [Saga`rE] e [Saka`rE].

3) Os empréstimos tomados do português para o dialeto alemão conservam, em geral, a nasalização. Todavia, o ditongo na-

⁴A respeito dos metaplasmos consultar STAUB, Augustinus. O empréstimo lingüístico; um estudo de caso. Porto Alegre: Acadêmica, 1983.

ZIMMERMANN, Ivo. Interferência de um dialeto alemão na língua portuguesa. Dissertação de Mestrado, UFSC, 1981, em que faz uma análise fonêmica e aponta as interferências do dialeto germânico no português.

no alemão.

Ex.: chuchu [ˈʃuʒu] vovô [ˈvovo]

Poder-se-ia, então, concluir que essas adaptações no processo de adoção dos empréstimos são feitas pelo falante ao sistema fonético de sua língua materna e, que como nem sempre há correspondência entre os fonemas dos dois sistemas - o materno e aquele a ser adquirido -, verifica-se a interferência do primeiro no segundo e vice-versa. Igualmente faz-se necessário lembrar que o falar alemão de Lageado Antunes ainda está em processo de sedimentação, o que explica, em parte, o registro de tantas oscilações.

Não foi nosso intuito apontar aqui todos os fenômenos fonéticos característicos do dialeto alemão. Para tanto, haveria necessidade de coletar e analisar um número maior de dados, bem como de transcrevê-los de maneira mais apurada, o que não vem ao encontro de nosso objetivo.

6.3.3 - Adaptações morfológicas

O falar de Lageado Antunes não toma de empréstimo sufixos e desinências do português. O falante acrescenta ao semantema do português um morfema (sufixo ou desinência) do seu próprio dialeto. Este tem como características morfológicas a ausência de declinações e do sufixo flexional -en, indicador do infinitivo dos verbos na língua padrão. De acordo com Pier Eringa (apud WOUK, 1981:75), "uma língua não pode tomar de empréstimo elementos de outra sem perder a sua identidade, a menos que o faça reinterpre-

tando-os, isto é, adaptando-os à sua própria estrutura".

a) **Verbo**: esse processo de reinterpretação se torna claro na formação de verbos através do semantema português + morfema alemão.

Ex.: [aJei'tire] = de ajeit (ajeitar) + ire (-ieren)
 [ko'brire] = de cobr (cobrar) + ire (-ieren)
 [desi'diat] = de decid (decidir) + iat (-iert)
 [avi'siat] = de avis (avisar) + iat (-iert)

b) **Diminutivos**: A grande incidência de palavras na forma diminutiva, quer para indicar grau de significação, quer para significar a afetividade, é característica notável do falar de Lageado Antunes. Ao semantema português junta-se o sufixo apropriado:

[ka's'trolçɐ] = caçarola pequena
 [Su'pɛtçɐ] = chupeta pequena
 [kana'riNojça] = canarinhos

Como podemos observar, constatamos a presença do sufixo -çɐ e -ça. Após nova audição dos dados gravados e consultar alguns informantes, concluímos que -ça denota singularidade (uma caçarola, uma chupeta) e ça significa pluralidade (mais de um canarinho).

c) **Afixos**: Os sufixos das palavras provenientes do português recebem dois tratamentos distintos:

1) deixam lugar ao sufixo alemão:

[ka'prɪtçɐ] = cabritinho
 [pa'rentSaft] = parentagem

2) adaptam-se foneticamente:

[moto'rist] = motorista

[kani`vEt] = canivete

Os prefixos não são tomados isolada e diretamente; introduzem-se na língua receptora juntamente com o vocábulo importado, adaptando-se, às vezes, foneticamente, mas não são empregados em outras formações.

Em relação aos prefixos, registramos apenas o uso do prefixo "um" + [`troge], do lexema português "trocar" = [`umtroge].

d) **Flexão de número:** Verificamos durante a análise dos dados, através da conjugação dos verbos, a presença de empréstimos no singular e no plural, posteriormente confirmados pelos informantes.

Exs.: [ma`kak] (singular)	e [ma`kage] (plural)
[pa`nan] (singular)	e [pa`nane] (plural)
[piri`kit] (singular)	e [piri`kide] (plural)

6.4 - A adoção e formação dos empréstimos lexicais

Conforme vimos na fundamentação teórica, diversos autores (Willems, Dubois, Hermann Paul) apontam para a necessidade como sendo a principal causa dos empréstimos. De fato, quando se fala em empréstimo linguístico, pensa-se imediatamente nas palavras que são os elementos mais facilmente tomados de outra língua.

É bem verdade que, em vez de recorrer aos empréstimos, os falantes poderiam criar neologismos com os recursos que a própria língua oferece. Mas, neste caso, predomina a lei do menor esforço. Parece ser mais cômodo e mais econômico emprestar a forma já

pronta, juntamente com o objeto, a técnica ou a idéia "emprestada".

A palavra que designa a nova "coisa", após sofrer as adaptações fonéticas e morfológicas, deixa de ser um estrangeirismo e assume um caráter familiar, passando a integrar o léxico da língua receptora. Por isso, os substantivos por acompanharem o objeto ou a noção que representam, constituem maioria absoluta (cerca de 90%) dos vocábulos tomados do português. Os verbos não são tomados do português na sua forma completa; apenas o radical é importado. A flexão é da língua alemã.

A novidade da "coisa" pode ser absoluta ou relativa. No primeiro caso, o objeto simplesmente não existia e não existe no país de origem. Trata-se, por exemplo, da palavra "espeto" (de churrasco). O mesmo ocorre em relação às denominações da fauna e da flora que os alemães encontraram no Brasil. Por outro lado, passaram a usar a palavra [Jela`dera] e [kar`tera] quando existe no alemão a forma correspondente "Kühlschrank" e "Führerschein". Ocorre porém, que na época em que houve a emigração para o Brasil, tal objeto era totalmente desconhecido. Adotaram, então, os empréstimos [Jela`dera] e [kar`tera] e muitas vezes os falantes nem sabem da existência das palavras correspondentes em alemão.

Em relação a certos termos conhecidos como "internacionais", como por exemplo, "telefone", "radio", "TV" etc., embora as palavras correspondentes "Telephon", "Radio", "TV" hoje sejam idênticas no alemão padrão, o mais provável é que o dialeto teuto-brasileiro as tenha adquirido através do português, visto que esses objetos começaram a fazer parte do dia-a-dia dos falantes quando já se haviam fixado em nosso país. Pode-se concluir, en-

tão, que se trata de um caso de coincidência entre empréstimos aqui ocorridos e empréstimos que ocorreram lá na Alemanha.

Por ocasião da adoção, observamos, na formação dos empréstimos lexicais, a presença de termos tomados de empréstimo do português e integralmente incorporados ao falar alemão (Empréstimo Total), os que sofrem pequenas adaptações (Empréstimo Adaptado), ou ainda, a formação de empréstimos híbridos, assim formados:

1) pela justaposição de um vocábulo alemão e um vocábulo português. Ex.: [sispa'tade] = batata-doce. Constituintes: o vocábulo "sis" (<Süsse) + o vocábulo português batata.

2) pela justaposição de um vocábulo português e um vocábulo alemão. Ex.: [miljemel] = farinha de milho. Constituintes: o vocábulo português milho + o vocábulo alemão Mehl.

3) pela formação de derivados híbridos, formados por um vocábulo português e um sufixo derivacional do alemão. Ex.: [ma'rEkce] = marreco pequeno. Constituintes: o vocábulo português marrec(o) + o sufixo -ce (< -chen do alemão padrão), formador de diminutivos.

6.5 - O significado dos empréstimos portugueses no falar de Lageado Antunes (Campos semânticos)

A teoria dos campos associativos se originou de Saussure quando afirmou que "a língua é um todo organizado, cujos elementos se delimitam uns aos outros, derivando a sua significação, o seu valor da arquitetura geral em que estão colocados." (Saussu-

re, 1916, apud GONÇALVES, 1977:54).

Tal teoria foi desenvolvida por Trier (1931, apud CARVALHO, 1989:31) com o pressuposto de que cada campo decompõe com precisão a realidade que ele representa.

Segundo CARVALHO (1989:31), alguns autores resolveram denominar a forma de estruturação do léxico de "campos semânticos", reunindo duas noções:

1) o campo semântico da palavra, que engloba todos os sentidos e conotações da palavra e se situa do lado do receptor.

2) o campo semântico da noção, que engloba todos os termos a ela ligados e está ligado ao emissor.

BORBA (1976:13) define campo semântico como "um método de estruturação do vocabulário em que se percebe a interdependência das unidades léxicas".

Para DUBOIS (1988:532), "chama-se campo semântico a área coberta no domínio do significado, por uma palavra, ou por um grupo de palavras da língua".

No presente estudo, adotamos o conceito de JOTA (1976:58) conforme o qual, campo semântico é o "conjunto das classificações correlatadas que associam um grupo de palavras. Assim, as peças do vestuário constituem um campo semântico. As partes do corpo também". A partir desta definição, agrupamos todas as palavras dadas como resposta, independente do seu número no questionário, em campos semânticos. Cada campo semântico recebeu um título que identifica a correlação existente entre as palavras que o compõem. Apesar de um título genérico, um mesmo campo semântico pode abranger dois ou mais subgrupos que mantêm entre si algum traço correlato.

Dessa forma, chegamos a 26 campos semânticos propriamente ditos. As respostas que não se encaixaram em nenhum destes campos semânticos foram agrupadas sob o título "Vários" originando um 27º campo semântico:

- Casa (peças, móveis e decorações)
- Utensílios domésticos
- Alimentos
- Hortaliças (verduras, legumes)
- Doces
- Frutas
- Bebidas
- Limpeza (higiene/limpeza da casa, roupa, do corpo)
- Vestuário (vestes, calçados, roupas em geral)
- Diversões
- Profissões
- Transportes
- Organização Pública (repartições, serviços e cargos públicos)
- Parentesco (por consangüinidade e afinidade)
- Corpo humano
- Cultura (costumes, cumprimentos, sociedade)
- Religião
- Flores
- Árvores
- Animais
- Pássaros
- Cobras
- Onomástica (nome de bois, vacas e cachorros)

- Agricultura (atividades, instrumentos e produtos agrícolas)
- Geografia (fenômenos atmosféricos e acidentes geográficos)
- Comércio (compras)
- Vários

6.6 - Análise sociolinguística dos empréstimos lexicais por campo semântico e geração

Registramos 431 termos que os descendentes de imigrantes alemães tomaram de empréstimo do português, geralmente na forma de uma variante, e incorporaram ao falar alemão de Lageado Antunes. Estes dados foram colhidos junto a 18 informantes, sendo 6 da primeira geração, 6 da segunda e 6 da terceira geração e agrupados em 27 campos semânticos, de acordo com o seu significado. A relação destes empréstimos não é completa e não contém, por exemplo, nomes próprios.

A análise que faremos a seguir terá uma abordagem sociolinguística, pois entendemos que observações de ordem social, bem como cultural e histórica, podem esclarecer o fenômeno dos empréstimos. Afinal, a linguagem está ligada diretamente ao falante que a usa, no meio social em que vive. Segundo CARVALHO (1989:25), a sociolinguística "procura examinar as relações que se instituem entre as estruturas sociais e o funcionamento do código linguístico e aí localizar a fonte de mutações". Por questão de tempo e de espaço não procedemos a uma análise "termo por termo". Preocupamo-nos apenas com cada campo semântico como um todo.

6.6.1 - Campo semântico: casa

Glossário,
 *** RELATÓRIO DOS EMPRÉSTIMOS / CAMPO SEMÂNTICO : casa ***

PORTUGUÊS	ALEMÃO de LAGEADO ANTUNES	TE *	FQ-1	FQ-2	FQ-3
área (varanda)	[`arja]	ET	0	4	6
	[`Orja]	EA	1	0	0
área de serviço	[`arja de ser`viso]	ET	0	0	1
banheiro	[ba`Nere]	EA	1	0	0
	[ba`Nero]	ET	0	5	5
cortina	[kor`tina]	ET	2	1	4
despensa	[des`pens]	EA	0	1	0
	[dis`pensa]	ET	0	2	1
poltrona, sofá	[pol`trona]	ET	6	4	2
	[so`fa]	ET	0	2	4
quadro	[`kwadro]	ET	0	0	1
sala	[`sala]	ET	1	3	4
	[`saliNa]	ET	1	0	1
	[`sOla]	EA	1	0	0
tapete	[ta`pete]	ET	5	6	6

Neste campo semântico incluímos as peças da casa, móveis e objetos de decoração.

A maioria dos colonos mora em casa de madeira com as seguintes peças: cozinha [kiç], sala de jantar [`estsima], sala de visitas [`stup] para os falantes da primeira geração e [`sala] para a maioria da segunda e terceira geração, dois ou mais quartos [`tsimre] e um depósito para alimentos denominado [`Spajzeka-ma] para a geração dos avós e [des`pens] ou [dis`pensa] para as gerações mais jovens. Possivelmente tanto o empréstimo "sala" como "despensa" são decorrentes do contato das línguas alemã e portuguesa. O termo "área", no sentido de espaço aberto no interior de uma casa, foi adotado por necessidade de adaptação ao clima tropical brasileiro.

 *TE = Tipo de empréstimo
 ET = Empréstimo total
 EA = Empréstimo adaptado
 EP = Empréstimo parcial

Na última década principalmente, grande parte das casas foi aumentada com a construção em alvenaria de um "banheiro" e "área de serviço". Daí a necessidade dos empréstimos correspondentes. No caso de lavanderia [`veSplats] (Waschküche, no alemão padrão), já existia um local apropriado próximo da casa, o qual foi conjugado à casa, prevalecendo, no entanto, o neologismo criado com elementos da própria língua alemã.

Em relação aos móveis e objetos de decoração, os termos foram introduzidos com a "coisa" no cotidiano dos colonos e do falar de Lageado Antunes recentemente. Poltronas e sofás não faziam parte da mobília dos antepassados, que se resumia numa mesa de madeira, algumas cadeiras de palha, um ou dois guarda-roupas e um guarda-louça. Os quadros [`pilda] há muito fazem parte da decoração, embora sejam sempre de santos da Igreja Católica ou dos membros da família. Por conseguinte, apenas uma informante da terceira geração usou o empréstimo [`kwadro].

O número total de termos tomados de empréstimo do português ao falar alemão de Lageado Antunes neste campo semântico foi de 09. Desse modo, o número de empréstimos possíveis por geração seria de 54, visto que entrevistamos 06 informantes de cada geração. Entretanto, a primeira geração utilizou apenas 18 (33,3%) empréstimos; a segunda geração 28 (51,8%) e a terceira 35 (64,8%) empréstimos.

6.6.2 - Campo semântico: utensílios domésticos

O mobiliário não só revela a posição econômica do colono, mas também sua visão de mundo. A introdução de utensílios na co-

Glossário

*** RELATÓRIO DOS EMPRÉSTIMOS / CAMPO SEMÂNTICO : utens. dom. ***

PORTUGUÊS	ALEMÃO de LAGEADO ANTUNES	TE	FQ-1	FQ-2	FQ-3
bandeja	[pan'deJa]	EA	1	0	0
	[pan'deS]	EA	3	5	4
	[pan'teJe]	EA	2	0	0
	[pan'teSe]	EA	0	1	0
bomba	[pump]	EA	6	6	6
caçarola	[kas'trolçe]	EP	0	0	1
	[kas'triol]	EA	1	3	3
	[`kasarol]	EA	1	0	0
caneca	[ka'nEga]	EA	0	2	2
	[ka'nEkçe]	EP	2	0	0
canivete	[kani'vet]	EA	0	1	3
chaleira	[Sa'lera]	ET	0	1	0
congelador	[konJela'dor]	ET	1	2	0
copo	[`kOpo]	ET	0	2	4
cuia	[kuj]	EA	6	6	6
espeto(s) (de churrasco)	[es'peto]	ET	0	4	4
	[So'raskeSpis]	EP	1	0	0
	[So'raskeStege]	EP	1	0	0
	[Su'raskeStege]	EP	0	1	1
	[`Spede]	EA	0	0	1
fogão a gás	[fo'gorj a gas]	EA	0	1	0
	[fo'korj a gas]	EA	0	1	0
forno (de fogão)	[for'niNo]	ET	4	6	6
fósforo	[`fosfaja]	EP	1	2	4
	[`fosfa]	EP	4	4	1
geladeira	[Jela'dera]	ET	2	4	5
jarra	[`Jara]	ET	1	0	3
	[`Sara]	EA	3	4	3
	[`Saro]	EA	0	1	0
lata (p/ mantimento)	[`plastikoplEça]	EP	0	0	1
	[`Sogo de `lata]	EA	0	1	0
	[`SogoplEça]	EP	3	3	4
liquidificador	[lidifika'dor]	ET	0	0	1
	[lidikifika'dor]	ET	0	1	0
	[likidifika'dor]	ET	1	2	1
	[likifika'dor]	ET	2	3	2
	[likwidifika'dor]	ET	0	0	1
	[likwifika'dor]	ET	0	0	1
panela	[alu'minjotipçe]	EP	0	0	1
travessa	[pan'deJa]	EA	0	0	1
	[pan'deS]	EA	1	1	0

zinha nem sempre acompanhou a tecnologia e a modernidade. Utensílios como o congelador (Freezer) e o liquidificador ainda não estão ao alcance de todos e constituem, em alguns casos, verdadeiros objetos de luxo. Por conseguinte, três informantes da primeira geração parecem desconhecer o liquidificador, enquanto que al-

guns falantes da segunda e terceira geração tiveram certa dificuldade na pronúncia da palavra "líqüidificador", que representa um objeto que é de denominação longa e que mal conhecem. Isto explica possivelmente o uso das diversas variantes.

Empréstimos recentes são os que designam objetos como copo, bandeja, e travessas, que geralmente, são usados por ocasião de visitas. Portanto, são objetos de pouco uso, além de serem relativamente modernos. A geladeira, o congelador e o fogão a gás também se incluem neste quadro da modernidade.

A cozinha é o lugar favorito da família. Como é a própria dona da casa que prepara a comida, na maioria das vezes, a visita é recebida e atendida na cozinha. É principalmente no inverno que o fogão a lenha [ˈofe] vira o centro da casa. Ao redor dele é que a família se aquece e toma o tradicional chimarrão, donde surge o empréstimo dos termos "bomba", "cuia" e "chaleira". Os dois primeiros termos foram utilizados por todos os 18 informantes. Outro termo adquirido ainda no RS é "espeto" (de churrasco).

No caso de "lata" (para mantimentos), o empréstimo só poderia ser parcial, já que existe, no alemão padrão, a palavra "Blechdose" [ˈblɛçdoːzə] (lata). Persistiu no alemão de Lageado Antunes [ˈplɛç] (lata = matéria), enquanto que no alemão padrão atual utiliza-se simplesmente "Dose" (lata = recipiente). Como encontramos sobre o armário da cozinha de nossos informantes um conjunto de 4 ou 5 latas ou potes para mantimentos como açúcar, farinha, arroz etc., logo ficou claro o uso do empréstimo [ˈSogo] (jogo). Porém, é interessante observar o empréstimo parcial (EP) [ˈplastikoplɛçə], por se tratar de potes de plástico e não de lata.

Mas, como explicar o uso dos empréstimos "fósforo" e "forninho", quando existem os termos correspondentes "Streichhölzer" e "Backofen" na língua alemã? O primeiro possivelmente foi adquirido com o produto no comércio, através da leitura do rótulo. Já no caso de "forninho", o termo deve ter sido adotado quando surgiram os fogões a lenha mais sofisticados, apresentando este novo compartimento. O uso do diminutivo deve-se à distinção entre um forno grande de pedra que ficava ao lado da casa, no qual eram assados os pães, e o pequeno forno ou pequena parte do fogão, em que se cozinham ou assam alimentos como carne ou bolo.

No total obtivemos 19 empréstimos neste campo semântico. Dos 114 possíveis por geração, a terceira geração usou 70 (61,4%); a segunda 68 (59,6%) enquanto que a geração dos avós usou 47 (41,2%) empréstimos.

6.6.3 - Campo semântico: alimentos

Para WILLEMS (1980:218), facilmente se explica o grande número de palavras portuguesas relativas à alimentação, pois nesse campo as aquisições linguísticas correspondem à quantidade de elementos ergológicos de cuja adoção dependia, para a maioria dos colonos, a própria existência.

A alimentação dos moradores de Lageado Antunes tem, em grande parte, a produção própria como fonte. No café da manhã, servido antes do início do trabalho na roça e preparado pela dona da casa, somente o café [ˈkafi] é comprado. O leite [ˈmiliç], o pão [ˈprot], a nata [rom], o requeijão [ˈkesSmia], o doce para

Glossário
 *** RELATÓRIO DOS EMPRÉSTIMOS / CAMPO SEMÂNTICO : alimento ***

PORTUGUÊS	ALENÃO de LAGEADO ANTUNES	TE	FQ-1	FQ-2	FQ-3
arroz-de-carreteiro	[kare'tero]	ET	0	1	1
batata frita (palitos)	[pa'litça]	EP	1	0	1
	[pa'litojça]	EP	0	0	1
batata-doce	[pa'tade]	EA	4	3	5
	['sispatade]	EP	2	3	0
	['size pa'tade]	EP	0	0	1
carne ao forno	['flajS im for'niNo]	EP	0	0	1
carne moída	[ki'sado]	EA	0	1	0
charque	['Sarke]	ET	0	0	1
churrasco	[So'raske]	EA	2	0	1
	[Su'raske]	EA	0	3	4
	[Su'rasko]	ET	0	1	0
galinhada	[ka'li'NOde]	EA	5	4	4
lasanha	[la'saNa]	ET	0	1	1
maionese	[majo'nEze]	ET	0	0	1
mandioca	[mandi'Okal]	ET	1	0	0
	[ma'njOk]	EA	4	6	6
milho cozido	[ge'kOxte 'milje]	EP	1	0	0
milho verde	['miLo 'verde]	ET	0	1	0
misturar	[mistu'rire]	EP	0	1	0
mortadela	[morta'dEla]	ET	0	0	1
pastel	[pas'tEl]	ET	0	3	0
pizza	['pitsa]	ET	0	1	1
polenta	[po'lenda]	EA	1	3	1
preparar	[prepa'rire]	EP	0	1	0
rosca de polvilho	['roske]	EA	4	4	2
verdura	[ver'dura]	ET	0	1	0

passar no pão [ˈsmia] e, por ocasião do abate de um porco, o salame [vɔst] e morcilha [ˈplutvɔst], são feitos em casa. Como estes termos são usados diariamente, apenas foram observados os empréstimos "geléia", "doce de leite" e "melado".

Ao meio-dia é servido o almoço, geralmente constituído de feijão, arroz, batata inglesa ou mandioca ou batata-doce e carne. Porém, aos domingos, dias de festa ou, no caso de uma visita, o cardápio apresenta massa caseira, sopa de galinha e "galinhada". Evita-se servir feijão nestas ocasiões. De acordo com STAUB (1983:154), "a mesa bem posta, nos dias mencionados, distinguia-os dos caboclos...".

O consumo cotidiano de arroz, feijão, mandioca e batata-doce, por parte dos descendentes de imigrantes alemães, revela que alguns hábitos alimentares brasileiros foram absorvidos. Daí o uso de empréstimos como "mandioca", "guisado", "carreteiro", "churrasco" e até "milho verde", que hoje estão integrados no falar da comunidade. Já o termo "verdura" tem correspondente na língua alemã (Gemüse) e, a princípio, poderia ter sido evitado. Quanto às formas [pa`litça, pa`litojça], o empréstimo deve-se ao preparo da batata (Kartoffel) para ser frita, por ser cortada em forma de palito. Ocorrem ainda alguns empréstimos que poderíamos considerar indiretos do italiano, ou seja, os termos de origem italiana "lasanha", "pizza" e "polenta" provavelmente não foram tomados diretamente do italiano, mas através do português.

A janta é servida no início da noite, depois do árduo trabalho na lavoura, de tirar leite das vacas e tratar os animais. O cardápio do almoço é repetido em parte e complementado com os produtos integrantes do café da manhã.

O número de empréstimos no campo da alimentação totaliza 21. Embora o número de empréstimos possíveis por geração fosse 126, a primeira geração usou apenas 25 (19,8%); a segunda foi a que apresentou a maior frequência com 38 (30,1%), possivelmente por ser a maior responsável pela aquisição e preparo dos alimentos, enquanto que a terceira geração utilizou-se de 33 (26,2%) formas de empréstimo.

6.6.4 - Campo semântico: Hortalicas

Glossário

*** RELATÓRIO DOS EMPRÉSTIMOS / CAMPO SEMÂNTICO : hortallca ***

PORTUGUÊS	ALEMÃO de LAGEADO ANTUNES	TE	FQ-1	FQ-2	FQ-3
abóbora(s)	[`kOxpovajça]	EP	1	2	1
	[`kOxpova]	EP	2	0	0
	[`kOxpovre]	EP	1	1	0
	[`pobajça]	EP	0	0	1
	[`popre]	EP	1	0	0
	[`povajça]	EP	1	1	1
	[`pova]	EP	0	0	1
agrião	[agrj`on]	EA	0	0	1
chicória	[Si`kOrja]	ET	0	1	0
chuchu	[Su`Su]	ET	0	2	0
	[`SuJo]	EA	0	1	0
	[`SuJu]	EA	6	2	6
	[`SuSlabe]	EP	0	1	0
colorau	[kolo`ravo]	ET	1	0	0
	[kolo`rObe]	EA	1	0	0
	[kolo`rOve]	EA	1	1	1
couve-flor	[`kowveflor]	ET	0	1	0
couve-rabano	[`kowve ra`bano]	ET	0	1	0
ervilha	[er`vila]	ET	0	1	2
	[er`vile]	EA	0	0	1
espinafre	[espi`nafre]	ET	1	2	2
	[Spi`nafre]	EA	1	0	0
moranga(s)	[mo`range]	EA	0	0	1
	[mo`rangojça]	EP	0	1	0
	[mo`rango]	[]	0	1	1
nabo	[`nabojça]	EP	0	1	0
	[`nabo]	ET	1	0	0
pimentão	[pimen`ton]	EA	0	1	2
	[pi`menta]	ET	0	1	0
radice*	[ra`ditSe]	ET	0	1	1
rúcula	[`rukla]	ET	0	1	0
	[`rukula]	ET	1	0	0
	[`rukule]	EA	1	0	0
salsa	[`salsa]	ET	0	0	2
sálvia	[`sabja]	ET	0	1	0
vagem	[fej`Jon de `vaJe]	EA	0	1	0

Uma horta caseira fornece os legumes e as verduras utilizadas principalmente na forma de saladas. Como as hortallcas só podem ser produzidas numa determinada época, há períodos de fartura e escassez. Esta ocorre geralmente no inverno, devido às fortes geadas na região. Por isso, citar o nome de hortallcas

exigiu um ato de reflexão, o que tornou o número de termos emprestados relativamente elevado, mas todos, com exceção de "abóbora" e "chuchu", ocorrem com pouca frequência de uso.

Assim, obtivemos 17 termos emprestados do português em uso no alemão de Lageado Antunes. Verificamos certo equilíbrio entre as três gerações: enquanto a primeira geração apresenta um quociente de 20 (19,6%); a segunda usa 26 (25,5%) e a terceira geração utilizou 24 (23,5%). Observamos, excepcionalmente aqui, um maior número de empréstimos por parte dos informantes do sexo feminino, pois são as mulheres que, em geral, cuidam das hortas.

No caso de "abóbora" (fruto da aboboreira), o vocábulo, às vezes, tornou-se quase irreconhecível com a queda do prefixo e a tendência à paroxitonação, traços característicos do português inculto. Muitos informantes fazem uma distinção entre [`pova], alimento para animais e [`k0xpova], alimento comestível.

O vocábulo italiano "Radice" [ra`ditse] provavelmente chegou ao falar alemão através do português. Trata-se de uma espécie de almeirão, salada consumida principalmente com "polenta".

6.6.5 - Campo semântico: doces

Neste campo semântico ocorreram 20 empréstimos. O maior índice de frequência verifica-se na segunda geração com 63 (52,5%) e na terceira geração com 62 (51,7%), enquanto que a primeira geração usa 51 dos 120 empréstimos possíveis, o que equivale a 42,5%.

Estes números mostram que o cultivo da cana-de-açúcar que fornecia a matéria-prima para a fabricação própria do melado, o

Glossário,

*** RELATORIO DOS EMPRESTIMOS / CAMPO SEMANTICO : doce ***

PORTUGUÊS	ALEMÃO de LAGEADO ANTUNES	TE	FQ-1	FQ-2	FQ-3
bala	[ˈpələ]	EA	3	3	6
	[ˈsispələ]	EP	1	0	0
	[ˈtsugapələ]	EP	1	3	0
bolacha(s)	[boˈlaSamaria]	ET	1	0	1
	[maˈriapolaʒe]	EA	0	1	1
	[poˈlaʒe]	EA	3	3	3
	[poˈlaʒSa]	EA	0	1	1
	[poˈlaʒSiNa]	EA	0	1	0
bolo	[ˈpələ]	EA	2	1	0
	[ˈpələ]	EA	4	5	6
bolo de amendoim	[ˈnispələ]	EP	0	0	1
bombom(ns)	[pomˈbom]	EA	1	1	5
	[pomˈbons]	EA	1	1	1
	[pomˈpom]	EA	2	4	0
chocolate	[Sokoˈlate]	ET	2	2	1
doce de leite	[muˈmuˈmiliç]	EP	0	1	0
	[ˈtose de ˈlejte]	EA	0	1	0
doce(s)	[tos]	EA	4	4	3
	[ˈpudatosça]	EP	1	0	1
	[ˈtosça]	EP	1	0	1
	[ˈtosçe]	EP	0	0	1
docinho (p/ festa)	[doˈsiNo]	EP	0	1	0
gelatina	[ʒelaˈtina]	ET	0	1	2
geleia	[ʒeˈlEja]	ET	0	1	2
mandolates*	[mandoˈlat]	EA	1	0	0
melado	[meˈlado]	ET	0	1	0
pé-de-moleque	[ˈpE de moˈlEk]	ET	1	0	2
	[ˈpE de moˈlEk]	EA	4	4	4
picolé	[pikoˈlEjçe]	EP	1	0	0
	[pikoˈlE]	ET	4	6	6
pudim	[puˈdi]	ET	0	1	2
	[puˈti]	EA	2	3	0
rapadura	[rapaˈdura]	ET	0	1	0
	[rapeˈdura]	EA	5	3	3
	[rapiˈdura]	EA	1	2	3
recheiar bolo	[ˈpələ reˈSire]	EP	1	0	0
recheio	[reˈSejo]	ET	0	1	0
sorvete	[serˈvet]	EA	1	1	0
	[sorˈvete]	ET	0	3	5
	[sorˈvet]	EA	3	2	1

qual substituiu o açúcar na confecção de doces caseiros e conservas, não foi conservado entre os colonos descendentes de imigrantes alemães oriundos do RS. Tal constatação também foi feita por STAUB (1983:129).

Por conseguinte, registramos um grande número de empréstimos como "bala", "bolacha", "bombom", "chocolate", "gelatina", "picolé" e "sorvete", que são doces adquiridos com seu respectivo nome no comércio. Em casa são feitos apenas o "pé-de-moleque" e a "rapadura", sendo que o último ainda designa um derivado da cana-de-açúcar.

[tos] constitui um tipo de bolacha feita por ocasião do Natal, Páscoa e outros dias de festa. Trata-se de empréstimo tomado do português "doce", que segundo BUENO (1986:379), é uma iguaria feita com açúcar ou mel.

6.6.6 - Campo semântico: frutas

O elevado índice de frequência no uso de empréstimos do português nas três gerações registrado neste campo deve-se, possivelmente, ao clima tropical brasileiro. Quando o imigrante alemão chegou aqui, tomou conhecimento de diversas frutas inexistentes no seu país, adotando também a nomeação correspondente.

As diversas variantes registradas nos empréstimos "abacate", "abacaxi" e "goiaba" indicam ser decorrentes de uma adoção feita só de ouvido e com base no conhecimento do português em sua variante inculta. Conseqüentemente, os sons a que os imigrantes não estavam habituados são substituídos por outros mais familiares.

Os vocábulos relativos às frutas acolhidos no falar alemão de Lageado Antunes totalizam 15 empréstimos. A segunda geração é a que apresenta o maior índice de frequência, 61 (67,8%), seguida pela terceira geração com 54 (60%) e, quase no mesmo patamar, está a primeira geração com 52 (57,8%). Uma hipótese para

Glossário

*** RELATÓRIO DOS EMPRÉSTIMOS / CAMPO SEMÂNTICO : fruta ***

PORTUGUÊS	ALEMÃO de LASEADO ANTUNES	TE	FQ-1	FQ-2	FQ-3
abacate	[aba'kate]	ET	1	2	1
	[alba'kate]	EA	1	1	0
	[apa'kate]	EA	2	3	4
	[apa'kOde]	EA	1	0	0
	[par'kate]	EA	1	0	0
	[pa'kate]	EA	0	0	1
abacaxi	[abaka'Si]	ET	1	1	1
	[apaga'Si]	EA	0	0	1
	[apaka'Si]	EA	0	3	2
	[baka'Si]	EA	0	0	1
	[paga'Si]	EA	3	1	0
	[paka'Si]	EA	0	1	0
ameixa-amarela(s)	[a'meJe]	EA	6	6	4
	[a'meSa]	ET	0	0	1
	[ma'meJe]	EA	0	0	1
banana(s)	[pa'nane]	EA	6	5	5
	[pa'nan]	EA	0	1	1
bergamota(s)	[perga'mOde]	EA	5	5	4
	[perga'mOt]	EA	1	1	2
caqui	[`kagi]	EA	5	6	5
goiaba(s)	[go'jaba]	ET	0	1	0
	[go'jabe]	EA	1	0	0
	[go'jObe]	EA	0	0	1
	[go'jOve]	EA	0	0	1
	[gu'jaba]	ET	0	1	1
	[gu'jOp]	EA	0	0	1
	[gu'jOve]	EA	1	2	0
	[ko'jOve]	EA	1	0	0
	[ku'jabe]	EA	1	0	0
	[ku'jObe]	EA	1	2	0
[ku'jOve]	EA	1	0	0	
jabuticaba	[Sabuti'kabal]	EA	0	1	0
laranja(s)	[la'ranJe]	EA	1	0	0
	[ranS]	EA	1	2	2
	[`ranJe]	EA	4	4	4
lima(s)	[lim]	EA	0	0	1
	[`lime]	EA	2	3	0
mamão(ões)	[ma'mone]	EA	1	1	2
	[ma'moŋ]	EA	3	5	3
manga(s)	[`manga]	ET	0	0	1
	[`mankre]	EA	0	0	1
melão	[me'loŋ]	EA	0	2	0
nectarina	[nakta'rine]	EA	1	1	0
	[neкта'rinal]	ET	0	0	1
pera	[`pera]	ET	0	0	1

explicar este elevado índice da segunda geração seria a de que frutas como a manga, o mamão e o melão, não cultivados na região, podem ser adquiridos no comércio, o que constitui atividade para a geração dos pais.

6.6.7 - Campo semântico: bebidas

Glossário,
 *** RELATORIO DOS EMPRÉSTIMOS / CAMPO SEMÂNTICO : bebida ***

PORTUGUÊS	ALEMÃO de LAGEADO ANTUNES	TE	FQ-1	FQ-2	FQ-3
chá	[Sa]	ET	1	0	0
chimarrão	[Sima'ron]	EA	3	2	0
gasosa	[ka'soze]	EA	1	0	0
mate	[mat]	EA	1	0	0
refresco	[re'fresko]	ET	0	1	0
refrigerante	[refrije'rante]	ET	0	0	2
suco	[suko]	ET	1	3	4
suco de bergamota	[perga'mOdepri]	EP	2	1	3
suco de frutas	[suko fon obst]	EP	1	0	0
suco de laranja	[la'ranJesaft]	EP	1	0	0
	[ranJepri]	EP	3	5	6
	[suko de la'ranJa]	ET	1	0	0
suco de limão	[suko de li'mon]	EA	1	2	0
suco de uva	[suko de 'uva]	ET	1	0	0

Embora tenhamos registrado a ocorrência de 12 empréstimos neste campo, a frequência de uso destes empréstimos foi reduzida. Desta vez, a primeira geração é a que mais se utilizou de empréstimos, apresentando um quociente de 17 (23,6%). A segunda e terceira gerações ficaram praticamente no mesmo patamar: 14 (19,4%) e 15 (20,8%), respectivamente.

O "chimarrão" e o "mate", bebidas consumidas em grande proporção em toda região, são termos difundidos no RS e trazidos a SC pela geração dos avós.

Ao contrário de OBERACKER (1972:404), que considera os termos "refresco" e "sangria" como sinônimos, constatamos que em Lageado Antunes o refresco é obtido com um preparado sólido artificial em forma de pó, água e açúcar, enquanto que [sanga'ri] obtém-se com a mistura de vinho tinto, água e açúcar. Consideramos este último, um neologismo de sentido (NS), porque existe na língua alemã o termo "Sangria", proveniente do espanhol, que também

pode constituir-se de suco de laranja, além dos três ingredientes acima citados.

Na série de sucos apontados, merecem destaque os termos [perga`m0depri] e [`ranJepri]. A bergamota e a laranja são frutas produzidas em abundância na região. O suco extraído destas frutas é denominado [pri] de "Brühe", quando o termo correspondente na língua alemã seria "Saft". Chama-se "Brühe" o caldo quente obtido com o cozinhar de alimentos como, por exemplo, carne. Também a água não transparente que se forma quando se lava roupa recebe o nome de "Brühe". Não conseguimos, neste caso, estabelecer nenhuma relação semântica.

6.6.8 - Campo semântico: limpeza

Estão incluídos, neste campo semântico, a limpeza e higiene da casa, da roupa e do corpo.

Em relação à limpeza da casa, verificamos o uso dos empréstimos "caixa-d'água", "esgoto", "fossa", "lata de lixo", "pá", "pia" e "torneira", que foram adotados nas duas últimas décadas, quando estes frutos da modernidade foram introduzidos no cotidiano dos moradores do campo. Anteriormente, eles possuíam um poço que fornecia a água potável para a família. A água era retirada com baldes que serviam de recipiente até o momento do consumo. Após a introdução da caixa-d'água e da torneira, a velha "Spielschüssel" - bacia em que se lavava a louça - foi substituída pela "pia". Dessa forma, surgiu a necessidade do esgoto e da fossa e a adoção dos termos correspondentes. No caso da "lata de

Glossário

*** RELATÓRIO DOS EMPRÉSTIMOS / CAMPO SEMÂNTICO : limpeza ***

PORTUGUÊS	ALEMÃO de LAGEADO ANTUNES	TE	FQ-1	FQ-2	FQ-3
arrumar, ajeitar	[a'ej'tire]	EP	0	0	1
	[aru'mire]	EP	0	0	1
caixa-d'água	['kaSa de 'agwa]	ET	2	2	1
	['kaSa]	ET	3	3	5
	['vasatange]	EP	0	1	0
caprichar	[kapri'Sire]	EP	0	0	1
chuveiro	[Su'vera]	EA	1	0	0
	[Su'vere]	EA	2	2	1
	[Su'verojçe]	EP	0	1	0
	[Su'vero]	ET	2	2	5
	[tuS]	EA	1	0	0
enfeitar	[enfej'tire]	EP	0	0	1
esgoto	[es'gotolox]	EP	0	0	1
	[es'goto]	ET	2	5	2
fossa	['f0sa]	ET	2	1	0
grampo(s) de roupa	['krampojça]	EP	0	0	1
	['krampo]	EA	1	2	2
lata de lixo	[li'Sero]	ET	1	6	3
	['liSajmçe]	EP	1	0	0
	['liSa]	EA	1	0	0
	['liSoemajçe]	EP	1	0	0
	['liSoema]	EP	1	0	0
	['liSolox]	EP	0	0	1
	['liSo]	ET	1	0	1
pá	[pa'ziNa]	ET	0	0	1
pia	[pia]	ET	6	6	6
sabão em pó, rinso	['rinso]	ET	0	4	3
sabonete	[sabo'nete]	ET	0	0	1
	[sabo'net]	EA	0	2	3
tanque	['tanke]	ET	1	1	0
torneira	[tor'nera]	ET	0	1	1
varal	[fjo]	ET	1	1	0
xampu	[Sam'pu]	ET	1	4	4

lixo", as diversas formas de empréstimos traduzem os diferentes procedimentos e objetos utilizados. Enquanto uns possuem uma lata para o lixo, outros improvisam um balde, outros levam os resíduos diretamente num buraco apropriado e outros ainda, simplesmente dispensam o uso da pá e da lata de lixo, varrendo os ciscos porta a fora, no pátio.

Quanto à limpeza e higiene da roupa foram colhidos os empréstimos "grampo", "rinso", "sabonete", "varal" e "tanque". Antigamente as roupas, depois de lavadas, eram estendidas sobre uma

cerca (em geral do potreiro) feita de arrame farpado. Isto dispensava o uso de grampos ou prendedores de roupa. Mais tarde foi introduzido o "fio" de nylon. Todavia, até hoje o termo mais usado para varal é [trot] (arame) embora o uso do arame (atualmente não mais farpado) seja raro. O uso do termo "tanque" foi registrado em apenas dois informantes da mesma família. O vocábulo mais usual neste caso é [kump], neologismo de sentido (NS), pois no sentido denotativo significa "bacia grande". O empréstimo "rinso" vem da primeira marca de sabão em pó assim denominada. Já "sabonete" indica ser uma adoção a partir da sua possível aquisição no comércio.

No que se refere à higiene do corpo, constatamos o uso de "chuveiro" e "xampu". Provavelmente, ambos os termos foram adotados com os referidos objetos no Brasil, pois são bastante recentes. Pela mesma razão, o termo [tuS] não deve ser oriundo do alemão "Dusche".

Os empréstimos registrados neste campo semântico somam 17. A terceira e a segunda geração utilizam-se praticamente com a mesma frequência dos empréstimos: 46 (45,1%) e 44 (43,1%) respectivamente. Na geração dos avós, o índice cai para 31 (30,4%).

6.6.9 - Campo semântico: vestuário

Neste campo semântico reunimos os empréstimos referentes a roupas, calçados e acessórios.

Os termos "botina" e "japona" foram adquiridos no RS, conforme STAUB (1983:157). No caso de "sandália", a acentuação e

Glossário
 *** RELATÓRIO DOS EMPRÉSTIMOS / CAMPO SEMÂNTICO : vestuário ***

PORTUGUÊS	ALEMÃO de LAGEADO ANTUNES	TE	FQ-1	FQ-2	FQ-3
batoon	[bal'toŋ]	EA	1	0	0
	[pa'toŋ]	EA	0	4	5
bermudas	[peɪ'mudas]	EA	0	1	0
botina	[po'tineze]	EA	0	0	1
cabide	[kam'bida]	EA	0	1	0
	[kam'bide]	ET	1	1	1
	[ka'bide]	ET	2	3	5
	[ka'bino]	EA	1	0	0
	[ka'pide]	EA	0	1	0
calção(ões)	[kal'soŋe]	EA	0	2	2
	[kal'soŋ]	EA	5	4	4
camiseta(s)	[kami'seta]	EA	0	2	0
	[kami'zeda]	EA	1	0	0
	[kami'zede]	EA	0	0	1
	[kami'zeta]	ET	1	2	2
chuteira	[Su'tera]	ET	4	2	3
cobertor	[kober'tor]	ET	0	2	1
colcha	[kol'sa]	ET	0	0	2
colchão	[kol'soŋ]	EA	4	5	6
cueca, zorba	[ku'eka]	ET	0	1	0
	[zOrba]	ET	0	0	2
grampo(s) de cabelo	[krampos]	EA	0	0	1
guardanapo(s)	[gwarda'napojça]	EP	0	1	0
	[gwarda'napo]	ET	3	0	4
	[kwarda'nabe]	EA	1	0	0
	[kwarda'napo]	EA	0	2	0
japona	[Sa'pona]	EA	0	1	0
lençol	[len'soɪ]	ET	0	1	0
meia	[meja]	ET	0	0	1
sandália	[san'dalja]	ET	0	2	0
short*	[s'ORTs]	ET	0	1	0
slack*	[es'lake]	ET	1	0	2

a ausência do calçado da vida cotidiana do colono levam-nos a crer que se trata de empréstimo.

Graças à prática do futebol, foram incorporados ao falar alemão local os empréstimos "calção", "camiseta" e "chuteira".

Já os vocábulos ingleses "short" e "slack", embora não estejam ainda dicionarizados na língua portuguesa, sofreram as adaptações necessárias de acordo com as normas da mesma e chega-

ram ao falar alemão de Lageado Antunes. Também os termos "bermuda" e "cueca", "zorba", designam peças modernas. No primeiro caso, a troca do /r/ por /l/ é freqüente já no falar português inculto, embora possa ter ocorrido dentro do próprio alemão. Denomina-se "zorba" uma marca de cuecas. Ambos os termos vêm substituindo o correspondente alemão "Unterhosen".

Ainda revela-se interessante o empréstimo "cabide". Objeto raro no guarda-roupa do colono alemão (as roupas são penduradas em pregos fixos na parede), a pronúncia do termo "cabide" foi realizado foneticamente de diversas formas possivelmente como consequência da baixa freqüência de uso.

O elevado índice de freqüência em relação ao empréstimo "colchão" deve-se à sua introdução recente. Antes usava-se o chamado [`Strosak], espécie de saco feito de tecido e preenchido com palha [`Strol]. Da mesma forma confeccionava-se um acolchoado com lã de carneiro ou pena de pato denominado [tEk], "Decke" em alemão. O surgimento e uso do "cobertor" é mais recente. Já "colcha" e "lençol" têm como correspondentes "Bettdecke" e "Bettuch" ou "Leintuch" em alemão e poderiam ter sido evitados. No caso de "colcha", é possível que o empréstimo resulte da baixa freqüência de uso, uma vez que o seu uso se restringia a dias de visita ou a ocasiões especiais. Normalmente, cobria-se a cama com o próprio acolchoado.

O uso do "batom" é recente. Por esta razão, a primeira geração até chegou a conhecer o [`lipeStift], mas pouco utilizou o produto. A situação se inverteu em relação à segunda e à terceira.

Finalizando, registramos a ocorrência de 19 termos tomados de empréstimo do português. A terceira geração utilizou-se de 43 (37,7%) dos 114 empréstimos possíveis por geração, seguida pela segunda geração com 39 (34,2%) enquanto que a primeira apresentou um índice um pouco inferior: 25 (21,9%).

6.6.10 - Campo semântico: diversão

Glossário,
 *** RELATÓRIO DOS EMPRÉSTIMOS / CAMPO SEMÂNTICO : diversão ***

PORTUGUÊS	ALEMÃO de LAGEADO ANTUNES	TE	FQ-1	FQ-2	FQ-3
andar de bicicleta	[pizi'k]Et'fOre]	EP	0	2	0
assistir televisão	[televi'son'kuge]	EP	1	1	2
	[te've'kuge]	EP	1	0	1
brincar c/ colegas	[mit ko'lEgas 'Spile]	EP	0	1	0
	[mit ko'lEkiNajça 'Spile]	EP	0	1	0
campo de futebol	[kamp]	EA	3	3	4
	[fuspalkampç]	EP	0	1	0
	[fuspalkamp]	EP	3	2	2
clube de mães	[klube de 'majjs]	ET	0	1	0
conversar	[konver'sire]	EP	0	1	0
dia das mães	[dia das 'majjs]	ET	1	0	0
dia dos pais	[dia dos 'pajjs]	ET	1	0	0
ir ao culto	[in de 'kulto ken]	EP	2	0	0
jogar bocha	[potSe ken]	EP	1	1	1
jogar bola	[te'pOla no ken]	EP	0	1	0
	[pOla 'Spile]	EP	1	4	3
jogar bolãozinho	[polon'siNo 'Spile]	EP	0	1	0
participar	[partisi'pire]	EP	0	1	0
pular elástico	[e'lastiko 'huptse]	EP	0	0	1
receber	[rese'bire]	EP	0	0	1
reunir	[rew'nire]	EP	0	1	0
tocar teclado	[te'klado 'Spile]	EP	1	0	0
tomar chimarrão	[Sima'ron 'tringe]	EP	0	2	0

A Igreja organiza diversões que tem o calendário religioso com as festas de Natal, Páscoa, Primeira Comunhão e o Santo Padroeiro como centro. Também a escola estende suas atividades à comunidade e, em ocasiões como o "Dia das Mães" e o "Dia dos Pais" a eles são prestadas homenagens com apresentação de cantos,

encenações e declamação de poesias pelos alunos. Muitos empréstimos foram adquiridos através desses dois pólos de divertimento.

A diversão favorita dos jovens é "jogar bola" no "campo de futebol", que mais do que um local para a prática de esporte, serve de ponto de encontro para a juventude. Os informantes do sexo feminino da segunda geração gostam também de "tomar chimarrão" com as comadres, além de se reunirem no "club de mães". Já a geração dos avós não tem opções de diversão e se dá por satisfeita quando pode "ir ao culto". Para o termo "culto", temos duas hipóteses: o mesmo pode ter sido adotado a partir da utilização do folheto "Culto Dominical" usado para acompanhar os ritos do culto ou, numa segunda hipótese, representar o próprio rito denominado "Kult" em alemão, constituindo um neologismo. A primeira hipótese parece-nos a mais provável, devido ao uso da vogal final o.

O bolão, tradicional jogo alemão, passou a ser substituído, em parte, pela "bocha" que é um jogo de bolas de madeira adotado a partir do contato com descendentes de italianos. O empréstimo "bolãozinho", diminutivo de bolão, representa um jogo com as características básicas daquele e é jogado apenas pelas mulheres do "club de mães".

No caso das expressões "andar de bicicleta", "assistir televisão" e "tocar teclado", notamos o uso de Empréstimos Parciais (EP) em que o objeto constitui uma invenção deste século e recebe o nome português (substantivo), mas com o verbo designando a ação, sendo empregado em alemão.

Desse modo, obtivemos 18 empréstimos relativos à diversão. Todavia, o índice de freqüência foi um dos mais baixos: pri-

meira geração 15 (13,9%); segunda geração 24 (22,2%) e terceira geração 15 (13,9%). Isto ocorre porque a primeira e a terceira gerações apontaram divertimentos em número reduzido. A geração dos avós, por falta de opções, e a geração dos mais jovens, por ainda não possuir filhos.

6.6.11 - Campo semântico: profissões

Glossário

*** RELATÓRIO DOS EMPRÉSTIMOS / CAMPO SEMÂNTICO : profissão ***

PORTUGUÊS	ALEMÃO de LAGEADO ANTUNES	TE	FQ-1	FQ-2	FQ-3
açougueiro	[aso`gero]	ET	0	2	2
advogado	[adevo`gado]	ET	1	1	0
	[advo`gado]	ET	0	0	1
	[afo`kOt]	EA	2	0	0
	[atfo`kOt]	EA	3	4	3
	[agrikul`tor]	ET	0	0	2
agricultor	[agrikul`tor]	ET	0	0	2
alfaiate	[alfaj`ate]	ET	0	4	3
carpinteiro	[karpin`tero]	ET	0	1	0
cozinheiro	[kozi`Nero]	ET	1	1	1
	[enfer`mera]	ET	3	0	3
	[enfer`mere]	EA	0	2	0
enfermeiro	[enfer`mero]	ET	1	4	3
	[farma`sewtika]	EI	1	1	0
	[farma`sewtiko]	ET	2	5	4
	[far`masja]	ET	0	0	2
ferreiro	[fe`rero]	ET	0	3	2
marceneiro	[mar`senero]	ET	0	2	1
mecânico	[me`kanika]	ET	1	0	0
	[me`kaniko]	ET	3	6	6
	[kamiNo`nero]	ET	1	1	2
motorista de caminhão	[moto`rista]	EI	1	4	2
	[moto`rist]	EA	1	1	1
	[So`fEa]	EA	3	0	1
	[moto`rista]	ET	2	2	4
	[moto`rist]	EA	0	1	1
motorista de ônibus	[So`fEa]	EA	2	1	1
	[`onibusSofEa]	EA	0	2	0
	[pa`dero]	ET	0	4	5
	[par`tera]	ET	0	4	2
padeiro	[pa`dero]	ET	0	4	5
parteira	[par`tera]	ET	0	4	2
pedreiro	[pe`drero]	ET	0	2	4
sapatero	[sapa`tero]	ET	0	1	4

Registramos neste campo um total de 17 empréstimos. Dos 102 empréstimos possíveis por geração, a primeira utilizou-se de 28 (27,4%) enquanto que a segunda e a terceira apresentaram mais

do que o dobro, ou seja, 59 (57,8%) e 60 (58,8%) respectivamente.

O elevado índice de termos tomados de empréstimo do português possivelmente está ligado à baixa frequência de uso destes vocábulos. Grande parte dos profissionais referidos vivem afastados do cotidiano dos informantes. Por conseguinte, até mesmo o próprio termo português parece distante de sua realidade e do seu conhecimento. Encaixam-se, neste quadro, dois informantes da terceira geração, que não sabendo citar o profissional que vende remédios nem em português ("Farmacêutico") e muito menos, em alemão ("Apotheker"), apelaram para o termo afim "farmácia".

"Advogado", termo difícil de ser pronunciado até mesmo por falantes nativos, e cujo encontro consonantal latino é, geralmente, desfeito pela intercalação de vogal anterior, razão pela qual apresentou diversas variantes. Convém mencionar aqui, a presença marcante da monotongação, outra característica da linguagem popular portuguesa.

Os falantes de Lageado Antunes não distinguem entre "motorista de caminhão" e "motorista de ônibus", utilizando para ambos os casos "motorista". Quanto ao termo "chofer", consideramo-lo um empréstimo indireto - do francês "chauffeur" via português ao alemão de Lageado Antunes -, visto que tanto o caminhão quanto o ônibus surgiram neste século. Portanto, os imigrantes já estavam aqui há mais de cem anos.

Mas por quê ocorre uma diferença tão significativa na frequência de uso de empréstimos entre a primeira e as outras duas gerações? A hipótese mais provável é a de que a indústria e a moderna tecnologia nas últimas décadas vêm substituindo alguns profissionais como o sapateiro e o alfaiate, já que se pode fa-

cilmente encontrar no comércio sapatos e roupas no modelo, cor e tamanho desejável. Além disso, alguns profissionais perderam o status de autônomos e estão incorporados a estabelecimentos comerciais maiores. Assim vai-se à padaria (e não ao padeiro), à sapataria (e não ao sapateiro) e, igualmente, compra-se carne no supermercado e não no açougue. Dessa forma, profissionais relevantes para a geração dos avós deixaram de sê-lo para os informantes da segunda e terceira geração.

6.6.12 - Campo semântico: transportes

No campo semântico dos transportes ocorre o segundo maior número de palavras emprestadas do português ao falar alemão: 26, o que corresponde a 6% do total. Sem dúvida, o setor de transportes apresentou grandes transformações que resultaram em numerosas invenções a partir do final do século XIX e principalmente no presente século. Os termos "caíque", "lancha", "barca", "moto", "bicicleta", "caminhão" e "ônibus" designam alguns dos novos meios de transporte. Os três primeiros, talvez adquiridos pelos falantes através da televisão ou do relato de viagens, são na verdade, desconhecidos pela distância que os separa da realidade. Já o último, apesar da proximidade do termo alemão ['omnibus] correspondente, tomou-se a forma ['onibus] com pronúncia e entonação portuguesa. Também o vocábulo "navio" foi citado somente por informantes da terceira geração possivelmente em virtude da ausência de um rio navegável na região, o que certamente tem reduzido a frequência de uso de "Schiff", termo correspondente em alemão.

Glossário

*** RELATÓRIO DOS EMPRÉSTIMOS / CAMPO SEMÂNTICO : transporte ***

PORTUGUÊS	ALEMÃO de LAGEADO ANTUNES	TE	F0-1	F0-2	F0-3
acontecer acidente	[asi'dente pa'siat]	EP	0	1	0
aeroporto	[aEro'porto]	ET	0	0	2
	[kamp]	EA	0	1	1
	[`flukkamp]	EP	0	1	1
	[`luftSifkamp]	EP	3	3	2
balsa	[`balsa]	ET	0	1	1
	[`palze]	EA	1	0	0
barca	[`parge]	EA	5	4	1
	[`park]	EA	0	0	3
bicicleta	[pisi`klEt]	EA	0	3	4
	[pizi`klEt]	EA	2	0	0
caíque	[ka'ik]	EA	2	1	1
caminhão(oes)	[kamiNo'nEt]	EA	1	0	0
	[kami'Noqe]	EA	0	1	1
	[kami'Noq]	EA	2	3	4
	[kami'on]	EA	1	0	0
	[`fraxtkamiNoqe]	EP	0	1	1
	[`fraxtkamiNoq]	EP	1	0	0
carteira de motorista	[kar'tera de moto'rista]	ET	1	0	0
	[kar'tera]	ET	5	6	6
estar em dia	[in'dia is]	EP	1	1	0
gasolina	[kazo'line]	EA	5	6	6
	[kazo'lin]	EA	1	0	0
guidão	[ki'doŋ]	EA	0	2	0
	[ki'toŋ]	EA	2	1	1
lança	[`lanSa]	ET	0	1	0
	[`lanS]	EA	1	1	1
moto	[`mOto]	ET	5	5	6
navio	[na'viu]	ET	0	0	2
oficina mecânica	[me'kaniko]	ET	1	0	4
	[ofi'sina]	ET	5	6	2
Ônibus	[`liNe]	EA	0	1	0
	[`onibus]	ET	4	5	6
pagar imposto	[im'posto be'tsOlt]	EP	0	1	0
parabrisa	[para'briza]	ET	2	5	4
	[para'brize]	EA	1	0	1
	[para'prize]	EA	1	0	0
parachoque	[kwarta'SOk]	EA	1	0	0
	[para'SOke]	ET	0	1	2
	[para'SOk]	EA	3	5	4
passageiro(s)	[pasa'Jere]	EA	0	0	3
	[pasa'Jeros]	ET	0	2	0
	[pasa'Jero]	ET	1	0	2
	[pasa'Sere]	EA	2	3	0
portamala, bagageiro	[kwarda'mala]	EA	2	1	0
	[paga'Jerojçe]	EP	0	0	1
	[paga'Sero]	EA	0	1	0
	[pOrta'mala]	ET	2	4	4
respeitar sinalização	[sinaliza'soŋ respej'tire]	EP	0	0	1
seguir as regras	[te'rEgra no ken]	EP	0	1	0
vencer carteira	[kar'tera ven'sjert]	EP	0	1	0
violar leis	[`lejs `ivatrede]	EP	0	1	0
volante	[vo'lant]	EA	0	1	3

Em relação ao empréstimo "aeroporto", a forma popular se faz presente novamente com o uso de [ˈkamp], [ˈfluk-kamp], [ˈluftʃɪfkamp] do português "campo" ou "campo de aviação".

Provavelmente o registro de diversas formas do termo "caminhão" deve-se aos diferentes modelos de caminhão: camioneta (do francês), caminhão grande para transporte, etc. Já a forma [(fraxt)kamiˈNoŋ] indica o singular e [(fraxt)kamiˈNoŋe] a forma plural.

Para automóvel ou carro foram criados os neologismos [ˈkare] e [ˈfɔtsajç], mas algumas de suas partes tais como "parachoque", "parabrisa", "portamala" e "volante" bem como o combustível "gasolina" são tomados de empréstimo do português. O termo "Werkstatt" é totalmente desconhecido, sendo substituído pelo português "oficina" e até por [meˈkaniko], um possível indício de insuficiência vocabular.

Uma vez mais as expressões constituem empréstimos parciais (EP), em que o substantivo é tomado de empréstimo para designar a "coisa" nova, mas o verbo é utilizado na forma de uma variante popular da língua alemã, como por exemplo [imˈposto beˈtsɔlt].

Quanto ao termo "canoa", pronunciado [kaˈnoo], não procedemos a uma classificação. Entretanto, temos duas hipóteses. Na primeira, o termo seria uma versão, trazida com os imigrantes, de "kanu"⁵. Como se trata de um meio de transporte bastante remoto, esta hipótese parece-nos plausível. Por outro lado, a forma

⁵"Kanuu" = urspr. als Boot benutzter ausgehöhlter Baumstamm" conforme AHLHEIM, Karl-Heinz. Duden. Mannheim, Bibliographisches Institut, 1966 (Der Grosse Duden: Fremdwörterbuch, 5).

[Ka'noo] poderia ser uma adaptação de "canoa" (do aruaque, através do espanhol canoa), com alongamento e apócope resultando em haplologia, em analogia a [la'goo] de "lagoa". FAUSEL (1953:42 e 96), SCHADEN (193:38) e OBERACKER (1939:101) relacionam o termo "canoa" em suas listas de empréstimos do português. WILLEMS (1980) e STAUB (1983) não fazem nenhuma referência ao vocábulo.

A palavra "Linha" que a princípio acompanhava o nome de localidades como "Linha Brasil", "Linha Erveira", etc., mais tarde também foi utilizada para os ônibus que passaram a ligar as localidades. Embora MATTOSO⁶ afirme que o nome "Linha" veio do alemão "Linie" surgindo das linhas ou traçados geralmente retos que se faziam nos mapas da colonização com a finalidade de iniciar a locação dos lotes ou colônias, consideramos [ˈliNe] um empréstimo adaptado, pois no sentido de ônibus o termo foi adotado aqui no Brasil. Também STAUB (1983:121) classifica o termo "Linha" [línye] como empréstimo do português.

Dos 156 empréstimos possíveis por geração neste campo semântico, a segunda geração usou 82 (52,5%); a terceira encontra-se praticamente no mesmo patamar com 81 (51,9%); a primeira geração utilizou-se de 64 (41%).

6.6.13 - Campo semântico: organização pública

Englobamos sob o nome "Organização Pública" os documentos, as repartições, os serviços e os cargos públicos.

⁶MATTOSO, Margot L. Encontro de variação linguística e de bilingüismo na região Sul. Porto Alegre: UFRGS, 1986, p.107.

*** RELATÓRIO DOS EMPRÉSTIMOS / CAMPO SEMÂNTICO : org. pública ***

PORTUGUÊS	ALEMÃO de LAGEADO ANTUNES	TE	FQ-1	FQ-2	FQ-3
cadeia	[ka'tee]	EA	6	6	6
capital	[kapi'tal]	ET	1	5	6
carimbo, carimbar	[gam'bire]	EP	1	0	0
	[karim'birt]	EP	0	0	1
	[karim'piat]	EP	1	0	0
	[karim'pire]	EP	0	0	1
	[ka'rimbo]	ET	1	1	3
	[ka'rimp]	EA	0	0	1
cartório	[kar'tOrjo]	ET	0	2	4
	[pajm Ju'is `intron]	EP	1	0	0
certidão de casamento	[re'Jistro de kaza'mento]	ET	0	0	2
	[serti'daw de kaza'mento]	ET	0	0	1
certidão de nascimento	[re'Jistro de nasi'mento]	ET	0	0	2
	[re'Jistro]	ET	1	0	0
	[re'Sistro]	EA	0	2	0
	[serti'daw de nasi'mento]	ET	0	0	2
certidão de óbitos	[`Obito]	ET	1	1	1
correio	[ko'rejal]	EA	1	0	0
	[ko'reje]	EA	1	0	0
	[ko'rejo]	ET	0	0	1
	[ko'reo]	ET	3	4	3
delegado	[dele'gado]	ET	1	6	4
	[tele'kado]	EA	2	0	1
	[tele'kOde]	EA	0	0	1
envelope	[enve'lope]	ET	0	1	1
	[enve'lop]	EA	0	0	3
governador	[governa'dor]	ET	4	6	4
	[go'verno]	ET	0	0	1
	[presi'dente]	ET	0	0	1
governar	[gover'nire]	EP	2	2	2
juiz	[Ju'is]	ET	1	3	3
	[Su'is]	EA	4	3	3
polícia	[po'lisja]	ET	2	3	0
	[po'lis]	EA	2	0	0
	[po'lize]	ET	2	2	6
prefeito	[pre'fejto]	ET	2	3	3
	[pre'fejt]	EA	2	1	0
	[pre'fEkt]	EA	2	2	3
promotor	[promo'tor]	ET	5	4	3
selo	[`seles]	EA	1	0	0
	[`selojçe]	EP	0	0	1
	[`selos]	ET	1	4	0
	[`selo]	ET	4	2	5
vereador(es)	[verea'dores]	ET	2	3	5
	[verea'dore]	EA	2	1	0
	[verea'dor]	ET	0	1	0
	[verea'toren]	EA	1	0	0
	[verea'tores]	EA	1	0	0

O relacionamento dos habitantes de Lageado Antunes com a sede do distrito Presidente Juscelino e do município era necessário. Havia nascimentos a registrar, impostos a pagar, cartas a

selar, etc. Desta forma, os termos relativos à justiça e à administração foram somando-se e hoje constatamos uma das maiores frequências de uso pelas três gerações. Trata-se de uma consequência natural se considerarmos que o tipo de relação entre os colonos alemães e as autoridades mudou profundamente ao longo dos anos, se comparado com o país de origem.

De fato, desde o princípio o imigrante teve que admitir elevado número de empréstimos para dominar lingüisticamente a nova situação que encontrava nas esferas aqui rotuladas e englobadas sob o título "Organização Pública", pois os termos alemães com noção européia não correspondiam à noção brasileira. Burgomestre ("Bürgermeister") por exemplo, não correspondia, no sentido restrito da palavra, a prefeito.

Hoje o descendente de imigrantes quase nunca conhece os termos correspondentes na língua alemã. Conseqüentemente, em alguns casos, os informantes tentavam saber de nós qual seria o termo equivalente no "alemão correto" ("richtig Deutsch"), mas, na maioria das vezes, o falante incorporara inconscientemente o vocábulo português ao seu léxico de tal modo que já considerava-o parte do seu falar, a ponto de afirmar que determinado vocábulo era alemão (e não português) ou então, que este ou aquele vocábulo não tinha equivalente na língua alemã. Um informante, por exemplo, disse que [pre`fekt] era um termo alemão quando, na verdade, "Präfekt" na Alemanha é aquele aluno mais velho que dirige o coral estudantil⁷.

⁷"Präfekt" - (...) (in Deutschland) älterer Schüler eines Schulchores, der den Kantor als Dirigent vertritt. In: WAHRIG, Gerhard. Deutsches Wörterbuch. Gütersloh, Bertelsmann Lexikon Verlag, 1986.

FAUSEL (1953:39) afirma que os vocábulos alemães como "Rathaus" (prefeitura), "Bürgermeister" (prefeito), "Stadtrat" (câmara municipal), "Standesamt" (cartório) e muitos outros desapareceram, sendo substituídos pelos correspondentes da língua portuguesa. De fato, a frequência comprova esta afirmação: terceira geração, 84 (77,8%); segunda geração, 68 (63%) e a primeira geração, 61 (56,5%), o que traduz o prestígio que os valores urbanos e políticos representam para os teuto-brasileiros.

6.6.14 - Campo semântico: parentesco

Glossário
 *** RELATORIO DOS EMPRÉSTIMOS / CAMPO SEMÂNTICO : parentesco ***

PORTUGUÊS	ALEMÃO de LAGEADO ANTUNES	TE	F0-1	F0-2	F0-3
avô	[ˈvovo]	EA	3	4	6
avo	[vO]	ET	0	0	1
	[ˈvovo]	EA	3	4	5
casal	[kaˈzal]	ET	1	4	3
madrinha	[maˈdriNa]	ET	0	0	1
namorados	[namoˈrados]	ET	2	5	6
noiva	[ˈnojva]	ET	1	3	5
noivo	[ˈnojvo]	ET	1	3	5
padrasto	[paˈdrasto]	ET	0	2	5
padrinho	[paˈdriNo]	ET	0	0	1
parente	[paˈrende]	EA	3	4	5
	[paˈrentaJem]	ET	0	1	0
	[paˈrente]	ET	1	0	0
	[paˈrentSaft]	EP	1	0	0
	[paˈrent]	EA	0	0	1
prima	[ˈprima]	ET	3	6	3
	[ˈprime]	EA	3	0	2
primo	[ˈprima]	EA	0	1	0
	[ˈprime]	EA	3	1	1
	[ˈprimo]	ET	3	4	5
sobrinha	[soˈbriNa]	ET	3	3	6
	[soˈbriNe]	EA	2	1	0
sobrinho	[soˈbriNe]	EA	3	1	0
	[soˈbriNo]	ET	3	5	6

Reunimos nesta esfera semântica, os termos que exprimem parentesco por consangüidade e por afinidade.

Lageado Antunes, como praticamente todas as pequenas comunidades alemãs vivia até recentemente isolada e tinha uma vida comunal pouco desenvolvida. Assim, as relações de parentesco estreitaram-se e suas funções foram bastante ampliadas em comparação com a família campesina alemã. Até hoje, os vizinhos e os amigos mais próximos bem como os compadres e as comadres geralmente são parentes.

Segundo WILLEMS (1980:219), sobretudo as relações entre compadre e afilhado estão hoje muito próximas do padrão brasileiro. Mas como explicar o uso dos empréstimos "avô" e "avó" quando espera-se uma constante e elevada frequência de uso dos termos correspondentes na língua alemã? Possivelmente, a sociedade e a influência do novo ambiente, razões apontadas por OBERACKER (1972:428), somadas à aceitação e proximidade do padrão brasileiro, justificam a adoção dos referidos empréstimos.

Já os termos "primo", "prima", "sobrinho" e "sobrinha", parecem não ter correspondente no dialeto alemão e foram tomados de empréstimo, com adaptações ou não, do português.

Interessante também é o uso do termo "parente", que foi adotado como se os informantes ignorassem a forma alemã "Verwandte".

As palavras "casal", "noivo", "noiva", "namorados" e "padrasto", que consideramos como relações de parentesco por afinidade, representam uma significativa diferença entre a primeira e as outras gerações, pois estas utilizam-se dos empréstimos enquanto que os informantes da primeira geração ainda usam os vocábulos alemães correspondentes.

Enfim, coletamos 14 termos que indicam relações de parentesco. Dos 84 empréstimos possíveis por geração, a terceira geração usou 67 (79,8%), o que representa o maior índice de frequência de uso até agora registrado. A segunda geração, por sua vez, apresentou um quociente de 52 (61,9%). O uso expressivo de empréstimos também foi verificado na primeira geração: 39 (46,4%).

6.6.15 - Campo semântico: corpo humano

Glossário
 *** RELATÓRIO DOS EMPRÉSTIMOS / CAMPO SEMÂNTICO : corpo hum. ***

PORTUGUÊS	ALEMÃO de LAGEADO ANTUNES	TE	F0-1	F0-2	F0-3
careca	[ka'rEka]	ET	1	4	2
cicatriz, marca	[sika'triz]	ET	0	0	1
	['marge]	EA	2	3	3
cílios	['siljos]	ET	0	1	0
prótese, chapa	[denta'dura]	ET	1	0	0
	['Sabe]	EA	5	6	6
seios	['pejto]	ET	0	0	1
	['sejos]	ET	0	1	2
sobrancelha	[sobran'seja]	ET	1	0	0
	[sobran'seLa]	ET	0	2	3
	[sombra'seLa]	ET	0	0	1
útero	['utero]	ET	1	1	1
ventre	['ventre]	ET	0	0	2

O nome das principais partes do corpo tais como mão, pé, olhos e cabeça, são usados frequentemente. Pode-se supor por conseguinte, que os termos alemães "Hand", "Fuss", "Augen" e "Kopf" foram conservados. Entretanto, termos como "wimper" (cílios) e "Augenbraue" (sobrancelhas) são pouco usuais e, provavelmente por esta razão, caíram no esquecimento, prevalecendo as formas portuguesas, apesar de serem pronunciadas com certa dificuldade e reflexão. Talvez a mesma justificativa possa ser atribuída ao uso do empréstimo "careca".

Já os empréstimos "útero", "ventre" e "seios" foram registrados poucas vezes, pois estas partes do corpo feminino são de certa forma ocultadas por vergonha e, justamente em virtude disto, ainda estão preservadas no repertório lingüístico da maioria dos informantes.

Quanto ao uso de "cicatriz" e principalmente da forma sinônima e popular "marca", pode-se dizer que estes termos foram incorporados ao falar alemão, devido à baixa frequência de uso do termo correspondente em alemão "Narbe". Habitados ao trabalho árduo da roça os colonos possuem ferimentos pelo corpo, especialmente nas pernas e nos braços. Assim as cicatrizes se vão aglomerando sem causar preocupações, mesmo porque, para eles, a beleza física não exerce a menor importância. Igualmente o uso da prótese dentária popularmente conhecida como "chapa", é muito comum, já que a assistência odontológica sempre foi restrita, e - por que não dizer? - precária na região. A necessidade de comunicação com o dentista fez com que este termo (e possivelmente outros) fosse adotado rapidamente.

Embora o número de empréstimos relativos ao corpo humano seja de apenas 08, o índice de frequência de uso destes empréstimos ainda pode ser considerado bastante expressivo: 11 (22,9%) na primeira geração; 18 (37,5%) na segunda e 22 (45,8%) na terceira geração.

6.6.16 - Campo semântico: cultura

De acordo com WILLEMS (1980:20), cultura seria um sistema de valores, isto é, um sistema de padrões de comportamento,

Glossário
 *** RELATORIO DOS EMPRÉSTIMOS / CAMPO SEMÂNTICO : cultura ***

PORTUGUÊS	ALEMÃO de LAGEADO ANTUNES	TE	F0-1	F0-2	F0-3
almoço	[a]`moso]	ET	0	0	1
até logo	[a`tE `lOgo]	ET	0	2	0
	[te`lOge]	EA	0	2	3
bar	[bar]	ET	1	0	0
	[par]	EA	1	1	0
bêbado, alcoólatra	[alko`lista]	ET	1	0	0
boa noite	[`boa `nojte]	ET	0	0	2
boa tarde	[`boa `tarde]	ET	0	0	4
bodega	[bo`dEge]	EA	0	0	2
	[po`dEga]	EA	0	1	0
	[po`dEge]	EA	1	4	1
boliche	[po`liS]	EA	3	0	3
bom dia	[bo`dia]	ET	0	0	2
brigar	[`prige]	EA	1	2	3
cachimbo	[ka`Simp]	EA	3	5	4
charuto	[Sa`rude]	EA	1	3	2
	[Sa`rut]	EA	4	2	3
cigarro(s) de palha	[fum]	EA	1	0	0
	[pa`Lera]	ET	0	1	0
	[pa`ljere]	EA	0	1	0
	[tsikre fon pa`Lero]	EP	0	0	1
	[`fumsiga]	EP	1	0	0
	[`kriole tsikre]	EP	0	1	0
	[`kriole]	EA	0	0	2
	[`miljep]Edatsiga]	EP	1	0	0
	[`palja]	ET	0	1	0
cobrar	[ko`brire]	EP	3	6	5
cooperativa	[kopera`tiva]	ET	1	3	1
	[kopera`tive]	EA	0	1	1
	[kopra`tiva]	ET	1	1	0
	[kopra`tive]	EA	2	1	2
fumante	[fu`mante]	ET	0	2	4
janta	[`Janta]	ET	0	0	1
tchau*	[a`dews]	ET	1	0	0
	[`tSaw]	ET	1	0	3

idéias e conhecimentos que adquiriram significados específicos para um grupo humano.

Como se vê, o conceito de cultura é bastante amplo e abrangeria questões como religião, alimentação, vestuário, etc. Nós, no entanto, consideraremos "cultura", as atitudes e os hábitos da sociedade bem como os termos que exprimem saudações.

Inúmeros empréstimos são resultantes dos frequentes contatos e do convívio dos imigrantes e seus descendentes com os elementos luso-brasileiros. Desde cedo começou a processar-se uma

mudança cultural em que atitudes e valores foram perdendo seu significado específico e sendo substituídos por elementos da cultura luso-brasileira. Não se trata somente de palavras novas para designar coisas novas, mas da introdução, no lugar de palavras que representam velhos sentimentos e pontos de vista, de empréstimos que representam um outro estilo e ritmo de vida.

As refeições denominadas "almoço" e "janta" continuam no mesmo padrão e os referidos termos ainda são usados na língua alemã, apesar da mudança dos hábitos alimentares. Já o lexema "Frühstück" tornou-se desconhecido sendo substituído por decalques como [`kafi`tringe] ou [`mOrgenskafi], ("café da manhã").

O hábito de fumar e de beber adquiriu novas formas, o que levou à adoção de termos como "cachimbo", "charuto", "cigarro de palha", "bar", "boliche", "bodega", "fumante" e "bêbado".

A introdução da cooperativa na comunidade foi relativamente fácil por tratar-se de uma colonização recente. Conseqüentemente, toda a terminologia correspondente (cooperativista, posto da cooperativa, etc.) foi adotada sem restrições.

Em relação às saudações, pode-se dizer que com a chegada dos imigrantes ao Brasil, naturalmente deve ter surgido o desejo de dominar pelo menos algumas expressões de chegada e de despedida. Contudo, os termos alemães correspondentes parecem ter resistido ao desejo, estando em desuso só entre os falantes da terceira geração.

Os empréstimos colhidos neste campo totalizam 18. Sua frequência de uso é de 28 (25,9%) na primeira geração; 40 (37%) na segunda e 50 (46,3%) na geração dos mais jovens.

6.6.17 - Campo semântico: religião

Glossário
 *** RELATÓRIO DOS EMPRÉSTIMOS / CAMPO SEMÂNTICO : religião ***

PORTUGUÊS	ALEMÃO de LAGEADO ANTUNES	TE	FQ-1	FQ-2	FQ-3
batismo	[pa'tismo]	EA	0	1	0
bispo	[ˈbispo]	ET	0	0	1
crisma	[ˈkrisma]	ET	0	1	1
pecado	[peˈkado]	ET	0	0	3
perdoar	[perdoˈire]	EP	0	0	1
primeira comunhão	[priˈmera komuˈNõŋ]	EA	0	1	2
procissão	[prosiˈsõŋ]	EA	0	0	2
vigário	[viˈgarjo]	ET	4	5	6
	[viˈkarjo]	EA	2	0	0

A população de Lageado Antunes é, na sua totalidade, católica. A comunidade é muito religiosa. Entretanto, esta não parece ser a razão principal para as poucas palavras tomadas de empréstimo pelos bilíngües alemães neste campo semântico. São a organização eclesiástica e o rito religioso mantidos em latim até a década de 60 que indicam ser os responsáveis pelo número reduzido de empréstimos. Somente com a realização do Concílio do Vaticano desde 1962, os ritos e a orientação religiosa até então feitos em latim, passaram a ser realizados na língua portuguesa.

Ultimamente a Igreja vem inovando, abrindo espaço para uma participação mais ativa de seus fiéis. Assim, indivíduos da segunda e principalmente da terceira geração vêm atuando na elaboração e execução de cultos e rituais religiosos, o que está levando ao emprego de novos vocábulos portugueses, tornando-se fator decisivo na elevação do índice de frequência de uso de empréstimos nas gerações mais jovens.

6.6.18 - Campo semântico: flores

Glossário

*** RELATÓRIO DOS EMPRÉSTIMOS / CAMPO SEMÂNTICO : flor ***

PORTUGUÊS	ALEMÃO de LAGEADO ANTUNES	TE	F0-1	F0-2	F0-3
avenca	{a'venka}	ET	0	0	1
azaléia	{aza'leja}	ET	0	1	1
	{aze'leja}	ET	1	1	0
balsamina	{pal'zamine}	EA	1	3	1
boca-de-leão	{bo'ka de le'on}	EA	0	1	1
calêndula	{'lendola}	EA	0	1	0
canélio	{ka'melja}	ET	0	0	1
cravo	{'kravo}	ET	0	2	3
dália	{pa'tadeplume}	EP	0	3	2
folhagens	{fo'laJens}	ET	0	0	1
gloxínia	{klok'sine}	EA	1	0	1
jardim	{Jar'di}	ET	0	1	4
margarida	{marga'rida}	ET	2	5	2
orquídea	{or'kidja}	ET	0	1	0
samanbaia	{sanam'bajajça}	EP	0	1	0
	{sanam'baja}	ET	2	3	5
três-marias	{tresma'ria}	ET	1	0	0
Vaso	{'vazo}	ET	1	3	1
violetas	{vjo'letajça}	EP	0	1	0

Para colhermos os possíveis empréstimos neste campo semântico, solicitamos aos informantes que citassem o nome de flores e plantas ornamentais de seu conhecimento. Por conseguinte, obtivemos um número considerável de adoções do português para o falar alemão de Lageado Antunes. Todavia, a frequência destes empréstimos foi relativamente pequena em virtude da diversidade de flores citadas. Além disso, alguns informantes, em geral do sexo masculino, afirmaram conhecer poucos tipos de flores.

Surpreendentemente, diversas flores foram citadas na língua alemã, tais como "Stiefmutter" ['stifmudajça] (amor-perfeito); "Löwermäulchen" ['levamajlça] (boca-de-leão) e "Mittagsblume" ['midasplume] (onze-horas).

Foram colhidos 17 nomes de flores, plantas ornamentais e acessórios. Os informantes da segunda geração utilizaram-se de 27

(26,5%) formas de empréstimo, enquanto que os da terceira geração usaram 24 (23,5%). Já a geração dos avós apresentou nesse campo semântico o menor índice de frequência: 9 (8,8%).

6.6.19 - Campo semântico: árvores

Glossário
 *** RELATÓRIO DOS EMPRÉSTIMOS / CAMPO SEMÂNTICO : árvore ***

PORTUGUÊS	ALEMÃO de LAGEADO ANTUNES	TE	F0-1	F0-2	F0-3
abacateiro	[apa'katepom]	EP	0	1	2
açõita-cavalo	[a'sojta ka'valo]	ET	0	1	0
	['sojta]	ET	0	1	1
ameixeira	[a'meJepom]	EP	1	1	1
	[ma'meJepom]	EP	0	0	1
angico	[an'Sik]	EA	2	2	1
	[Sik]	EA	2	1	3
bergamoteira	[perga'm0depawm]	EP	2	0	0
	[perga'm0depom]	EP	2	3	4
cabriúva	[kapri'uva]	EA	0	2	0
	[kapri'uve]	EA	4	2	1
canjarana	[kaSo'rane]	EA	1	0	0
caquizeiro	['kagipom]	EP	1	1	2
caule, tronco	['kawle]	ET	0	0	1
	['tronko]	ET	0	0	2
cerejeira	[se'reJe]	EA	0	0	1
cinamomo	[sela'moŋ]	EA	0	1	0
galhos	['gaLos]	ET	0	0	1
grápiapunha	['krapja]	EA	2	1	2
guatambu	[kwatam'bu]	EA	1	0	0
jabuticabeira	[Jabuti'kavapom]	EP	1	0	1
laranjeira	['ranJepawm]	EP	2	1	0
	['ranJepom]	EP	3	5	5
	['ranJestOk]	EP	0	0	1
marfim	[mar'fi]	ET	0	2	1
pinheiro	[pi'Nero]	ET	0	1	0
raiz	[ra'iz]	ET	0	0	1
timbaúba	[tempa'uva]	EA	1	0	0
	[tempa'uve]	EA	1	0	0

Com a finalidade de facilitar a coleta de dados e de obtê-la da maneira mais natural possível, pedimos aos 18 informantes que enumerassem árvores conhecidas.

Verificamos que as madeiras de lei como "angico", "cabiúva", "pinheiro" e outras eram desconhecidas na Alemanha. Por isso, a adoção desses termos se deu, em geral, com pequenas adaptações como em [kapri'uve], mas também de modo integral: [pi'-Nero]. Outros vocábulos ainda, sofreram profundas transformações a ponto de se tornarem quase irreconhecíveis, como por exemplo [Sik], de "angico" ou [sojta], de "açoita-cavalo".

As árvores frutíferas recebem o nome português, porém sem o sufixo "-eiro" ou "-eira". Em lugar destes, anexa-se ao nome da fruta a palavra [pom], "Baum" na língua padrão ou "árvore" no português.

Quanto as partes da árvore, registramos a ocorrência de "raiz", "caule", "tronco" e "galhos", todos emprestados com pouca frequência e empregados por informantes da terceira geração. A hipótese mais provável é a de que a baixa frequência de uso do léxico concernente às árvores está se perdendo paulatinamente.

Dos 20 nomes de árvores coletados e 120 empréstimos possíveis por geração, a primeira e a segunda geração usaram 26 (21,7%) e a terceira geração empregou 32 (26,7%) formas de empréstimo.

6.6.20 - Campo semântico: animais

Integram este campo semântico as aves e os animais, tanto os domésticos quanto os silvestres.

Os colonos de Lageado Antunes não eram afeitos à caça e à pesca. A caça existiu só nos primeiros anos e a pesca está difi-

Glossário

*** RELATÓRIO DOS EMPRÉSTIMOS / CAMPO SEMÂNTICO : animal ***

PORTUGUÊS	ALEMÃO de LAGEADO ANTUNES	TE	F0-1	F0-2	F0-3
cabrito(s)	[ka'pride]	EA	2	1	0
	[ka'přitçe]	EP	0	0	2
	[ka'přit]	EA	3	5	4
cutia	[kudi]	EA	1	1	0
gato-do-mato	[gato do 'mato]	ET	0	0	1
grilo	[kriilo]	EA	0	0	1
guaraxaim	[kraJa'i]	EA	0	0	1
	[kraSa'i]	EA	0	2	0
	[Jaka're]	ET	2	0	2
jacaré	[Saga're]	EA	1	0	0
	[Saka're]	EA	3	5	4
	[la'kade]	EA	1	2	3
lagarto(s)	[la'kat]	EA	5	4	3
leão	[le'on]	EA	0	0	1
macaco(s)	[ma'kage]	EA	0	0	1
	[ma'kak]	EA	0	0	1
marreco	[ma'rekçe]	EP	1	0	0
	[ma'rek]	EA	1	5	3
	[mos'kide]	EA	4	6	6
mosquito(s)	[mos'kitçe]	EP	1	0	0
	[mos'kito]	ET	1	0	0
	[mulça]	EP	0	0	1
mula	[mule]	EA	3	6	3
onça	[onsa]	ET	0	0	1
paca	[pak]	EA	0	1	0
pato	[patçe]	EP	1	0	0
	[pat]	EA	2	3	4
	[patriç]	EP	0	2	1
peru	[pe'ru]	ET	0	0	1
quati	[kwadi]	EA	1	1	0
tatu	[tadu]	EA	2	1	0
vaca	[vaka]	ET	1	0	0

cultada pela distância de rios piscosos.

Os animais silvestres como "lagarto", "jacaré", "onça", "macaco", "paca", "guaraxaim", "quati", "tatu", "leão", "cutia" e "gato-do-mato", que ficaram sendo conhecidos no Brasil, são denominados pelo vocábulo português. O mesmo ocorre em relação aos insetos "grilo" e "mosquito".

Já o empréstimo dos termos "cabrito", "mula", "peru", "vaca" e "marreco", poderia ter sido evitado, pois estes nomes designam animais e aves domésticas já conhecidas no país de origem, e portanto, com correspondentes na língua alemã. Constitui

uma exceção o termo "pato". Concordamos com a hipótese levantada por STEINER (1988:164), de que a adoção do empréstimo se deve à necessidade de se diferenciar de "Ente" = "marreco". Na forma [ˈpatric], o sufixo -rich, indica uma ave masculina.

Um animal apresentado em diversos estudos (WILLEMS, 1980; STAUB, 1983, entre outros) é o cavalo. Este animal não foi conservado em Lageado Antunes e, conseqüentemente, a terminologia também não foi preservada.

6.6.21 - Campo semântico: pássaros

Glossário,
 *** RELATORIO DOS EMPRÉSTIMOS / CAMPO SEMÂNTICO : pássaro ***

PORTUGUÊS	ALEMÃO de LAGEADO ANTUNES	TE	FQ-1	FQ-2	FQ-3
andorinha	[andoˈriNa]	ET	0	0	1
azulão	[azuˈlon]	EA	0	0	2
beija-flor	[ˈbejɔflor]	ET	0	0	1
bem-te-vi	[benteˈvi]	ET	1	0	1
canário	[kanaˈriNojça]	EP	0	0	1
	[kaˈnarjo]	ET	0	1	2
chupim	[Suˈpi]	ET	1	0	2
gralha	[ˈkraja]	EA	0	3	1
macuco	[maˈkuk]	EA	0	1	0
periquito(s)	[piriˈkide]	EA	0	1	2
	[piriˈkito]	ET	1	0	0
	[piriˈkit]	EA	0	0	1
tico-tico(s)	[ˈtigotige]	EA	0	0	1
	[ˈtigotikça]	EP	0	0	1
	[ˈtikotikça]	EP	0	2	0
	[ˈtikotiko]	ET	0	0	1
	[ˈtikotik]	EA	0	1	1

Empregando o mesmo processo utilizado para a coleta dos nomes de flores, árvores e animais, solicitamos aos informantes que enumerassem os pássaros de seu conhecimento.

Entre os nomes de pássaros citados, verificamos 10 empréstimos. Todavia, a frequência destes empréstimos foi reduzi-

díssima na primeira geração com apenas 3 (5%). Já na segunda geração, o índice chega ao patamar de 9 (15%), passando a 18 (30%) na terceira geração.

Estes números podem ser explicados pelas criações dentro da língua alemã com elementos próprios, como por exemplo [ˈtrɛk-pawa] (João-de-barro) e pela ausência do hábito de caçar na região.

6.6.22 - Campo semântico: cobras

Glossário

*** RELATÓRIO DOS EMPRÉSTIMOS / CAMPO SEMÂNTICO : cobra ***

PORTUGUÊS	ALEMÃO de LAGEADO ANTUNES	TE	FQ-1	FQ-2	FQ-3
caninana	[kadiˈnan]	EA	1	1	0
	[kaniˈnan]	EA	1	0	0
cascavel	[kaskaˈvɛl]	ET	3	3	1
cruzeiro	[kruˈzɛrɔ]	ET	1	1	1
jararaca(s)	[Saˈrage]	EA	2	1	6
	[Saˈrake]	EA	1	0	0
	[Saˈrak]	EA	2	3	0
urutu	[uruˈtu]	ET	2	3	4

As cobras são ainda mais raras do que os pássaros ou árvores. Conseqüentemente, o número de empréstimos neste campo tornou-se o menor de todos. Entretanto, a frequência de uso destes termos é bastante elevada, pois os 05 nomes ou vocábulos emprestados do português são repetidos por praticamente todos os informantes. Assim, constatamos o fenômeno do equilíbrio entre as três gerações: 13 (43,3%) e 12 (40%) de empréstimos empregados pela primeira geração e pela segunda e terceira gerações respectivamente.

6.6.23 - Campo semântico: onomástica

Glossário

*** RELATÓRIO DOS EMPRÉSTIMOS / CAMPO SEMÂNTICO : onomástica ***

PORTUGUÊS	ALENÃO de LAGEADO ANTUNES	TE	FQ-1	FQ-2	FQ-3
alegre (boi)	[a'legre]	ET	0	1	0
baiana (vaca)	[pa'jana]	EA	1	0	0
barrosa (vaca)	[pa'rOza]	EA	0	2	2
barroso (boi)	[pa'rozo]	EA	1	0	0
beleza (vaca)	[be'leza]	ET	1	0	0
bilu (cão)	[bi'lu]	ET	0	0	2
	[pi'lu]	EA	1	1	0
boneca (vaca)	[bo'nEka]	ET	0	1	2
	[po'nEka]	ET	1	0	0
branquinha (vaca)	[pran'kiNa]	EA	0	1	1
brasina (vaca)	[pra'sine]	EA	1	1	1
campeiro (boi)	[kam'pero]	ET	1	1	1
chita (vaca)	['Sita]	ET	1	1	1
coração (boi)	[kora'sog]	EA	0	1	1
dourado (boi)	[do'rado]	ET	0	1	1
estrela (vaca)	[es'trela]	ET	1	1	1
faceiro (boi)	[fa'sero]	ET	0	2	3
fortuna (vaca)	[for'tuna]	ET	1	0	0
gaúcho (boi)	[ka'uS]	EA	1	1	0
gigante (boi)	[Si'kant]	EA	1	0	0
guarani (cão)	[kwara'ni]	EA	0	1	0
guardião (cão)	[kwardi'on]	EA	2	0	0
lobo (cão)	['lobo]	ET	0	1	1
lulu (cão)	['lulu]	ET	1	1	1
mimosa (vaca)	[mi'mOza]	ET	0	0	2
mineira (vaca)	[mi'nera]	ET	0	1	0
mineiro (boi)	[mi'nero]	ET	3	3	3
moleque (boi)	[mu'leK]	EA	1	0	0
negrinha (vaca)	[ne'kriNa]	ET	0	2	2
osquinha (vaca)	[os'kiNa]	ET	1	0	1
	[os'kiNe]	EA	1	0	0
peri (cão)	[pe'ri]	ET	0	1	0
pintada (vaca)	[pin'tada]	ET	0	1	1
pintado (boi)	[pin'tado]	ET	0	0	1
preta (vaca)	['preta]	ET	0	1	1
salina (vaca)	[sa'line]	EA	1	0	0
salino (boi)	[sa'line]	EA	0	0	1
	[sa'lino]	ET	0	1	0
totó (cão)	[to'tO]	ET	1	1	1
xuxo (cão)	['SuSo]	ET	0	0	1

Os nomes de bois, vacas e cachorros foram agrupados sob o

título "Onomástica". Consideramos este campo semântico relevante,

pois gerou um sentimento de valorização profissional nos infor-

mantes.

Todo colono possui uma junta de bois que constitui um dos principais instrumentos de trabalho; pelo menos um cão, cuja função é a de ser guardião da propriedade, e algumas vacas que fornecem o leite e seus derivados.

Chamou nossa atenção o fato de que todos os 18 informantes citaram prontamente o nome dos bois. O mesmo não ocorria em relação às vacas. Neste caso, o entrevistado se esforçava para enumerá-las. Às vezes, confundia-se, citando o mesmo nome duas vezes ou esquecia-se de algum, voltando a este mais tarde. Tal constatação, leva-nos a crer que as vacas não têm nome fixo ou até nome nenhum.

Como o número de nomes citados pelos informantes foi bastante desproporcional, decidimos considerar apenas o primeiro nome de cachorro; os dois primeiros nomes de bois e os três primeiros nomes de vacas enumerados.

Verificamos neste campo, o maior quociente de empréstimos até agora registrados por campo semântico: 36. Se o número de vocábulos tomados do português a favor do falar alemão foi elevado, a taxa de frequência de uso mostrou-se reduzidíssima: 23 (10,6%) na primeira geração, 29 (13,4%) na segunda geração e 32 (14,8%) na geração dos netos.

6.6.24 - Campo semântico: agricultura

Sob o termo geral "Agricultura", encontram-se arroladas as atividades, os instrumentos e os produtos agrícolas.

Glossário,

*** RELATÓRIO DOS EMPRÉSTIMOS / CAMPO SEMÂNTICO : agricultura ***

PORTUGUÊS	ALEMÃO de LAGEADO ANTUNES	TE	F0-1	F0-2	F0-3
espiga de milho	[`miljekolve]	EP	1	3	4
facão	[fa`koŋ]	EA	6	6	6
máquina de plantar	[`miljemaSin]	EP	0	1	2
milho	[`milje]	EA	6	6	6
paiol	[`miljehit]	EP	4	2	3
pé-de-cabra	[ka`pridefus]	EP	1	3	3
potreiro	[po`trEa]	EA	6	6	6
roça	[ros]	EA	0	1	1
soja	[`soJapone]	EP	4	3	1
	[`soJe]	EA	1	3	5
tacho	[ka`loŋ]	EA	0	0	1
	[pane`loŋ]	EA	0	1	2
	[taS]	EA	1	0	0
	[to`nE1]	ET	1	0	0
	[`sawfenstaS]	EP	0	1	0
	[`taSo]	ET	1	0	0

As condições físicas das terras locais impossibilitam o uso de maquinário e, o arado e a enxada ainda constituem os principais instrumentos de trabalho dos colonos.

Como a população de Lageado Antunes se dedica quase que exclusivamente ao manejo da terra por estes processos estacionários, o vocabulário relativo à agricultura tomado de empréstimo do português abrange apenas algumas espécies vegetais como o "milho" e a "soja" e os instrumentos "facão", "máquina de plantar", "tacho" e "pé-de-cabra", desconhecidos no país de origem e cujos termos foram adquiridos no Rio Grande do Sul.

Quanto ao vocábulo "tacho", ainda notamos diversas formas em uso. Isto deve-se aos diferentes materiais e objetos (galão, panelão, tonel) utilizados para fazer a lavagem dos porcos. Atualmente, o termo está em desuso, pois o processo de criação suína sofreu profundas modificações nos últimos anos. A tradicional lavagem foi substituída pela ração e concentrados.

[po`trEa] (potreiro), área cercada e destinada à pastagem de animais, constitui termo integrante do léxico dos 18 informan-

tes. O empréstimo parece ter sido adotado no vizinho estado gaúcho, onde as atividades da pecuária eram intensas.

Habituaados às difíceis tarefas agrícolas no RS, os descendentes de imigrantes logo passaram a cultivar as novas terras catarinenses. Às vezes, os caboclos eram auxiliares indispensáveis, apesar de não desejados, em certas atividades. Uma delas era "roçar" [ʔpuʒe]. Conforme Lacmann (apud FAUSEL, 1953:20), "buschen" (für das Schlagen des Unterholzes) constitui um neologismo, criado a partir do substantivo "Busch" (arbusto; bosque; selva).

Já o termo "roça" constitui um empréstimo. Registramos ainda o sinônimo [plan'tos], o qual não enquadramos em nenhuma classificação. No entanto, formulamos duas hipóteses: na primeira, o termo seria uma adaptação de "plantação". Na segunda, o vocábulo viria do francês "Plantage" e teria chegado ao Brasil com os próprios imigrantes. Afinal, como assinalamos anteriormente no capítulo histórico, muitos imigrantes eram oriundos da região do Mosela ("Hunsrück"), situada na divisa com a França.

Concluindo a análise deste campo semântico, podemos dizer que os vocábulos emprestados do português ao dialeto alemão somam 10. O índice de frequência registrado na primeira geração corresponde a 32 (53,3%); 36 (60%) na segunda geração, e 40 (66,7%) na terceira geração.

6.6.25 - Campo semântico: geografia

Entre os itens lexicais levantados com a coleta de dados, constatamos a presença de alguns empréstimos relacionados com fe-

Glossário
 *** RELATÓRIO DOS EMPRÉSTIMOS / CAMPO SEMÂNTICO : geografia ***

PORTUGUÊS	ALEMÃO de LAGEADO ANTUNES	TE	FQ-1	FQ-2	FQ-3
açúde	[a'sude]	ET	2	3	6
arco-íris	[arko'ires]	ET	0	0	2
barranco	[pa'range]	EA	5	6	6
enchente	[enk'Sende]	EA	1	2	0
	[enSu'rada]	ET	0	0	1
	[en'Sente]	ET	1	1	1
garoa	[ga'roa]	ET	1	0	0
lagoa	[la'goa]	ET	2	2	3
	[la'goo]	EA	3	4	2
rio	[rio]	ET	4	5	4
vale	[paj'Sode]	EA	0	0	1
	[`plajm]	ET	0	0	1
	[`vDJe]	EA	0	0	1

nômenos atmosféricos e acidentes geográficos.

Poder-se-ia pensar que os fenômenos atmosféricos são sempre os mesmos e que, por isso, os imigrantes não necessitariam de empréstimos neste setor. De fato, verificamos apenas três adoções do português. O uso de "arco-íris", ocorreu em informantes da terceira geração, possivelmente por influência da escola. Já "garoa" constitui um empréstimo tomado do português pela geração dos avós. Qual seria a razão? é difícil saber e até de formular uma hipótese condizente. Seria um fato casual como a falta momentânea de memória? No caso de "enchente", o empréstimo talvez possa ser explicado pela baixa frequência de uso, uma vez que, essa situação ocorre raramente.

Em relação aos aspectos geográficos, coletamos os empréstimos "açude", "barranco", "lagoa", "rio" e "vale". Os três últimos devem-se, possivelmente, à função referencial que esses termos exerciam e, sem dúvida, à convivência com os habitantes nativos. Já a adoção de "barranco" deu-se com a abertura e a construção de estradas. No caso de "vale", nas duas formas [paj'Sode]

(baixada) e [ˈvɔjɐ] (vargem), ocorre a realização de /a/ por [o], como já vimos, uma característica do dialeto local.

6.6.26 - Campo semântico: comércio

Glossário

*** RELATÓRIO DOS EMPRÉSTIMOS / CAMPO SEMÂNTICO : comércio ***

PORTUGUÊS	ALEMÃO de LAGEADO ANTUNES	TE	FQ-1	FQ-2	FQ-3
azeite	[aˈzejtɐ]	ET	0	0	1
baunilha	[bawˈniLa]	ET	0	1	3
	[pawˈniLa]	EA	0	2	0
	[pawˈniljɛtsuga]	EP	0	1	1
	[pawˈniljɛ]	EA	2	2	1
caldo de galinha	[ˈkalde de gaˈliNa]	EA	0	1	0
coalho	[koˈalo]	ET	1	0	0
erva	[ˈɛrva]	ET	2	4	4
fermento, royal	[fɛrˈmɛnto]	ET	0	1	0
	[rojˈal]	ET	1	1	1
lista	[taˈbɛla]	ET	0	0	1
	[toˈma ˈnɔta]	ET	1	0	0
	[ˈlista]	ET	1	1	2
loja, comércio	[koˈmɛrz]	EA	0	1	0
	[ˈlɔja]	ET	5	3	5
maisena	[majˈzɛna]	ET	1	1	0
supermercado	[mɛrˈkado]	ET	2	3	5
	[supermɛrˈkado]	ET	1	0	0
trocar	[ˈtrojɛ]	EA	0	0	2
	[ˈumtrojɛ]	EP	2	1	2
	[ˈumtruʒɛ]	EP	3	1	1
troco	[trok]	EA	4	5	5
	[truk]	EA	2	1	1
venda	[ˈvɛndɛ]	EA	0	2	1

Os colonos produzem grande parte daquilo que necessitam para o consumo da casa. Poucos são os gêneros de primeira necessidade comprados nas vendas locais e comércio em geral. A lista dos mesmos, reduzida, resume-se a açúcar, sal, pimenta, canela, baunilha, coalho, farinha de trigo, café, erva, fermento, royal (fermento), maisena e, às vezes, caldo de galinha e azeite. Observando-se a relação dos empréstimos colhidos relativos ao comércio, pode-se notar que a maioria, como não poderia deixar de ser

em virtude da necessidade de comunicação, está aí arrolada. *

Os termos "loja", "comércio", "supermercado" e "venda" representam o local em que as compras podem ser efetuadas. Para proceder-se às compras "toma-se nota" dos produtos a serem adquiridos, organizando-se uma "lista" ou "tabela". Ao pagar-se a conta, pode sobrar "troco". Se o artigo comprado for uma peça do vestuário e não servir, pode-se "trocar" o mesmo por outro.

Certamente há ainda numerosos nomes de artigos e produtos industrializados, preparados químicos e farmacêuticos, etc. que não foram citados, mas que devem ocorrer frequentemente.

Embora as relações comerciais sejam remotas, os empréstimos aqui registrados, possivelmente, foram adotados à medida que os produtos vinham sendo introduzidos no mercado, satisfazendo a necessidade de adaptação à nova realidade.

Totalizam 13 os empréstimos empregados relativos ao comércio. Dos 78 empréstimos possíveis por geração, a geração dos avós utilizou 28 (35,9%); a geração dos filhos usou 32 (41%) e a geração dos netos empregou 36 (46,1%).

6.6.27 - Campo semântico: vários

Entre os empréstimos portugueses incorporados ao alemão de Lageado Antunes, encontramos alguns que não se integram nos campos anteriores. Por isso, arrolamo-los sob o título acima.

Entre os 17 termos que englobam o campo semântico "Vários", alguns merecem referências especiais.

PORTUGUÊS	ALEMÃO de LAGEADO ANTUNES	TE	FQ-1	FQ-2	FQ-3
avisar, aviso	[avi'siat]	EP	1	0	0
	[a'vizo 'loze]	EP	1	0	0
	[a'vizo 'mithole]	EP	0	1	0
	[a'vizo]	ET	0	1	0
	[re'kado]	ET	0	0	3
barulho	[pa'rulje]	EA	4	5	5
	[bikojçe]	EP	0	0	1
bico	[biko]	ET	1	0	0
	[pigojçe]	EP	0	1	0
	[pigo]	EA	0	0	1
	[poi'ziNojçe 'Slakte]	EP	1	0	0
carnear boizinho	[semi'tErjo]	ET	0	0	3
cemitério	[Su'pEtçe]	EP	3	1	2
chupeta	[Su'pEt]	EA	2	3	2
	[konfun'diat]	EP	0	1	0
confundir	[desi'diat]	EP	0	0	1
decidir	[dono]	ET	1	2	1
dono	[miljemel]	EP	1	0	0
farinha de milho	[ges'tante]	ET	0	1	0
	[gravida]	ET	5	4	5
grávida	[inkomo'dire]	EP	0	0	1
incomodar	[mala]	ET	2	4	4
mala	[male]	EA	2	1	1
	[mOla]	EA	1	0	0
	[pige]	EA	0	1	4
picar	[ki'rEla]	ET	1	0	0
quirela	[re'mEdjo]	ET	0	0	1
remédio	[komuni'dade]	ET	1	1	3
vila, comunidade	[pi'kOt]	EA	0	1	0
	[li'Na]	ET	0	0	1
	[vilajçe]	EP	0	1	0

lizado por 14 informantes (apenas três informantes usaram o termo correspondente em alemão). É difícil explicar a adoção do termo, mas uma hipótese possível seria por influência da escola, considerado um local de silêncio em que o aluno é solicitado a não fazer barulho.

Os vocábulos "bico", "chupeta" e "remédio" provavelmente foram adquiridos com a introdução e comercialização desses produtos.

Já o item lexical "mala" pode ter sido adotado quando as antigas caixas de madeira foram substituídas pelas atuais malas de couro ou lona ou, numa segunda hipótese, a baixa frequência de uso de "Koffer" (termo correspondente em alemão) teria determinado o seu esquecimento.

A aquisição do empréstimo "grávida" explica-se pela baixa frequência de uso do vocábulo correspondente da língua alemã ("Schwanger"), em virtude do sentimento de vergonha que esse estado inspirava. As mães ocultavam sua gravidez ao máximo e, é claro, que ninguém falava no assunto.

O termo "Dorf" não corresponde a "vila". Conseqüentemente, são apresentadas as diversas formas [komuni'dade], [pi'kOt] e [liNa] na tentativa de se chegar a uma equivalência semântica.

Por fim, o uso dos verbos "avisar", "confundir", "decidir", "incomodar" e "picar" se dá pela adoção de um lexema português + uma desinência alemã, o que constitui uma tentativa de germanização dos vocábulos tomados inconscientemente do português e incorporados à língua alemã, talvez em função do simples convívio dos imigrantes; imigrantes alemães e de seus descendentes com os habitantes nativos.

Neste campo semântico registramos 17 empréstimos. Dos 102 empréstimos possíveis por geração, a primeira utilizou 27 (26,5%); a segunda empregou 29 (28,4%) e a terceira geração usou 39 (38,2%).

6.6.28 - Quadro sinóptico dos empréstimos por campo semântico e por geração

Para podermos visualizar melhor os resultados de nossa análise dos empréstimos lexicais por campo semântico e por geração, apresentamos um quadro sinóptico dos mesmos em ordem decrescente.

TABELA 6.6.a - Os empréstimos por campo semântico e geração.

CAMPOS SEMÂNTICOS	EMPRÉSTIMOS		NÚMERO DE EMP. POSSÍVEIS POR GERAÇÃO	FREQÜÊNCIA DOS EMPRÉSTIMOS POR GERAÇÃO					
	Nº	%		1ª GERAÇÃO		2ª GERAÇÃO		3ª GERAÇÃO	
				Nº	%	Nº	%	Nº	%
01. ONOMÁSTICA	36	8,4	216	23	10,6	29	13,4	32	14,8
02. TRANSPORTES	26	6,0	156	64	41,0	82	52,5	81	51,9
03. ALIMENTOS	21	4,9	126	25	19,8	38	30,1	33	26,2
04. DOCES	20	4,6	120	51	42,5	63	52,5	62	51,7
05. ÁRVORES	20	4,6	120	26	21,7	26	21,7	32	26,7
06. UTENS. DOMÉST.	19	4,4	114	47	41,2	68	59,6	70	61,4
07. VESTUÁRIO	19	4,4	114	25	21,9	39	34,2	43	37,7
08. ANIMAIS	19	4,4	114	36	31,6	45	39,5	44	38,6
09. DIVERSÕES	18	4,2	108	15	13,9	24	22,2	15	13,9
10. ORG. PÚBLICA	18	4,2	108	61	56,5	68	63,0	84	77,8
11. CULTURA	18	4,2	108	28	25,9	40	37,0	50	46,3
12. HORTALIÇA	17	3,9	102	20	19,6	26	25,5	24	23,5
13. LIMPEZA	17	3,9	102	31	30,4	44	43,1	46	45,1
14. PROFISSÕES	17	3,9	102	28	27,4	59	57,8	60	58,8
15. FLORES	17	3,9	102	09	8,8	27	26,5	24	23,5
16. VÁRIOS	17	3,9	102	27	26,5	29	28,4	39	38,2
17. FRUTAS	15	3,5	90	52	57,8	61	67,8	54	60,0
18. PARENTESCO	14	3,2	84	39	46,4	52	61,9	67	79,8
19. COMÉRCIO	13	3,0	78	28	35,9	32	41,0	36	46,1
20. BEBIDAS	12	2,8	72	17	23,6	14	19,4	15	20,8
21. PÁSSAROS	10	2,3	60	03	5,0	09	15,0	18	30,0
22. AGRICULTURA	10	2,3	60	32	53,3	36	60,0	40	66,7
23. CASA	09	2,1	54	18	33,3	28	51,8	35	64,8
24. CORPO HUMANO	08	1,9	48	11	22,9	18	37,5	22	45,8
25. RELIGIÃO	08	1,9	48	06	12,5	08	16,7	16	33,3
26. GEOGRAFIA	08	1,9	48	19	39,6	23	47,9	28	58,3
27. COBRAS	05	1,2	30	13	43,3	12	40,0	12	40,0
TOTAL	431	100,0	2586	754	29,1	1000	38,6	1082	41,8

6.6.29 - Cálculo da frequência dos empréstimos por geração

Observando a tabela 6.6.a poderíamos perguntar: o que significam todos estes dados estatísticos? A frequência entre uma geração e outra é realmente significativa? A terceira geração é mesmo aquela que mais se utiliza de empréstimos? Primeiramente, podemos verificar que o registro de empréstimos por campo semântico nem sempre coincide com a frequência com que estes empréstimos são utilizados pelas três gerações. Assim, por exemplo, no campo semântico da Onomástica, em que houve o maior número de termos emprestados do português (36), a frequência dos empréstimos foi uma das mais baixas na primeira e na terceira geração (10,6% e 14,8%) e efetivamente a inferior na segunda geração com 13,4%. No campo semântico das cobras, por outro lado, no qual registramos o menor número de empréstimos (apenas 05), a frequência de uso destes empréstimos foi bastante elevada: 43,3% na primeira geração e 40% na segunda e na terceira gerações.

Para sabermos se a frequência entre as gerações é significativa ou não, utilizaremos o teste de significância denominado "Qui-Quadrado"⁸. O teste de X^2 (Qui-Quadrado) é usado na comparação entre frequências de duas ou mais amostras. Como resultado, a hipótese nula (H_0) estabelece que as populações (neste caso, gerações) "não diferem" relativamente à frequência com que ocorre uma característica particular (uso de empréstimos); por outro lado, a hipótese experimental (H_e) estabelece que as diferenças

⁸Sobre o teste do Qui-Quadrado ver LEVIN, Jack. Estatística Aplicada a Ciências Humanas. Trad. Sérgio Francisco Costa. São Paulo: Harbra, 1987.

amostrais "refletem diferenças reais" na população matriz (geração) - a partir da frequência relativa de uma dada característica (uso de empréstimos).

O cálculo do Qui-Quadrado consiste essencialmente na distinção entre frequências esperadas (f_e) e frequências obtidas ou observadas (f_o). As frequências observadas (f_o) referem-se aos resultados obtidos de forma efetiva no momento da coleta de dados. Em contraposição, as frequências esperadas (f_e) referem-se aos termos da hipótese nula, de acordo com os quais se espera que a frequência relativa (ou a proporção) seja a mesma para todos os grupos. Tendo conseguido as frequências observadas e esperadas para o problema em foco, o valor do Qui-Quadrado pode ser calculado mediante a fórmula:

$$\chi^2 = \frac{(f_o - f_e)^2}{f_e}$$

onde: f_o = frequência observada
 f_e = frequência esperada
 χ^2 = Qui-Quadrado.

A fim de podermos interpretar esse valor de qui-quadrado, devemos, ainda, determinar o número de graus de liberdade (neste caso 2) e consultar a lista de valores de Qui-Quadrado, os quais são significantes aos níveis de 0,05 e 0,01. De acordo com essa tabela, nos campos semânticos em que obtivermos um χ^2 superior a 5,9, teremos a hipótese experimental (H_e), isto é, existe uma diferença real e significativa na frequência dos empréstimos entre as três gerações.

A seguir procederemos ao cálculo do Qui-Quadrado (χ^2) com a finalidade de verificar se a frequência de uso de empréstimos

entre as três gerações é significativa ou não.

TABELA 6.6.b - Cálculo do Qui-Quadrado dos empréstimos utilizados pelas três gerações.

CAMPOS SEMÂNTICOS	1ª GERAÇÃO		2ª GERAÇÃO		3ª GERAÇÃO		TOTAL	χ^2	HIPÓTESE ACEITA
	fe	fo	fe	fo	fe	fo			
01. PROFISSÕES	49	28	49	59	49	60	147	13,5 > 5,9	He
02. PÁSSAROS	10	03	10	09	10	18	30	11,4 > 5,9	He
03. FLORES	20	09	20	27	20	24	60	9,3 > 5,9	He
04. PARENTESCO	52,7	39	52,7	52	52,7	67	158	7,4 > 5,9	He
05. CULTURA	39,3	28	39,3	40	39,3	50	118	6,2 > 5,9	He
06. RELIGIÃO	10	06	10	08	10	16	30	5,6 < 5,9	He
07. CASA	27	18	27	28	27	35	81	5,4 < 5,9	Ho
08. UTENS. DOMÉST.	61,7	47	61,7	68	61,7	70	185	5,2 < 5,9	Ho
09. VESTUÁRIO	35,7	25	35,7	39	35,7	43	107	5,0 < 5,9	Ho
10. ORG. PÚBLICA	71	61	71	68	71	84	213	3,9 < 5,9	Ho
11. CORPO HUMANO	17	11	17	18	17	22	51	3,6 < 5,9	Ho
12. LIMPEZA	40,3	31	40,3	44	40,3	46	121	3,3 < 5,9	Ho
13. DIVERSÕES	18	15	18	24	18	15	54	3,0 < 5,9	Ho
14. TRANSPORTES	75,7	64	75,7	82	75,7	81	227	2,7 < 5,9	Ho
15. ALIMENTOS	32	25	32	38	32	33	96	2,6 < 5,9	Ho
16. VÁRIOS	31,7	27	31,7	29	31,7	39	95	2,6 < 5,9	Ho
17. GEOGRAFIA	23,3	19	23,3	23	23,3	28	70	1,7 < 5,9	Ho
18. DOCES	58,7	51	58,7	63	58,7	62	176	1,5 < 5,9	Ho
19. ONOMÁSTICA	28	23	28	29	28	32	84	1,5 < 5,9	Ho
20. ANIMAIS	41,7	36	41,7	45	41,7	44	125	1,2 < 5,9	Ho
21. COMÉRCIO	32	28	32	32	32	36	96	1,0 < 5,9	Ho
22. HORTALIÇAS	23,3	20	23,3	26	23,3	24	70	0,8 < 5,9	Ho
23. FRUTAS	55,7	52	55,7	61	55,7	54	167	0,8 < 5,9	Ho
24. ÁRVORES	28	26	28	26	28	32	84	0,8 < 5,9	Ho
25. AGRICULTURA	36	32	36	36	36	40	108	0,8 < 5,9	Ho
26. BEBIDAS	15,3	17	15,3	14	15,3	15	46	0,3 < 5,9	Ho
27. COBRAS	12,3	13	12,3	12	12,3	12	37	0,03 < 5,9	Ho

Através da tabela 6.6.b, podemos verificar que existe uma diferença significativa na frequência de uso dos empréstimos por geração em apenas 05 campos semânticos, a saber: profissões

(13,5), pássaros (11,4), flores (9,3), parentesco (7,4) e cultura (6,2). Tal significância constata-se da primeira para a segunda e terceira geração nos campos semânticos relativos às "profissões" e às "flores". Nos demais campos em que se verificou a He, ocorre uma diferença real entre as três gerações.

Estes dados nos levam a concluir que, na maioria dos campos semânticos não há uma diferença significativa em relação ao uso de empréstimos pelas três gerações. Ao contrário do que supúnhamos inicialmente, a primeira e a segunda geração utilizam-se praticamente do mesmo número de empréstimos usados pela terceira geração. O uso generalizado de empréstimos por todas as gerações comprova que o grupo pesquisado demonstra já não manter uma identidade étnica e lingüística tão bem definida. Na tentativa de preservar viva a sua origem e a língua dos antepassados, os falantes buscam e julgam falar tudo em alemão, mas não se dão conta do número expressivo de empréstimos que empregam no seu dia-a-dia. Daí o alto índice de uso do alemão como língua para comunicação apontado pelos informantes na descrição do bilingüismo e no estudo das redes de comunicação e, por outro lado, o expressivo e contraditório número de empréstimos utilizados pelo dialeto alemão de Lageado Antunes.

Assim, confirma-se a observação de WILLEMS (1980:231), "é possível que o crescimento extraordinário do vocabulário português esteja relacionado à expansão de uma forma de bilingüismo em que o português predomina cada vez mais, induzindo a quem se serve do alemão a cobrir as lacunas no seu vocabulário de termos portugueses".

7 - CONCLUSÕES E SUGESTÕES

7.1 - Conclusões gerais

Com a presente pesquisa, demonstramos, inicialmente, a partir de uma amostra da população, que em Lageado Antunes, caracterizada como comunidade rural e povoada por descendentes de alemães, há um alto grau de uso do alemão como língua para comunicação.

Através do modelo de análise das redes de comunicação, verificamos as escolhas lingüísticas das falantes bilíngües, com base nos dados levantados em seis famílias. Estas escolhas podem variar conforme a inclusão do interlocutor na rede familiar, na rede comunitária ou nas relações exteriores à comunidade. Dessa forma, comprovamos que as redes de relações familiares e as intracomunitárias do bilíngüe são basicamente as responsáveis pela manutenção e transmissão da língua minoritária. Constatamos que a língua alemã representa para o grupo que a fala um forte elemento de herança étnica e cultural. Por esta razão, consideramos que a

língua alemã constitui um elo de ligação entre o grupo e seus antepassados e que deverá continuar a ser falada e transmitida de geração a geração enquanto se mantiver a identidade étnica do grupo, resistindo à pressão exercida pelo progresso material, pela escola e pelos meios de comunicação, principalmente pelo rádio e pela televisão, na transmissão da língua dominante.

A língua falada pelos descendentes de imigrantes, por sua vez, apresenta-se repleta de empréstimos tomados do português inculto. Os empréstimos, sofrendo ou não adaptações, passaram a integrar o vocabulário do dialeto alemão, espontânea e inconscientemente, preenchendo as suas reais ou supostas lacunas, adequando-o à realidade, ao meio e aos costumes brasileiros. Igualmente os decalques e neologismos, com adaptações de forma e significado, contribuíram para adequar o dialeto às novas circunstâncias.

O maior número de termos tomados de empréstimo do português ao dialeto alemão verificou-se nos campos semânticos da "Onomástica", "Transportes" e "Alimentos" (ver tabela 6.6.b). Ao contrário do que supúnhamos inicialmente, o uso de empréstimos não ocorre sobretudo em falantes da terceira geração. Na verdade, todas as três gerações mostram uma tendência acentuada a substituir o alemão pelo português. Embora os informantes tenham apontado o uso do alemão como língua para comunicação de maneira expressiva, as tendências atuais, caracterizadas pelo significativo uso de empréstimos, mostram-se pouco favoráveis à conservação do Bilingüismo. Este estará sendo cada vez mais ameaçado à medida que deixarem de existir as condições de isolamento espacial e de homogeneidade e identidade étnica.

Por meio do estudo exposto, cremos ter apresentado evidências de que a interação da língua alemã trazida pelos imigrantes e a língua portuguesa levou a profundas transformações, especialmente na primeira, originando uma variante lingüística nova, hoje falada em Lageado Antunes - São Lourenço d'Oeste-SC. Na verdade, a nenhuma das duas línguas cabe a denominação de padrão, pois o português corresponde a uma variante regional enquanto que o alemão consiste de uma mistura de elementos dialetais alemães, portugueses e de neologismos e decalques criados por transferência do português para o alemão.

Assim, o alemão de Lageado Antunes pode ser caracterizado como:

- uma língua tipicamente oral e dialetal;
- uma língua repleta de neologismos, decalques e empréstimos lexicais, sobretudo a partir da variante inculta do português.
- uma variedade local que reúne falantes de diversos dialetos alemães falados no Rio Grande do Sul;
- uma língua ainda em processo de sedimentação;
- uma língua claramente distinta das que estão se formando em outras áreas geográficas brasileiras.

Se a língua alemã moderna na Alemanha de hoje se afastou daquela falada há um século, não se pode estranhar que no Brasil tenha ocorrido o mesmo fenômeno, porém em outra dimensão, devido à distância geográfica e às circunstâncias específicas em que se encontra.

Por outro lado, o tempo e as características específicas da vida moderna, especialmente a eletrificação e a conseqüente

chegada dos meios de comunicação, contribuíram para acelerar o processo de aculturação lingüística. Outro fator que concorre para a permeabilidade lingüística é o prestígio atribuído ao português o qual constitui, na visão dos falantes, uma arma em defesa própria. Assim, tanto a necessidade quanto o prestígio surgem como motivos para o uso de empréstimos e, conseqüentemente, como causas para o esmorecimento do dialeto alemão.

Entretanto, a assimilação e a aculturação não implicam necessariamente no esquecimento das origens, dos costumes e tradições, da etnia e da língua. Ao contrário, verificamos que os informantes expressam um grande interesse em preservar, em especial, a sua língua e suas origens. Agora já se trata de brasileiros de descendência alemã interessados em resgatar sua origem germânica e aprender o idioma de seus antepassados. Há um sentimento de valorização, de volta às origens e um forte desejo de dominar a língua alemã na leitura e na escrita, resultante, sobretudo, do isolamento sociolingüístico em que a comunidade tem vivido.

7.2 - Sugestões para ensino e pesquisa

O grupo de etnia alemã tem mantido sua identidade étnica e cultural. Não obstante, apresenta-se o alemão local como um falar tipicamente oral e dialetal, denso de empréstimos lingüísticos. Por outro lado, existe um forte desejo por parte dos informantes de todas as faixas etárias de dominar a língua alemã nas habilidades denominadas "ler" e "escrever". Em geral, os falantes

expressam sua vontade em conhecer a língua de seus antepassados, a qual classificam como "a correta".

Partindo desta constatação, dever-se-ia oferecer cursos de língua alemã na comunidade, dando, assim, oportunidade aos falantes de desenvolver suas habilidades linguísticas nas modalidades escritas (leitura e escrita) na referida língua e ampliando a rede de ensino do alemão como Língua Estrangeira. Certamente, isto possibilitaria a revitalização e o prolongamento do dialeto local, uma vez que, o conhecimento e o hábito da leitura e da escrita enriqueceriam o vocabulário dos falantes na língua alemã, o que amenizaria o uso de empréstimos.

De certa forma, o dialeto alemão é bastante diferente da língua padrão e, portanto, o alemão padrão poderia ser para os falantes uma língua estrangeira. LÖFFER (1974:112) depois de observar, em seus estudos dialetológicos, que aqueles que falam um dialeto em casa apresentam mais erros do que os outros alunos e que grande parte de seus erros advém da discrepância entre dialeto e língua padrão, chamou a atenção para a necessidade de um estudo contrastivo das línguas padrão e dialeto, com a finalidade de predizer e diminuir a incidência de erros.

Por outro lado, o dialeto e o padrão são basicamente duas variantes de uma mesma língua. É, portanto, tarefa dos educadores manter a situação diglósica: aqueles que têm um dialeto como língua materna devem ser orientados a não abandoná-lo em favor da língua padrão, mas sim a mantê-lo e, concomitantemente, adquirir a língua dita padrão. Afinal, constitui um direito do falante receber a língua padrão e é um dever da escola mostrar aos educandos que a língua se apresenta em diferentes formas, mas que são

equivalentes e igualmente importantes. Para tanto, faz-se necessário requerer que os professores tenham uma formação profissional adequada incluindo o contato com as características básicas do(s) dialeto(s) de sua região, a fim de descobrir as barreiras que realmente têm de ser transpostas no ensino do alemão padrão, bem como da língua portuguesa.

A metodologia de ensino a ser aplicada aos alunos falantes de dialetos que recebem o alemão padrão como língua estrangeira deve ser diferente daquela empregada a alunos principiantes, desprovidos de qualquer conhecimento da língua alemã. Neste caso, será importante vencer os diversos obstáculos impostos pelo dialeto à aprendizagem da língua padrão. Para tanto, pode-se, por exemplo, partir do próprio dialeto. Semelhantemente, várias são as barreiras a serem vencidas na aprendizagem do português. Afinal, "os indivíduos tendem a transferir as formas e os sentidos (...) da sua língua e cultura nativas para a língua e cultura estrangeiras" (Fries, apud LADO, 1971:14). Todavia, como os empréstimos portugueses constituem parte inconsciente, mas importante do léxico do dialeto alemão, os mesmos poderiam ser usados no ensino do português nas escolas localizadas em regiões de colonização alemã.

Além dessas sugestões pedagógicas fazemos algumas específicas relativas a posteriores pesquisas:

- Explorar mais profundamente os dados que já dispomos, pois concentramos nosso estudo nos empréstimos lexicais. Seria interessante analisar todos os dados foneticamente, fazendo inclusive uma transcrição fonética mais apurada;

- Voltar a pesquisa de campo e colher mais dados. Fizemos, basicamente, nossa pesquisa em 1991 e acreditamos que seria interessante voltar a Lageado Antunes futuramente para colher dados com os mesmos informantes, dando início, assim, a um estudo longitudinal da comunidade de fala alemã de Lageado Antunes;
- Ampliar o Questionário Lexicológico e voltar a campo, ou, através de uma longa Observação Participante, coletar mais itens lexicais, elaborando um Vocabulário completo do dialeto local;
- Fazer um estudo da sintaxe, pois percebemos que os hábitos da construção fraseológica da língua materna são transferidos para o uso do português;
- Fazer um estudo comparativo com outra comunidade rural do Oeste de Santa Catarina para ver até que ponto pode constatar-se o uso dos mesmos vocábulos e fenômenos lingüísticos;
- Colher dados numa comunidade de fala alemã, na Alemanha, que seja, do ponto de vista do dialeto, próximo daquele que grande parte dos informantes chama de "Hunsrückisch", e aplicar a mesma metodologia de coleta e análise de dados do presente estudo.

B I A Z E X O S

8.1 - ANEXO 1

BILINGUISMO EM LAGEADO ANTUNES - ESTUDO PILOTO

01. Nome e sobrenome:
 02. Idade: Série:
 03. Sexo: 1 () masculino 2 () feminino
 04. Religião: 1 () católica 2 () outra
 05. Nome do pai: -----
 06. Nome de solteira da mãe (quando solteira) -----
 07. Seu pai entende alemão? 1 () sim 2 () não
 08. Ele fala alemão? 1 () sim 2 () não
 09. Ele sabe ler em alemão? 1 () sim 2 () não
 10. Ele sabe escrever em alemão? 1 () sim 2 () não
 11. Sua mãe entende alemão? 1 () sim 2 () não
 12. Ela fala alemão? 1 () sim 2 () não
 13. Ela sabe ler em alemão? 1 () sim 2 () não
 14. Ela sabe escrever em alemão? 1 () sim 2 () não
- Escreve entre os parênteses o número de sua resposta.
 1 = quase sempre 2 = às vezes 3 = nunca
- 15 () Você fala alemão com seu pai?
 16 () Com sua mãe?
 17 () Com seus irmãos?
 18 () Com seus avós?
 19 () Com outros parentes?
 20 () Com colegas que também falam alemão?
 21 () Você fala alemão na venda ou no armazém?
 22 () Quando você vai à igreja, você fala alemão com o ministro da eucaristia ou com o padre?
 23 () Você fala alemão com seus amigos e vizinhos?
 24 () Você reza em alemão?
 25 () Você canta ou brinca em alemão?
 26 () Você sonha em alemão?
 27 () Você faz contas de cabeça em alemão?
 28 () Numa briga, você xinga em alemão?
 29. Que língua você gosta mais de falar?
 1 () português 2 () alemão 3 () outra
 Qual? -----
 30. Você gostaria de estudar alemão? 1 () sim 2 () não
 31. Por quê você gostaria de estudar alemão?
 1 () é mais fácil
 2 () para aprender a ler e escrever em alemão
 3 () é importante para muitas profissões
 4 () os pais incentivam
 32. Quando você entrou para a escola, você falava:
 1 () só alemão 2 () só português 3 () português e alemão
 33. Você gostaria de ter um jornal ou revista, um programa de rádio ou TV em alemão?
 1 () sim 2 () não
 34. Seus pais, avós ou parentes insistem em que se fale alemão em casa?
 1 () sim 2 () não
 35. Você acha que as pessoas notam que você é descendente de alemães?
 1 () sim 2 () não
 36. Você sente orgulho de ser descendente de alemães?
 1 () sim 2 () não

37. Você gostaria de visitar a República Federal da Alemanha?
1 () sim 2 () não Por quê? -----

38. Nos fins de semana, em que lugares os jovens se encontram?

39. Em que língua vocês conversam nestes encontros?
1 () português 2 () alemão 3 () português e alemão
40. Você acha que o alemão vai continuar a ser falado nesta comunidade?
1 () sim 2 () não
() por quantos anos?
41. Em que município nasceu seu pai? -----
42. Em que município nasceu sua mãe? -----
43. A região da Alemanha de onde vieram os seus antepassados é

44. Você sabe que dialeto alemão seus antepassados falavam?
1 () sim 2 () não
Qual? -----

Muito obrigado por ter colaborado conosco!

8.2 - ANEXO 2

PROJETO: BILINGUISMO EM LAGEADO ANTUNES

1. DADOS PESSOAIS

- 1.1. Nome: -----
 1.2. Sexo: () M () F
 1.3. idade: -----
 1.4. Natural de -----
 1.5. Em que município(s) você já morou? (Coloque em ordem, do
 mais antigo ao mais recente) -----

 1.6. Por quê se mudou para cá? -----
 1.7. Há quanto tempo já vive aqui? -----
 1.8. Quem da sua família veio da Alemanha? -----

2. FAMÍLIA (respostas: A = alemão; P = português; AP = alemão/português)

- 2.1 () Em que língua você fala(va) com seu pai?
 2.2 () Em que língua você fala(va) com sua mãe?
 2.3 () Em que língua você fala(va) com seu avô paterno?
 2.4 () Com sua avó paterna?
 2.5 () Com seu avô materno?
 2.6 () Com sua avó materna?
 2.7. Como se chamam seus irmãos e irmãs e em que língua fala
 com eles?
 1 () -----
 2 () -----
 3 () -----
 4 () -----
 5 () -----
 6 () -----
 2.8 () Em que língua você fala com seus cunhados e cunhadas?
 2.9. Como se chamam os seus filhos? Em que língua você fala
 com eles? Com que idade eles aprenderam alemão? E portu-
 guês?
 1 () -----
 2 () -----
 3 () -----
 4 () -----
 5 () -----
 6 () -----
 2.10 () Quando toda família está reunida (em casa, nas refei-
 ções, nos passeios, etc.) que língua vocês falam?
 2.11 () Em que língua você fala com seu(sua) esposo(a)?
 2.12 () Com os parentes de seu(sua) esposo(a)?
 2.13 () Com seus entos?
 2.14 () Com seus genros e noras?
 2.15. Você tem parentes na Alemanha? Quem? Como é que você es-
 creve para eles? (se tivesse como escreveria?)
 1 () -----
 2 () -----
 3 () -----
 2.16 () Em que língua você escreve para os parentes mais pró-
 ximos residentes em outros municípios brasileiros?

3. VIZINHOS

- 3.1. Quem são seus vizinhos? Em que língua você fala com eles?
 1 () -----
 2 () -----
- 3.2 () Se você tivesse que pedir ajuda de seus vizinhos, em que língua falaria com eles?
- 3.3. Você costuma visitar seus vizinhos com frequência?
 () sim () não
- 3.4 () Há lugares onde as pessoas se encontram para conversar? Você costuma ir lá também? Quando você vai, em que língua vocês conversam?

4. AMIGOS

- 4.1. Quem são as três pessoas com quem você conversa mais? Em que língua fala com elas?
 1 () -----
 2 () -----
 3 () -----
- 4.2. Com quem você conversa mais seguido além de sua família? Em que língua você fala com ele(a)?
 1 () -----
 2 () -----
 3 () -----

5. TRABALHO

- 5.1 () Quando a família está trabalhando na roça ou em casa, que língua você usa?
- 5.2. Na época de colheita ou de muito trabalho na roça, você/seu pai pede ajuda a vizinhos, parentes ou outros?
 () sim () não
 Em que língua você fala com eles? ()

6. ESCOLA (para adultos, usar o passado)

- 6.1 () Com quantos anos você entrou para a escola?
- 6.2 () Quantos anos você foi à escola?
- 6.3. Grau de escolaridade: -----
- 6.4 () Há pessoas na sua escola que falam alemão? Em que língua você fala com elas?
- 6.5. Descreva uma situação em que você fala alemão com elas

- 6.6. O que dizem os seus colegas que não falam alemão, quando isso acontece? -----
- 6.7 () Quando você fala com a professora, em que língua você fala?
- 6.8 () E se você encontrar a professora fora da escola?
- 6.9 () Que língua(s) você aprendeu na escola?
- 6.10 () Que língua você gostaria de aprender?
- 6.11. Você gostaria que seus filhos aprendessem alemão?
 () sim () não

7. REPARTIÇÕES - MÉDICO

- 7.1 () Em que língua você fala quando vai à prefeitura?
- 7.2 () Em que língua você fala com o dono do cartório?
- 7.3 () Com seu médico?
- 7.4 () Você já esteve internado num hospital? em que língua você falou com os médicos?
- 7.5 () Com as enfermeiras?

7.6 () (Só para mulheres) Você teve uma parteira? Em que língua você falou com ela?

7.7 () Em que língua fala quando vai ao banxo?

8. IGREJA

8.1. Qual é a sua religião? () católica () outra

8.2. Você acha bom ter missa/culto só em português?

() sim () não

8.3 () Se tivesse missa/culto em português e em alemão, você iria para qual?

8.4 () Que língua você fala com o ministro da Eucaristia?

8.5 () E com o padre/pastor?

8.6 () Em que língua você se confessa?

8.7. Você aprendeu a rezar em alemão? () sim () não

Ainda reza? () sim () não

8.8 () Quando você reza em silêncio em que língua você reza?

9. COMPRAS

9.1. Onde você faz suas compras? -----

9.2 () Em que língua você fala com a moça da caixa do supermercado?

9.3 () Com o dono da venda/balconista da cooperativa?

9.4 () Se você encontra um amigo(a) no mercado, em que língua você fala com ele(a)?

9.5 () Quando você vai a uma loja, como você fala com a balconista?

9.6 () E quando você vai à farmácia?

9.7 () E na loja de ferragens?

9.8 () Quando você vai a uma loja em outra cidade, que língua você usa?

9.9 () Quando você vai ao correio, que língua usa?

10. VENDAS

10.1. Você costuma colher mais do que sua família precisa para consumo próprio? () sim () não

10.2. O que costuma vender? -----

10.3. Onde você vende seus produtos? -----

10.4 () Em que língua você fala com o comprador de seus produtos?

10.5 () Quando os encarregados vêm buscar o produto vendido, em que língua você fala com eles?

11. DIVERSÃO

11.1. Você costuma assistir televisão? () sim () não

11.2 () Quantas horas por dia (mais ou menos), você assiste TV?

11.3 () Você costuma ouvir rádio? Quantas horas por dia?

11.4 () Você costuma ler jornais? Em que língua?

11.5 () Você costuma ler revistas? Em que língua?

11.6 () Você costuma ler livros? Em que língua?

11.7 () Você joga futebol/canasta/loto, etc.? Durante o jogo, em que língua você fala?

11.8 () Você vai a bailes? Em que língua você conversa com as outras pessoas?

12. ATITUDES GERAIS

12.1. Você acha bom saber alemão? () sim () não

Por quê? -----

- 12.2. Você tem amigos ou conhecidos que só falam alemão?
 sim não
- 12.3. Que só falam português? sim não
- 12.4. Qual a língua que você acha mais cômoda para você?
- 12.5. De qual você gosta mais? Acha que soa melhor?
- 12.6. Qual você acha mais fácil para expressar seus pensamentos?
- 12.7. Em que língua você sonha? Já sonhou em Alemão?
- 12.8. Quando você faz contas de cabeça, você as faz em que língua?
- 12.9. Numa briga, em que língua você xinga?
- 12.10. Você acha que o alemão vai continuar a ser falado em Lageado Antunes? sim não
 Por quanto tempo? -----
- 12.11. Hoje em dia as crianças ainda deveriam aprender alemão? sim não
- 12.12. As crianças deveriam aprender português e alemão junto? sim não
 Ou elas deveriam aprender uma língua primeiro e depois outra? Qual deveriam aprender primeiro?
- 12.13. Com que idade você aprendeu português?
- 12.14. Você sabe músicas/cantos em alemão? sim não
- 12.15. Você sabe estórias em alemão? sim não
- 12.16. Sabe piadas em alemão? sim não
- 12.17. Sabe provérbios (ditados) em alemão? sim não
- 12.18. Você sente orgulho de ser descendente de alemães?
 sim não
- 12.19. Se você souber que um morador novo chegou na comunidade e que sabe falar em alemão, você fala com ele em:
 alemão português ambas as línguas

13. AVALIAÇÃO PESSOAL

- 13.1. Se você tivesse de avaliar como você fala português, você diria:
- 1 perfeito português de Lageado Antunes, como qualquer nativo daqui.
 - 2 muito bem, mas não perfeito.
 - 3 mais ou menos bem.
 - 4 não muito bem.
 - 5 quase não fala.
- 13.2. Se você tivesse de avaliar como você fala alemão, você diria:
- 1 perfeito alemão falado em Lageado Antunes.
 - 2 muito bem, mas não perfeito.
 - 3 mais ou menos bem.
 - 4 não muito bem.
 - 5 quase não fala.
- 13.3. Na sua opinião, a comunidade de Lageado Antunes fala alemão:
- 1 perfeito
 - 2 muito bem, mas não perfeito.
 - 3 mais ou menos bem.
 - 4 não muito bem.
 - 5 mal.

Muito obrigado por ter colaborado conosco!

8.3 - ANEXO 3

QUESTIONÁRIO LEXICOLÓGICO

Wohnen Sie schon lange hier? -----
 Wo haben Sie früher gewohnt? -----

1. Geört das Haus Ihnen? Dann sind Sie der ...
 BESITZER -----
 PROPRIETÁRIO -----

2. Wie gross ist das Haus, ich meine wieviel Räume hat es?
 KÜCHE -----
 COZINHA -----
 ESSZIMMER -----
 SCHLAFZIMMER -----
 WOHNZIMMER -----
 STUBE -----
 KINDERZIMMER -----
 BADEZIMMER -----
 BANHEIRO -----
 VARANDA -----
 ÁREA -----
 WASCHKÜCHE -----
 SPEISEZIMMER -----
 KELLER -----
 PORÃO -----

3. Worauf kochen Sie?
 HERD -----
 OFEN -----
 PLATTE -----
 FOGÃO -----

4. Wie heisst der geführte Kanal bis über das Dach zum Abzug des
 Dampfes?
 SCHORNSTEIN (ROHR) -----
 CHAMINÉ -----

5. Wie heisst die Vorrichtung oder Anlage zum heizen oder Backen?
 BACKOFEN -----
 FORNO -----

6. Womity zünden Sie das Feuer an?
 STREICHHÖLZER -----
 FEUERZEUG -----
 FÓSFORD -----

7. Wenn Sie Kaffee kochen wollen, worin machen Sie das Wasser
 heiss?
 WASSERKESSEL -----
 KESSEL -----
 CHALEIRA -----

8. Worin heben Sie den gekochten Kaffee auf?
 KAFFEEKANNE -----
 KANNE -----
 THERMOSFLASCHE -----

- TÉRMICA -----
 BULE -----
9. Was trinkt Ihre Familie noch ausser Kaffee?
 TEE -----
 CHIMARRÃO -----
 SAFT -----
 OBSTSAFT -----
 SUCO -----
 SUCO DE FRUTAS -----
10. Was muss man haben um "Chimarrão" zu trinken?
 ERVA -----
 TEE -----
 CUIA -----
 BOMBA -----
11. Wenn es Sommer ist und man Besuch bekommt, serviert man gewöhnlich Limonade oder Kuchen. Worauf serviert man das?
 TABLETT -----
 BANDEJA -----
12. Wo hebt man das Essen auf, das Kühl stehen muss?
 EISSCHRANK -----
 KÜHLSCHRANK -----
 GELADEIRA -----
13. Wie heisst der Behälter, worin man Lebensmittel (Reis, Zucker, usw.) aufbewahrt?
 DOSE -----
 TÜTE -----
 LATA -----
 "LATTE" -----
14. Worin kocht man Reis?
 TOPF -----
 KOCHTOPF -----
 TIPPE -----
 PANELA -----
15. Wartin backt man Spiegeleier, Beef, usw.?
 BRATPFANNE -----
 PFANNE -----
 FRIGIDEIRA -----
16. Und das Fleisch?
 KASSERROLLE -----
 FLEISCHTOPPF -----
 CAÇAROLA -----
17. Wie heisst das Fleisch am Spiess gebraten?
 SPIESSBRATEN -----
 CHURRASCO -----
18. Und worauf wird das Fleisch aufgestocken?
 BRATSPIESS -----
 ESPETO -----

19. Wenn man Fleisch mahlt, dann wird es...
 HACKFLEISCH -----
 MAHLFLEISCH -----
 GUISADO -----
 CARNE MOÍDA -----
20. Worin kocht man die Milch?
 MILCHTOPF -----
 MILCHTIPPE -----
21. Wie heisst die Fettschicht auf der ungekochten Milch?
 RAHM -----
 SAHNE -----
 SCHMAND -----
22. Wenn die Milch sauer wird, heisst sie ...
 DICKMILCH -----
23. Was macht man daraus?
 YOGURT -----
 KÄSE -----
24. Man kann aus Milch auch Süsses machen, Z.B. ...
 PUDDING -----
 CREME -----
 DOCE DE LEITE -----
25. Wie heisst der Aroma (so ein Art weisse Zucker), der für
 Süssspeisen beliebt ist?
 VANILLE -----
 BAUNILHA -----
26. Wie heisst das auf Deutsch? (Bild vorzeigen)
 TELLER -----
 PRATO -----
 SCHÜSSEL -----
 BACIA -----
 UNTERTASSE -----
 PIRES -----
 (BRATEN) PLATTE -----
 TRAVESSA -----
27. Woraus trinkt man Kaffee?
 TASSE -----
 SCHALE -----
 CANECA -----
 GLAS -----
28. Woraus trinkt man Wasser?
 GLAS -----
 TASSE -----
 BECHER -----
 CANECO -----
29. Wo wäscht man das Geschirr ab?
 SPÜLBECKEN -----
 ABWASCHTISCH -----
 PIA -----

30. Womit wird das Geschirr abgetrocknet?
 TUCH -----
 GESCHIRRTUCH -----
 PANO DE LOUÇA -----
31. Zum Geschirr spülen braucht man Wasser, Woher kommt das Wasser?
 WASSERLEITUNG -----
 WASSERHAHN -----
 TORNEIRA -----
32. Wie heisst der Behälter, worin man das Wasser aufbewahrt?
 WASSERBEHÄLTER -----
 CAIXA D'ÁGUA -----
33. Wenn man das Geschirr gespült hat, wohin zieht das schmutzige Wasser?
 AUSGUSS -----
 ESGOTO -----
34. Wie heisst das Besteck? (Bild vorzeigen)
 MESSER -----
 GABEL -----
 SUPPENLÖFFEL -----
 TEELÖFFEL -----
35. Und das grosse Messer womit man Brot schneidet?
 BROTMESSER -----
 FACA DE PÃO -----
36. Messer zum Zuckerrohr, Futter, usw. abschneiden?
 BUSCHMESSER -----
 FACÃO -----
37. Und das Messer zum Fleisch schneiden?
 FLEISCHMESSER -----
 SCHLACHTMESSER -----
 FACA DE CARNE -----
38. Wie heisst ein kleines Messer, das man in der Tasche trägt?
 TASCHEMESSER -----
 SACKMESSER -----
 KLAPPMESSER -----
 CANIVETE -----
39. Worin macht man Saft fertig?
 KANNE -----
 JARRA -----
40. Wie heisst das? (Bild vorzeigen)
 MIXER -----
 LIQUIDIFICADOR -----
41. Wie heisst der Saft aus Obst gemacht?
 OBSTSAFT -----
 SUCO DE FRUTAS -----

42. Welchen Obstsaft gibt es hier?
 ORANGENSAFT -----
 TRAUBENSAFT -----
 ZITRONENSAFT -----
43. Was macht man aus Obst, das man auf das Brot streichen kann?
 MUS -----
 GELEE -----
 SCHMIER -----
 DOCE -----
44. Was macht man aus Obst, das man zum Nachtisch essen kann?
 KOMPOTT -----
 FRUCHTSUPPE -----
45. Was kochen Sie noch aus Obst oder Obstschalen?
 GELEE -----
 GELÉIA -----
 KOMPOTT -----
 COMPOSTA -----
 DOCE -----
46. Kochen Sie gern? Was kochen Sie gern?

47. Was isst Ihre Familie sonntags am liebsten?

48. Was essen Ihr Mann und die Kinder abends gern?

49. Was essen Sie gern auf dem Brot?
 BUTTER -----
 KÄSE -----
 WURST -----
 RAHM -----
 SCHMIER -----
50. Was isst Ihre Familie gern an Salzigen auf dem Brot?
 WURST -----
 KÄSE -----
 EIER -----
51. Eier kann man roh essen oder ...
 GEBACKT -----
 GEKOCHT -----
52. Können Sie eine Liste Lebensmittel aufstellen, die Sie selbst kaufen?

53. Wo kaufen Lebensmittel ein?
 SUPERMARKET -----
 SUPERMERCADO -----

54. Wenn man einkaufen geht, dann schreibt man sich vorher alles auf. Wie heisst das?
 ZETTEL -----
 LISTE -----
 BILHETE -----
55. Was für Gewürze kennen Sie?
 SALZ -----
 PFEFFER -----
 ZWIEBEL -----
 KNOBLAUCH -----
 SCHNITTLAUCH -----
 PETERSILIE -----
56. Wenn Sie etwas fr Cr\$ 850,00 kaufen und geben einen Schein von 1000,00, dann bekommen Sie ...
 KLEINGELD -----
 TROCO -----
57. Wenn man das Haus in Ordnung habenwill, muss man es...
 AUFRÄUMEN -----
 ARRUMAR -----
58. Womit macht das Haus sauber? (Gestik)
 BESEN -----
 VASSOURA -----
59. Mit dem Besen tut man ...
 KEHREN -----
 FEGEN -----
60. Um den Fussboden zu reinigen mit Eimer, Wasser und Bürste muss man ...
 SCHRUBBEN -----
 PUTZEN -----
 SPÜHLEN -----
 WISCHEN -----
61. Wenn man gekehrt hat, womit sammelt man den Schmutz auf?
 KEHRSCHAUFEL -----
 SCHAUFEL -----
 PAZINHA -----
62. Worin tut man den Küchenabfall und den Kehricht?
 MÜLLEIMER -----
 KEHRICHTEIMER -----
 LIXO -----
 LATA DE LIXO -----
63. Worin waschen Sie die Wäsche?
 WASCHMASCHINE -----
 WASCHTROG -----
 TANQUE -----
64. Womit waschen Sie Ihre Wäsche?
 SEIFE -----
 SEIFENPULVER -----
 WASCHMITTEL -----

WASCHPULVER -----
 SABÃO EM Pó -----

65. Wo trocknen Sie die Wäsche?
 AUF DER LEINE -----
 WÄSCHELEINE -----
 VARAL -----
66. Damit der Wind die Wäsche nicht von der Leine herunterweht,
 macht man sie fest mit ...
 WÄSCHEKLAMMER -----
 KLAMMERN -----
 PREGADOR DE ROUPA -----
 GRAMPO -----
67. Wenn die Wäsche trocken ist, tut man sie ... (Gestik)
 BÜGELN -----
 PLÄTTEN -----
 PASSAR (A FERRO) -----
68. Und womit bügelt man?
 BÜGELEISEN -----
 PLÄTTEISEN -----
 FERRO (ELÉTRICO) -----
69. Wenn eine Naht aufgegangen ist, oder ein Stück zerrissen
 ist, was macht man damit?
 FLICKEN -----
 NÄHEN -----
70. Wenn ein Knopf fehlt, muss man einen anderen ...
 ANNÄHEN -----
 ANFLICKEN -----
71. Worin trägt man die Wäsche, wenn man reisst?
 KOFFER -----
 MALA -----
72. Womit wäscht man sich die Haar, wenn man sich badet?
 HAARWASCHMITTEL -----
 XAMPU -----
73. Und der Körper?
 TOILETTENSEIFE -----
 SABONETE -----
74. Woraus kommt das Wasser um sich zu baden?
 DUSCHE -----
 CHUVEIRO -----
75. Womit trocknet man sich ab, wenn man gerade gebadet hat?
 HANDTUCH -----
 BADEHANDTUCH -----
 BADETUCH -----
 TOALHA -----
76. Womit trocknet man sich die Hände ab?
 HANDTUCH -----

- GESICHTSTUCH -----
 TOALHA -----
77. Welche Kleidung können die Männer tragen?

78. Was tragen die Männer, wenn sie Fussball spielen?
 SPORHOSE UND SPORHEMD -----
 CALÇÃO E CAMISETA -----
79. Welche Kleidung tragen die Frauen?

80. Was zieht man auf die Füsse, wennes kalt ist?
 SCHUHE -----
 STRÜMPFE -----
 SOCKEN -----
81. Und wenn es heiss ist?
 SANDALEN -----
 SCHLAPPEN -----
 SANDÁLIA -----
 CHINELO -----
82. Wenn man etwas zu klein oder zu gross kauft kann man es ...
 TAUSCHEN -----
 TROCAR -----
83. Wo bewahrt man die Kleider auf?
 IM KLEIDERSCHRANK -----
 WÄSCHESCHRANK -----
 NO GUARDA-ROUPA -----
 NO ARMÁRIO -----
84. Worauf hängt man die Kleider im Kleiderschrank auf?
 (KLEIDER)BÜGEL -----
 CABIDE -----
85. Wo kaufen Sie ihre Kleidung?
 LADEN -----
 GESCHÄFTE -----
 LOJAS -----
86. Wie heisst das auf Deutsch? (Bild vorzeigen)
 DECKE -----
 BETTDECKE -----
 LAKEN -----
 BETTLAKEN -----
 BETTUCH -----
 LENÇOL -----
 KISSEN -----
 KISSENBEZUG -----
 FRONHA -----
 MATRAZZE -----
 COLCHÃO -----
 STROHSACK -----

87. Wie heisst das auf Deutsch? (Bild vorzeigen)

TISCHDECKE -----
 DECKE -----
 SERVIETTE -----
 MUNDTUCH -----
 GUARDANAPO -----

88. Wie heisst das auf Deutsch? (Bild vorzeigen)

SESSEL -----
 COUCH -----
 SOFÁ -----
 BILD -----
 VORHÄNGE -----
 TEPPICH -----
 TAPETE -----

90. Womit färben die Frauen sich die Lippen?

LIPPESTIFT -----
 BATOM -----

91. Metallstäbchen zum Feststecken des Haares ...

HAARNADEL -----
 HAARKLAMMER -----
 GRAMPO -----

92. Welche Gemüse und Salatsorten kennen Sie?

BLATTKOHL -----
 COUVE -----
 BLUMENKOHL -----
 COUVE-FLOR -----
 ERBSE -----
 ERVILHA -----
 GURKE -----
 PEPINO -----
 KÜRBIS -----
 ABÓBORA -----
 SALAT -----
 ALFACE -----
 ROTE RÜBE -----
 BETERRABA -----
 MOHRRÜBE -----
 GELBE RÜBE -----
 CENOURA -----
 CHUCHU -----
 SPINAT -----
 ESPINAFRE -----
 PAPRIKA -----
 PIMENTÃO -----
 RÜBE (WEISSE) -----
 NABO -----
 RADIESCHEN -----
 RABANETE -----
 BLAUKOHL -----
 REPOLHO ROXO -----
 STANGENBOHNEN -----
 VAGEM -----

93. Welchen Gemüse machen Sie in Konserven?

SAUERKRAUT -----
 CHUKRUTE -----
 KUMMRE -----
 RADIESCHEN -----

94. Wie heissen diese Obstsorten? (Bild vorzeigen)

AVOCADO -----
 ACABATE -----
 ANANAS -----
 ABACAXI -----
 PFLEUME -----
 AMEIXA -----
 BANANE -----
 (BERGAMOTTE) -----
 KHAKI -----
 FEIGE -----
 GUAVE -----
 GOIABA -----
 LIMETTE -----
 LIMA -----
 APFEL -----
 MAÇÃ -----
 PAPAYA -----
 MAMÃO -----
 WASSERMELONE -----
 MELANCIA -----
 MELONE -----
 MELÃO -----
 ERDBEERE -----
 MORANGO -----
 BIRNE -----
 PERA -----
 PFIRSICH -----
 PÊSSEGO -----
 WEINTRAUBE -----

95. Wie heissen diese Feldfrüchte? (Bild vorzeigen)

MAIS -----
 MILHO -----
 WEIZEN -----
 REIS -----
 ESSBARER MANIOK -----
 MANDIOCA -----
 KARTOFFEL -----
 BATATINHA -----
 BATATE -----
 SUSSBATATE -----
 BATATA DOCE -----
 BOHNE -----
 FEIJÃO -----
 SIJABOHNE -----
 AMENDOIM -----

96. Was kann man aus Nüs machen?

PÉ-DE-MOLEQUE -----
 RAPADURA -----

97. Was kann man aus Mais machen?

MAISMEHL -----
 MAISBROT -----
 MAISBREI -----

98. Wie heissen diese Süßigkeiten? (Bild vorzeigen)

BONBONS (zum Lutschen) -----
 BALA -----
 PRALINE -----
 BOMBOM (DE CHOCOLATE) -----
 SCHOKOLADE -----
 PLÄTZCHEN -----
 BISCOITO -----
 KEKSE -----
 BOLACHA -----
 KUCHEN -----
 BOLD -----
 STREUSELKUCHEN -----
 CUCA -----
 KÜCHELCHEN -----
 BOLINHOS -----
 GELATINE -----
 GELATINA -----
 PUDDING -----
 PUDIM -----
 EIS AM STIEL -----
 PICOLÉ -----
 EISCREME -----
 SORVETE -----

99. Was macht Ihre Familie gern abends?

SIEHT FERN -----
 HÖRT RADIO -----
 GEHT AUS -----
 GEHT FRH SCHLAFEN -----

100. Was machen Ihre Kinder während des Tages?

GEHEN IN DIE SCHULE -----
 MACHEN SCHULAUFGABE -----
 SPIELEN -----
 HELFEN IM HAUS -----
 PASSEN AUF DIE KINDER AUF -----
 BESORGEN DAS VIEH -----

101. Was spielen Ihre Kinder gern?

DOMINO -----
 MÜHLE -----
 BALLSPIELE -----
 WÜRFELSPIELE -----
 KARTENSPIELE -----

102. Was machen Ihre Kinder gern Sonntags oder wenn sie frei haben?

103. Und Sie? -----

104. Und die alte Leute? -----

105. Was feiert man bei Ihnen ausser Weihnachten?
 OSTERN -----
 GEBURTSTAG -----
 MUTTERTAG -----
 ERSTE KOMMUNION -----
106. Wenn mehrere Kinder spielen, sprechen sie laut und viel.
 Dann gibt es ...
 LÄRM -----
 BARULHO -----
107. Wo kann man Fussball spielen?
 FUSSBALLFELD -----
 (FUSSBALLKAMP) -----
108. Was sind Sie von Beruf? -----
109. Was wollen Ihre Kinder einmal werden? -----
110. Wie heisst der Mann, der kranke behandelt? ARZT -----
 der Medikamente verkauft? APOTHEKER -----
 der Kranke pflegt? KRANKENPFLEGER -----
 der Wagen repariert? MECHANIKER -----
 der Möbel macht? TISCHLER -----
 SCHREINER -----
 der Mauern setzt? MAURER -----
 der Häuser aus Holz baut? ZIMMERMANN -----
 der mit Eisen arbeitet? SCHLOSSER -----
 der Essen kocht? KOCH -----
 der Herrenkleidung anfertigt? SCHNEIDER -----
 der Schuhe macht / repariert? SCHUSTER -----
 der den Bus fährt? FAHRER -----
 der Lastwagen fährt? KRAFTFAHRER -----
 der auf dem Land arbeitet? BAUER -----
 der das Fleisch verkauft? FLEISCHER -----
 der das Brot bäckt? BÄCKER -----
111. Wie fahren Sie, wenn Sie einkaufen oder in die Stadt müssen?
 MIT DEM WAGEN -----
 MIT DEM AUTO -----
 MIT DEM BUS -----
112. Sie müssen eine Reise nach Florianópolis machen. Wie fahren
 Sie am besten?
 MIT DEM BUS -----
 MIT EIGENEM WAGEN -----
113. Wie nennt man die Leute, die mit dem Bus fahren?
 FAHRGÄSTE -----
 PASSAGEIROS -----
114. Sie wollen nach Deutschland fahren. Wie können Sie da rei-
 sen?
 MIT DEM FLUGZEUG -----
 AVIÃO -----
 SCHIFF -----
 NAVIO -----

115. Wo starten und landen die Flugzeuge?
 FLUGHAFEN -----
 AEROPORTO -----
116. Womit fährt man auf einen keinen Fluss?
 BOOT -----
 CANOA -----
117. Wenn Sie durch Itapiranga fahren, müssen Sie über den Fluss
 Uruguai. Womit fahren Sie dann?
 FÄHRE -----
 BARCA -----
118. Womit fahren gern junge Leute?
 MOTO -----
 MOTORRAD -----
 FAHRRAD -----
 BICICLETA -----
119. Womit werden Ware transportiert?
 LASTWAGEN -----
 CAMINHÃO -----
120. Wie heissen diese Autoteile auf Deutsch? (Bild)
 WAGENTÜR -----
 WINDSCHUTZSCHEIBE -----
 LENKRAD -----
 STOSSTANGE -----
 KOFFERRAUM -----
121. Damit man einen Wagen fahren darf, muss man erst ... haben.
 FÜHRERSCHEIN -----
 CARTEIRA DE MOTORISTA -----
122. Und das Auto muss... haben.
 BENZIN -----
 GASOLINA -----
123. Wohin bringt man es Auto, wenn es kaputt ist?
 WERKSTATT -----
 OFICINA -----
124. Bei welchen Situationen kann der Führerschein weggenommen
 werden? -----
125. Wenn man einen Brief schreibt, wo tut man ihn rein zum ad-
 dressieren?
 KOUVERT -----
 UMSCHLAG -----
 ENVELOPE -----
126. Wo bringt man den Brief hin?
 ZUR POST -----
 AO CORREIO -----

127. Was klebt man auf den Umschlag?
BRIEFMARKEN -----
SELOS -----
128. Was tut der Postbeamte drauf? (Gestik)
STEMPEL -----
CARIMBO -----
129. Wie heisst der Beamte, der einer Gerichtsverhandlung vor-
sitzt?
RICHTER -----
JUIZ -----
130. Wer verteidigt den Angeklagten?
ANWALT -----
ADVOGADO DE DEFESA -----
131. Wer klagt den Verbrecher an?
(STAATS)ANWALT -----
PROMOTOR PÚBLICO -----
132. Wenn ein Kind geboren wird, wo muss man es anmelden? (damit
es die brasilianische Staatsangehörigkeit bekommt)
STANDESAMT -----
CARTÓRIO -----
133. Wie heisst der Schein, den man dann bekommt?
GEBURTSSCHEIN -----
GEBURTSURKUNDE -----
CERTIDÃO DE NASCIMENTO -----
134. Und wenn sich Leute verheiraten wollen, dann gehen sie zum
Standesamt und lassen sich...
TRAUEN -----
135. Dann bekommen sie ein Papier, das ist der ...
TRAUSCHEIN -----
CERTIDÃO DE CASAMENTO -----
136. Wenn jemand stirbt, geht man wieder zum Standesamt und mel-
det es. Dann bekommt man den ...
TODESSCHEIN -----
STERBEZEUGNIS -----
CERTIDÃO DE ÓBITOS -----
137. Wo begräbt man die Toten?
AUF DEM FRIEDHOF -----
138. Wenn man Land kauf/verkauft, bekommt man vom Notariat den...
BESITZSCHEIN -----
ESCRITURA -----
(LANDPAPIERE) -----
139. Stadt mit dem Sitz der Regierung ist die ...
HAUPTSTADT -----
CAPITAL -----

140. Was ist Wilson Kleinübung? Er tut Santa Catarina
 GOUVERNEUR ----- REGIEREN -----
 GOVERNADOR ----- GOVERNAR -----
141. Was ist Dionísio Biazussi in São Lourenço d'Oeste?
 BÜRGERMEISTER -----
 PRÄFEKT -----
142. Wer ist noch politisch wichtig im Munizipium?
 (STADT)VERORDNETER -----
 VEREADOR -----
143. Wer ist für unsere Sicherheit verantwortlich?
 POLIZEI -----
 POLÍCIA -----
144. Der Chef der Polizei ist der ...
 POLIZEIKOMMISSAR -----
 DELEGADO -----
145. Wo müssen die Verbrecher/Spitzbube bleiben?
 GEFÄNGNIS -----
 CADEIA -----
146. Wenn eine Frau ein Baby erwartet ist sie ...
 SCHWANGER -----
 GRAVÍDA -----
147. Wenn die Frau das Baby bekommt, dann hilft eine (Frau) ...
 HEBAMME -----
 PARTEIRA -----
148. Wie heisst das kleine Objekt aus Plastiko und Gummi, das man
 Säuglingen zum Lutschen gibt, um sie zu beruhigen...
 SCHNULLER -----
 CHUPETA -----
149. Wenn ein Junge und ein Mädchen sich lieben, aber noch nicht
 verlobt sind, sind sie...
 VERLIEBTEN -----
 NAMORADOS -----
150. Und wenn siesich verheiraten, dann sind sie ein...
 EHEPAAR -----
 CASAL -----
151. Am Hochzeitstag heisst das Mädchen und der Junge ...
 BRAUT/BRÄUTIGAM -----
 NOIVA/NOIVO -----
152. Wie heisst der Vater des Vaters?
 GROSSVATER -----
 AVÔ -----
153. Und die Mutter der Mutter?
 GROSSMUTTER -----
 AVÓ -----

154. Wenn ein Kind getauft wird, dann sind die Eltern verantwort-
lich und der... und die...
PATE/PATIN -----
PADRINHO/MADRINHA -----
155. Wenn eine Witwe sich wieder verheiratet, was ist der Mann
von ihren Kinder?
STIEFVATER -----
PADRASTO -----
156. Die Kinder deiner Schwester sind deine...
NICHT/NEFFE -----
SOBRINHA/SOBRINHO -----
157. Ihre Kinder und die Kinder deiner Schwester sind ...
KUSINE/VETTER -----
PRIMA/PRIMO -----
158. Wie nennt man die Tante, der Onkel, der Vetter, usw.?
VERWANDTE -----
PARENTES -----
159. Wie heisst das? (Gestik)
KOPF -----
AUGENDECKEL -----
PÁLPEBRAS -----
AUGENBRAUE -----
SOBRANCELHA -----
WIMPER -----
CÍLIOS -----
160. Wie heisst der bleibender Defekt, der sich bei der Heilung
von Wunden bildet?
NARBE -----
CICATRIZ -----
161. Und die kleine hellbraune Hautflecke, besonders im Gesicht?
(SOMMER)SPROSSEN -----
SARDAS -----
162. Hornige Wucherung der Haut, besonders am Gesicht u. Hände.
WARZE -----
VERRUGA -----
163. Hohlorgan in dem sich das gefruchtete Ei entwickelt...
GEBÄRMUTTER -----
UTERO -----
164. Paariges Organ des weiblichen Oberkörpers...
BRUST -----
SEIOS -----
165. Wie nennen Sie die künstliche Zahnreihe?
GEBISS -----
DENTADURA -----
166. Wie heisst der Mensch, der wenig oder gar keine Haare hat?
GLATZKOPF -----

KAHLKOFF -----
 CARECA -----

167. Was sagt man, wenn man jemand Morgens begrüsst?

 Und Nachmittags? -----
 Abends? -----
 Wenn man sich verabschiedet? -----
 Wenn man sich bedankt? -----

168. Wie heisst die erste Mahlzeit?

FRÜHSTÜCK -----
 CAFÉ DA MANHÃ -----

169. Wie heisst die Mahlzeit, die man gegen Mittag macht?

MITTAGESSEN -----
 ALMOÇO -----

170. Und die Mahlzeit am Abend?

ABENDESSEN -----
 ABENDBROT -----
 JANTA -----

171. Sie lassen jemanden etwas sagen, evtl. schriftlich, wie heisst das?

BENACHRICHTIGEN -----
 (AVISIEREN) -----

172. Wo trinken die Männer ein Schnäpschen?

KNEIPE -----
 BODEGA -----
 BAR -----

173. Wie heisst die Person, die zuviel trinkt?

TRINKER -----
 (BESOFNER) -----
 BÊBADO -----

174. Wie heisst das? (Gestik) Und die Person?

RAUCHEN ----- RAUCHER -----
 FUMAR ----- FUMANTE -----

175. Was kann man rauchen?

ZIGARETTE -----
 CHARUTO -----
 CACHIMBO -----

176. Wenn jemanden uns etwas schuldig ist, kann man es...

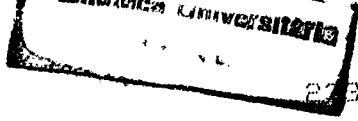
EINKASSIEREN -----
 COBRAR -----

177. Wenn zwei Personen sich nicht gut geben, tun sie ...

SICH STREITEN -----
 BRIGAR -----

178. Zusammenschluss mehrerer Personen zur Förderung gleicher wirtschaftlicher Interessen mittels gemeinschaftlichen Geschäftsbetriebes, wie Z.B. die CASLO.

- GENOSSENSCHAFT -----
 COOPERATIVA -----
179. Der Mann, der die Messe liest ist ...
 PRIESTER -----
 PATER -----
 PADRE -----
180. Was macht der Priester nach dem Evangelium?
 PREDIGT -----
 SERMÃO -----
181. Was müssen die Eltern machen, dass das Kind zur Kath. Kirche gehört?
 TAUFE -----
 BATISMO -----
182. Verfehlung gegen die Gottheit oder ihr Gebot ...
 SUNDE -----
 PECADO -----
183. Dann geht man BEICHTEN -----
 CONFESSAR -----
184. Wenn die Christen langsam gehen und beten haben wir eine
 PROZESSION -----
 PROCISSÃO -----
185. Wer ist der wichtigste Mann einer Diözese?
 BISCHOF -----
 BISPO -----
186. Wer leitet die Pfarre?
 PFARRELEITER/VIKAR -----
 VIGÁRIO -----
187. Welche Blumen kennen Sie?
 STIEFMUTTERCHEN -----
 ASTER -----
 BALSAMINE -----
 LÖWENMAUL -----
 CHRYSANTHEMUM -----
 NELKEN -----
 HAHNENKAMM -----
 ROSEN -----
 ALPENVEILCHEN -----
 DAHLIE -----
 GERANIE -----
 GLOXINIE -----
 LEVKOJE -----
 VERGISSMEINNICHT -----
 ORCHIDEEN -----
 HORTENSIEN -----
 JASMIN -----
 KAMELIE -----



188. Worin kann man Blumen pflanzen?
GARTEN/BLUMENTOPF -----
JARDIM / VASO -----
189. Kennen Sie noch andere Zierpflanzen, die man im Haus oder im Garten hat?

190. Wie heissen die Teile des Baumes? (Bild vorzeigen)
WURZEL -----
STENGEL -----
ASTE -----
BLÄTTER -----
BLÜTE -----
191. Zitrone gibt es am ...
ZITRONENBAUM -----
LIMOEIRO -----
192. Und Orange? ORANGEBAUM -----
193. Welche andere Obstbäume kennen Sie?

194. Und Bauholz? -----
195. Wenn man die Hecke entfernt um das Land zum pflanzen fertig lassen, tut man ...
RODEN -----
ROÇAR -----
196. Was macht man mit dem Pflug?
PFLÜGEN -----
ZACKERN -----
ARAR/LAVAR -----
197. Wenn man die Pflanzung sauber macht, tut man sie...
HACKEN -----
CAPINAR -----
198. Wenn der Reis, die Kartoffel, usw. reif sind muss man sie...
ERNTEN -----
COLHER -----
199. Wo bewahrt man die Ernt auf?
SCHEUNE -----
(SCHOPP) -----
200. Was kriegt der Maisstock an?
MAISKOLBEN -----
ESPIGA DE MILHO -----
201. Was gibt man Vieh zum fressen?
FUTTER -----
PASTAGEM -----
202. Wenn die Kuh keine Milch mehr gibt, steht sie...
TROCKEN -----

203. Wo bleibt das Vieh während des Tages?
 WEIDE -----
 POTREIRO -----
204. Nennen Sie Kuhnamen -----
205. Nennen Sie Ochsenamen -----
206. Nennen Sie Hundsnamen -----
207. Maschine, mit der gedroschen wird?
 DRESCHMASCHINE -----
 TRILHADEIRA -----
208. Werkzeug zum Dreschen der Bohne auf der Plane?
 (DRESCH) FLEGEL -----
 MANGUAL -----
209. Womit pflanzen Sie Mais?
 PFLANZMASCHINE -----
210. Womit kann man die Erde losmachen, Wenden, zerkrümeln?
 PFLUG -----
211. Womit transportieren Sie die Ernte?
 OCHSENWAGEN -----
 CARROÇA -----
212. Womit schlagen Sie ein Nagel ein?
 HAMMER -----
 MARTELO -----
213. Womit ziehen Sie ein Nagel aus?
 ZANGE -----
 TURGUÊS -----
 GEISSFUSS -----
 PÉ-DE-CABRA -----
214. Womit zerreist man das Holz?
 AXT -----
 MACHADO -----
215. Kleiner Karren mit einem Rad zum Schieben?
 SCHUBKARREN -----
 CARRINHO DE MÃO -----
216. Zweirädigerwagen, der von den Ochsen gezogen wird?
 KARRETTE -----
 CARRO DE BOI -----
217. Wie heisst die Maschine, mit der man die Mais bereitet zum Fressen der Schweine und Vieh?
 SCHROTMASCHINE -----
 QUEBRADOR DE MILHO -----
218. Gerät zum Mistladen (oder zum Stroh weg machen)?
 MISTGABEL -----

- FORCADO -----
219. Womit entfernen Sie das Unkraut?
 HACKE -----
 ENXADA -----
220. Gitter zum Zurückhalten von groben Verunreinigungen?
 RECHNEN -----
 RASTELO -----
221. Womit schneidet man der Reis, Weizen, usw.?
 SICHEL -----
 FOICE -----
222. Wie heisst die Maschine, mit der das Schmalz gepresst wird?
 SCHMALZPRESSE -----
 FETTPRESS -----
223. Wenn Sike Sirup kochen wollen, müssen Sie das Zuckerrohr durch die...
 WALZE -----
 ENGENHO -----
224. Worin kochen Sie das Fressen der Schweine?
 KOCHTOPF -----
 TACHO -----
225. Welche Tiere kennen Sie? (Hauss - und Wildtiere)
 HUND -----
 KATZE -----
 RATTE -----
 FLIEGE -----
 BIENE -----
 WESPE -----
 MÜCKE -----
 MOSQUITO -----
 SPINNE -----
 ZIEGE/(ZICKLEIN) -----
 KUH -----
 OCHSE -----
 PFERD -----
 SCHWEIN -----
 PFERKEL -----
 HUHN -----
 HAHN -----
 KUKEN -----
 ENTE -----
 GANS -----
 FROSCH -----
 EIDECHSE -----
 LAGARTO -----
 AFFE -----
 MACACO -----
 JACARÉ -----
 TATU -----
 GAMBÁ -----

226. Welche Vögel kennen Sie? -----

227. Wie heisst der Vogel, der kaputtenees Fleisch frisst?
AASGEIER -----
URUBU -----
228. Welche Schlange kennen Sie?

229. Im Sommer gibt es viel Mücke. Was machen die?
STECHEN -----
PICAR -----
230. Ich bin 1,70 ... GROSS -----
HOCH -----
231. Wieviel Milch geben Ihre Kühe pro Tag?

232. Wieviel Bohne haben Sie dieses Jahr geernt?

233. Wie heisst ein grösserer natürlicher Wasserlauf?
FLUSS -----
RIO -----
234. Und ein kleiner natürlicher Wasserlauf von geringer Tiefe
und Breite?
BACH -----
RIACHO -----
235. Grössere Erhebung im Gelände?
BERG -----
MORRO -----
236. Wie heisst das Gelände zwischen den Bergen?
TAL -----
VALE -----
237. Wie heisst der Bau über einen Fluss um das die Leute darüber
gehen oder fahren können?
BRÜCKE -----
PONTE -----
238. Manchman regen es sehr viel, Z.B. 1983 in Blumenau.
Dam gibt es
HOCHWASSER -----
ÜBERSCHWEMUNG -----
ENCHENTE -----
239. Wie heisst eine grosse Vertiefung im Boden in der viel Was-
ser steht?
SEE -----
LAGOA -----

240. Ein Platz mit wenige Einwohner ist ...
DORF -----
VILA -----
241. Wie nennt man ein abfallender Hang?
SCHLUCHT -----
BARRANCO -----
242. Eine stärkere Luftbewegung ...
WIND -----
VENTO -----
243. Elektrische Entladung bei Gewitter ...
BLITZ -----
RAIO -----
244. Niederschlag in Form von etwa erbsengrossen Eisstückchen...
HAGEL -----
GRANIZO -----
245. Wie heisst der sehr heftiger, starker Wind meistens mit Regen?
(REGEN)STURM -----
TEMPORAL -----
246. Krachendes Geräusch, bei Gewitter, das dem Blitz folgt...
DONNER -----
TROVÃO -----
247. Wie heisst der Regen, wenn er fein und dünn ist?
SPRÜHREGEN -----
NIESELREGEN -----
GARDA -----
248. Farbiger Bogen nach dem Regen ...
REGENBOGEN -----
ARCO-IRIS -----

VOCABULÁRIO COMPLETO ***

	ALEMÃO PADRÃO	ALEMÃO de LAGEADO ANTUNES	FRQ	CL	CG	Campo Semânt.
	Avokado	[aba'kate] [alba'kate] [apa'kate] [apa'kOde] [par'kate] [pa'kate]	22.2 11.1 50.0 5.6 5.6 5.6	ET EA EA EA EA EA	S	fruta
	Avokado (Baum)	[apa'katepon]	16.7	EP	S	árvore
	(Ananas)	[abaka'Si] [apaga'Si] [apaka'Si] [baka'Si] [paga'Si] [paka'Si]	16.7 5.6 27.8 5.6 22.2 5.6	ET EA EA EA EA EA	S	fruta
	Kuerbis(se)	[`kOxpovajça] [`kOxpova] [`kOxpovre] [`pobajça] [`popre] [`povajça] [`pova]	22.2 11.1 11.1 5.6 5.6 16.7 5.6	EP EP EP EP EP EP EP	S	hortaliça
	(Baum)	[a'sojta ka'valo] [`sojta]	5.6 11.1	ET ET	S	árvore
	Unfall passieren	[asi'dente pa'siat]	5.6	EP	E	transporte
	Fleischer /Schlachter	[aso'gero]	22.2	ET	S	profissão
	Kandiszucker	[ge'fErpte `tsuga]	5.6	**	S	comercio
	Wehr	[a'sude]	61.1	ET	S	geografia
	Anwalt	[adevo'gado] [advo'gado] [afo'kOt] [atfo'kOt]	11.1 5.6 11.1 55.6	ET ET EA EA	S	profissão
	Flughafen	[aEro'porto] [kamp] [`flukkamp] [`luftSifhafe] [`luftSifkamp]	11.1 11.1 11.1 16.7 44.4	ET EA EP NF EP	S	transporte
	Brunnenkresse	[agrj'on]	5.6	EA	S	hortaliça
	Bauer	[agrikul'tor]	11.1	ET	S	profissão
	(Ochsenname)	[a'IEgre]	5.6	ET	S	onomástica
	Schneider	[alfaj'ate]	38.9	ET	S	profissão
	Mittagessen	[al'moso] [`eze]	5.6 11.1	ET NF	S	cultura
	Hispel(n)	[a'meJe] [a'meSa] [ma'meJe]	88.9 5.6 5.6	EA ET EA	S	fruta
	Hispel (Baum)	[a'meJepo] [ma'meJepo]	16.7 5.6	EP EP	S	árvore
	Erdnuss	[nis]	100.0	NF	S	agricultura
	(Suessigkeit)	[`tsuganis]	27.8	NF	S	doce
	Fahrrad fahren	[pizi'klEt `fOre]	11.1	EP	E	diversão
	Schwalbe	[ando'riNa]	5.6	ET	S	passaro
	(Baum)	[an'Sik]	27.8	EA	S	árvore

FRQ-Frequência | CL-Classe lexical | CG-Classe gramatical | Campo semânt.-Campo semântico | * - Dialeto | ** - Decalque

Frequência foi calculada em relação ao total de 18 informantes.

*** P & C - SW ***

na relação "PORTUGUÊS", o * indica que a palavra não está dicionarizada e na relação "ALEMÃO PADRÃO", o vocábulo constitui um empréstimo.

	ALEMÃO PADRÃO	ALEMÃO de LAGEADO ANTUNES	FRQ	CL	CG	Campo Semânt.
		[Sik]	33.3	EA		
	Regenbogen	[arko'ires]	11.1	ET	S	geografia
(Veranda)	(Veranda)	[`arja]	55.6	ET	S	casa
		[`Orja]	5.6	EA		
serviço	Waschkueche	[`arja de ser'viso]	5.6	ET	S	casa
-carreteiro	(Gericht)	[kare'tero]	11.1	ET	S	alimento
ajeitar	aufraeumen	[aJej'tire]	5.6	EP	V	limpeza
		[aru'wire]	5.6	EP		
		[`rawme]	11.1	NF		
televisão	Fernsehen	[televi'son `kuge]	22.2	EP	E	diversão
		[te've `kuge]	11.1	EP		
	Bis bald	[a'tE `lOgo]	11.1	ET	E	cultura
		[te `lOge]	27.8	EA		
	Widertonmoos	[a'venka]	5.6	ET	S	flor
	Flugzeug	[`luftSif]	100.0	NS	S	transporte
aviso	benachrichtigen	[avi'siat]	5.6	EP	V	vários
		[a'vizo `loze]	5.6	EP		
		[a'vizo `withole]	5.6	EP		
		[a'vizo]	5.6	ET		
		[re'kado]	16.7	ET		
		[`awsret]	5.6	NS		
		[`Oda `awsricte]	22.2	?		
		[`Oda `Sige]	11.1	?		
	Grossvater	[`vovo]	72.2	EA	S	parentesco
	Grössmutter	[vO]	5.6	ET	S	parentesco
		[`vovo]	66.7	EA		
	Azalee	[aza'leja]	11.1	ET	S	flor
		[aze'leja]	11.1	ET		
	Olivenoel	[a'zejte]	5.6	ET	S	comércio
(Vogel)	(Vogel)	[azu'loq]	11.1	EA	S	pássaro
(Kuhname)	(Kuhname)	[pa`jana]	5.6	EA	S	onomástica
	Bonbons (zum Lutschen)	[`pale]	66.7	EA	S	doce
		[`sispale]	5.6	EP		
		[`tsugapale]	22.2	EP		
	Floss / Faehre	[`balsa]	11.1	ET	S	transporte
		[`palze]	5.6	EA		
	Balsemine*	[pal'zemine]	27.8	EA	S	flor
	Banane(n)*	[pa'nane]	88.9	EA	S	fruta
		[pa'nan]	11.1	EA		
	Tablett	[pan`deJa]	5.6	EA	S	utens. dom.
		[pan`deS]	66.7	EA		
		[pan`teJe]	11.1	EA		
		[pan`teSe]	5.6	EA		
	Badezimmer	[ba`Nere]	5.6	EA	S	casa
		[ba`Nero]	55.6	ET		
	Kneipe	[bar]	5.6	ET	S	cultura
		[par]	11.1	EA		
	Faehre	[`parge]	55.6	EA	S	transporte
		[`park]	16.7	EA		
	Schlucht	[pa`range]	94.4	EA	S	geografia
(Kuhname)	(Kuhname)	[pa`rOza]	22.2	EA	S	onomástica
(boi)	(Ochsenname)	[pa`rozo]	5.6	EA	S	onomástica

FRQ-Freqüência | CL-Classe lexical | CG-Classe gramatical | Campo semânt.-Campo semântico | * - Dialeto | ** - Decalque

PT	AL	FR	FRQ	CL	CG	Campos Semânt.
	Laern	[pa`rulje]	77.8	EA	S	vários
frita (palitos)	Pommes frites	[pa`litʃal [pa`litojʃa]	11.1 5.6	EP EP	S	alimento
doce	Suesskartoffel	[pa`tade] [`sispatade] [`size pa`tade]	66.7 27.8 5.6	EA EP EP	S	alimento
	Taufe	[pa`tismo]	5.6	EA	S	religião
	Lippestift	[bal`toŋ] [pa`toŋ]	5.6 50.0	EA EA	S	vestuário
	Vanille	[baw`nila] [ma`niljetsuga] [paw`nila] [paw`niljetsuga] [paw`nilje]	22.2 16.7 11.1 11.1 27.8	ET NF EA EP EA	S	comércio
alcoólatra	Trinker	[alko`lista] [be`sofna] [knil] [`sifa] [`SnapskOp] [`Snapsman] [`Snapstsifa]	5.6 16.7 11.1 22.2 16.7 5.6 22.2	ET * * * NF NF NF	S	cultura
lor	Kolibri	[`bejʃaflor] [`prumfeceljʃa] [`prumfecel]	5.6 27.8 5.6	ET NF NF	S	pássaro
(vaca)	(Kuhname)	[be`leza]	5.6	ET	S	onomástica
vi	(Vogel)	[bente`vi]	11.1	ET	S	pássaro
ta(s)	Bergamotte(n)*	[perga`mOde] [perga`mOt]	77.8 22.2	EA EA	S	fruta
teira	Bergamotte(Baum)	[perga`mOdepawm] [perga`mOdepom]	11.1 50.0	EP EP	S	árvore
s	Sommerhosen	[pel`mudas]	5.6	EA	S	vestuário
ta	Fahrrad	[pisi`klEt] [pizi`klEt]	38.9 11.1	EA EA	S	transporte
	Sauger	[`bikojʃe] [`biko] [`pigojʃe] [`pigo]	5.6 5.6 5.6 5.6	EP ET EP EA	S	vários
ão)	(Hundname)	[bi`lu] [pi`lu]	11.1 11.1	ET EA	S	onomástica
	Bischof	[`bispol]	5.6	ET	S	religião
te	Gute Nacht	[`boa`nojte]	11.1	ET	E	cultura
de	Guten Tag	[`boa`tarde]	22.2	ET	E	cultura
-leão	Loewenmaul (Laden mit Kneipe)	[bo`ka de le`oŋ] [bo`dEge] [po`dEga] [po`dEge]	11.1 11.1 5.6 33.3	EA EA EA EA	S	flor cultura
(s)	Keks(e)	[bo`laSamaria] [ma`riapolaJe] [po`laJe] [po`lajSa] [po`lajSiNa]	11.1 11.1 50.0 11.1 5.6	ET EA EA EA EA	S	doce

: FRQ-Frequência | CL-Classe lexical | CG-Classe gramatical | Campos semânt.-Campo semântico | * - Dialeto | ** - Decalque

ES	ALEMÃO PADRÃO	ALEMÃO de LAGEADO ANTUNES	FRQ	CL	CG	Campo Semânt.
	(Laden mit Ausschank)	[po'liS]	33.3	EA	S	cultura
	Kuchen	['pole]	16.7	EA	S	doce
		['polo]	83.3	EA		
amendoim	Erdnusskuchen	['nispolo]	5.6	EP	S	doce
	Guten Morgen	[bo 'dia]	11.1	ET	E	cultura
	(Rohr)	[pump]	100.0	EA	S	utens. dom.
as)	Praline(n)	[pom'bon]	38.9	EA	S	doce
		[pom'bons]	16.7	EA		
		[pom'pon]	33.3	EA		
vaca)	(Kuhname)	[bo'nEka]	16.7	ET	S	onomástica
		[po'nEka]	5.6	ET		
	Stiefel	[po'tineze]	5.6	EA	S	vestuário
ha (vaca)	(Kuhname)	[pran'kiNa]	11.1	EA	S	onomástica
(vaca)	(Kuhname)	[pra'sine]	16.7	EA	S	onomástica
	sich streiten	['prige]	33.3	EA	V	cultura
c/ colegas	Mit Freundinen spielen	[mit ko'leGas 'Spile]	5.6	EP	E	diversão
		[mit ko'lekiNajça 'Spile]	5.6	EP		
de carrinho	(Spielzeug)	[ka'rejçe 'Spile]	5.6	**	E	diversão
		[ka'ret 'Spile]	5.6	**		
de casinha	(Spielzeug)	['hajsçe 'Spile]	5.6	**	E	diversão
	Kleiderbuegel	[kam'bida]	5.6	EA	S	vestuário
		[kam'bide]	16.7	ET		
		[ka'bide]	55.6	ET		
		[ka'bino]	5.6	EA		
		[ka'pide]	5.6	EA		
		['Spange]	5.6	NS		
s)	Ziege(n)	[ka'pride]	16.7	EA	S	animal
		[ka'pritçe]	11.1	EP		
		[ka'prit]	66.7	EA		
	(Baum)	[kapri'uva]	11.1	EA	S	árvore
		[kapri'uve]	38.9	EA		
	Fleischtopf	[kas'trolçe]	5.6	EP	S	utens. dom.
		[kas'trol]	38.9	EA		
		['ajzetibe]	5.6	**		
		['kasarol]	5.6	EA		
		['Svatstibel]	5.6	NF		
		['tibe]	33.3	*		
		['tipçe]	5.6	*		
	Pfeife	[ka'Simp]	66.7	EA	S	cultura
	Gefaengnis	[ka'tee]	100.0	EA	S	org. publica
manhã	Fruehstueck	['kafi 'tringe]	50.0	**	S	cultura
		['kafi]	33.3	**		
		['mojnskafi]	5.6	**		
		['mOrgenkafi]	5.6	**		
		['mOrgenskafi]	5.6	**		
água	Kajak	[ka'ik]	22.2	EA	S	transporte
	Wasserbehaelter	['kaSa de 'agwa]	27.8	ET	S	limpeza
		['kaSa]	61.1	ET		
		['vasatanje]	5.6	EP		
es)	Sporthose(n)	[kal'soqe]	22.2	EA	S	vestuário
		[kal'soq]	72.2	EA		

FRQ-Freqüência | CL-Classe lexical | CG-Classe gramatical | Campo semânt.-Campo semântico | * - Dialeto | ** - Decalque

	ALEMÃO PADRÃO	ALEMÃO de LAGEADO ANTUNES	FRQ	CL	CG	Campo Semânt.
		[`hosçe]	5.6	NF		
galinha	Suppenwuerfel	[`kalde de ga`liNa]	5.6	EA	S	comércio
	(Blume)	[`lendola]	5.6	EA	S	flor
	Kamelie	[ka`mElja]	5.6	ET	S	flor
(ões)	Lastwagen	[kamiNo`nEt]	5.6	EA	S	transporte
		[kami`Noçe]	11.1	EA		
		[kami`Noç]	50.0	EA		
		[kami`oç]	5.6	EA		
		[`fraxtkamiNoçe]	11.1	EP		
		[`fraxtkamiNoç]	5.6	EP		
		[`fraxtkare]	5.6	NF		
(s)	Sportheud(en)	[kami`seta]	11.1	EA	S	vestuário
		[kami`zeda]	5.6	EA		
		[kami`zede]	5.6	EA		
		[kami`zeta]	27.8	ET		
		[`Ekstra `himt]	5.6	NS		
		[`fuspalhenda]	11.1	NF		
		[`fuspalhEntçe]	5.6	NF		
(boi)	(Ochsenname)	[kam`pero]	16.7	ET	S	onomástica
futebol	Fussballfeld	[kamp]	55.6	EA	S	diversão
		[`fuspalkampçe]	5.6	EP		
		[`fuspalkamp]	38.9	EP		
	Kanarienvogel	[kana`riNojça]	5.6	EP	S	pássaro
		[ka`narjo]	16.7	ET		
	Becher	[ka`nEga]	22.2	EA	S	utens. dom.
		[ka`nEkçe]	11.1	EP		
	(Schlange)	[kadi`nan]	11.1	EA	S	cobra
		[kani`nan]	5.6	EA		
	Taschenmesser	[kani`vEt]	22.2	EA	S	utens. dom.
		[`onStEçsmEsa]	5.6	NF		
		[`onStEçsmEççe]	5.6	NF		
	(Baum)	[kaSo`rane]	5.6	EA	S	árvore
	Paddelboot	[ka`noo]	61.1	?	S	transporte
	Hauptstadt	[kapi`tall]	66.7	ET	S	org. pública
	bestehen	[kapri`Sire]	5.6	EP	V	limpeza
	(Frucht)	[`kagi]	88.9	EA	S	fruta
	(Obstbaum)	[`kagipom]	22.2	EP	S	árvore
	Glatzkopf	[ka`rEka]	38.9	ET	S	corpo hum.
carimbar	Stempel	[gam`bire]	5.6	EP	S	org. pública
		[karim`birt]	5.6	EP		
		[karim`piat]	5.6	EP		
		[karim`pire]	5.6	EP		
		[ka`rimbo]	27.8	ET		
		[ka`rimp]	5.6	EA		
forno	Braten	[`flajS im for`niNo]	5.6	EP	S	alimento
(da)	Hackfleisch	[fa`mOlt `flajS]	5.6	**	S	alimento
		[ge`mOldes `flajS]	16.7	**		
		[ge`mOlnes `flajS]	11.1	**		
		[ge`mOlt `flajS]	27.8	**		
		[ge`mOltnes `flajS]	11.1	**		
		[ki`sado]	5.6	EA		
		[`vOStfinzell]	16.7	?		

FRQ-Frequência | CL-Classe lexical | CG-Classe gramatical | Campo semânt.-Campo semântico | * - Dialeto | ** - Decalque

ES	ALEMÃO PADRÃO	ALEMÃO de LAGEADO ANTUNES	FRQ	CL	CG	Campo Semânt.
boizinho	Ochschen schlachten	[poi'ziNojçe 'Slaxte]	5.6	EP	E	vários
meiro	Zimmermann	[karpin'tero]	5.6	ET	S	profissão
		[te vu 'pawe tut]	5.6	NF		
		['pawmajsta]	77.8	NS		
	Wagen /Auto	['fOttsajç]	11.1	NF	S	transporte
		['kare]	44.4	NS		
	Leiterwagen	[voon]	94.4	NF	S	agricultura
		['vOhe]	5.6	NF		
a de motorista	Fuehrerschein	[kar'tera de moto'rista]	5.6	ET	S	transporte
		[kar'tera]	94.4	ET		
	Standesamt	[ge'riçt]	11.1	NS	S	org. pública
		[kar'tOrjo]	33.3	ET		
		[pajm Ju'is 'intron]	5.6	EP		
		[Srajve'raj]	11.1	NS		
		['Srajva]	16.7	NS		
	Ehepaar	[ka'zal]	44.4	ET	S	parentesco
	Klapperschlange	[kaska'vEl]	38.9	ET	S	cobra
tronco	Stamm	['kawle]	5.6	ET	S	árvore
		['tronko]	11.1	ET		
	Pferd	['kaw]	88.9	*	S	animal
na verde	Schnittlauch	['krinsçe]	16.7	NF	S	hortaliça
		['krins]	11.1	NF		
		['tsviwlekrins]	22.2	NF		
		['tsviwleSlode]	5.6	NF		
	Friedhof	[semi'tErjo]	16.7	ET	S	vários
	(Baum)	[se'reJe]	5.6	EA	S	árvore
de casamento	Trauschein	[re'Jistro de kaza'mento]	11.1	ET	S	org. pública
		[serti'daw de kaza'mento]	5.6	ET		
de nascimento	Geburtschein	[ge'riçtSajn]	11.1	NF	S	org. pública
		[re'Jistro de nasi'mento]	11.1	ET		
		[re'Jistro]	5.6	ET		
		[re'Sistro]	11.1	EA		
		[serti'daw de nasi'mento]	11.1	ET		
		['intrOxSajn]	11.1	NF		
de óbitos	Todesschein	['Obito]	16.7	ET	S	org. pública
	Tee	[Sa]	5.6	ET	S	bebida
	Kessel	[Sa'lera]	5.6	ET	S	utens. dom.
		['teekezell]	22.2	NS		
	Trockenfleisch	['Sarke]	5.6	ET	S	alimento
	Zigarre	[Sa'rude]	33.3	EA	S	cultura
		[Sa'rut]	50.0	EA		
	Chicoree*	[Si'kOrja]	5.6	ET	S	hortaliça
	(Getraenk)	[Sima'rog]	27.8	EA	S	bebida
		[tee]	66.7	NS		
	Pantoffel	['tseSlabe]	5.6	**	S	vestuário
		['tseSlepja]	5.6	**		
(vacas)	(Kuhname)	['Sita]	16.7	ET	S	onomástica
ce	Schokolade	[Soko'late]	27.8	ET	S	doce
	(Gemuese)	[Su'Su]	11.1	ET	S	hortaliça
		['SuJo]	5.6	EA		
		['SuJu]	77.8	EA		

FRQ-Freqüência | CL-Classe lexical | CG-Classe gramatical | Campo semânt.-Campo semântico | * - Dialeto | ** - Decalque

ES	ALEMÃO PADRÃO	ALEMÃO de LAGEADO ANTUNES	FRQ	CL	CG	Campo Semânt.
		[`SuSlabe]	5.6	EP		
	Schnuller	[Su`pEtçẽ]	33.3	EP	S	vários
		[Su`pEt]	38.9	EA		
	(Vogel)	[Su`pi]	16.7	ET	S	pássaro
	Spiessbraten	[So`raske]	16.7	EA	S	alimento
		[Su`raske]	38.9	EA		
		[Su`rasko]	5.6	ET		
	Sportschuh	[Su`tera]	50.0	ET	S	vestuário
	Dusche	[Su`vera]	5.6	EA	S	limpeza
		[Su`vere]	27.8	EA		
		[Su`verojçe]	5.6	EP		
		[Su`vero]	50.0	ET		
		[tuS]	5.6	EA		
	Narbe	[sika`triz]	5.6	ET	S	corpo hum.
		[`lentsajçe]	16.7	NF		
		[`lentsojçe]	22.2	NF		
		[`marge]	44.4	EA		
	Zigarette	[pa`piatsiga]	5.6	NF	S	cultura
		[`tsiga]	66.7	NF		
		[`tsikre]	27.8	NF		
	(selbstgewickelte Zigaretten)	[fum]	5.6	EA	S	cultura
		[pa`Lera]	5.6	ET		
		[pa`ljere]	5.6	EA		
		[tsikre fon pa`Lero]	5.6	EP		
		[`fumtsiga]	5.6	EP		
		[`kriole tsikre]	5.6	EP		
		[`kriole]	11.1	EA		
		[`miljeplEdatsiga]	5.6	EP		
		[`palja]	5.6	ET		
	Wimper	[`awehoajçal]	11.1	NF	S	corpo hum.
		[`awehoa]	61.1	NF		
		[`awetegelhoa]	5.6	NF		
		[`siljos]	5.6	ET		
	(Baum)	[sela`mon]	5.6	EA	S	árvore
	Mutterverein	[`klube de `majs]	5.6	ET	S	diversão
	Quark	[`kesSmia]	61.1	NF	S	alimento
	(Kase)Lab	[ko`aLo]	5.6	ET	S	comércio
	Decke	[kober`tor]	16.7	ET	S	vestuário
		[`tebiç]	22.2	NS		
	(Schlange)	[`krineSlange]	88.9	**	S	cobra
	einkassieren	[ko`brire]	77.8	EP	V	cultura
	Bettdecke	[kol`Sa]	11.1	ET	S	vestuário
	Matratze	[kol`Soŋ]	83.3	EA	S	vestuário
	Teeloeffel	[`klajn `lEfel]	11.1	NF	S	utens. dom.
		[`lEfelçe]	77.8	NF		
		[`tsugalEfel]	5.6	NF		
	Suppenloeffel	[`kroze `lEfel]	5.6	NF	S	utens. dom.
	Paprika (Gewuerz)	[kolo`ravo]	5.6	ET	S	hortaliça
		[kolo`rObe]	5.6	EA		
		[kolo`rOve]	16.7	EA		
	verwirren	[konfun`diat]	5.6	EP	V	vários
	Gefrierschrank	[konJela`dor]	16.7	ET	S	utens. dom.

FRQ-Frequência | CL-Classe lexical | CG-Classe gramatical | Campo semânt.-Campo semântico | * - Dialeto | ** - Decalque

S	ALEMÃO PADRÃO	ALEMÃO de LAGEADO ANTUNES	FRQ	CL	CG	Campo Semânt.
r	sich unterhalten	[fa'tsele]	33.3	NS	V	diversão
		[konver'sire]	5.6	EP		
iva	Genossenschaft	[kopera'tiva]	27.8	ET	S	cultura
		[kopera'tive]	11.1	EA		
		[kopra'tiva]	11.1	ET		
		[kopra'tive]	27.8	EA		
	Glas	[`k0po]	33.3	ET	S	utens. dom.
		[`trinkk10s]	5.6	NF		
(boi)	(Ochsenname)	[kora'son]	11.1	EA	S	onomástica
	Post	[ko'reja]	5.6	EA	S	org. pública
		[ko'reje]	5.6	EA		
		[ko'rejo]	5.6	ET		
		[ko'reo]	55.6	ET		
or	Vorhang	[kor'tinal]	38.9	ET	S	casa
	Blumenkohl	[kol]	5.6	NF	S	hortaliça
		[`kolkrawt]	5.6	NF		
		[`kowveflor]	5.6	ET		
		[`krawtkol]	5.6	NF		
bano	Kohlrabi	[`kowve ra'bano]	5.6	ET	S	hortaliça
ro	Koch	[kozi'Nero]	16.7	ET	S	profissão
		[`keçerin]	5.6	NF		
	Grasnelken	[`kr0splimca]	5.6	NF	S	flor
		[`kr0splume]	22.2	NF		
	Nelken	[`kravo]	27.8	ET	S	flor
	Firmulig	[`krisma]	11.1	ET	S	religião
	(Schlange)	[kru'zero]	16.7	ET	S	cobra
		[`krajtsSlange]	5.6	**		
orba	Unerhose	[ku'Eka]	5.6	ET	S	vestuário
		[`z0rba]	11.1	ET		
	(Kuerbnis)	[kuj]	100.0	EA	S	utens. dom.
	Nager	[`kudi]	11.1	EA	S	animal
	Dahlie	[pa'tadeplume]	27.8	EP	S	flor
	entscheiden	[desi'diat]	5.6	EP	V	vários
	Polizeikomissar	[dele'gado]	61.1	ET	S	org. pública
		[tele'kado]	16.7	EA		
		[tele'k0de]	5.6	EA		
	Speisekammer	[des'pens]	5.6	EA	S	casa
		[dis'pensal]	16.7	ET		
mães	Muttertag	[`dia das `majS]	5.6	ET	S	diversão
pais	Vatertag	[`dia dos `pajS]	5.6	ET	S	diversão
o pão)	Marmelade	[`mazesmia]	16.7	NF	S	alimento
		[`sisSmial]	27.8	NF		
		[`Smia]	55.6	NF		
leite	(Suesspeise)	[mu'mu `miliç]	5.6	EP	E	doce
		[`tose de `lejte]	5.6	EA		
	Gebaeck(e)	[tos]	61.1	EA	S	doce
		[`pudatosça]	11.1	EP		
		[`tosça]	11.1	EP		
		[`tosçe]	5.6	EP		
(p/ festa)	(Suessigkeit)	[do'siNo]	5.6	EP	S	doce
	Besitzer	[`dono]	22.2	ET	S	vários

FRQ-Frequência | CL-Classe lexical | CG-Classe gramatical | Campo semânt.-Campo semântico | * - Dialeto | ** - Decalque

ÊS	ALENÃO PADRÃO	ALENÃO de LAGEADO ANTUNES	FRQ	CL	CG	Campo Semant.
(boi)	(Ochsename)	[`hErerin]	5.6	NF		
	Hochwasser	[do`rado]	11.1	ET	S	onomástica
		[enk`sende]	16.7	EA	S	geografia
		[enSu`rada]	5.6	ET		
		[en`Sente]	16.7	ET		
		[`ivavaza]	5.6	NF		
		[`krOsvaza]	16.7	NF		
	putzen	[enfaj`tire]	5.6	EP	V	limpeza
	Krankenpfleger	[enfer`mera]	33.3	ET	S	profissão
		[enfer`mere]	11.1	EA		
		[enfer`mero]	44.4	ET		
	Walze	[`tsukrapres]	11.1	NF	S	agricultura
		[`tsukrawalz]	22.2	NF		
	Umschlag	[enve`lOpe]	11.1	ET	S	org. pública
		[enve`lOp]	16.7	EA		
		[kow`vEt]	61.1	*		
		[`prifkovEt]	11.1	NF		
	(Tee)	[`Erva]	55.6	ET	S	comércio
	Erbсен	[er`vila]	16.7	ET	S	hortaliça
		[er`vile]	5.6	EA		
	Bestizschein	[`lantpapire]	100.0	NF	S	org. pública
	schrubben	[`awfSOjre]	5.6	NS	V	limpeza
		[`ufputse]	11.1	NS		
		[`ufSajre]	11.1	NS		
		[`ufweSe]	5.6	NS		
	Ausguss	[es`gotolox]	5.6	EP	S	limpeza
		[es`goto]	50.0	ET		
	Bratspiess	[es`peto]	44.4	ET	S	utens. dom.
		[So`raskeSpis]	5.6	EP		
		[So`raskeStege]	5.6	EP		
		[Su`raskeStege]	11.1	EP		
		[`Spede]	5.6	EA		
		[`SpisStega]	5.6	NF		
		[`Stege]	11.1	NS		
	Maiskolben	[`miljekolve]	44.4	EP	S	agricultura
	Spinat	[espi`nafre]	27.8	ET	S	hortaliça
		[Spi`nafre]	5.6	EA		
	in Ordnung sein	[in`dia is]	11.1	EP	E	transporte
	(Kuhname)	[es`trela]	16.7	ET	S	onomástica
	Schlachmesser	[`flajSmEsa]	11.1	NF	S	utens. dom.
		[`krosmEsa]	11.1	NF		
		[`mEsa]	5.6	NF		
	Brotmesser	[`krosmEsa]	5.6	NF	S	utens. dom.
		[`mEsa]	11.1	NF		
	Buschmesser	[fa`kon]	100.0	EA	S	agricultura
	(Ochsename)	[fa`sero]	27.8	ET	S	onomástica
	Maismehl	[`miljewel]	5.6	EP	S	vários
	Apotheker	[farma`sewtika]	11.1	ET	S	profissão
		[farma`sewtiko]	61.1	ET		
		[far`wasja]	11.1	ET		
	Backpulver	[fer`mento]	5.6	ET	S	comercio
		[roj`all]	16.7	ET		

FRQ-Freqüência | CL-Classe lexical | CG-Classe gramatical | Campo semant.-Campo semântico | * - Dialeto | ** - Decalque

S	ALEMÃO PADRÃO	ALEMÃO de LAGEADO ANTUNES	FRQ	CL	CG	Campo Semânt.
	Schlosser /Schmied	[fe`rero] [`Smidewajsta]	27.8 5.6	ET NF	S	profissão
	Bluehe	[`plinça] [`plume]	11.1 27.8	NF NS	S	árvore
	Herd	[`holtsofe] [`kOxofe] [`ofe]	11.1 61.1 27.8	** NF NS	S	utens. dom.
gás	Gasherd	[fo`gog a gas] [fo`kog a gas]	5.6 5.6	EA EA	S	utens. dom.
s	Blattpflanze	[fo`LaJens] [`plEdaStEk]	5.6 50.0	ET NF	S	flor
e fogão)	Mistgabel	[`SpiskOvel]	11.1	NF	S	agricultura
(vaca)	Backofen	[for`niNo]	88.9	ET	S	utens. dom.
	(Kuhname)	[for`tuna]	5.6	ET	S	onomástica
	Streichhoelzer	[`fiksfaja] [`fosfaja] [`fosfa]	11.1 38.9 50.0	* EP EP	S	utens. dom.
	Grube	[lox] [`fOsa]	16.7 16.7	NS ET	S	limpeza
	Kissenbezug	[`ivatsigelçel] [`ivatsigel] [`ivatsuxçel] [`kOpivatsigel] [`kOpivatsux] [`uftsux]	5.6 16.7 5.6 5.6 5.6 11.1	NF NF NF NF NF NS	S	vestuário
	Raucher	[fu`mante] [`ene vo`tsiga`rawxt] [`rawkman]	33.3 5.6 11.1	ET NF NF	S	cultura
	Aeste	[`gaLos]	5.6	ET	S	árvore
s)	Huhn("e)	[`hingel] [`higkle]	50.0 38.9	* *	S	animal
a	(Gericht)	[kali`NOde]	72.2	EA	S	alimento
	Beutelratte	[`Stingtia]	16.7	NF	S	animal
	Spruehregen	[ga`roa] [`fuzelveda] [`fuzel] [`nebelregen] [`sudel]	5.6 5.6 22.2 5.6 61.1	ET NS NS NF NS	S	geografia
	Benzin	[kazo`line] [kazo`lin]	94.4 5.6	EA EA	S	transporte
	Limonade	[ka`soze]	5.6	EA	S	bebida
mato	Tigerkatze	[`gato do`mato]	5.6	ET	S	animal
(boi)	(Ochsenname)	[ka`uS]	11.1	EA	S	onomástica
a	Kuehlschrank	[Jela`dera] [`ajsSragk]	61.1 38.9	ET NF	S	utens. dom.
	Gelatine	[Jela`tina]	16.7	ET	S	doce
	Gelee	[Je`lEja]	16.7	ET	S	doce
(boi)	(Ochsenname)	[Si`kant]	5.6	EA	S	onomástica
	Gloxinie*	[klok`siNe]	11.1	EA	S	flor
	Guave*	[go`jaba] [go`jabe]	5.6 5.6	ET EA	S	fruta

FRQ-Frequência | CL-Classe lexical | CG-Classe gramatical | Campo semânt.-Campo semântico | * - Dialeto | ** - Decalque

ES	ALEMÃO PADRÃO	ALEMÃO de LAGEADO ANTUNES	FRQ	CL	CG	Campo Semânt.
		[go`j0be]	5.6	EA		
		[go`j0ve]	5.6	EA		
		[gu`jaba]	11.1	ET		
		[gu`j0p]	5.6	EA		
		[gu`j0ve]	16.7	EA		
		[ko`j0ve]	5.6	EA		
		[ku`jabe]	5.6	EA		
		[ku`j0be]	16.7	EA		
		[ku`j0ve]	5.6	EA		
or	(Oberhaupt eines Bundesland)	[governa`dor]	77.8	ET	S	org. pública
		[go`verno]	5.6	ET		
		[presi`dente]	5.6	ET		
		[`St0tspresident]	5.6	NF		
	regieren	[gover`nire]	33.3	EP	V	org. pública
		[`Sige]	5.6	NS		
	(Vogel)	[`kraja]	22.2	EA	S	pássaro
) de cabelo	Haarklammer(n)	[`krampos]	5.6	EA	S	vestuário
) de roupa	Waescheklammer(n)	[`krampojça]	5.6	EP	S	limpeza
		[`krampo]	27.8	EA		
anha	(Baum)	[`krapja]	27.8	EA	S	árvore
	Schwanger	[ges`tante]	5.6	ET	S	vários
		[`gravida]	77.8	ET		
	Grille	[`krilo]	5.6	EA	S	animal
	(Baum)	[`SvatshEts]	16.7	NF	S	árvore
	(Hundname)	[kwa`ra`ni]	5.6	EA	S	onomástica
	(Tier)	[kraJa`i]	5.6	EA	S	animal
		[kraSa`i]	11.1	EA		
po(s)	Mundtuch("er)	[gwarda`napojça]	5.6	EP	S	vestuário
		[gwarda`napo]	38.9	ET		
		[kwarda`nabe]	5.6	EA		
		[kwarda`napo]	11.1	EA		
	(Hundname)	[kwardi`on]	11.1	EA	S	onomástica
	(Baum)	[kwata`bu]	5.6	EA	S	árvore
	Lenkstange	[ki`don]	11.1	EA	S	transporte
		[ki`ton]	22.2	EA		
	stoeren	[inkomo`dire]	5.6	EP	V	vários
	zum Kultus gehen	[in de`kulto ken]	11.1	EP	E	diversão
	spazieren gehen	[`m0je ken]	72.2	?	E	diversão
	(Frucht)	[Sabuti`kaba]	5.6	EA	S	fruta
	(Obstbaum)	[Jabuti`kavapom]	11.1	EP	S	árvore
	Alligator	[Jaka`rE]	22.2	ET	S	animal
		[Saga`rE]	5.6	EA		
		[Saka`rE]	66.7	EA		
	Abendessen	[`eze]	5.6	NF	S	cultura
		[`Janta]	5.6	ET		
	Mantel	[Sa`pona]	5.6	EA	S	vestuário
(s)	(Schlange)	[Sa`rage]	50.0	EA	S	cobra
		[Sa`rake]	5.6	EA		
		[Sa`rak]	27.8	EA		
	(Blumen)Garten	[Jar`di]	27.8	ET	S	flor
	Kanne	[`Jara]	22.2	ET	S	utens. dom.
		[`Sara]	55.6	EA		

FRQ-Frequência | CL-Classe lexical | CG-Classe gramatical | Campo semânt.-Campo semântico | * - Dialeto | ** - Decalque

	ALEMÃO PADRÃO	ALEMÃO de LAGEADO ANTUNES	FRQ	CL	CG	Campo Semânt.
		[ˈSaro]	5.6	EA		
		[ˈvʊze]	5.6	NS		
barro	(Vogel)	[ˈtrekpawa]	16.7	NF	S	pássaro
cha	(Kegelspiel)	[ˈpotSe ken]	16.7	EP	E	diversão
la	Ball spielen	[te ˈpʊla no ken]	5.6	EP	E	diversão
		[ˈpʊla ˈSpile]	44.4	EP		
lãozinho	(Kegelspiel)	[poloŋ ˈsiNo ˈSpile]	5.6	EP	E	diversão
	Richter	[Ju ˈis]	38.9	ET	S	org. pública
		[Su ˈis]	55.6	EA		
s)	Eidechse(n)	[la ˈkade]	33.3	EA	S	animal
		[la ˈkat]	66.7	EA		
	See	[la ˈgoa]	38.9	ET	S	geografia
		[la ˈgoo]	50.0	EA		
	Motorboot	[ˈlanSa]	5.6	ET	S	transporte
		[ˈlanS]	16.7	EA		
s)	Apfelsine(n)	[la ˈranJe]	5.6	EA	S	fruta
		[ranS]	27.8	EA		
		[ˈranJe]	66.7	EA		
ra	Apfelsinenbaum	[ˈranJepawm]	16.7	EP	S	árvore
		[ˈranJepom]	72.2	EP		
		[ˈranJestʊk]	5.6	EP		
	Lasagne*	[la ˈsaNa]	11.1	ET	S	alimento
mantimento)	Dose	[ˈplastikoplEça]	5.6	EP	S	utens. dom.
		[ˈplEça]	22.2	NS		
		[ˈplEç]	5.6	NS		
		[ˈSogo de ˈlata]	5.6	EA		
		[ˈSogoplEça]	55.6	EP		
lixo	Muelleimer	[li ˈSerʊ]	55.6	ET	S	limpeza
		[ˈliSajmçe]	5.6	EP		
		[ˈliSa]	5.6	EA		
		[ˈliSoemajçe]	5.6	EP		
		[ˈliSoemal]	5.6	EP		
		[ˈliSolox]	5.6	EP		
		[ˈliSo]	11.1	ET		
	pflugen	[ˈtsakre]	100.0	*	V	agricultura
	Loewe	[le ˈoŋ]	5.6	EA	S	animal
	Milchtopf	[ˈkʊxa]	16.7	?	S	utens. dom.
		[ˈmiliçkʊxa]	66.7	?		
		[ˈmiliçtibe]	5.6	NF		
	Bettlaken	[len ˈsʊl]	5.6	ET	S	vestuário
	Limette(n)*	[lim]	5.6	EA	S	fruta
		[ˈlime]	27.8	EA		
icador	Mixer	[lidifika ˈdor]	5.6	ET	S	utens. dom.
		[lidikifika ˈdor]	5.6	ET		
		[likidifika ˈdor]	22.2	ET		
		[likifika ˈdor]	38.9	ET		
		[likwidifika ˈdor]	5.6	ET		
		[likwifika ˈdor]	5.6	ET		
	Liste	[ta ˈbEla]	5.6	ET	S	comércio
		[to ˈma ˈnʊta]	5.6	ET		
		[ˈlista]	22.2	ET		
b)	(Hundname)	[ˈlobo]	11.1	ET	S	onomástica

FRQ-Freqüência | CL-Classe lexical | CG-Classe gramatical | Campo semânt.-Campo semântico | * - Dialeto | ** - Decalque

ÊS	ALEMÃO PADRÃO	ALEMÃO de LAGEADO ANTUNES	FRQ	CL	CG	Campo Semânt.
comércio	Geschaeft	[ko'mErz]	5.6	EA	S	comércio
		[`lOJa]	72.2	ET		
(cão)	(Hundname)	[`lulu]	16.7	ET	S	onomástica
(s)	Affe(n)	[ma'kage]	5.6	EA	S	animal
		[ma'kak]	5.6	EA		
	(Waldvogel)	[ma'kuk]	5.6	EA	S	pássaro
	Fatin	[got]	83.3	*	S	parentesco
		[kot]	11.1	*		
		[ma'driKa]	5.6	ET		
	Mayonnaise*	[majo'nEze]	5.6	ET	S	alimento
	Maisstaerke	[maj'zena]	11.1	ET	S	comércio
	Koffer	[`mala]	55.6	ET	S	vários
		[`male]	22.2	EA		
		[`mOla]	5.6	EA		
(es)	Papaya(yen)	[ma'mone]	22.2	EA	S	fruta
		[ma'moŋ]	61.1	EA		
	Handioka*	[mandi'Okal]	5.6	ET	S	alimento
		[ma'njOk]	88.9	EA		
	(Suessigkeit)	[mando'lat]	5.6	EA	S	doce
	Mango(nen)*	[`manga]	5.6	ET	S	fruta
		[`mankre]	5.6	EA		
	Flegel	[`awsklobat]	5.6	NS	S	agricultura
		[`klobat]	5.6	NS		
de plantar	Pflanzmaschine	[`miljemaSin]	16.7	EP	S	agricultura
iro	Tischler / Schreiner	[mar'senero]	16.7	ET	S	profissão
		[`Stelmawa]	11.1	NS		
		[`tsimaman]	5.6	NS		
	(Baum)	[mar'fi]	16.7	ET	S	árvore
da	Margarite	[marga'rida]	50.0	ET	S	flor
	Ente	[ma'rEkce]	5.6	EP	S	animal
		[ma'rEk]	50.0	EA		
	(Getraenk)	[mat]	5.6	EA	S	bebida
		[`size tee]	5.6	NS		
	Mechaniker	[me'kanika]	5.6	ET	S	profissão
		[me'kaniko]	83.3	ET		
	Arzt	[`tOkta]	94.4	NS	S	profissão
	Strumpf	[meja]	5.6	ET	S	vestuário
	Sirup	[me'lado]	5.6	ET	S	doce
	Wassermelone	[me'lon]	55.6	NF	S	fruta
		[me'lon]	44.4	NF		
	Melone	[me'lon]	11.1	EA	S	fruta
	Mais	[`milje]	100.0	EA	S	agricultura
ozido	gekochte Mais	[ge'kOxte `milje]	5.6	EP	S	alimento
erde	gruene Mais	[`milo `verde]	5.6	ET	S	alimento
(vaca)	(Kuhname)	[mi'mOza]	11.1	ET	S	onomástica
(vaca)	(Kuhname)	[mi'neral]	5.6	ET	S	onomástica
(boi)	(Ochsenname)	[mi'nero]	50.0	ET	S	onomástica
r	mischen	[mistu'rire]	5.6	EP	V	alimento
(boi)	(Ochsenname)	[mu'lEk]	5.6	EA	S	onomástica
(s)	(Kuerbis)	[mo'range]	5.6	EA	S	hortaliça
		[mo'rangojça]	5.6	EP		

: FRQ-Frequência | CL-Classe lexical | CG-Classe gramatical | Campo semânt.-Campo semântico | * - Dialeto | ** - Decalque

FRASAS	ALEMÃO PADRÃO	ALEMÃO de LAGEADO ANTUNES	FRQ	CL	CG	Campo Semânt
		[mo`rango]	11.1	ET		
dela	(Wurst)	[morta`dEla]	5.6	ET	S	alimento
lento(s)	Huecke(n)	[mos`kide]	88.9	EA	S	animal
		[mos`kitçe]	5.6	EP		
		[mos`kito]	5.6	ET		
esta de caminhão	Motorrad	[`mOto]	88.9	ET	S	transporte
	Kraftfahrer	[kaniNo`nero]	22.2	ET	S	profissão
		[moto`rista]	38.9	ET		
		[moto`rist]	16.7	EA		
		[So`fEa]	22.2	EA		
esta de ônibus	Fahrer	[moto`rista]	44.4	ET	S	profissão
		[moto`rist]	11.1	EA		
		[So`fEa]	22.2	EA		
		[`onibusSo`fEa]	11.1	EA		
	Mauleselin	[`mulça]	5.6	EP	S	animal
		[`mule]	66.7	EA		
	Ruebe	[`nabojça]	5.6	EP	S	hortaliça
		[`nabo]	5.6	ET		
dos	Verliebten	[namo`rados]	72.2	ET	S	parentesco
	Schiff	[na`viu]	11.1	ET	S	transporte
ina	(Frucht)	[nakta`rine]	11.1	EA	S	fruta
		[nekta`rina]	5.6	ET		
ha (vaca)	(Kuhname)	[ne`kriNa]	22.2	ET	S	onomástica
	Braut	[`nojva]	50.0	ET	S	parentesco
	Braeutigan	[`nojvo]	50.0	ET	S	parentesco
a mecânica	Werkstatt	[we`kaniko]	27.8	ET	S	transporte
		[ofi`sina]	72.2	ET		
	Jaguar	[`onsa]	5.6	ET	S	animal
	Omnibus / Bus	[`liNe]	5.6	EA	S	transporte
		[`onibus]	83.3	ET		
pa	Orchideen	[or`kidja]	5.6	ET	S	flor
ba (vaca)	(Kuhname)	[os`kiNa]	11.1	ET	S	onomástica
		[os`kiNe]	5.6	EA		
	Schaufel	[pa`ziNa]	5.6	ET	S	limpeza
		[`Sebajçe]	5.6	NS		
	Nagetier	[pak]	5.6	EA	S	animal
	Baecker	[pa`dero]	50.0	ET	S	profissão
	Stiefvater	[pa`drasto]	38.9	ET	S	parentesco
		[`fleçfada]	5.6	NS		
	Pate	[pa`driNo]	5.6	ET	S	parentesco
posto	Steuer zahlen	[im`posto be`tsOlt]	5.6	EP	E	transporte
	Scheune	[`miljehit]	50.0	EP	S	agricultura
	Topf	[alu`minjotipçe]	5.6	EP	S	utens. dom.
		[`kOxtibe]	5.6	NF		
		[`rajstipçe]	5.6	NF		
		[`tibe]	77.8	*		
louça	Geschirrtuch	[ge`Sirlumbe]	5.6	NF	S	limpeza
		[`abutslumbe]	5.6	NF		
		[`aptrikla]	11.1	NF		
		[`aptrokenslumbe]	5.6	NF		
		[`aptrokna]	27.8	NF		
		[`aptrukna]	5.6	NF		

FRQ-Frequência | CL-Classe lexical | CG-Classe gramatical | Campo semânt.-Campo semântico | * - Dialeto | ** - Decalque

ES	ALENÃO PADRÃO	ALENÃO de LAGEADO ANTUNES	FRQ	CL	CG	Campo Semânt.
		[`aputs unbe]	16.7	NF		
		[`lumbe]	22.2	NS		
doce	Brot mit Marmelade	[`prot\$wia]	5.6	NF	E	alimento
sa	Windschutzscheibe	[para`briza]	61.1	ET	S	transporte
		[para`brize]	11.1	EA		
		[para`prize]	5.6	EA		
que	Stosstange	[kwarta`Sok]	5.6	EA	S	transporte
		[para`SOk]	16.7	ET		
		[para`SOk]	66.7	EA		
	Verwandte	[pa`rende]	66.7	EA	S	parentesco
		[pa`rentaJem]	5.6	ET		
		[pa`rente]	5.6	ET		
		[pa`rentSaft]	5.6	EP		
		[pa`rent]	5.6	EA		
a	Hebamme	[par`tera]	33.3	ET	S	profissão
par	teilnehmen	[partisi`pire]	5.6	EP	V	diversão
iro(s)	Fahrgast("e)	[pasa`Jere]	16.7	EA	S	transporte
		[pasa`Jeros]	11.1	ET		
		[pasa`Jero]	16.7	ET		
		[pasa`Sere]	27.8	EA		
	Pastete	[pas`tE]	16.7	ET	S	alimento
	(Ente)	[patçe]	5.6	EP	S	animal
		[pat]	50.0	EA		
		[`patriç]	16.7	EP		
abra	Geissfuss	[ka`pridefus]	38.9	EP	S	agricultura
		[`refus]	16.7	NF		
bleque	(Erdnusspeise)	[`pE de mo`lEke]	16.7	ET	S	doce
		[`pE de mo`lEk]	66.7	EA		
	Suende	[pe`kado]	16.7	ET	S	religião
	Maurer	[pe`drero]	33.3	ET	S	profissão
		[`pawmajsta]	5.6	NS		
	Gurke	[`kumre]	100.0	*	S	hortaliça
	Birne	[`pera]	5.6	ET	S	fruta
	verzeihen	[perdo`ire]	5.6	EP	V	religião
	(Hundname)	[pe`ri]	5.6	ET	S	onomástica
	(Papegei)	[piri`kide]	16.7	EA	S	pássaro
		[piri`kito]	5.6	ET		
		[piri`kit]	5.6	EA		
	Truthahn	[pe`ru]	5.6	ET	S	animal
	Pfirsich	[`pEJe]	50.0	*	S	fruta
		[`pES]	38.9	*		
	Spuelbecken	[pia]	100.0	ET	S	limpeza
	stechen	[`pige]	27.8	EA	V	vários
	Eis (an Stiel)	[piko`lEjçe]	5.6	EP	S	te
		[piko`lE]	88.9	ET		
	Paprika	[pimen`ton]	16.7	EA	S	hortaliça
		[pi`menta]	5.6	ET		
		[`pefapEa]	5.6	NF		
		[`pefaSode]	11.1	NF		
		[`pefa]	27.8	NS		
	Piniebaum	[pi`Nero]	5.6	ET	S	árvore
(vaca)	(Kuhname)	[pin`tada]	11.1	ET	S	onomástica

FRQ-Frequência | CL-Classe lexical | CG-Classe gramatical | Campo semânt.-Campo semântico | * - Dialeto | ** - Decalque

ES	ALEMÃO PADRÃO	ALEMÃO de LAGEADO ANTUNES	FRQ	CL	CG	Campo Semânt.
(boi)	(Ochsenname) Untertasse	[pin'tado] [ˈkafɪlɛtʃə] [ˈplɛtʃə] [ˈsɪspɪɛtʃə] [ˈsɪstɛlaɪtʃə] [ˈsɪstʊsʃə] [ˈtɛlaɪtʃə]	5.6 5.6 38.9 5.6 5.6 5.6	ET NF NS NF NF NF		onomástica utens. dom.
	Pizza* Polenta* Polizei	[ˈpitsa] [po'lɛnda] [po'lisja] [po'lis] [po'lize]	11.1 27.8 27.8 11.1 55.6	ET EA ET EA ET	S S S	alimento alimento org. pública
a, sofá	Sessel, Sofa	[pol'trona] [so'fa]	66.7 33.3	ET ET	S	casa
la, bagageiro	Kofferraum	[kwarda'mala] [paga'Jerojʃə] [paga'Sero] [pOrta'mala]	16.7 5.6 5.6 55.6	EA EP EA ET	S	transporte
o	Weide	[po'trɛa]	100.0	EA	S	agricultura
o	Bürgermeister	[pre'fejto] [pre'fejʃt] [pre'fɛkt]	44.4 16.7 38.9	ET EA EA	S	org. pública
r	zubereiten	[prepa'rɪrɛ]	5.6	EP	V	alimento
(vaca)	(Kuhname) Kusine	[ˈprɛta] [ˈprima] [ˈprɪmɛ]	11.1 66.7 27.8	ET ET EA	S S	onomástica parentesco
a comunhão	Erste Kommunion Vetter	[pri'nera kowu'Noŋ] [ˈprima] [ˈprɪmɛ] [ˈprɪmo]	16.7 5.6 27.8 66.7	EA EA EA ET	S S	religião parentesco
ão	Prozession	[prosi'soŋ]	11.1	EA	S	religião
r	Staatsanwalt	[promo'tor]	66.7	ET	S	org. pública
, chapa	Gebiss	[dɛnta'dura] [ˈSabe]	5.6 94.4	ET EA	S	corpo hum.
	Pudding	[pu'di] [pu'ti]	16.7 27.8	ET EA	S	doce
lástico	(Spielzeug) Bild Nasenbaer (Fressen) (Gemuese) Wurzel	[e'lastiko'huptsɛ] [ˈkwadro] [ˈkwadi] [ki'rɛla] [ra'ditʃɛ] [ra'iz]	5.6 5.6 11.1 5.6 11.1 5.6	EP ET EA ET ET ET	E	diversão casa animal vários hortaliça árvore
a	(Erdnusspeise)	[rapa'dura] [rape'durɛ] [rapi'durɛ]	5.6 61.1 33.3	ET EA EA	S	doce
	bekommen	[resɛ'bɪrɛ]	5.6	EP	V	diversão
visita	Besuch bekommen	[ˈmɔj krɪn]	11.1	?	E	diversão
bolo	Kuchen fuellen Fuellung	[ˈpolo rɛ'Sɪrɛ] [rɛ'Sɛjɔ]	5.6 5.6	EP ET	E S	doce doce
o	Erfrischung	[rɛ'fresko]	5.6	ET	S	bebida
rante	Erfrischung	[refriʃɛ'rante]	11.1	ET	S	bebida

: FRQ-Frequência | CL-Classe lexical | CG-Classe gramatical | Campo semânt.-Campo semântico | * - Dialeto | ** - Decalque

	ALEMÃO PADRÃO	ALEMÃO de LAGEADO ANTUNES	FRQ	CL	CG	Campo Semânt.
sinalização	Heilmittel	[re`mEdjo]	5.6	ET	S	vários
	Kohl	[`krawt]	94.4	NS	S	hortaliça
	Verkehrszeichen achten	[sinaliza`soŋ respelj`tire]	5.6	EP	E	transporte
	sich treffen	[rew`nire]	5.6	EP	V	diversão
	Fluss	[rio]	72.2	ET	S	geografia
polvilho	Feld / Acker	[plan`tos]	16.7	?	S	agricultura
	roden	[`puJe]	11.1	EA		
	(Gebäck)	[`roske]	100.0	NF	V	agricultura
	(Gemuese)	[`rukla]	55.6	EA	S	alimento
		[`rukula]	5.6	ET	S	hortaliça
pó, rinso		[`rukule]	5.6	EA		
	Seifenpulver	[`rinso]	38.9	ET	S	limpeza
	Toilettenseife	[sabo`nete]	5.6	ET	S	limpeza
		[sabo`net]	27.8	EA		
		[`riçsajf]	27.8	NF		
frutas	wohzimmer	[`sala]	44.4	ET	S	casa
		[`saliNa]	11.1	ET		
		[`selçe]	16.7	NS		
		[`sola]	5.6	EA		
	Obstsalat	[`sissalat]	5.6	NF	E	alimento
(Kuhname)		[`sisSlitsçal]	5.6	NF		
	(Ochsenname)	[sa`line]	5.6	EA	S	onomástica
		[sa`line]	5.6	EA	S	onomástica
		[sa`lino]	5.6	ET		
	Petersilie	[`salsa]	11.1	ET	S	hortaliça
Salbei		[`sabja]	5.6	ET	S	hortaliça
	Farnpflanze	[sawam`bajajçe]	5.6	EP	S	flor
		[sawam`baja]	55.6	ET		
	Sandale	[san`dalja]	11.1	ET	S	vestuário
		[`ufneSutsajç]	5.6	NF		
Sangria*		[sanga`ri]	33.3	NS	S	bebida
	Schuster	[sapa`tero]	27.8	ET	S	profissão
	Schuh	[`tsuneSutsajç]	5.6	NF	S	vestuário
	Sommersprossen	[`flEge]	11.1	NS	S	corpo hum.
		[`somaflEge]	44.4	NF		
regras		[`somaflEkça]	11.1	NF		
		[`somaPlage]	11.1	NF		
		[`somaSprikle]	16.7	NF		
	Die Regeln folgen	[te`rEgra no ken]	5.6	EP	E	transporte
	Brust	[`pejto]	5.6	ET	S	corpo hum.
Briefmarke(n)		[`sejos]	16.7	ET		
		[`seles]	5.6	EA	S	org. pública
		[`selojçe]	5.6	EP		
		[`selos]	27.8	ET		
		[`selo]	61.1	ET		
ha	(kurze Hose)	[`sOrts]	5.6	ET	S	vestuário
	(Hose fuer Damen)	[es`lake]	16.7	ET	S	vestuário
	Augenbraue	[sobran`seja]	5.6	ET	S	corpo hum.
		[sobran`seLa]	27.8	ET		
		[sombra`seLa]	5.6	ET		

FRQ-Freqüência | CL-Classe lexical | CG-Classe gramatical | Campo semânt.-Campo semântico | * - Dialeto | ** - Decalque

ES	ALEMÃO PADRÃO	ALEMÃO de LAGEADO ANTUNES	FRQ	CL	CG	Campo Semânt.
		[`awehoa]	50.0	NF		
sa	Nachtisch	[sis]	83.3	NS	S	alimento
sa com leite	Nachtisch mit Milch	[`miliçsis]	50.0	NF	E	alimento
	Nichte	[so`briNa]	66.7	ET	S	parentesco
		[so`briNe]	16.7	EA		
	Neffe	[so`briNe]	22.2	EA	S	parentesco
		[so`briNo]	77.8	ET		
	Soja*	[`pone]	5.6	NS	S	agricultura
		[`soJapone]	44.4	EP		
		[`soJe]	50.0	EA		
	Eiscreme	[ser`vet]	11.1	EA	S	doce
		[sor`vete]	44.4	ET		
		[sor`vet]	33.3	EA		
	Saft	[pri]	16.7	NS	S	bebida
		[`suko]	44.4	ET		
bergamota	Bergamottensaft	[perga`mOdepri]	33.3	EP	S	bebida
frutas	Obstsaft	[`suko fon obst]	5.6	EP	S	bebida
laranja	Apfelsinesaft	[la`ranJesaft]	5.6	EP	S	bebida
		[`ranJepri]	77.8	EP		
		[`suko de la`ranJa]	5.6	ET		
limão	Zitronensaft	[`suko de li`mon]	16.7	EA	S	bebida
uva	Traubensaft	[`suko de `uva]	5.6	ET	S	bebida
cado	Supermarkt	[mer`kado]	55.6	ET	S	comércio
		[supermer`kado]	5.6	ET		
	(Kochtopf)	[ka`loŋ]	5.6	EA	S	agricultura
		[pane`loŋ]	16.7	EA		
		[pan]	22.2	NS		
		[taS]	5.6	EA		
		[to`nE1]	5.6	ET		
		[`sawfenskump]	5.6	NF		
		[`sawfenstaS]	5.6	EP		
		[`sawfetibe]	5.6	NF		
		[`taSo]	5.6	ET		
	Waschtrog	[kump]	55.6	NS	S	limpeza
		[`tanke]	11.1	ET		
		[`veSkump]	16.7	NF		
	Teppich	[ta`pete]	94.4	ET	S	casa
	Guerteltier	[`tadu]	16.7	EA	S	animal
	Auf Wiedersehen	[a`dews]	5.6	ET	S	cultura
		[`tSaw]	22.2	ET		

ES	ALEMÃO PADRÃO	ALEMÃO de LAGEADO ANTUNES	FRQ	CL	CG	Campo Semânt.
co(s)	Piepmatz(e)	[ˈtigitige] [ˈtigitikça] [ˈtikotikça] [ˈtikotiko] [ˈtikotik]	5.6 5.6 11.1 5.6 11.1	EA EP EP ET EA	S	pássaro
a	(Baum)	[tempaˈuva] [tempaˈuve]	5.6 5.6	EA EA	S	árvore
de banho	Badetuch	[ˈlumbe] [ˈpɔtlumbe]	5.6 5.6	NS NF	S	vestuário
de rosto	Handtuch	[ˈhɔtlumbe] [ˈlumbe]	5.6 5.6	NF NF	S	vestuário
declado chamarão	Klaviatur spielen chamarão* trinken	[teˈklado ˈspile] [ˈSimaˈrog ˈtringe] [tee ˈtringe]	5.6 11.1 27.8	EP EP NS	E E	diversão diversão
a	Wasserhahn	[torˈnera] [ˈkrɔne]	11.1 83.3	ET *	S	limpeza
o	Griebe	[ˈkrivekuxe] [ˈkrive]	11.1 5.6	NF NF	S	alimento
ão)	(Hundname)	[toˈtɔ]	16.7	ET	S	onomástica
ar	arbeiten	[ˈʃafe]	38.9	NS	V	vários
a	Platte	[panˈdeJa] [panˈdeS] [ˈlenliç ˈSizel]	5.6 11.1 5.6	EA EA NS	S	utens. dom.
rias	(Blume) tauschen	[tresmaˈrial] [ˈhantle] [ˈtroge] [ˈumhantle] [ˈumtroge] [ˈumtruge]	5.6 5.6 11.1 11.1 27.8 27.8	ET NS EA NF EP EP	S V	flor comércio
	Kleingeld	[ˈtrok] [ˈtruk]	77.8 22.2	EA EA	S	comércio
	(Vogel)	[ˈpefafejçel]	16.7	NF	S	pássaro
	Aasgeier	[ˈotsfoxel]	100.0	*	S	pássaro
	(Schlange)	[uruˈtu]	50.0	ET	S	cobra
	Gebaermutter	[panz] [ˈmudaʃos] [ˈmuda] [ˈutero]	11.1 5.6 44.4 16.7	* ** NF ET	S	corpo hum.
	Kuh	[ˈvaka]	5.6	ET	S	animal
	Stangenbohne	[fejˈJoŋ de ˈvaJe] [ˈStEgepone] [ˈsubepone]	5.6 72.2 5.6	EA NF NF	S	hortaliça
	Tal	[pajˈʃɔde] [ˈepnunk] [ˈeve] [ˈplajno] [ˈvɔJe]	5.6 16.7 5.6 5.6 5.6	EA NS NS ET EA	S	geografia
	Waescheleine	[fjo] [ˈtro] [ˈtsawn] [ˈveStrot]	11.1 66.7 11.1 11.1	ET NS NS NF	S	limpeza

FRQ-Freqüência | CL-Classe lexical | CG-Classe gramatical | Campo semânt.-Campo semântico | * - Dialeto | ** - Decalque

Lageado Antunes: Colonização Alemã

LUCIMAR HOFMANN e JACKELINE BRUM BARCELLOS GAY - Alunas do 6º período de Letras da Funesp - Pato Branco.

Distante quinze quilômetros da sede do município de São Lourenço d'Oeste, na direção de Campo Erê, encontra-se um povoado de colonização alemã, onde antigamente haviam enormes e belos jardins em frente a todas as casas. Com poucas exceções, os jardins desapareceram, talvez um sinal dos tempos difíceis que cruzam os agricultores de hoje. Nessa comunidade, Lageado Antunes, situamos nossa pesquisa de campo que, em princípio, devia restringir-se à dialetologia, mas que, em seu desenvolvimento, aguçou-nos o interesse pela história e cultura da região.

Em 1950, ali morava apenas a família Antunes, que deu nome ao lugar. Alguns anos depois chegou o primeiro colonizador de origem alemã: Arceno Kühn, que ali reside ainda nos dias atuais. Com ele, a imigração alemã foi aos poucos acentuando-se, proveniente do Estado do Rio Grande do Sul, sobretudo dos municípios de Crissiumal, Três Passos, Três de Maio, Lageado e Estrela.

A atividade predominante em Lageado Antunes é a agricultura, com o cultivo de vários produtos, tais como trigo, feijão, milho, mandioca, arroz e batatinha. Em sua maioria, os moradores são pequenos agricultores que lutam muito para sobreviver e dar sustento a suas famílias. Os costumes são os da gente simples do interior, sem características típicas alemãs, com exceção, é claro, da deliciosa "cuca", assada aos sábados em todas as casas e que acompanha o Chopp nos bailes. O chimarrão também faz parte dos hábitos locais, influência dos Pampas.

A Igreja local foi construída através de um convênio realizado com uma instituição católica alemã. As pessoas são muito religiosas e têm o costume de rezar agradecendo a Deus antes de cada refeição, e de frequentar a Igreja todos os domingos. Toda a comunidade é católica.

Lageado Antunes possui uma escola que atende aos alunos de 1ª a 4ª série. Daí em diante as crianças fazem o restante do Primeiro Grau na Escola Básica São Valentim, do Distrito de Presidente Juscelino, distante cinco quilômetros, percurso que geralmente é feito a pé pelos estudantes. Aqueles que quiserem cursar o Segundo Grau precisam ir à cidade, passando por dificuldades de transporte e estadia.

A língua materna, para os moradores de Lageado Antunes, é o alemão, comumente utilizado nas conversas habituais em casa e na comunidade. A língua portuguesa, a maioria deles só aprende ao entrar para a escola. Daí a grande dificuldade que alguns encontram ao falarem e, sobretudo, ao escreverem na nossa língua.

Entrevistamos várias pessoas, de todos os níveis escolares e de diversas faixas etárias. Não conseguimos localizar analfabetos, bem como foi grande a dificuldade de encontrar pessoas com o Terceiro Grau completo, visto que aqueles que possuem mais estudo já não tem campo de trabalho no local, devendo partir para as cidades.

Prestou-nos inestimável ajuda o Sr. Helmut Klöckner, já com seus 79 anos de idade, por ser uma pessoa de muita cultura e muitos conhecimentos a respeito do povoado, tendo sido um dos seus primeiros colonizadores. Hoje este senhor vive na cidade de São Lourenço d'Oeste, mas não deixa de sentir-se parte da comunidade que ajudou a construir.

Queremos agradecer a todas as pessoas que colaboraram, concedendo-nos entrevistas, e que nos receberam com tanta simpatia, com o chimarrão, a cuca e a limonada, e à Elizandra, que guiou-nos pela comunidade. Acreditamos ter realizado um trabalho proveitoso, sentindo apenas a necessidade de um maior aprofundamento no estudo da história local. Construímos a base desse estudo, a qual julgamos importantíssima, e sem a qual todo e qualquer trabalho mais denso ficaria prejudicado.

FONTE: Jornal Capital do Nordeste. São Lourenço d'Oeste: Editora Capital do Nordeste, ano 5, nº 51.

9 - BIBLIOGRAFIA

AHLHEIM, Karl-Heinz. Duden. Mannheim, Bibliographisches Institut, 1965 (Der Grosse Duden: Fremdwörterbuch, 5).

AMMON, Ulrich. Schulchwierigkeiten von Dialektsprechern. Weinheim e Basel, Beltz Verlag, 1978.

AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos. Dicionário analógico da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Editora Nacional, [1950?].

BARANDOW, Ulf G. von. Zur Literatur über das Deutsche als Einwanderersprache in Brasilien. In: Staden-Jahrbuch. Instituto Hans Staden, São Paulo, 20:127-43, 1972.

BARNERT-FURST, Ute. Manutenção e mudanças lingüísticas no município de Panambi. Um estudo qualitativo e quantitativo. Dissertação de Mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1989.

BASÍLIO, Margarida. Teoria lexical. São Paulo: Ática, 1987. (Série Princípios, 88).

BEARDSMORE, Hugo Baetens. Bilingualism: basic principles. Clevedon: Multilingual Matters, 1982.

BEHARES, Luis Ernesto. El bilingüismo en América del Sur: sus especificidades y su inserción en el processo general latinoamericano. In: ANAIS DO VI ENCONTRO DE ESTUDOS DO BILINGÜISMO E VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA DA REGIÃO SUL. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1987. p.1-25.

BELL, Roger T. Sociolinguistics: goals, approaches and problems. London: Batsford, 1976.

- BENDER, Jan E. Linguistische Interferenzerscheinungen in einem deutschen Mitteilungsblatt in Brasilien. In: Instituto Hans-Staden. Staden-Jahrbuch, São Paulo, (32):139-48, 1984.
- BLOM, J.P. e GUMPERZ, John. Social meaning in linguistic structure: code switching in Norway. In: GUMPERZ, J. e HYMES, Dell. Directions in sociolinguistics. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1972. p.407-34.
- BLOOMFIELD, Leonard. Language. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1961.
- BORBA, Francisco da Silva. Pequeno vocabulário de lingüística moderna. São Paulo: Nacional e Ed. da USP, 1976.
- BORSTEL, Clarice Nadir von. Aspectos do bilingüismo: Alemão/Português em Marechal Cândido Rondon - Paraná - Brasil. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 1992.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. The urbanization of rural dialect speakers; a sociolinguistics study in Brazil. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- BOSO, Ivette Marli. Entre passado e futuro. Bilingüismo em uma comunidade Trentino-brasileira. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 1992.
- BOSSMANN, Reinhold. Do linguajar teuto-brasileiro. In: Jornal de Filologia. São Paulo, Saraiva, 2(2):134-49, abr./jun. 1954.
- BRIGHT, William. Introdução: a dimensão sociolingüística. In: FONSECA, Mari Stella (org.). Sociolingüística. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.
- BUENO, Francisco da Silveira. Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa. São Paulo: Lisa, 1988.
- BUNSE, Heinrich A.W. Algumas observações à respeito do Bilingüismo. In: ANAIS DO IV ENCONTRO DE VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA E DE BILINGÜISMO NA REGIÃO SUL. Porto Alegre: Instituto de Letras da UFRGS, 1986.
- Estudos de dialetologia no Rio Grande do Sul; Problemas, Métodos, Resultados. Porto Alegre: Ed. da Faculdade de Filosofia, UFRGS, 1969.
- CALLADO, Anamaria. Dimensões do bilingüismo nas comunidades de origem germânica no estado de Santa Catarina. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1984.
- CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. Princípios de lingüística geral. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1977.
- CAPUTO, Ambra et al. Néologismes et contact des langues. Meta. Montréal, v./32, n. 3, Sept. 1987. p.268-272.

- CARVALHO, Nelly. Empréstimos lingüísticos. São Paulo: Ática, 1989. (Série Princípios, 170)
- CHAMBERS, J.K. e TRUDGILL, Peter. Dialectology. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.
- COHEN, Andrew D. A sociolinguistic approach to bilingual education; experiment in the American Southwest. Rowley, Massachussetts, Newbury, 1975.
- COSERIU, Eugênio. Sincronia, diacronia e história; o problema da mudança lingüística. Trad. Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, 1979.
- COUTINHO, Ismael de Lima. Pontos de gramática histórica. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.
- CRYSTAL, David. A dictionary of linguistics and phonetics. New York: Basil Blackwell, 1985.
- DACORÉGIO, Maria Salete M. Aspectos sociolingüísticos do distrito de Invernada - Grão-Pará - Santa Catarina. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 1990.
- DEKKER, Ingeburg et al. Relatório do projeto de estudos do bilingüismo nas áreas de colonização alemã em Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 1988.
- DITTMAR, Norbert. Sociolinguistics; a critical survey of theory and application. London: Edward Arnold, 1976.
- DORIAN, Nancy C. Language death; the life cycle of a Scottish Gaelic Dialect. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981.
- DUBOIS, Jean et al. Dicionário de lingüística. São Paulo: Cultrix, 1978.
- EDWARDS, John. Language, society and identity. Oxford: Basil Blackwell, 1985.
- ELIA, Silvio. Unidade e diversidade fonética do português do Brasil. In: Ensaio de filologia e lingüística. Rio de Janeiro: Grifo; Brasília: INL, 1975. p.177-224.
- EMENEAU, M.B. Bilingualis and structural borrowing. In: Proceedings of the American Philosophical Society. CVI, 1962. p.430-442.
- ENTRES, Gottfried (org.). Gedenkbuch zur Jahrhundertfeier deutscher Einwanderung in Santa Catarina. Florianópolis: Livraria Central-Alberto Entres & Irmão, 1929.
- ERTHAL, Cecília Inês. Metodologia para coleta de dados semântico-lexicais e fonéticos em uma situação bilingüe. In: ANAIS DO II ENCONTRO DOS ESTUDOS DE BILINGÜISMO E VARIAÇÃO

LINGUÍSTICA DA REGIÃO SUL. Florianópolis: UFSC, 1983.

FASOLD, Ralph. The sociolinguistics of society. New York: Basil Blackwell, 1984.

FAUSEL, Erich. Die deutschbrasilianische Sprachmischung; Probleme, Vorgang und Wortbestand. Berlin: Erich Schmidt Verlag, 1959.

FERGUSON, Charles A. Diglossia. In: FONSECA, Mari Stella (org.). Sociolinguística. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

FISHMAN, Joshua A. (org.). Readings in the sociology of language. The Hague: Mouton, 1968.

FISHMAN, Joshua A. The sociology of language; an interdisciplinary social science approach to language in society. Rowley, Massachusetts: Newsbury House Publishers, 1972.

FOLADOR, João David. História de São Lourenço d'Oeste e do Oeste Catarinense. São Lourenço d'Oeste: Tipografia Cruzeiro, 1988.

FURLAN, Oswaldo Antônio. Influência açoriana no português do Brasil em Santa Catarina. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1989.

GAL, Susan. Variation and change in patterns of speaking: language shift in Austria. In: SANKOFF, David. Linguistic variation; models and methods. New York: Academic Press, 1978.

----- Language shift; social determinants of linguistic change in bilingual Austria. New York: Academic Press, 1979.

GILES, H. (org.). Language, Ethnicity and social context. Londres: Academic press, 1977.

GONÇALVES, Angela Jungmann. Lexicologia e ensino do léxico. Dissertação de Mestrado. Brasília: Thesaurus Editora, 1977.

GUILBERT, Louis. La créativité lexicale. Paris: Larousse, 1975.

GUMPERZ, John J. Discourse strategies. Nova York: Cambridge University press, 1982.

GUMPERZ, John J. e HYMES, Dell H. (orgs.). Directions in sociolinguistics; the ethnography of communication. New York: Rinehart & Winston, 1972.

HALLIDAY, M.A.K. et al. As ciências linguísticas e o ensino de línguas. Petrópolis: Vozes, 1974.

HAUGEN, Einar. The analysis of linguistic borrowing. In: ROGER, Lass (org.). Approaches to English historical linguistics. New

- York: Rinehart and Winston, INC, 1969.
- HEYE, Jürgen. Bilingüismo e conservação lingüística; um estudo preliminar de duas comunidades em Santa Catarina. In: Cadernos da PUC/RS, 15:161-167, 1974.
- HORNBY, Peter A. Bilingualism; psychological, social and educational implication. New York: Academic Press, 1977.
- HYMES, Dell. Language in culture and society; a reader in linguistics and anthropology. New York: Harper & Row, 1964.
- HUDSON, Richard A. Sociolinguistics. New York: Cambridge University Press, 1980.
- IRMEN, Friedrich e BEAU, Albin E. Langenscheidts Taschenwörterbuch; Portugiesisch-Deutsch/Deutsch-Portugiesisch. Berlin: Langenscheidts, 1982.
- JOTA, Zélio dos Santos. Dicionário de lingüística. Rio de Janeiro: Presença, 1976.
- KAHMANN, Christa Ingrid. Inteferência da língua portuguesa em um dialeto alemão. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 1987.
- KAWKA, Mariano. Os brasileirismos do dialeto polono-brasileiro. Dissertação de Mestrado. Curitiba: Universidade Católica do Paraná, 1982.
- KOCH, Walter. Bilingüismo no Rio Grande do Sul: contribuição ao atlas lingüístico e etnográfico da região sul. In: ANAIS DO IV ENCONTRO DE VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA E DE BILINGÜISMO NA REGIÃO SUL. Porto Alegre: Instituto de Letras da UFRGS, 1986.
- Falares alemães no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1974.
- KÖNIG, Werner et al. Fragebuch zum Südwestdeutschen Sprachatlas. 2.v. Freiburg im Breisgau: Institut für geschichtliche Landeskunde, 1974.
- KÖNIG, Werner. DTV-Atlas zur deutschen Sprache. Munique: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1989.
- LABOV, William. Sociolinguistic patterns. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LADO, Robert. Introdução à lingüística aplicada. Petrópolis: Vozes, 1971.
- LANGACKER, Ronald W. A linguagem e sua estrutura. Petrópolis: Vozes, 1980.
- LENARD, Andrietta. Lealdade lingüística em Rodeio. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 1976.

- LEVIN, Jack. Estatística aplicada a ciências humanas. Trad. Sérgio Francisco Costa. São Paulo: Ed. Harbra, 1987.
- LÖFFLER, Heinrich. Deutsch für Dialektsprecher: ein Sonderfall des Fremdsprachenunterrichts? Deutsche Sprache: Zeitschrift für Theorie, Analyse und Dokumentation, 2:105-22, Berlin, Erich Schmidt Verlag, 1974.
- Germanistische Soziolinguistik; Grundlagen der Germanistik. Berlin: Erich Schmidt Verlag, 1985.
- LOPES, Edward. Fundamentos de lingüística contemporânea. São Paulo: Cultrix, 1975.
- LYONS, John. Linguagem e lingüística; uma introdução. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- MACKEY, William F. The description of bilingualism. In: FISHMAN, J.A. Readings in the sociology of language. The Hague, Mouton, 1968.
- MARCELLESI et GARDIN, Jean Baptiste e Bernard. Introdução à sociolingüística. Trad. Lourdes Saraiva. Lisboa: Ed. Lisboa, 1974.
- MARCHANT, M. Análise comparativa ortográfico-morfológico-sintática de composições de 4º ano primário em uma área de colonização alemã e em uma área luso-brasileira. In: Veritas, 10(3):1-32, Porto Alegre, PUC/RS, 1965.
- MARTINET, André. La lingüística. Barcelona: Ed. Anagrama, 1972.
- MATTOS, Jacinto Antônio de. Colonização do estado de Santa Catarina - Dados históricos e estatísticos - 1640-1916. Florianópolis: Tip. "O Dia", 1917.
- MATTOSO, Margot L. Tomada de posição sobre o projeto integrado do estudo do bilingüismo na região sul - educação bilingüe: problema e perspectiva. In: ANAIS DO II ENCONTRO DE ESTUDOS DE BILINGÜISMO E VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA DA REGIÃO SUL. Florianópolis: UFSC, 1983.
- MONTEIRO, Jaecyr. Nacionalização do ensino em Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 1979.
- MORTARA, Giorgio. Línguas estrangeiras e aborígenes faladas no lar no estado de Santa Catarina. Revista Brasileira dos Municípios, 3(11):673-704, Rio de Janeiro, 1950.
- MORTUREUX, Marie-Françoise. Les résistances à la néologie terminologique système lexical et fateurs socioculturels. Meta. Montreal, v.32, n.3, Sept. 1987. p.217-370.
- NAUMANN, Bernd. Einführung in die Wortbildungslehre des Deutschen. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1986.

- NIEBAUM, Hermann. Dialektologie. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1983.
- OBERACKER JR., Carlos Henrique. Die sozialgeschichtliche Bedeutung der Deutschen Einwanderung. In: Staden-Jahrbuch, 2:175-180. São Paulo: Instituto Hans Staden, 1954.
- Neuschöpfungen der deutschen Sprache in Brasilien. In: Staden-Jahrbuch, 5:175-183. São Paulo: Instituto Hans Staden, 1957.
- Vocabulário de palavras que os descendentes de colonos alemães acolheram na língua vulgar. In: Revista de Sociologia, 1, São Paulo, 1939.
- PAUL, Hermann. Princípios fundamentais da história da língua. Trad. Maria Luisa Schemann. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966.
- PEREIRA, Edna. Um estudo sociolinguístico na Colônia Esperança. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 1977.
- PIAZZA, Walter Fernando. A colonização de Santa Catarina. Porto Alegre: Pallotti, 1982.
- Santa Catarina: sua história. Florianópolis: UFSC/Lunardelli, 1983.
- PORZELT, H. Der deutsche Bauer in Rio Grande do Sul. Ochsenfurt, 1937.
- REIN, Kurt. Einführung in die kontrastive Linguistik. Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1983.
- ROCHE, Jean. La colonization allemande et le Rio Grande do Sul. Paris: Institute de Hautes études de l'Amérique Latine, 1959.
- ROSSEEL, Eddy. Respeito à língua, respeito à cultura, respeito a cada povo. In: Interação, 2(13). São Paulo: Difusão Nacional do Livro/Instituto de Idiomas Yazigi, ago. 1985.
- SAAKE, Guilherme. Eine Reise durch die Deutschen Kolonien in Rio Grande do Sul. In: Staden-Jahrbuch, 4:237-254. São Paulo: Instituto Hans Staden, 1956.
- SANKOFF, David. Linguistic variation; models and methods. New York: Academic Press, 1978.
- SANTA CATARINA. Secretaria de Estado de Coordenação Geral e Planejamento. Atlas escolar de Santa Catarina. Rio de Janeiro: Aerofoto Cruzeiro, 1991.
- SANTOS, Sílvio Coelho dos. Nova história de Santa Catarina. Florianópolis: Ed. do Autor, 1977.

- SAPIR, Edward. A linguagem; introdução ao estudo da fala. Trad. Joaquim Mattoso Câmara Jr. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de lingüística geral. São Paulo: Cultrix, 1975.
- SCHADEN, Egon. Aculturação lingüística numa comunidade rural. Jornal de Filologia, 1:3-18, São Paulo, Saraiva, 1953.
- Der Deutschbrasilianer: ein Problem. In: Staden-Jahrbuch, 2:181-194. São Paulo: Instituto Hans Staden, 1954.
- SCHLIEBEN-LANGE, Brigitte. Soziolinguistik; eine Einführung. Stuttgart,: Kohlhammer, 1991.
- SILVA NETO, Serafim da. Santa Catarina; sugestões para o estudo. In: Guia para estudos dialectológicos. Florianópolis: Faculdade Catarinense de Filosofia, 1955.
- STAUB, Augustinus. O empréstimo lingüístico; um estudo de caso. Porto Alegre: Acadêmica, 1983.
- STEINER, Maria Elaine E. O bilingüismo em áreas urbanas de colonização alemã: um estudo em Jaraguá do Sul. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 1988.
- TAKEUCHI, Nair Nodoca. Um estudo de intereferência lexical. Dissertação de Mestrado. Curitiba: Universidade Católica do Paraná, 19809.
- TARALLO, Fernando. A pesquisa sociolingüística. São Paulo: Ática, 1985. (Série Princípios, 9).
- TRUDGILL, Peter. Sociolinguistics; an introduction. Harmondsworth: Penguin, 1977.
- ULLMANN, Stephen. Semântica; uma introdução à ciência do significado. Trad. J.A. Osório Mateus. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1964.
- VANDRESEN, Paulino. Fonologia do Vestfaliano de Rio Fortuna. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1968.
- Tarefas da sociolingüística no Brasil. Panorama da sociolingüística. Revista da Cultura, 67(8):605-11. Petrópolis, Vozes, 1973.
- WAHRIG, Gerhard. Deutsches Wörterbuch. Gütersloh, Bertelsmann Lexikon Verlag, 1986.
- WEINREICH, Uriel. Languages in contact. New York: Linguistic Circle & The Hague, Mouton, 1968.
- WILLEMS, Emílio. A aculturação dos alemães no Brasil; estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil. São Paulo: Nacional, 1980.

WOUK, Miguel. Estudo etnográfico-lingüístico da comunidade ucraina de Dorizon. Curitiba, Projeto, Secretaria da Cultura do Paraná, 1981.

ZANELLA, Fiorello. A mortalidade lingüística do dialeto italiano no município de Taió. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 1985.

ZIMMERMANN, Ivo. Interferência de um dialeto alemão na língua portuguesa. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 1981.